

**Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Departamento de História**



**A CERÂMICA CINZENTA DO CASTELO DE CASTRO MARIM**

**Catarina Relvas Pires Furtado  
Mestrado em Arqueologia  
2013**

**Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras  
Departamento de História**



**A CERÂMICA CINZENTA DO CASTELO DE CASTRO MARIM**

**Catarina Relvas Pires Furtado  
Mestrado em Arqueologia  
Dissertação orientada pela Professora Doutora  
Ana Margarida Arruda  
2013**



*«Se, por um lado, tudo no Mediterrâneo predestina ao localismo, por outro, o mar estimula a vida de relação. Montanhas que repartem as terras em vales apertados e bacias limitadas, enseadas abertas na arriba hostil ou separadas por areais insalubres e desertos, prestam-se à formação de sociedades minúsculas a que os recursos locais, escassos mais variados, são a necessária base económica. Civilizações dobradas sobre si, condenadas à rotina e à morte pela estagnação se um fermento de vida geral não as animasse. Assim sucedeu nas costas e ilhas do mar Egeu, onde os povos ribeirinhos, muito antes das aventuras de Ulisses, prepararam a eclosão do génio grego; e na última Hespéria, onde os primeiros navegadores fenícios, gregos e púnicos encontraram par com uma massa de povos mal distintos, perdidos no isolamento e na barbárie das terras interiores, regiões abertas para o mar onde logo levedou o fermento de civilizações fundadas na agricultura e no comércio marítimo».*

ORLANDO RIBEIRO (1911-1997), *O MEDITERRÂNEO. AMBIENTE E TRADIÇÃO*, 2ª EDIÇÃO, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA, PP.286-287

**Esta dissertação observa a norma ortográfica da Língua Portuguesa anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.**

## **Resumo**

Nesta dissertação estuda-se o conjunto integral de fragmentos de cerâmica cinzenta provenientes das campanhas de escavação levadas a cabo no Castelo de Castro Marim entre 1983 e 2003, analisando a presença deste tipo cerâmico ao longo das várias fases de ocupação da Idade do Ferro – a partir de meados do séc. VIII, em cronologias tradicionais, e pelo menos até ao séc. IV a.C. em contextos fenícios e orientalizantes – e procurando integrá-lo no contexto comercial do Ocidente peninsular. Os materiais, estudados sob uma perspectiva tipológica e morfológica, revelam uma intensa diacronia de ocupação, entre a Idade do Bronze e a Época Moderna e, em especial, durante a Idade do Ferro e o Período Romano, estreitamente integrada na evolução do povoamento de Castro Marim.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Idade do Ferro; Cerâmica Cinzenta; Castro Marim;

## **Abstract**

This thesis focuses on the study of the complete series of grey pottery fragments resulting from archaeological excavations at the Castle of Castro Marim from 1983 to 2003. The presence at this site of this kind of pottery has been observed on every moment of the Iron Age occupation, from the second half of the 8<sup>th</sup> century to at least the 4<sup>th</sup> century BC, in archaeological contexts showing Eastern and Phoenician influences, which it was our aim to consider within this peninsular Western trade context. The material evidence, studied under a typological and morphological perspective, has shown a diachronically intense occupation, between the Bronze and Modern Ages, and particularly during the Iron and Roman Ages, closely integrated within the evolution of the Castro Marim settlement.

**Keywords:** Archaeology; Iron Age; grey pottery; Castro Marim;

## **Agradecimentos**

Antes de mais gostaria de agradecer à Professora Doutora Ana Margarida Arruda, naturalmente, por ter aceitado a orientação científica desta dissertação, mas sobretudo por todas as oportunidades, incentivo e confiança que sempre amigavelmente demonstrou.

Agradeço também à Elisa de Sousa pelos momentos em campo e fora dele, pelo apoio e sugestões na hora de “meter a mão na massa” e a todos os Professores de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que demonstraram encorajamento e interesse.

A Juan I. Vallejo Sánchez por me ter disponibilizado uma importante parte da bibliografia sobre cerâmica cinzenta.

Um sincero agradecimento à Unidade de Relações Externas e de Cooperação Internacional da FLUL, em particular à Dra. Denise Matos Moura, pelas oportunidades que me deu ao longo do Mestrado, por toda a generosidade, amizade e encorajamento.

Ao Carlos Pereira, ao Rui Soares e à Patrícia Bargão um agradecimento especial pela amizade, por serem os meus “mestres de campo”, por todos os ensinamentos, incentivo e disponibilidade, e um pedido de desculpas por algum “silêncio” nos últimos tempos.

Às colegas e amigas Diana Nukushina, Mónica Alves Ponce, Andreia Martins pelo apoio e incentivo.

À Vanessa Abraúl, à Maria Francisca Beija, ao Martim Ayres Horta e ao Miguel Dias por terem sido os amigos nas horas difíceis.

Não posso deixar de referir algumas pessoas que já fazem parte dos meus dias há mais tempo do que a própria redacção deste texto, e que por isso, para mim, de alguma forma, sempre motivaram e marcaram o desenvolvimento deste trabalho: à Professora Ilda Parada Leitão que, provavelmente sem saber, permanece uma sensível e perspicaz conselheira; à Joana Costa Pinto pela “amizade de infância”, e por vários “momentos de cinema francês”; ao Duarte Pereira Martins por tantos momentos como afinar “passarinhos”, e à Mariana Barata, pela amizade e incentivo nos últimos tempos.

A Elvira Ferreira e José Manuel Araújo, pelo enorme carinho e generosidade com que me acolhem ao longo destes anos, e por se terem tornado, literalmente, as vozes que confortaram os meus dias.

Por fim, mas de todo não menos importante, ao meu pai e à minha mãe, pelo apoio e compreensão incondicional neste longo processo, por me ensinarem o que é verdadeiramente ter coragem e por sempre preencherem todos os meus dias com uma animação e um carinho verdadeiramente inexplicáveis. Aos meus irmãos Ricardo, Francisco e Manuel Maria, cunhadas e sobrinhos pela paciência e por sempre fazerem parte desta animação.

Não posso deixar de agradecer a toda minha grande família, aos Demony Relvas Pires e aos Zaldo Furtado, pela compreensão e incentivo em terminar esta ‘Odisseia’, e porque, como alguém uma vez me disse, por muito que procurasse, não pode existir família mais maravilhosa. Por todos, pelo meu Tio Luís.

Por fim, um agradecimento mais do que especial ao José Carlos Araújo, a quem nada do que eu possa esboçar permitirá exprimir o que ultrapassa esta dissertação, mas sem o qual este trabalho dificilmente teria sido realizado. Agradeço pela revisão naturalmente cuidada do texto e pelo apoio nesta recta final, mas sobretudo por todos estes anos de genuína alegria que sempre me conduz, pela inspiração e partilha de experiências inolvidáveis, e porque tudo isso e muito mais marca a produção deste trabalho, e será sempre, e apesar de tudo, o *Prelúdio* desta longa *Fuga*.

## Índice

<b>1. Introdução</b>	3
<b>2. A Cerâmica cinzenta da Idade do Ferro</b>	
2.1. Historiografia da cerâmica cinzenta	4
2.2. Características formais e tecnológicas da cerâmica cinzenta da Idade do Ferro na Península Ibérica	9
2.2.1. Técnicas de Fabrico	11
2.2.2. Tratamentos de superfície e decoração	14
2.2.3. Formas	17
<b>3. O Castelo de Castro Marim: breve enquadramento histórico-geográfico</b>	
3.1. Síntese dos trabalhos arqueológicos em Castro Marim	20
<b>4. A Cerâmica Cinzenta do Castelo de Castro Marim</b>	
4.1. Composição e tratamento da amostra	24
4.1.1. Critérios de Quantificação	25
4.1.2 Identificação dos grupos de fabrico	26
4.1.2.1. Definição e análise de grupos de fabrico	27
4.1.3. Critérios de integração tipológica	29
4.1.3. 1. Repertório formal	32
Tipo I – Tigelas	32
Tipo II – Taças carenadas	34
Tipo III – Pratos	37
Tipo IV – Grandes recipientes	38
Tipo V – Pequenos recipientes fechados	40
Tipo VI – Grandes recipientes fechados	41
Fundos	42

4.1.4. Técnicas e motivos decorativos.....	43
--	----

## **5. A cerâmica cinzenta ao longo da diacronia de ocupação do Castelo de Castro Marim**

5.1. Descrição e distribuição espacial do conjunto.....	45
5.1.2. Fase II.....	45
5.1.3. Fase III.....	48
5.1.4. Fase IV.....	61
5.1.5. Fase V.....	79
5.1.6. Fases VI e VII.....	96
5.2. Análise comparativa dos resultados e enquadramento cronológico do conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim.....	98

## **6. Leituras e significados da cerâmica cinzenta do Castelo de Castro Marim: uma breve análise da cerâmica cinzenta como reflexo de interacções na Península Ibérica durante o primeiro milénio a. C.....**

7. Bibliografia.....	131
----------------------	-----

**Anexos**

**Gráficos**

**Tabelas**

**Estampas**

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objecto o estudo da cerâmica cinzenta do Castelo de Castro Marim, cuja presença procurará esclarecer no decorrer das várias fases de ocupação da Idade do Ferro, a par da importância deste tipo cerâmico no comércio do Ocidente peninsular. A dissertação tem por base os materiais recolhidos nas campanhas de escavação de Castro Marim entre 1983 e 2003, que revelaram uma intensa diacronia de ocupação, entre a Idade do Bronze e a Época Moderna e, em especial, durante a Idade do Ferro e o Período Romano, estreitamente integrada na evolução do povoamento algarvio.

A partir do conjunto integral da cerâmica cinzenta da Idade do Ferro de Castro Marim, pretende-se realizar um estudo tipológico e morfológico, com a categorização, descrição e parâmetros cronológicos das várias formas, assim como a sua distribuição espacial, com o objectivo de permitir uma leitura abrangente da presença deste tipo cerâmico em toda a diacronia de ocupação.

Propõe-se uma análise de um tipo artefactual recorrente nos principais contextos da Idade do Ferro peninsular a partir de meados do séc. VIII, em cronologias tradicionais, e utilizado pelo menos até ao século IV a.C. em contextos fenícios e orientalizantes, genericamente no sul da Península Ibérica, na Extremadura espanhola e em Portugal. A particularidade deste tipo cerâmico reside, por um lado, na clara associação às produções orientais até fases mais tardias, no fabrico a torno e na cozedura em atmosferas redutoras, e, por outro lado, em levantar ainda questões no concernente a uma via de análise das relações entre as populações indígenas e orientais, sobretudo em contextos mais antigos com semelhanças nas formas e fabricos das cerâmicas do Bronze Final. Deste modo, pretendemos também compreender a conjugação de diversas tradições, tipos e intensidades de influência em momentos também diferentes, no sentido sobretudo de confirmar o significado histórico que a historiografia peninsular sempre atribuiu a este tipo cerâmico.

O Castelo de Castro Marim é um sítio arqueológico exhaustivamente estudado; o conjunto artefactual em causa foi já pontualmente apresentado e não é nossa intenção trazer novos dados ou novas teorias para o sítio. Contudo, por outro lado, trata-se de uma tentativa de abordagem a um conjunto artefactual para uma breve análise das principais características de produção e distribuição deste tipo cerâmico.



## **2. A CERÂMICA CINZENTA DA IDADE DO FERRO NA PENÍNSULA IBÉRICA**

### **2.1. HISTORIOGRAFIA DA CERÂMICA CINZENTA**

O significado histórico da cerâmica cinzenta tem sido tradicionalmente questionado pela historiografia peninsular, desde os primeiros estudos sobre a origem da cerâmica a torno na Península Ibérica, que recorrentemente lhe atribuíam uma origem grega. Privilegiando sobretudo contribuições analíticas decorrentes de uma consideração da distribuição geográfica, o conhecimento arqueológico da Idade do Ferro peninsular, e consequentemente das origens deste tipo de cerâmica, consistiu inicialmente em larga medida na teorização conceptual e numa metodologia histórico-cultural (WAGNER, 1992: 83; LOPEZ CASTRO, 1992; VALLEJO SANCHÉZ, 1999: 5-6; IDEM, 2004).

Face às crescentes escavações de sítios arqueológicos da Idade do Ferro, a investigação sobre a cerâmica cinzenta do Mediterrâneo atravessou vários momentos distintos, desde cedo questionando a origem dos numerosos conjuntos de cerâmica cinzenta descobertos ao longo dos anos e deparando com a necessidade de diferenciar os vários tipos de vestígios (LOPEZ CASTRO, 1992: 21-22; VALLEJO SANCHÉZ, 1998: 6-8). Com efeito, pode verificar-se uma forte tradição de recurso

a cozeduras redutoras desde o Bronze Final no Mediterrâneo oriental, em partiular na região da Anatólia, com características

potencialmente devedoras da inspiração em

modelos metálicos (BENOIT, 1965: 153-155; BUCHOLZ, 1973: 180; YON, 1981 *apud* VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 8-16). Por outro lado, no Sudeste francês, particularmente em Marselha, e no extremo Nordeste da Península Ibérica surge um tipo de cerâmica cinzenta com origem possível nas produções greco-orientais e com repercussões em produções análogas locais entre finais do séc. VII e inícios do séc. VI a.C. (JACOBSTHAL, NEUFFER, 1933; VILLARD, 1962; BENOIT, 1965 *apud* VALLEJO SANCHÉZ,



Martín Almagro Basch, "Museo Monográfico de Ampurias [Memoria 1949]", *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales* 9-10, 1948-1949, Madrid, 1950], 283-285 e 287

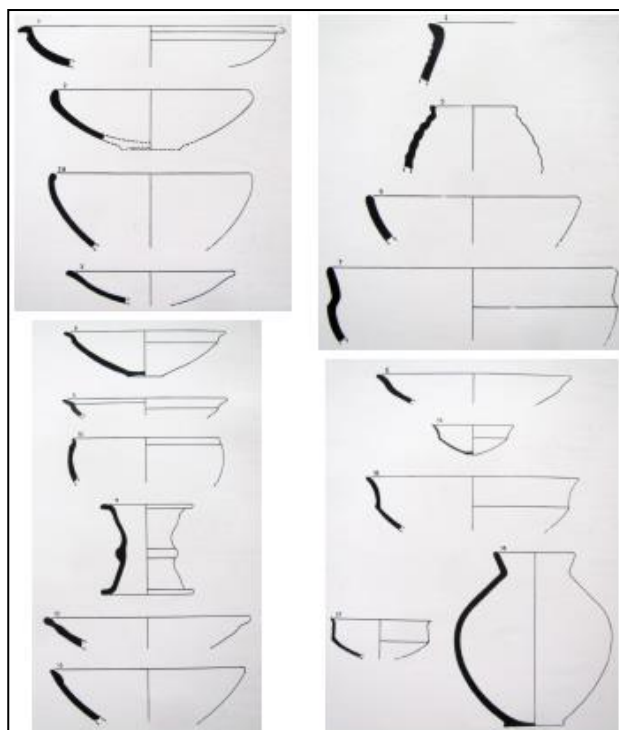
1998: 19-25). Fragmentos de Huelva e Cerro del Villar foram considerados por alguns estudiosos quer evidências do comércio focense, quer importações gregas por via do comércio fenício (FERNÁNDEZ JURADO, 1984; CABRERA, 1987).

Este contexto evidenciava a necessidade da atribuição de designações que pudessem, por um lado, ajudar a explicar a diversidade regional de conjuntos morfológicamente semelhantes, e, por outro, observando a tendência filo-helénica da Arqueologia Peninsular que caracterizava os principais discursos historiográficos europeus, simultaneamente confirmar a proveniência minor-asiática já testemunhada em fontes clássicas ou mesmo arqueológicas (ALMAGRO-GORBEA, 1969: 127; BELÉN, 1976: 354; ARANEGUI, 1975: 333; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 5-6; LOPEZ CASTRO, 1992): entre estes, os dados provenientes do Sudeste de França e do Nordeste da Península Ibérica, genericamente atribuídos à colonização focense, serviram de justificação a designações toponímicas como a de *cerâmica cinzenta da Asia Menor, focense* (JACOBSTHAL, NEUFFER, 1933), *jónica e eólica* (VILLARD, 1970), ou, de acordo com as características morfológicas, *cerâmica cinzenta monocromática* (BENOIT, 1965: 153, n. 2, *apud* VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 5-7). Papel relevante no problema da diferenciação adequada dos diversos conjuntos, e por suscitar o aparecimento de novas qualificações, teve a colónia grega de Ampúrias, onde surgiram as primeiras cerâmicas cinzentas que permitiram a Martín Almagro Basch (1949), ainda que sobrevalorizando a colonização focense no Mediterrâneo ocidental e central (segundo LOPEZ CASTRO, 1992: 21-23), abrir caminho a novas interpretações na investigação peninsular (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 7). A atribuição por Almagro Basch da designação de *ceramica gris ampuritana* às produções ibéricas, face a importações orientais no Nordeste hispânico, alimentava conotações e limitações inerentes a uma designação geográfica. Procurou-se, contudo, mais tarde compreender a sua difusão pelo território vinculado a Ampúrias (BARBERÁ, 1985, *IDEM et alii*, 1993), atribuindo simultaneamente maior atenção às características técnicas e formais dos conjuntos (FERNÁNDEZ-MIRANDA, 1976; ARANEGUI, 1975; JÁRREGA, 1990, *apud* VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 34).

A recuperação das considerações sobre a herança fenícia assume maior expressão na investigação arqueológica peninsular desde que os conjuntos de cerâmica cinzenta do Levante e Catalunha vieram permitir o estabelecimento de uma primeira diferenciação face a contextos ibéricos mais tardios (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 26-33):

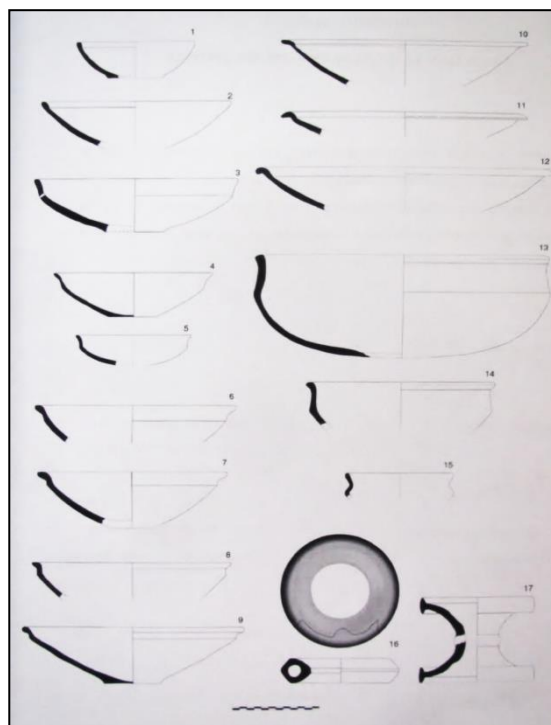
sítios como La Esperanza (GARRIDO, 1968: 30-34), San Pedro (BLÁZQUEZ *et alii*, 1970: 12), Cerro Salomón (BLANCO *et alii*, 1970: 136-138) ou El Carambolo (CARRIAZO, 1969: 317, 324) apresentam contextos materiais compostos por cerâmicas de engobe vermelho, grandes vasos pintados, ânforas e outras espécies que remetem para outros sítios vinculados ao mundo fenício (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 9). Preservando embora a associação inicial ao mundo greco-oriental no Sudeste de França, Catalunha e Levante, impõe-se irremediavelmente o reconhecimento e, por conseguinte, a diferenciação das componentes artefactuais caracteristicamente orientais no espaço de encontro das costas atlântica e mediterrânea espanholas, em particular na zona de Cádiz, Huelva e Málaga (ALMAGRO-GORBEA, 1969: 128-129). Neste sentido, os dados apresentados por Maluquer de Motes (1968), ou os da necrópole de Las Madrigueras, em Carrascosa del Campo (ALMAGRO-GORBEA, 1969: 127), destacam-se como as primeiras referências monográficas que avançam a possibilidade da distinção entre dois tipos de cerâmica cinzenta, seguidas pelos trabalhos de A. M. Aranegui (1969; 1975), que evidenciam os regionalismos da cerâmica cinzenta na Península Ibérica, não questionando embora a origem comum dos agentes difusores, mas discriminando peculiaridades técnicas e formais entre as áreas de Marselha e Sul de França, Andaluzia, Catalunha e Valência, estas três últimas integráveis na esfera cultural orientalizante.

As investigações de Belén Deamos (1976) sobre a área onubense entre os sécs. VII e VI a.C. dão origem a uma nova sistematização tipológica da cerâmica cinzenta que admite a individualidade de grupos regionais, anteriormente proposta por Almagro (*loc. cit.*: 357), e defendem um vínculo da Andaluzia ao comercio fenício e púnico (IDEM, *ibidem*: 385-386).



Tipologia da cerâmica cinzenta de A.A. Roos (1982)

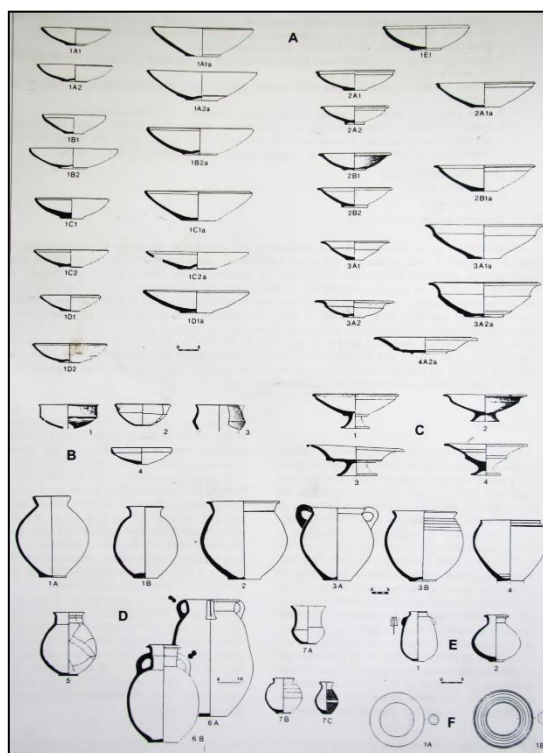
A intervenção de uma tradição local própria na dinâmica social e cultural ressurgiu nas discussões académicas na década de oitenta, quando novas perspectivas sobre a evolução interna das sociedades indígenas, em particular no que concerne à cultura material – e nomeadamente à própria origem da cerâmica cinzenta –, vêm desenvolver novos modelos explicativos acerca da presença fenícia e de Tartessos (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 12), em que as teses que vêem a cerâmica cinzenta como uma produção de tradição essencialmente indígena peninsular a que se aplica uma nova tecnologia assumem particular



Principais formas de cerâmica cinzenta orientalizante (segundo Vallejo, Sánchez, 2005: 1157, fig. 2)

proeminência (ALMAGRO-GORBEA, 1977; ROOS, 1982; CARO BELLIDO, 1989; LORRIO, 1988-1989). Entre estas, um trabalho de síntese pioneiro, devido a Ana María Roos (1982), defende com base em elementos tipológicos, cronológicos e técnicos a influência da cultura do Bronze Final na formação das cerâmicas cinzentas no Sul e Sudeste da Península Ibérica, observando embora a divisão geográfica tradicional e sem questionar os agentes directos desta cerâmica (ROOS, 1982: 54-58). De forma similar, Almagro-Gorbea defende um carácter local para as produções de cerâmica cinzenta na Estremadura (ALMAGRO-GORBEA, 1977: 462; LORRIO, 1988-89: 283-284), apontando semelhanças formais com as cerâmicas manuais do Bronze Final (GONZÁLEZ PRATZ, 1982; IDEM, 1983; CARRASCO *et alii*, 1982; PACHÓN *et alii* 1979).

Não obstante a sucessão de tentativas para desenvolver interpretações mais coerentes perante a disseminação de conjuntos materiais pela Península Ibérica, outras hipóteses procuraram harmonizar ambas as tendências anteriores, em particular através da distinção do tipo de cerâmica cinzenta segundo a qualidade do fabrico, identificando as produções de superior qualidade com importações de origem fenícia e as inferiores com imitações indígenas devedoras da tradição autóctone (PELLICER *et alii*, 1983: 178-179; BELÉN *et alii*, 1977, *apud* VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 13).<sup>1</sup> Propostas diversas apontam para uma conciliação da interacção



Tipologia da cerâmica cinzenta de Medellín (segundo Lorrio, 2008: 675, fig.768)

das comunidades locais indígenas com as sociedades orientais estabelecidas na Península Ibérica. De acordo com estas perspectivas, as tradições locais do Bronze Final teriam um papel preponderante, a par da componente oriental fenícia, na definição das cerâmicas cinzentas orientalizantes, particularmente entre os sécs. VIII e VI a.C. (CARO BELLIDO, 1989; MANCEBO 1994a, 1994b; GONZALÉZ PRATS, 1983; VALLEJO SÁNCHEZ, 1998, 1999, 2004, 2005a). Admitindo que existam vários tipos de cerâmicas cinzentas em diferentes áreas e cronologias, VALLEJO SÁNCHEZ defende que os contactos iniciais entre ambas estas sociedades tenham dado lugar a um processo de assimilação de características orientais, integradas embora na cultura indígena e mantendo a técnica redutora ao longo dos séculos, e que aquelas se tenham convertido em produtores e distribuidores ao ponto de gerarem novas interpretações que desenvolverão nas suas próprias produções locais (VALLEJO SÁNCHEZ, 2004: 117-118; 2005a: 1152).

<sup>1</sup> - Além pouco credíveis, estas hipóteses podem ser contestadas pelos resultados dos estudos de análises de Medellín, por exemplo, com a distinção de fabricos distintos a partir das mesmas argilas (LORRIO, 2008: *vide. infra*).

Desta problemática decorrem ainda numerosas contradições interpretativas que nos seria impossível desenvolver aqui. Exemplos como a suposta origem no Sul da Andaluzia de uma produção fenícia comercializada em contextos indígenas que daria continuidade ao consumo de produções redutoras com tradição desde o Bronze Final (ROOS, 1982; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 89-93), ou a permanência de determinadas formas carenadas com decorações brunidas produzidas em feitorias fenícias (CARO BELLIDO, 1989; TORRES ORTIZ, 2002; DOMINGUEZ DE LA CONCHA, CABRERA BONET, FERNÁNDEZ JURADO, 1988: 174, *apud* ANTUNES, 2005) são evidências que não deve descuidar a nossa prudência interpretativa: não sendo nossa intenção descrever detalhadamente as características que apoiam um carácter unicamente exógeno ou autóctone, tipicamente oriental ou ocidental, devemos antes destacar possíveis modelos de contacto que conjugam diversas tradições, diversos tipos e intensidades de influência em momentos também divergentes, onde os regionalismos, em função ou não do seu substrato indígena, manifestaram também a sua influência nas produções cerâmicas.

## **2.2. CARACTERÍSTICAS FORMAIS E TECNOLÓGICAS DA CERÂMICA CINZENTA DA IDADE DO FERRO**

Em linhas gerais, importa referir uma vez mais que a cerâmica cinzenta é uma produção artefactal com origem nos principais contextos do Sul da Península Ibérica, com produções entre os séculos VIII e VI a. C. e conjuntos similares em termos formais e tecnológicos. A relativa homogeneidade verificada a partir dos primeiros testemunhos do Levante (GONZÁLEZ PRATS, 1983), do Sudeste (ROS SALA, 1989), da Andaluzia (RÍSQUEZ CUENCA, 1993; CARO BELLIDO, 1989; MANCEBO DÁVALOS, 1994; MURILLO, 1994; VALLEJO SÁNCHEZ, 1998, 1999, 2007, *etc.*), da Meseta Sul (FERNÁNDEZ OCHOA *et alii*, 1994), da Extremadura espanhola (LORRIO ALVARADO, 1988-89, 2008) e de Portugal, designadamente nos espólios artefactuais cerâmicos dos Estuários do Mondego, Tejo e Sado (ARRUDA, 1999-2000, ARRUDA *et alii*, 2002; SOUSA, 2011), é claramente consequência directa de estabelecimentos fenícios no Sul da Península Ibérica, reflectindo a introdução de novos padrões técnicos e formais, produzidos por vezes, não obstante, local ou regionalmente. Contudo, a generalização verificada no Sul peninsular é marcada por uma diversidade formal devida não apenas a uma tradição



local com possíveis raízes no Bronze Final, mas sobretudo, com toda a probabilidade, de ambientes culturais diversos (ALMAGRO-GORBEA 1977; LORRIO 1988-89; FERNANDEZ OCHOA *et alii* 1994; HERNÁNDEZ CARRETERO 1993; MAYET Y SILVA 1997).

Em torno de finais do século VI a.C. assistimos à influência de novas orientações estéticas, devidas fundamentalmente a uma maior ou menor regionalização de várias áreas peninsulares, como Cádis, a Extremadura espanhola ou mesmo a costa ocidental portuguesa. Este fenómeno, verificável desde meados do primeiro milénio, acarretou modificações estruturais com reflexos inevitáveis na cultura material, nomeadamente na cerâmica cinzenta, pelo menos até ao século IV a.C., em contextos fenícios e orientalizantes do vale do Guadalquivir, Levante, Extremadura espanhola e Portugal, em particular nos estuários dos grandes rios, no Alentejo interior e nas costas granadina e malaguenha (ARRUDA, 1999-2000, 2003, 2005a). Todavia, e dependendo da região, a cerâmica cinzenta mantém-se tecnicamente muito semelhante à anterior fase orientalizante (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 26-33), o que não acarreta necessariamente, porém, uma relação inequívoca com esta realidade.

De forma sinóptica, a transformação verificada em meados do primeiro milénio pressupõe uma realidade diversificada, marcada por matrizes sociais de múltiplas origens (BEIRÃO, GOMES & MONTEIRO, 1979; *contra* ARRUDA, 1993; ARRUDA, GUERRA & FABIÃO, 1995; FABIÃO, 1998; ARRUDA, 1999-2000), o que possibilita também leituras distintas: por exemplo, a realidade da Extremadura espanhola do século V a.C. apresenta um claro vínculo a um modelo ‘pós-orientalizante’, enquanto, por oposição, no ‘conservadorismo orientalizante’ do Estuário do Tejo (ARRUDA, 1993, 1999-2000, 2005b) se manifesta a continuidade de produções cerâmicas, como é o caso da cerâmica cinzenta.

Segundo Vallejo Sánchez, aliás, estas alterações estruturais, ocorridas ao longo dos sécs. V/IV até ao séc. III a.C. nos principais centros de consumo andaluzes, estremenhos, sudeste e levante peninsulares, desenvolvem uma *nova cerâmica cinzenta de época turdetana*, considerada uma fase avançada do processo de assimilação das primeiras cerâmicas cinzentas orientalizantes (VALLEJO SÁNCHEZ, 2004: 118). Por outro lado, o autor distingue uma *cerâmica cinzenta púnica ou ibero-púnica*, particularmente entre os séculos VI e V a.C. no Levante e na Catalunha, em que se conjugam as tradições oleiras das cerâmicas cinzentas focenses e influências distintas, como a púnica

(BARBERÁ, 1985: 116 *apud* VALLEJO SÁNCHEZ, 2004: 118).

### **2.2.1. TÉCNICAS DE FABRICO**

Embora as características técnicas, resultantes da especificidade do processo de fabrico realizado em atmosferas redutoras, sejam o mais claro elemento distintivo das cerâmicas cinzentas relativamente às restantes produções oxidantes, bem como o seu elemento mais perceptível, são também estas as características que levantam o maior número de dificuldades interpretativas. A profusão de cerâmicas cinzentas ao longo do Mediterrâneo deu origem, como tivemos ocasião de assinalar, a muitas interpretações erróneas, geralmente de tendência generalizante e hoje facilmente questionáveis (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998, 2005a). A tonalidade particular é conferida a esta cerâmica, antes de mais, por processos técnicos e físico-químicos de relativa simplicidade, designadamente pela criação de cozeduras limitando a circulação de oxigénio, pelo recurso a combustíveis que originam a emissão de gases do vapor de água – hidrogénio (H<sub>2</sub>) e monóxido de carbono (CO) –, resultando na combustão do carbono e na saturação de gases redutores, sobretudo em temperaturas relativamente baixas (principalmente entre 500° e 800° C), que provocam uma reacção rápida e rigorosa de que resulta a coloração cinzenta no interior e superfície da cerâmica (PRADELL *et alii*, 1995a, 1995b; ORTON *et alii*, 1997: 137-147; VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1159). Na tonalidade das cerâmicas existe claramente uma intenção propositada, o que indicia um conhecimento técnico do processo, que apenas exige um maior controlo nas fases finais. As próprias variações observáveis na tonalidade podem confirmar este propósito, certamente dificultado pela complexidade do controlo das atmosferas redutoras (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1159).

A produção de cerâmica cinzenta em atmosferas redutoras pressupõe o conhecimento de requisitos técnicos mínimos que na Idade do Ferro seriam certamente utilizados para obter resultados concretos (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 47-48). Isto não significa, contudo, que os fornos onde se fabricou a cerâmica cinzenta fossem distintos daqueles utilizados para cerâmica oxidante: pelo contrário, dos poucos dados de que dispomos entre o sécs. VII e VI a.C., algumas estruturas indiciam a utilização de fornos convencionais e polivalentes, como em Cerro del Vilar (Málaga: AUBET *et alii*, 1999; BARCELÓ *et alii*, 1995; DELGADO, 2011), com evidências que remontam aos inícios do



séc. VII a.C. (designadamente, escórias cerâmicas vitrificadas, restos de paredes de fornos e numerosas cerâmicas com defeitos de cozedura: *cfr.* DELGADA, 2011: 18 *ssq.*), e também em Calañas de Marmolejo (Jaén: *cfr.* MOLINOS *et alii*, 1994) foram identificadas possíveis olarias do séc. VII/VI com produções locais de cerâmica cinzenta (*cfr.* ARRUDA *et alii*, 2000: 49). Em Castellar de Librilla (Murcia: *cfr.* ROS SALA, 1989) identificaram-se vestígios muito fragmentados de uma câmara de cozedura e combustão, de planta quadrangular (característica rara na Península Ibérica no séc. VI a.C.: *cfr.* ROS SALA, 1989), e também em Cerro de los Infantes, Pinos Puente (Granada: *cfr.* CONTRERAS *et alii*, 1983), haverá porventura um forno mais antigo, onde se encontraram igualmente elementos de terracota designados por ‘prismas’ (DELGADO, 2011: 16). Não devem ainda deixar de ser tidos em consideração os mais recentes dados arqueológicos da zona de Velez-Málaga, de entre o final do séc. VII e o início do séc. VI a.C., em particular em Las Chorreras, La Pancha ou Los Algarrobeños, que revelaram sítios com estruturas possivelmente associadas a uma zona de fabrico cerâmico, como se pode inferir da imensa quantidade de fragmentos cerâmicos de vários tipos, nomeadamente de cerâmica cinzenta – dos quais alguns apresentam defeitos de produção –, a par de possíveis utensílios de fabrico, muito embora sem quaisquer vestígios de fornos ou de áreas de trabalho (DELGADO, 2011: 16-17; MARTÍN CÓRDOBA *et alii*, 2006). No mesmo sentido apontam ainda as análises químicas de vários conjuntos de cerâmica cinzenta do Sul peninsular, que indiciam uma tendência de origem local e regional destas produções, não excluindo, contudo, uma ampla difusão e aceitação em vários sítios orientalizantes.

Em defesa do desenvolvimento de uma produção de cerâmica cinzenta que associa a tradição indígena a uma clara vinculação à colonização fenícia na Península Ibérica (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998, 2005; TORRES, 2002), cabe referir o caso de **Peña Negra** (Alicante: *cfr.* GONZÁLEZ PRATS & PINA, 1983: 120), com a identificação de algumas argilas de produtos locais e outras de origem forânea, relacionáveis com a região colonial malaguenha, sem uma distinção tipológica obrigatória, salvo para a própria cerâmica cinzenta, que parece indicar um carácter autóctone (GONZÁLEZ PRATS, 1999: 112). Por outro lado, as análises obtidas a partir de exemplares de cerâmica da necrópole de **Medellín**, entre os quais se contam alguns fragmentos do grupo maioritário de cerâmica cinzenta, parecem confirmar a utilização das mesmas

pastas para a produção de cerâmica cinzenta e oxidante, bem como a produção local (LORRIO, 2008: 717, *n.* 16; 1989: 307-308; PRINGLE, 2008: 853 *ssq.*) já desde a fase inicial (entre meados do séc. VII e o primeiro quarto do séc. VI a.C.: *cfr.* LORRIO, 2008: 716), não excluindo, naturalmente, a existência de peças importadas.

No território português, os resultados obtidos a partir de análises químicas a exemplares de cerâmica cinzenta provenientes de **Conímbriga, Santa Olaia, Lisboa, Crasto de Tavarede e Fiães** (CABRAL, 1986) permitiram considerar que os três primeiros sítios teriam, cada um, uma produção local (CABRAL & GOUVEIA, 1979: 109-115), parecendo ter havido trocas comerciais entre os dois primeiros sítios do Mondego, que, por sua vez, abasteceriam Crasto de Tavarede e Fiães (IIDEM; ARRUDA *et alii* 2000: 48). De acordo com estes resultados, Lisboa teria recebido produtos que podem ser procedentes de Santa Olaia (IIDEM, *ibidem*), o que poderia eventualmente confirmar a de resto provável existência de um comércio regional de cerâmica, designadamente da própria cerâmica cinzenta, e de um esquema organizado de centros produtores e distribuidores para vários outros centros de consumo. Embora seja inegável a produção local ou regional de uma categoria cerâmica que observe critérios formais e tecnológicos comuns a uma vasta área do sul peninsular, ulteriores interpretações deverão ser avançadas com prudência, tendo em consideração os poucos exemplares cerâmicos que as sustentem.

Na feitoria fenícia de Abul e em Alcácer do Sal as análises de pastas por lâminas delgadas a materiais cerâmicos do século VII a.C. permitiram aparentemente, no caso da cerâmica, concluir tratarem-se de produções regionais (*cfr.* SCHMITT, 2000: 277). Na foz do rio Tejo, apesar da ausência de análises químicas ou petrográficas, a análise macroscópica das características de fabrico de cerâmicas de diversos sítios, a par da correspondência a determinadas formas comuns, permite postular a existência de centros de produção oleira comuns (SOUSA, 2011: 463).

Em suma, o recurso à cozedura redutora exigiria certamente conhecimentos técnicos mínimos e, embora pareça haver por vezes variações de tonalidade que aparentem ser intencionais, não seria uma técnica exclusiva ou inacessível a qualquer comunidade (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 50-51). As análises petrográficas a que nos referimos poderão servir como veículo para a identificação de possíveis centros produtores e redes distribuidoras, sendo essenciais para a compreensão das dinâmicas

populacionais num cenário de reorientação de redes de relações preexistentes (VALLEJO SÁNCHEZ, 2007: 11).

### **2.2.2. TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO**

O fabrico destes recipientes caracteriza-se igualmente pela aplicação de distintos **tratamentos de superfície**. Segundo as diversas designações utilizadas em estudos de cerâmica cinzenta, as técnicas de superfície são normalmente realizadas com a peça apoiada no torno e previamente à cozedura, sendo recorrentes três tipos de acabamento: o **alisamento**, *i.e.*, uma ligeira regularização das superfícies que não confere qualquer brilho às peças; o **polimento**, consistindo num acabamento uniforme das paredes que confere um toque suave e um aspecto brilhante; e, em particular, a técnica do **brunimento** (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 87; 2005: 1159), ou polimento, segundo a tradição terminológica (BALFET, 1988), que confere um acabamento extremamente fino, por vezes criando linhas concêntricas nas superfícies das peças, e atribui um toque mais suave, um aspecto mais homogéneo e brilhante (IDEM, *ibidem*; OLIVEIRA, 2006; HENRIQUES, 2006). Com efeito, a prática do brunimento é representada por uma longa tradição no território peninsular, podendo inclusivamente remontar ao Bronze Final (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 160; 2005: 1159-1160; RUIZ MATA, 1975; GOMEZ TOSCANO, 1997; CARO BELLIDO, 1989: 192). De qualquer forma, não parece ter sido este um fenómeno generalizado na Península, nem necessariamente uma prática sistemática, até à introdução e propagação da cerâmica a torno, entre os sécs. VIII e VII a.C. Este tipo de acabamento pode variar inclusivamente num mesmo sítio arqueológico (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1160), onde podem encontrar-se exemplos de cerâmica cinzenta apenas com alisados pouco cuidados a par de outros com a aplicação do brunimento (IDEM, *ibidem*), nem sempre conservado, por vezes também associado a outras técnicas decorativas (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 160-161), ou ainda a aplicação de um fino engobe, geralmente difícil de identificar, fabricado a partir da mesma argila fina e decantada, conferindo uma acabamento extremamente polido, brilhante, muito suave e sem marcas visíveis da aplicação de um instrumento brunidor (IDEM, *ibidem*). Por outro lado ainda, a cerâmica cinzenta apresenta qualidades oscilando de acordo com a intensidade, a própria intenção estética de alguns tratamentos ou a funcionalidade técnica dos acabamentos, sendo por demais forçosa a associação entre formas e

qualidade de técnicas de tratamento de superfície (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 160).<sup>2</sup> A par destes acabamentos, encontra-se também a aplicação de **motivos decorativos** na produção de cerâmica cinzenta, embora mais raramente.

A **pintura**, escassamente utilizada sobre cerâmica cinzenta, apresenta-se comumente em tons de vermelho no interior dos recipientes ou em bandas pintadas, mais frequentes na zona mais próxima do bordo. Os poucos exemplares pintados conhecidos provêm de diferentes sítios na Baixa Andaluzia (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 88; 2005: 1160), chegando a aventar-se uma interpretação religiosa para alguns exemplares, associados a cerâmicas de verniz negro e ovos de avestruz decorados, em que convergem a tradição autóctone e elementos de cariz oriental (MANCEBO, 1994a: 108). No povoado e necrópole de Medellín, por exemplo, foram recuperados alguns fragmentos de cerâmica cinzenta com restos de pigmentos no interior que parecem mais inspiradas nas cerâmicas pintadas de estilo Medellín (LORRIO, 2008: 715-716; ALMAGRO-GORBEA, 1977). No conjunto de cerâmica cinzenta objecto do nosso estudo foram igualmente detectados alguns fragmentos com restos de pigmentos vermelhos (ARRUDA & FREITAS, 2008: 434, *fig. 6*), sobre os quais mais adiante nos deteremos.

A presença de **grafitos incisos pós-cozedura**, realizados por punção, é, por outro lado, muito mais comuns em contextos orientalizantes do Sul peninsular entre os sécs. VII e VI, podendo ter desempenhado uma função decorativa ou simbólica (incluindo rosetas, estiliformes, retículas, representações figurativas ou signos alfabéticos, alguns interpretados como marcas de propriedade ou de oleiro, dispersos pela Meseta e Sudeste peninsular: *cfr.* MANCEBO 1994a: 108 *ssq.*; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 88 *ssq.*; 1998: 163; 2005: 1161; LORRIO, 2008: 714-715, 721; ALMAGRO-GORBEA, 1977). Também em Castro Marim detectámos raros exemplares com pequenas incisões pós-cozedura, que serão remetidos para a apresentação e discussão da amostra deste estudo. Não devemos deixar de mencionar ainda a aplicação de **linhas incisais** paralelas horizontais no exterior das peças, em alguns casos (como Medellín) ocupando a zona inferior de pratos carenados, organizadas em duas faixas de quatro linhas incisais (LORRIO, 2008: 692-693, *fig. 784*, n.º 70/20-3; 679, *fig. 774*, n.º 85/C-18-2); outras, como no caso de Castro Marim, e sobre as quais teremos oportunidade de nos debruçar

---

<sup>2</sup> - A exemplificativo, a análise das características de fabrico, das pastas e do tratamento das superfícies das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa permitiu verificar a impossibilidade do estabelecimento de correspondências entre essas características e os tipos formais definidos (ARRUDA & FREITAS; VALLEJO SÁNCHEZ, 2000: 43).

mais profundamente, localizadas na superfície externa de tigelas de bordo biselado, caneluras pouco profundas, e características da segunda metade do séc. V a.C. Por outro lado, e atendendo a que estas considerações serão ainda retomadas, cabe ainda referir muito brevemente a chamada ‘decoração ziguezagueante’, de caneluras mais largas do que as anteriores e presente em outros recipientes de diferentes morfologias do Sul da Andaluzia, como os suportes anulares e a superfície exterior de taças globulares de perfil ovóide em cerâmica cinzenta (CARO-BELLIDO, 1989: 105-111, forma 2).

Outras técnicas, como pequenas **molduras** que fazem ressaltar a carena do vaso, são características comuns a materiais da desembocadura do Tejo (SOUSA, 2011: 185, *fig.* 90, variante 2Ab), também da necrópole de Medellín, entre o séc. VII e inícios do séc. V a.C. (LORRIO, 2008: 700, tipo C3), de Cancho Roano (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1996: 26, forma II) ou de Huelva (*cfr.* BELÉN, 1976). As **perfurações** junto ao bordo de tigelas e pratos de cerâmica cinzenta devem ser interpretadas como aplicações técnico-funcionais, para suspensão do vaso (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 163).

A característica decorativa mais comum na cerâmica cinzenta, não obstante não seja um fenómeno generalizável, é claramente a **decoração de motivos geométricos brunidos** (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999), que consiste no traçado de motivos geométricos e lineares, através da técnica do brunido, sobre a superfície interior e/ou exterior de recipientes abertos (IDEM, *ibidem*). Os esquemas decorativos organizam-se em espaços vazios simplesmente alisados, e, antes da cozedura da peça, já seca, a pressão, realizada com um instrumento brunidor ligeiramente pontiagudo e arredondado, define-se geralmente como uma cruz de Malta brunida de forma radial no centro da peça (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 90). A composição é então preenchida por grandes bandas de largura variável na zona próxima do bordo, aspas brunidas subdividindo os espaços vazios e ordenadores de outros motivos decorativos (IDEM, *ibidem*: 90-91). Presente particularmente no Baixo Guadalquivir e em Huelva (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999), e parecendo tratar-se de uma particularidade regional, encontramos-la contudo igualmente em sítios da Baía de Cádiz, como El Trobal (RUIZ MATA & GONZÁLAZ RODRÍGUEZ, 1994), Mesas de Astas, em Jerez de La Frontera, Vaina (IDEM, *ibidem*) ou Castillo de Doña Blanca, no Porto de Sanata Maria (RUIZ MATA & PÉREZ PÉREZ, 1995; VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 164, *ssq.*, 1999: 89, *ssq.*). No território português encontramos alguns raros exemplares, nomeadamente na foz do estuário do Tejo, na Alcáçova de Santarém

e em Lisboa (ARRUDA, 1999-2000; ARRUDA *et alii*, 2002), ou mesmo em Castro Marim, num bojo de cerâmica cinzenta que oportunamente analisaremos.

De forma genérica, esta técnica decorativa sobre cerâmica cinzenta encontra produções ornamentais análogas noutros fabricos manuais do Bronze Final até mesmo ao séc. VI a.C., do Sudoeste andaluz, Extremadura ou Portugal (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 89; LÓPEZ ROA, 1978). Todavia, não nos é lícito afirmar categoricamente que exista uma tradição evidente e ininterrupta nos exemplares mais tardios de cerâmica cinzenta presentes, por exemplo, na Meseta Sul (FÉRNANDEZ OCHOA *et alii*, 1994: 82-83; ALMAGRO-GORBEA, 1978: 137; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 89 *ssq.*). De facto, este tipo de produções parece encontrar-se genericamente em culturas materiais precedentes de cada zona: contudo, e perante determinadas evidências (LÓPEZ ROA, 1977, 1978; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999), não excluimos um possível fenómeno de interpretação e adaptação de motivos decorativos e técnicas de acabamento reproduzindo critérios estéticos e funcionais próprios de comunidades indígenas (IDEM, *ibidem*).

### **2.2.3. FORMAS**

É provável que no primeiro milénio a.C. a produção de cerâmica a torno na Península Ibérica estivesse submetida a estreitos sistemas de controlo de produção, viáveis para uma produção em maior escala e para posterior comercialização. A este respeito, também a homogeneidade e padronização das formas tem sido um dos argumentos a favor dessa perspectiva (VALLEJO SÁNCHEZ, 2007: 27-28; BARCELÓ *et alii*, 1999; VIDALE, 1992). Contudo, por outro lado, também o uso doméstico pode estar relacionado com uma funcionalidade mais limitada, justificando assim uma relativa monotonia formal. De facto, e a respeito da relativa uniformidade tipológica, alguns autores têm vindo a sugerir alguma semelhança da cerâmica cinzenta orientalizante com a cerâmica manual do Bronze Final, partilhando soluções funcionais e morfológicas similares. Contudo, e embora seja este um elenco formal decerto limitado, teremos oportunidade de verificar que certas particularidades locais contrariam essa relativa uniformidade das cerâmicas cinzentas orientalizantes, particularmente em cronologias mais avançadas (VALLEJO SÁNCHEZ, 2007: 28-29), pelas ausências e presenças de determinadas forma ao longo do tempo.

Apesar das escassas sistematizações tipológicas para esta categoria cerâmica, é

possível, no estado actual dos nossos conhecimentos, estabelecer determinadas características próprias ou comuns a amplas regiões (*e.g.*, CARO, 1986; ARANEGUI, 1975; ROOS, 1982; ALMAGRO-GORBEA, 1977; LORRIO, 1988-89, 2008, *fig.* 799; RÍSQUEZ, 1993; MOLINOS *et alii*, 1994; ROS SALA, 1989; GONZÁLEZ PRATS, 1983; BELÉN, 1976; MANCEBO *et alii*, 1992; MANCEBO, 1994; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999, 2005, 2007). Genericamente, o repertório formal mais comum aos vários sítios estudados são as tigelas e pratos. As tigelas hemisféricas de bordo simples ou engrossado no interior surgem em repertórios desde o séc. VII a.C. e sobretudo no séc. VI a.C. Os pratos ou taças carenadas estão igualmente presentes em finais do séc. VIII a.C., mas sobretudo durante o séc. VII e decaindo na centúria seguinte. Outras formas abertas de distintas configurações preenchem os conjuntos comuns de cerâmica cinzenta: os fundos são planos ou ligeiramente côncavos, com pés levemente destacados, evoluindo depois para fundos de pé anular e até, em alguns casos, de pé alto (LORRIO, 1988-89; BELÉN *et alii*, 1997).

As formas fechadas apresentam maior variedade; contudo, têm uma presença escassa na Andaluzia, sendo agrupadas muitas vezes sob a designação de *urnas* (CARO, 1989, MANCEBO, 1944). Por outro lado, em Medellín, na Extremadura, encontram-se em grande variedade e quantidade, sendo uma realidade que parece mais permanente a partir do séc. VI e sobretudo no séc. V a.C. (LORRIO, 2008). No território português as formas fechadas estão presentes em vasos do tipo pote/potinho, de corpo globular e perfil em S, sobretudo em sítios com uma maior continuidade de ocupação e particularmente tardios, como, *e.g.*, a foz do estuário do Tejo (ARRUDA *et alii*, 2002; SOUSA, 2011: 492-493). Outras formas, como os suportes anulares, estão documentadas em várias regiões do Sul Peninsular, encontrando fortes semelhanças nos repertórios do Bronze Final (RUIZ MATA, 1994). Em termos tipológicos, encontramos várias similitudes entre os repertórios da cerâmica cinzenta orientalizante e o conjunto de formas do Bronze Final, em particular na zona da Andaluzia, nomeadamente no Castillo de Doña Blanca (RUIZ MATA & PÉREZ, 1955: 59), Campillo (LÓPEZ AMADOR *et alii*, 1996: 80), ou no túmulo 1 de Las Cumbres (CÓRDOBA & RUIZ MATA, 2000).



### **3. O CASTELO DE CASTRO MARIM: BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO**

Embora a leitura exaustiva do enquadramento histórico-geográfico do sítio não seja o objecto central deste estudo, parece-nos pertinente apresentar uma visão sinóptica que possa contribuir para a compreensão correcta e rigorosa das dinâmicas de ocupação humana do espaço e para a análise do respectivo registo material. Não deixamos, por isso, de considerar pertinente uma primeira abordagem ao sítio, nas suas vertentes histórico-geográficas, em conformidade com uma leitura abrangente do povoamento algarvio na Idade do Ferro no quadro ocupacional do território peninsular.

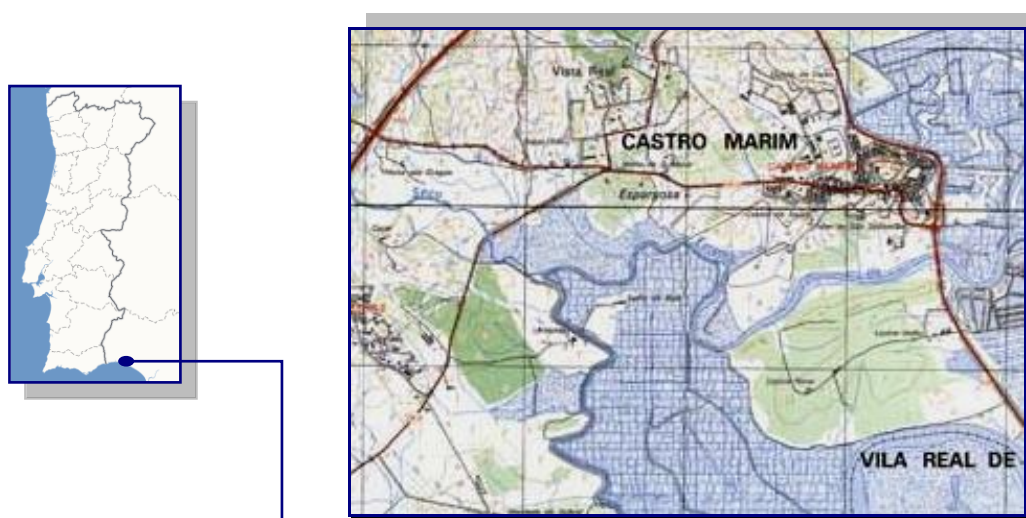


Fig. 1. Mapa de Portugal e Folha 600 da Carta Militar de Portugal (1: 25 000)

O Castelo de Castro Marim localiza-se no Concelho de Castro Marim, no distrito de Faro, Algarve, implantado num cabeço com cerca de 42m de altitude, tendencialmente circular, situado na margem direita do Guadiana, próximo da foz. Segundo a folha 600 da Carta Militar de Portugal (1:25000), o sítio localiza-se a 7°26'30" de longitude e a 37°12'50" de latitude. Esta disposição ofereceu certamente assinaláveis condições de defensibilidade e domínio visual sobre o território envolvente e o rio. Geologicamente implanta-se numa região de depósitos quaternários, entre os xistos do maciço antigo a Norte, os calcários lacustres do Oligoceno e as rochas eruptivas da orla, a Oeste (ARRUDA, 1997: 109; 1999-2000: 36).

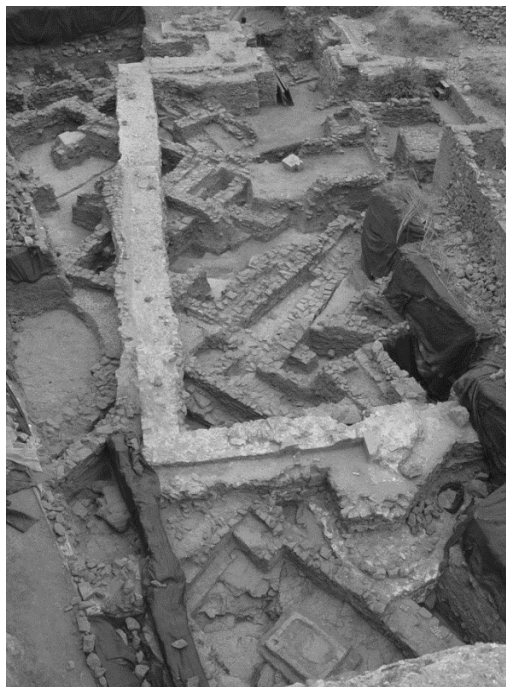


É interessante verificar que já no séc. XVI a área em estudo apresentava a delimitação topográfica de uma pequena península, ligada a terra apenas por um pequeno istmo na sua vertente Oeste. Neste sentido, através dos escassos estudos paleogeográficos (RIBEIRO, LAUTENSACH, DAVEAU, 1987; TAVARES, TAVARES, CARDOSO, 2004) e das informações transmitidas pelas fontes clássicas (FERREIRA, 1992; GUERRA, 1995; ALARCÃO, 1996; ARRUDA, 1999-2000: 31-61), a evolução da linha de costa algarvia pressupõe que o Guadiana tenha sofrido importantes alterações geomorfológicas resultantes da acumulação de aluviões, num processo de assoreamento das áreas do estuário mais próximas da foz (ARRUDA, 1999-2000; FREITAS, OLIVEIRA, 2007: 411). Os sapais de Vila Real de Santo António e de Castro Marim estariam, na Antiguidade, cobertos pelas águas do mar e do rio, mas a crescente obstrução do caudal, as acções das correntes e o processo de assoreamento da foz foram definindo o seu perfil e transformando a ilha, rodeada pelas águas do Guadiana, onde se encontraria Castro Marim (ARRUDA, 1997; 1999-2000; SOUSA, 2005; FREITAS, OLIVEIRA, 2007), o que terá favorecido a um tempo o controlo do tráfego fluvial e a extensão do comércio para o interior do actual território português, até à zona de Mértola, onde o rio era navegável. Actualmente o Castelo de Castro Marim encontra-se rodeado por terra seca, sobretudo solos E, e por alguns sapais, resultantes, com toda a probabilidade, da descida dos níveis médios das águas do mar e do assoreamento do Rio Guadiana (*Idem, ibidem*). A implantação geográfica do castelo na desembocadura do Guadiana permitiria controlar a orla do rio e a rota de penetração para o interior alentejano e estremenho, posição crucial no acesso ao Atlântico e plenamente inserida na *koinê* mediterrânea desde o séc. VIII a.C., sobretudo a partir de meados da centúria seguinte, associada a uma rede de estabelecimentos litorais profundamente “orientalizados” (ARRUDA, 1999-2000: 36-53; 2005c).

### **3.1. SÍNTESE DOS Trabalhos arqueológicos em Castro Marim**

Castro Marim é um sítio arqueológico reconhecido desde Estácio da Veiga (1887) como a cidade romana de *Baesuris* do *Itinerário de Antonino*, numa identificação não isenta de dúvidas, pelas dificuldades que suscitavam propostas anteriores, como a de André de Resende, que reconhecia, já no séc. XVI, a sua localização em Jerez de Badajoz ou em Los Caballeros, ou de Frei Vicente Salgado e

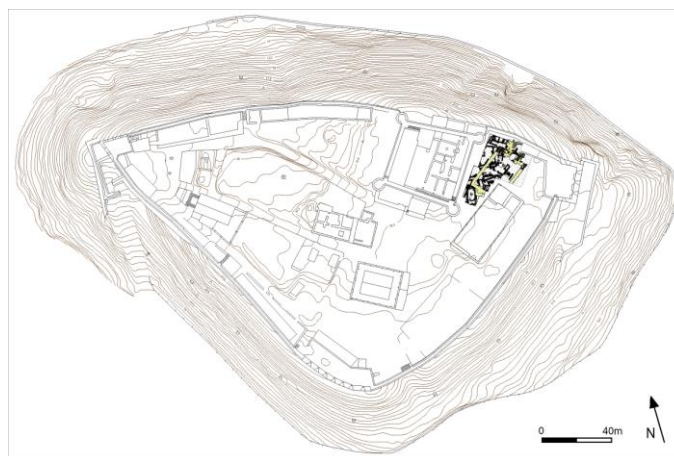
Padre Flores, que propuseram, no séc. XVIII, a identificação com Ayamonte, e ainda pela relativa ausência de referências clássicas. Em 1917, Leite de Vasconcellos associou *Baesuris* a Castro Marim, após a descoberta de um conjunto de moedas com a inscrição topográfica latina . Na sequência das intervenções arqueológicas no local dirigidas por Ana Margarida Arruda, uma moeda de chumbo com a inscrição de *BAE*, num nível tardo-republicano, confirmou a correspondência do topónimo pré-romano ao local (ARRUDA, 1997; 1999-2000; 2001, 2005a; 2005b).



Entre 1983 e 2003, no âmbito do programa de investigação do então Centro de Arqueologia e História (actual UNIARQ), o Castelo de Castro Marim foi alvo de dez campanhas de escavação, com a abertura de uma vasta área com cerca de 500 m<sup>2</sup>. O sítio arqueológico foi, desde então, extensivamente estudado e divulgado em artigos científicos, teses de mestrado e doutoramento que permitiram reconhecer uma intensa ocupação, estreitamente integrada na evolução do povoamento algarvio (*Eadem, ibidem*), com uma diacronia de ocupação entre a Idade do Bronze e a Época Moderna, e particularmente uma intensa ocupação durante a Idade do Ferro e o Período Romano (ARRUDA, 1983/84; 1999/2000: 37; 2000: 727; 2007a: 116; 2007b: 118-119).

Os sucessivos trabalhos arqueológicos no Castelo de Castro Marim dirigidos por

Ana Margarida Arruda dividiram-se em duas etapas distintas (Figura 3):



O primeiro período de campanhas, entre 1983 e 1988, teve o objectivo de aferir a diacronia da ocupação do sítio e o estado de conservação dos vestígios até ali detectados, estabelecendo-se desde logo que o sítio fora ocupado desde a Idade do Bronze até à Época Moderna, a partir da informação dos materiais dali exumados, bem como das estruturas reveladas (ARRUDA, 1983-84; 1984a; 1984b; 1984c; 1986<sup>a</sup>; 1986b; 1988; 1993; 1996; 1997a; 1997b; 1999a; 1999b; 1999-2000; 2000a; 2000b; 2001; 2002; 2003; 2005a; 2005b; 2007; 2008; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; FREITAS, 2005; FREITAS, OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA, 2006; SOUSA, 2005; ARRUDA, FREITAS, 2008; PEREIRA, 2008; FERNANDES, 2009; SANTOS, 2009; GOMES, 2012). Nestas intervenções, procedeu-se a quatro sondagens distintas (designadas como Corte 1, 2, 3 e 4), situadas na metade oriental da colina do Castelo (*Idem, Ibidem*), utilizando-se inicialmente a metodologia de Wheeler (1958), com as actualizações propostas por Ferdière (1980).

No sentido de esclarecer verdadeiramente os dados que as anteriores campanhas previam, entre 2000 e 2003 teve lugar uma segunda fase de escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. A dimensão da área sob intervenção permitiu definir com alguma precisão uma longa diacronia de ocupação com sucessivas alterações na organização urbanística do sítio, particularmente a extensão da verdadeira ocupação da

Idade do Ferro. A metodologia adoptada para as escavações seguiu as normas propostas por Barker e Harris (1979) em *open area*, estendendo-se a área para Este e Sudeste do anterior Corte 1 que formava agora uma área aberta de 293m<sup>2</sup>, designada por Sector 1 (ARRUDA, 1983/84a; 1983/84b; 1997: 112, 115; 1999-2000: 37; 2000, 2003a; 2005a; 2005b; 2007; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; FREITAS, 2005; FREITAS, OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA, 2006; SOUSA, 2005; ARRUDA, FREITAS, 2008; PEREIRA, 2008; FERNANDES, 2009; SANTOS, 2009; GOMES, 2012).

A complexa estratigrafia então revelada e o abundante espólio recuperado permitiram criar uma proposta de faseamento da ocupação proto-histórica do sítio que genericamente estrutura as considerações propostas no nosso trabalho. Embora o grande edifício religioso de época moderna implantado no local das sondagens tenha revelado uma acentuada intrusão nas unidades estratigráficas anteriores, a sequência estratigráfica do Sector 1 revelou um esquema de vários planos arquitectónicos atribuíveis às várias fases de ocupação, evidenciando também momentos de remodelação ou manutenção dos espaços. Deste modo, a fase designada por I corresponde aos finais da Idade do Bronze, as fases II, III, IV e V à Idade do Ferro e as fases VI e VII, respectivamente, ao período romano e moderno (ARRUDA, 1997; 1999-2000; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; FREITAS, 2005; OLIVEIRA, 2006; SOUSA, 2005; ARRUDA, FREITAS, 2008; PEREIRA, 2008; FERNANDES, 2009; SANTOS, 2009).

Em síntese, a comprovação pela escavação dos dados recolhidos inicialmente à superfície revelou uma diacronia de ocupação entre a Idade do Bronze e a Época Moderna e, em especial, uma intensa ocupação durante a Idade do Ferro e Período Romano (ARRUDA, 1999/2000: 37; 2007a: 116; 2007b: 118-119; ARRUDA *et alii* 2007, 2009; FREITAS, 2005; OLIVEIRA, 2006, GOMES, 2012). Os trabalhos revelaram uma pormenorizada estratigrafia, com um enorme conjunto de dados, vestígios materiais e construções, correspondentes a diversas fases da ocupação humana do Castelo.

Castro Marim permitiu também colmatar uma lacuna ocupacional do sítio e integrá-lo na ocupação regional do chamado Bronze do Sudoeste (ARRUDA, 1997; 1999-2000; ARRUDA *et alii* 2007; 2009; FREITAS, 2005; OLIVEIRA, 2006, GOMES, 2012). Nas imediações do impacto comercial do Mediterrâneo Oriental que se fez sentir na região de Huelva, Castro Marim ficou na periferia da sua influência e recebeu então uma longa

ocupação da Idade do Ferro. Desde logo, com habitações de planta rectangular associadas a uma muralha defensiva da I Idade do Ferro associada a inúmeros vestígios cerâmicos (*Idem*; FREITAS, 2005). Uma II Idade do Ferro a partir de meados do séc. V a.C. é também aqui identificada, com alterações nas estruturas e com o registo de um conjunto de cerâmicas que evidenciam novos contactos com a Grécia e o Norte de África. Por fim, a ocupação romana teve uma verdadeira expressão neste sítio, com uma densidade de informações inesgotável para uma permanência datável desde meados do séc. I (ARRUDA, 1988; 1999-2000).

#### **4. A CERÂMICA CINZENTA DO CASTELO DE CASTRO MARIM**

##### **4.1.1. COMPOSIÇÃO E TRATAMENTO DA AMOSTRA**

Sob o ponto de vista metodológico, utilizámos vários conceitos e critérios de divisão e classificação tecnológica e metodológica que permitiram uma melhor organização e compreensão das características artefactuais do conjunto, nomeadamente nas referências que respeitam directamente ao mesmo tipo cerâmico (BALFET *et alii*, 1983; ORTON *et alii*, 1997; STIENSTRA, 1986; ARRUDA, FREITAS, VALLEJO SÁNCHEZ, 2000; ANTUNES, 2005; OLIVEIRA, 2006, HENRIQUES, 2006; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999). Neste contexto, pretendeu-se sobretudo desenvolver uma análise quantitativa e qualitativa do conjunto com a identificação de diversas variantes formais e de fabrico, que permitisse uma primeira abordagem à sua inserção no quadro diacrónico de todo o conjunto artefactual de cerâmica cinzenta do sítio, bem como uma caracterização de âmbito histórico e cronológico. Na base do estudo está a totalidade dos fragmentos de cerâmica cinzenta das fases ocupacionais exumados no decorrer de intervenções no sítio arqueológico do Castelo de Castro Marim, sob a direcção de Ana Margarida Arruda, entre 1983 e 1988 e, sobretudo, do designado Sector 1, entre 2000 e 2003, materiais que se encontram em depósito no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).

Numa primeira fase, analisámos os dados estratigráficos e o faseamento ocupacional que serve de base à organização da cerâmica cinzenta ao longo da ocupação sidérica do Castelo de Castro Marim (ARRUDA, 1997, 1999/2000, 2000, 2003, 2005a, 2005b; FREITAS, 2005; SOUSA, 2005; OLIVEIRA, 2006; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; FREITAS, OLIVEIRA, 2007). Seguidamente, a partir do conjunto total de

materiais, seleccionámos todos os exemplares deste conjunto tipológico exumados nas unidades estratigráficas. O estudo beneficiou à partida da divisão prévia de todo o material relativamente às restantes categorias tecnológicas, encontrando-se já lavado, marcado e inventariado, com a identificação do sítio arqueológico, da data da intervenção, da indicação de Sector/Corte, Quadrícula, Camada/U.E. e do respectivo número de inventário. Para efeitos de organização do conjunto, construímos uma nova base de dados no programa *Microsoft Office Excel*, com uma ficha individual para cada peça, identificada pelo número de inventário e organizada segundo um conjunto de campos descritores como Proveniência, Forma ou Fabrico. Elaborámos o desenho de algumas peças à escala 1/1, com representação gráfica a 1/3 e 1/2 no programa de desenho vectorial *Adobe Illustrator CS3*, agrupando-as por estampas segundo as suas variantes formais e proveniência contextual.<sup>3</sup> A numeração dos materiais corresponde à numeração adoptada no Inventário. Alguns dos exemplares presentemente analisados foram já referidos em outras publicações, nomeadamente em estudos parciais de alguns contextos (ARRUDA, 1999/2000, 2003, 2005a; FREITAS, 2005; SOUSA, 2005; OLIVEIRA, 2007; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; ARRUDA, FREITAS, 2008).

#### 4.1.1. CRITÉRIOS DE QUANTIFICAÇÃO

Para efeitos de quantificação do conjunto material de cerâmica cinzenta, e seguindo critérios já adoptados noutros trabalhos sobre materiais sidéricos de Castro Marim (*Iidem*), optámos pelo critério de definição do Número Mínimo de Indivíduos (NMI), segundo o protocolo estabelecido na mesa redonda realizada em Mont Beauvray (Arcelin, Tuffreau-Libre, 1998). Segundo este método, numa primeira fase, procede-se à separação dos fragmentos por grupos de fabrico, seleccionando-se depois os materiais que permitam um enquadramento tipológico. A partir do elemento morfológico caracterizador mais abundante (bordo, fundo, asa) contabiliza-se o NMI em utilização. Torna-se este um método particularmente útil para podermos comparar percentualmente a cerâmica cinzenta com os restantes grupos tipológicos aos quais se encontra estratigraficamente associada, ou com outros sítios onde tenha sido utilizado o mesmo método.

---

<sup>3</sup> A maioria dos desenhos gráficos da cerâmica cinzenta das U.E.'s [78], [80] e [89], correspondente a um depósito selado no Compartimento 31 do Sector 1, são da autoria da Dra. Elisa Barbosa a quem expressamos o nosso sincero agradecimento.



Os materiais em análise são provenientes, genericamente, dos Cortes 2 e 3 das primeiras campanhas de escavação, e sobretudo do Corte 1 e Sector 1 das campanhas entre os anos 2000 e 2003 que ofereceram contextos da Idade do Ferro mais seguros, a que se somam alguns escassos materiais descontextualizados (superfície; limpeza). Sempre que se considerou relevante, é feita referência à natureza dos contextos de recolha dos materiais (*e.g.*, construção, utilização e/ou abandono), de que são devedores sobretudo os diferentes processos de formação das unidades estratigráficas. Tal como foi realizado para outros trabalhos de análise tipológica do sítio, a atribuição de uma fase cronológica na análise individual dos conjuntos deve ser feita com ponderação, tendo em conta a complexidade estratigráfica do sítio. Nesse sentido, e no âmbito do faseamento proposto para o Castelo de Castro Marim, procurámos seleccionar as unidades estratigráficas de onde proviessem exemplares de cerâmica cinzenta e que permitissem uma análise comparativa com os restantes grupos tipológicos. O espólio de cerâmica cinzenta das várias fases de ocupação de Castro Marim soma 1528 fragmentos, que se traduzem em 1173 indivíduos em estudo.

#### **4.1.2. IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS DE FABRICO**

Para a análise das características das pastas recorremos por vezes a uma lupa de 15 aumentos sobretudo para a descrição de elementos não plásticos identificados. Os grupos de fabrico foram identificados com base nos critérios descritores propostos por STEINSTRA (1986) ou por outras propostas de caracterização técnica (FREITAS, 2005; SOUSA, 2005; OLIVEIRA, 2007, ANTUNES, 2005; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999).

Na referência às tonalidades de pastas ou tratamento de superfícies utilizámos o código de Munsell, *Soil Color Charts* (1998). A base de análise considerou sobretudo a natureza da composição mineralógica da pasta, a dimensão e frequência dos elementos não plásticos (*e.n.p.*), bem como a coloração e o ambiente de cozedura. Os termos da descrição das superfícies de grupos definidos seguem os critérios de tratamento da superfície externa e interna (brunido, alisado ou polido ao torno), do revestimento (possível engobe ou aguada), textura ou coloração.

No cômputo total dos fragmentos analisados, os componentes e tratamentos específicos necessários para dar corpo à pasta cerâmica final apresentam diferenças que podem estar relacionadas com as condições específicas – propositadas ou não – da

cozedura. As interpretações deverão ser consideradas hipóteses de trabalho.

#### **4.1.2.1. DEFINIÇÃO E ANÁLISE DE GRUPOS DE FABRICO**

Em termos tecnológicos, a amostra em estudo divide-se em três grupos de fabrico que variam entre si, devido sobretudo à tonalidade cinzenta mais escura ou mais acastanhada de alguns exemplares, à frequência de elementos não plásticos e ao tipo de tratamento de superfícies. Em todos os casos, a cozedura é redutora, conferindo às peças a tonalidade cinzenta das pastas e não raro testemunhando grande cuidado no fabrico e no tratamento das superfícies, com alisamento ou polimento, sendo este último processo predominante e resultando em superfícies aparentemente mais homogéneas e de textura suave, características estéticas ou funcionais, propositadas ou não, observáveis nos recipientes.

**Grupo 1** – incluímos neste grupo três subgrupos de fabricos muito semelhantes, todos com características comuns, como pastas homogéneas e de natureza não calcária. Nas três variantes notamos igualmente uma presença assídua de elementos não plásticos como quartzos, minerais ferromagnesianos e elementos micáceos que variam, contudo, essencialmente pela dimensão, distribuição e frequência, mas que apresentam, não obstante, uma textura genericamente homogénea. As diferenças residem igualmente, e em particular, ao nível do tratamento e da cor das superfícies:

**1A** – Este grupo maioritário contém pastas não calcárias, duras, compactas e medianamente depuradas (5 a 10% de e.n.p). Macroscopicamente é identificável a presença frequente de calcite de grão fino, de escassos elementos micáceos de muito grão fino e de minerais negros de grão fino e muito fino. As pastas são homogéneas, de fractura regular, sendo a tonalidade cinzenta predominante (Munsell 6/1 5Y) resultado da cozedura redutora, com alguns exemplares de tonalidade mais escura (Munsell 4/1 10 YR). São frequentes os vestígios de polimento nas superfícies, ainda que menos comuns do que os de alisamento, aplicado quer no interior, quer no exterior, conferindo uma superfície regular e homogénea;



**1B** – Muito semelhante ao grupo 1A, de pasta não calcária, dura, compacta e medianamente depurada (cerca de 5% de e.n.p). Macroscopicamente é possível identificar uma presença escassa de minerais ferromagnesianos de grão fino, poucos elementos de quartzo de grão fino e alguns elementos micáceos de grão muito fino. As pastas de tonalidades cinzentas (Munsell 10YR4/2), com superfícies frequentemente mais escuras em ambas as faces (Munsell Gley15/N), podem resultar da aplicação quer de um engobe ou aguada, quer de uma capa de argila fina submetida a uma cozedura em atmosfera redutora (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1996: 107). Os fragmentos integráveis neste grupo apresentam genericamente vestígios de polimento nas superfícies, em alguns casos em bom estado de conservação e alguns ainda com marcas de oleiro. As técnicas aplicadas resultaram em superfícies homogéneas e texturas suaves.

**1C** – É este um grupo em tudo semelhante ao grupo 1A, representado por um conjunto menor de exemplares, de pastas não calcárias, compactas e pouco depuradas (cerca de 10% de e.n.p), com a presença de calcite grão médio a fino, de alguns elementos micáceos de grão muito fino e de escassos minerais negros de grão fino e muito fino. Fractura irregular. Pastas e superfícies variam entre tonalidades acinzentadas (Munsell 10R3/1) e acastanhadas (Munsell 10R5/3), algumas com veios alaranjados (Munsell 5/6 5), eventual resultado de ambientes redutores de cozedura mais instável. Pode apresentar vestígios de polimento nas superfícies, sobretudo internas, quer em categorias tipológicas de maiores dimensões, quer em escassos exemplares de formas mais reduzidas.

**2** – Os fragmentos aqui incluídos distanciam-se, em determinados parâmetros técnicos, dos principais elementos caracterizadores da cerâmica cinzenta. Embora de cozedura redutora, contrariamente ao do grupo anterior, estes materiais apresentam pastas e superfícies homogéneas de tonalidade cinzenta clara (Munsell 2.5Y5/2), sendo por vezes visível a aplicação de uma aguada de tonalidade idêntica à da pasta (Munsell 10YR7/2) em ambas as superfícies das peças. Trata-se de um grupo verdadeiramente característico, onde foram englobados exemplares de pastas duras, sonoras e muito depuradas (cerca de 3 % de e.n.p). Macroscopicamente foi possível identificar alguns elementos de quartzo de grão muito fino e escassos elementos micáceos de grão muito

fino. São peças homogêneas muito cuidadas, apresentando polimento em ambas as superfícies e, regra geral, um acabamento muito cuidado.

**3** – Grupo minoritário, de pastas não calcárias, duras, compactas e bem depuradas (cerca de 3% dos e.n.p), com presença de grãos muito finos de calcite, mica e minerais ferromagnesianos. A cozedura revela-se oxidante/redutora, podendo ter resultado em pastas de tonalidades castanhas-avermelhadas (Munsell 10R3/1; Munsell 10R4/6) e em superfícies de tonalidade cinzenta escura (Munsell 10YR/1). Os exemplares integrados neste grupo apresentam um acabamento genericamente muito cuidado, com a aplicação de polimento, registando-se alguns casos raros de extrema qualidade e homogeneidade que sugerem a aplicação eventual de um engobe e polimento intenso.

As diferenças qualitativas entre os grupos considerados não nos permitem atribuir-lhes com segurança qualquer significado concreto, pelo que sugerimos que se tratem de produções de origem local ou regional, designadamente o Grupo maioritário 1; casos de exceção são os Grupos 2 e 3, que parecem corresponder, eventualmente, ou a uma produção local/ regional, no caso do primeiro, e a uma importação, no segundo, não obstante as dúvidas suscitadas por esta distinção de produções. Por outro lado, e como teremos também oportunidade de considerar, a definição das características de fabrico, pastas e tratamento das superfícies das cerâmicas cinzentas possibilita o estabelecimento de correspondências entre as características do Grupo 2 e a categoria tipológica I.A.5, correspondente às tigelas hemisféricas de bordo biselado, em geral, com decoração canelada na superfície externa, e particularmente coincidentes, se não de forma quase exclusiva, com o depósito da Fase V.

#### **4.1.3. CRITÉRIOS DE INTEGRAÇÃO TIPOLOGICA**

No estado actual dos conhecimentos sobre as produções cerâmicas da Idade do Ferro permanece ainda a necessidade de sistematização entre os diversos investigadores que optam por organizar os seus catálogos de acordo com as especificidades de cada caso. Notámos que a escassez de ensaios tipológicos sobre a cerâmica comum, manual

ou cinzenta é, por outro lado, compensada pela existência de publicações de espólios artefactuais de outros sítios, com culturas materiais e momentos de ocupação semelhantes. A cerâmica cinzenta é geralmente mencionada no âmbito de estudos da Idade do Ferro orientalizante, sendo que a sua inserção em tabelas morfológicas passa, na maioria das vezes, pela atribuição de critérios funcionais morfológicos pré-definidos.

Genericamente considerados sob a categoria de “cerâmica de mesa” (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1153), há, no entanto, recipientes de cerâmica cinzenta que acusam uma utilização para armazenamento, sendo que outros poderiam servir diferentes funções (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999; 2005a; ANTUNES, 2005; HENRIQUES, 2006; SOUSA, 2011). Apesar de tudo, a atribuição de critérios de ordem funcional poderá permitir uma aproximação genérica à sua finalidade. A atribuição prévia de determinadas designações formais ou mesmo de valores métricos possibilita maior objectividade numa primeira análise dos principais elementos classificatórios (BALFET *et alii*, 1983). Pese embora uma leitura limitada, que poderá advir de uma compartimentação inicial do conjunto material, cremos que, em última análise, resultarão numa compreensão mais alargada dos critérios funcionais.

Nesta medida, e apesar da escassez de exemplares com o perfil completo, a conjugação dos vários atributos técnicos e morfológicos permitiu uma distribuição por diferentes tipos em função da sua morfologia genérica, que procura, em última análise, supor a utilidade do conjunto. Não se tratando de conceitos fechados, a categorização proposta segue genericamente e permite igualmente estabelecer analogias funcionais com outros conjuntos artefactuais sidéricos de Castro Marim ou provenientes de outros sítios arqueológicos semelhantes (*cfr.*, *e.g.*, VALLEJO SÁNCHEZ, 1999; 2005a; ANTUNES, 2005; HENRIQUES, 2006; SOUSA, 2011). Assim, nossa classificação formal passou, desde logo, pela análise morfométrica dos recipientes segundo critérios utilizados noutros trabalhos, que, apesar do estado fragmentário do conjunto, segue genericamente o trabalho desenvolvido pelo Museu do Homem, que estipula normas qualitativas de abordagem (BALFET *et alii*, 1983), e, por outro lado, a aplicação de critérios utilizados na organização da cerâmica cinzenta da Idade do Ferro (*e.g.*, BELÉN, 1976; ROOS 1982; LORRIO, 1988-89; 2008; CARO BELLIDO, 1989; HERNÁNDEZ CARRETERO, 1993; MANCEBO DÁVALOS, 1994; MANCEBO DÁVALOS *et alli*, 1992; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999; ARRUDA *et alii*, 2000). Sempre que necessário, e em casos excepcionais

fundamentados ao longo do texto, recorreu-se à adaptação terminológica ou à adopção de propostas de nomenclatura seguidas como referência e nunca como tipologias fechadas.

As definições de *Tipos* (I, II, III, *etc.*), *Subtipos* (IA, IB, IC, IIA, *etc.*) e *Variantes* (IA.1, IA.2, *etc.*) tiveram em conta variáveis morfológicas e possivelmente funcionais (como tigelas, taças, pratos, grandes recipientes), sobretudo ao nível da morfologia dos bordos, paredes e fundos, recorrendo a critérios simples como o diâmetro máximo do bordo, a análise do perfil das peças, a evolução dominante das paredes, carenas ou de outros elementos definidores (BELÉN, 1976; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999; ARRUDA, 1999-2000; FREITAS, 2005; LORRIO, 1988-89; 2008; ANTUNES, 2009; SOUSA, 2011).

Inicialmente procedeu-se à divisão do conjunto cerâmico em duas categorias amplas que nem sempre se revelaram decisivas: a nomenclatura sistematicamente utilizada de *formas abertas* e *formas fechadas* acusa uma proposta simples e versátil, residindo a diferença entre ambas na ausência de estreitamento no diâmetro do bordo das primeiras, coincidindo o diâmetro máximo com a abertura, ou, no caso de ser ligeiramente inferior ao do bojo conservado, permitindo ainda o acesso ao interior da peça (BALFET *et alii*, 1983); para a definição de *Subtipos*, a composição geométrica (hemisférica, troncocónica, *etc.*) pode eventualmente aproximar-nos da sua verdadeira capacidade e permitir interrelações com outras tipologias; a morfologia geral do perfil da parede do vaso – inclinação da parede relativamente à linha horizontal (curvilínea, côncava ou convexa ou rectilínea) e a morfologia dos bordos (inclinação, estrutura ou extremidade do lábio) é definidora das *Variantes*.

Trata-se de uma tipologia aberta, que seguiu, inicialmente, uma análise genérica do conjunto de modo a caracterizar o grupo tipológico e, por conseguinte, a subdivisão em categorias mais específicas. A classificação formal que elaborámos não está isenta de dúvidas e foi em parte dificultada pela ausência de perfis completos. Por outro lado, a nomenclatura utilizada pode também ser discutível, com distintos significados, de acordo com a realidade artefactual estudada ou a valorização de outras características morfológicas.

#### **4.1.3. 1. REPERTÓRIO FORMAL**

A tipologia proposta para o conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim tentou seguir, como referimos, uma caracterização formal e morfológica que permitisse a definição de tipos formais a partir de exemplares muito fragmentados e a definição de variantes a partir de uma grande diversidade morfológica de bordos ao longo das várias fases de ocupação do Castelo. Deste modo, entre as formas abertas incluímos tigelas, taças carenadas, pratos e grandes recipientes, e, entre as formas fechadas, definimos a presença de pequenos e grandes recipientes. Em cerca de 80% dos casos conseguimos atribuir uma classificação tipológica.

##### **Formas Abertas**

##### **Tipo I – Tigelas**

Este tipo de recipientes caracteriza-se pela forma aberta, de corpo relativamente profundo, com uma grande variabilidade de dimensões, cujas características morfológicas da orientação das paredes foram decisivas para o estabelecimento de três *Subtipos* principais, mediante a presença de um perfil simples hemisférico (IA) ou troncocónico (IB). A variabilidade morfológica do bordo respectivo foi essencial para a definição de diversas *Variantes*.

Ainda em relação às tigelas de perfil simples, importa referir que, se, por um lado, a maioria dos exemplares se integra nos vasos de perfil hemisférico, por outro, a distinção relativamente à variante troncocónica nem sempre foi clara, em particular quando o perfil conservado é bastante reduzido e a distinção entre paredes de tendência curvilínea e rectilínea nem sempre evidente. A classificação do subtipo a partir da caracterização do lábio foi essencial para determinar a própria variante: contudo, em muitos casos, a dificuldade dessa distinção recomenda igualmente alguma prudência na valorização das diferenças. Trata-se de uma observação a ter em conta também no caso das taças carenadas, que revelaram bastantes dificuldades na distinção entre variantes. Ainda a este respeito, importa referir que alguns dos fragmentos classificados como *Indeterminados* poderiam pertencer provavelmente a uma destas categorias, sendo que a integração tipológica se tornou particularmente complexa devido ao estado fragmentário do conjunto e à semelhança entre muitas características morfológicas.

Também entre os fundos classificados se verifica uma grande variabilidade de

formas. Não obstante, e partindo ainda dos raros exemplares completos, é provável que as tigelas apresentassem frequentemente fundos planos ou fundos convexos de pé destacado, sendo que os de pé anelar surgem essencialmente associados a uma variante concreta e a fases de ocupação mais recentes.

### **I.A – Tigelas hemisféricas**

No conjunto em estudo, esta forma engloba recipientes de perfil simples hemisférico, paredes de tendência curvilínea convexa sem carenações ou exvasamentos. O exame mais minucioso das características do extremo do bordo e lábio permitiu-nos distinguir diversas variantes:

**I.A.1** – Tigelas hemisféricas de bordo arredondado simples no prolongamento da parede, com uma tendência curvilínea convexa na ligação da parede ao bordo, com possível espessamento muito suave na superfície interna;

**I.A.2** – Tigelas hemisféricas de bordo espessado internamente, mais ou menos marcado;

**I.A.2a** – Bordo arredondado simples com marcado espessamento de secção circular no lábio interior;

**I.A.2b** – Bordo com espessamento do lábio interno de forma tendencialmente amendoada;

**I.A.3** – Tigelas hemisféricas que se distinguem por um espessamento externo do bordo, mais ou menos marcado, por vezes de forma pontiaguda e exvasada, e outros de lábio arredondado simples.

**I.A.4** – Tigelas hemisféricas cujo bordo se encontra ligeiramente espessado, tanto interna como externamente, por vezes com lábio tendencialmente ovóide.

**I.A.5** – Tigelas hemisféricas de bordo biselado, por vezes ligeiramente reentrante. É esta uma variante que, como veremos, está especialmente bem representada na Fase V, apresentando características claramente distintivas das restantes variantes por estarem quase todos os exemplares associados a um fabrico particularmente cuidado e a outras características decorativas distintivas (refira-se sobretudo a presença de três caneluras na superfície externa). Alguns fragmentos de escassa altura conservada, mas com bordos de idênticas

características, foram também englobados nesta variante.

Esta é uma classificação de grande variabilidade morfológica, nomeadamente no concernente às dimensões, registando-se diâmetros entre 12 e 32 cm., com a maioria entre 17 e 25 cm., bem como uma grande diversidade de bordos, característica comum a esta categoria tipológica. A distinção da variante e das suas características morfométricas viu-se ainda dificultada pela escassez de exemplares com perfis completos conservados, tendo sido em numerosos casos quase impossível fazer uma integração tipológica precisa; não foi também seguida como critério orientador a procura de um eventual significado cronológico ou funcional.

### **I.B – Tigelas troncocónicas**

Esta forma distingue-se pela incorporação de fragmentos de bordos cujas paredes indiciam uma inclinação rectilínea, traçando um perfil em geral troncocónico. O bordo é geralmente simples, com alguns raros casos de engrossamento pouco acentuado, e, quando existe, alguns apresentam uma secção tendencialmente ovóide. A classificação e integração nesta variante é frequentemente discutível, sobretudo devido ao estado acentuadamente fragmentário do conjunto. Os diâmetros dos bordos oscilam entre 18 e 24 cm., notando-se alguma concentração entre 20 e 22 cm.

### **Tipo II – Taças Carenadas**

Nesta forma foram englobados recipientes abertos e esvasados, a par de recipientes de perfil carenado. Trata-se de vasos que se distinguem essencialmente pela presença de uma carena mais ou menos marcada e diferentes das tigelas e pratos pela maior profundidade relativa, ainda que não tenha sido possível uma determinação do índice diâmetro/altura. Nesta categoria definimos apenas Subtipos (1, 2, 3, *etc.*), que foram identificados a partir, sobretudo, da morfologia da peça, da inclinação do bojo e da posição relativa da carena no vaso. As características do bordo foram igualmente determinantes para a definição das Variantes (a, b, c). Contudo, perante a fragmentação do conjunto, a variabilidade morfológica em alguns casos, e a ausência de exemplares completos, não pretendemos distinguir cada variação apenas ao nível do bordo, pelo que em alguns casos específicos nos socorremos também da procura de paralelos para uma

possível proposta de classificação.

Mais uma vez, é esta uma classificação não isenta de dúvidas, em parte suscitadas por dificuldades resultantes da fragmentação dos exemplares, e mesmo pela variedade de nomenclaturas tipológicas. Com efeito, resulta uma tarefa difícil determinar, por um lado, uma tipologia coerente a partir de uma certa falta de homogeneidade em alguns dos subtipos definidos e, por outro, obter uma correspondência directa de alguns dos vasos integrados nesta categoria em outras tipologias de cerâmica cinzenta que recorrentemente atribuem a designação de, *e.g.*, *tigelas de perfil carenado* ou *pratos carenados*. De qualquer modo, pretendemos reunir como peças de perfil carenado sob a designação de Taças Carenadas recipientes que reflectirão possivelmente muitas morfologias reconhecíveis nas categorias de tigelas, pratos ou taças de outras tipologias de cerâmica cinzenta, mas que, em última instância, se destinariam às mesmas utilizações.

Resta desde já sublinhar que, de um modo geral, as taças de perfil carenado, sobretudo o Subtipo I, são bastante representativas em todo o conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim, com alguma homogeneidade de evolução ao longo da ocupação do sítio, à excepção de algumas formas exclusivas de determinadas fases.

### **II.1 – Taça com suave carena média e bordo tendencialmente esvasado**

Trata-se um recipiente semiesférico com uma suave inflexão na zona média que inicia o esvasamento da metade superior, sem romper a orientação da parede. Apresenta um perfil suave com um bordo geralmente arredondado, por vezes espessado ou apontado. Incluímos também nesta forma alguns escassos recipientes que apresentam igualmente um perfil suave com uma carena tendencialmente mais alta e bordo curto ligeiramente esvasado (**II.1.a**). Não foi possível recuperar quaisquer peças de perfil completo que permitissem medir a altura integral; contudo, estes recipientes não seriam muito profundos. Registámos recipientes com diâmetros mais reduzidos, entre *ca.* 14 e 20 cm., bem como outros maiores, com diâmetros entre 20 e 30 cm.

### **II.2 – Taças de carena alta acentuada e bordo esvasado arredondado**

Vaso aberto de perfil composto com uma carena alta acentuada que assinala o esvasamento do bordo, em alguns casos com um ressalto bem marcado na superfície



externa, resultando numa peça de tendência curvilínea, metade inferior semiesférica. Bordo tendencialmente curto e arredondado, por vezes espessado. Alguns exemplares únicos apresentam ligeiras diferenças morfológicas ao nível do bordo que não considerámos justificarem a sua divisão em variantes, designadamente um bordo ligeiramente mais destacado e tendencialmente horizontal.

Trata-se de uma taça medianamente profunda, não nos permitindo a falta de exemplares completos proceder a uma conveniente caracterização métrica. Os diâmetros medeiam entre 22 e 26 cm., com alguns exemplares de maiores dimensões entre *ca.* 28 e 30 cm.

### **II.3 – Taça carenada de perfil esvasado e bordo apontado**

Taça aberta de tendência semiesférica com uma carena média, sobretudo marcada no perfil exterior, a partir da qual se esvasa um bordo mais amplo e esvasado do que a variante anterior, com lábio tendencialmente apontado. Diâmetros entre 18 e 22 cm.

### **II.4 – Taças de carena baixa e bordo esvasado**

**II.4.a** – Taça de carena baixa acentuada, bordo contínuo e pequeno lábio de tendência arredondada. Apresenta a metade superior côncava e perfil inferior com orientação recto-côncava. Encontra-se representada no conjunto analisado por dois fragmentos, correspondentes a dois indivíduos. Os diâmetros do bordo têm cerca de 23 cm. Apresenta polimento em ambas as superfícies.

**II.4.b** – Taça de carena baixa acentuada, bordo esvasado e aplanado. Apresenta paredes recto-côncavas, com a zona abaixo da carena com uma orientação mais horizontal da metade inferior. Apenas representada por um fragmento com 22 cm. de diâmetro. Apresenta polimento em ambas as superfícies.

### **II.5 – Taças carenadas de tendência vertical**

Trata-se de um recipiente aberto com carena relativamente média, sobretudo marcada no exterior, metade inferior semiesférica, corpo superior cilíndrico, e de tendência vertical, por vezes com diâmetro de abertura muito próximo do de carena. Esta forma suscitou idênticas dificuldades de interpretação, resultantes, por um lado, do

estado de considerável fragmentação e da fraca expressão deste tipo no registo arqueológico do sítio, e, por outro, pela variabilidade morfológica, delineada muitas vezes a partir de exemplares únicos. Algumas peças não permitiram sequer a medição dos diâmetros; contudo, perante estas características, estas seriam formas de menores dimensões comparativamente às anteriores. Assim, a subdivisão deste tipo compreende três variantes, que se distinguem essencialmente a partir do desenvolvimento do bordo:

**II.5.a** – Bordo simples e arredondado no prolongamento da parede. Registo de diâmetros de 12 e 20 cm.;

**II.5.b** – Bordo esvasado, arredondado e aplanado. O único exemplar desta forma tem cerca de 20 cm. de diâmetro;

**II.5.c** – Bordo curto espessado exteriormente de secção arredondada. Os dois exemplares integrados nesta forma apresenta uma carena mais suave e 22 cm. de diâmetro.

### **Tipo III – Pratos**

A este tipo fizemos corresponder bordos simples e esvertidos de tendência horizontal, lábio largo e aplanado, por vezes ligeiramente esvertido. A classificação formal nem sempre foi fácil, por um lado, devido essencialmente ao índice de fragmentação dos bordos, sem qualquer exemplar de perfil completo, e, por outro, pela tentativa de concordância com as principais tipologias de cerâmica cinzenta que recorrentemente variam na atribuição da nomenclatura de Pratos às Taças e Taças carenadas que incluímos no nosso estudo. Neste sentido, não será demasiado realçar novamente o facto de muitos destes fragmentos poderem corresponder a outras categorias tipológicas definidas neste trabalho ou mesmo integrar o grupo de Indeterminados.

Assim, seguimos essencialmente a proposta da equipa do Museu do Homem (BALFET, FAUVET-BERTHELOT, MONZÓN, 1983), segundo a qual se trata de recipientes esvasados e pouco profundos, apesar de a maioria das peças do nosso conjunto se encontrar de tal forma fragmentada que impossibilitou a atribuição de parâmetros de altura/ diâmetro recorrentemente utilizados (altura igual ou superior 5 vezes diâmetro da abertura).

Sob a designação de Tipo III integrámos o grupo maioritário de fragmentos de bordos largos, esvasados e aplanados, de lábio simples e arredondado, com um prolongamento da parede que indicaria um recipiente com uma orientação pouco profunda, distinta daquela que observamos na maioria das Taças Carenadas definidas na nossa tipologia. Apenas quatro exemplares apresentam na parede do lado interno, na transição entre o bordo e a parede, um ressalto que poderá corresponder a uma ligeira depressão associada a uma carena no lado interno. Por outro lado, distinguimos apenas a variante **III.a** para um bordo esvasado e aplanado que apresentava um lábio bífido, formando uma pequena canelura.

Destaca-se ainda presença de um prato de cerâmica cinzenta com pintura vermelha aplicada no interior que teremos oportunidade de comentar.

#### **Tipo IV – Grandes Recipientes Abertos**

Sob esta designação incluímos fragmentos com paredes de tendência aberta, com diâmetro entre 24 e 34 cm., corpo tendencialmente semiesférico sugerindo, uma profundidade maior, e paredes de maior espessura. Trata-se de recipientes de grande variabilidade morfológica, sobretudo ao nível do bordo, e num estado de tal forma fragmentário que impossibilita por vezes uma classificação tipológica segura. As variantes definidas são maioritariamente compostas apenas por um único exemplar.

Deste modo, dividimo-los em dois subtipos genéricos que se distinguem essencialmente a partir da tendência do colo mais aberto (**IV.A**) ou fechado (**IV.B**), insuficiente para impedir o acesso ao interior da peça e permitir a sua consideração entre as formas fechadas. As variantes foram definidas essencialmente a partir do desenvolvimento do bordo ou de outras características consideradas relevantes.

**IV.A** – Grandes recipientes abertos de corpo tendencialmente semiesférico e bordo esvasado de secção de várias tipologias:

**IV.A.1** – fragmentos de bordo curto esvasado que destacado do corpo tendencialmente hemisférico. Os exemplares incluídos neste grupo compreendem diâmetros entre 26 e 34 cm. Apresentam várias secções de bordo:

**IV.A.1a** – bordo curto arredondado e colo de perfil suave;

**IV.A.1b** – bordo curto de tendência oblíqua e suavemente pontiagudo;

**IV.A.1c** – bordo curto de secção rectilínea aplanado.

**IV.A.2** – bordo esvasado, ligeiramente espessado e extremo do lábio de tendência oblíqua e arredondado, destacado da metade inferior hemisférica. Os dois únicos exemplares desta forma têm 26 e 30 cm. de diâmetro;

**IV.A.3** – forma semelhante à anterior, mas de bordo esvasado e aplanado, lábio arredondado, separado da metade inferior hemisférica por um ressalte que se destaca do perfil exterior. O único exemplar tem cerca de 24 cm. de diâmetro.

**IV.B** – Grandes recipientes abertos com um perfil do colo tendencialmente fechado, mas cujo constrangimento não dificultaria o acesso ao interior. As diferentes morfologias do bordo permitiram a sua inclusão nas seguintes variantes:

**IV.B.1** – bordo simples arredondado e ligeiramente espessado de tendência vertical, suave constrangimento do colo, metade inferior semiesférica. O único exemplar desta forma tem cerca de 32 cm. de diâmetro e apresenta paredes mais engrossadas;

**IV.B.2** – fragmentos de bordo tendencialmente horizontal e espessado, de colo estrangulado curto ou inexistente, de tendência vertical ou iniciando o corpo do vaso provavelmente ovóide. Os dois únicos exemplares inseridos nesta categoria encontram-se muito fragmentados e têm entre cerca de 28 e 34 cm.

### **Formas Fechadas**

Nesta categoria incluem-se recipientes fechados e compostos, com bordos genericamente esvertidos ou de tendência vertical, estrangulamento do colo e altura variável. Tal como referimos, não foi possível recuperar quaisquer exemplares de perfil completo, o que impossibilitou uma proposta de classificação a partir da relação entre a altura e a largura dos recipientes. Embora com diferentes dimensões e perfis, a orientação das paredes do bordo e os materiais conhecidos em outros sítios permitem

supor que o corpo deste tipo de vaso fosse de tendência globular ou “perfil em S”, sugerindo a profundidade geralmente atribuída a este tipo de recipiente. Neste sentido, considerámos essencial definir inicialmente a subdivisão em dois grupos genéricos de pequenos [V] e grandes recipientes [VI], definidos a partir essencialmente dos diâmetros de abertura do bordo, com a identificação acautelada de variantes ao nível do desenvolvimento do colo, bordo e lábio.

As características deste tipo de recipientes fechados possibilitariam eventualmente uma capacidade maior de retenção de produtos no interior, funcionalidade que podemos associar a actividades domésticas atribuídas geralmente à categoria de Potes/Panelas, com funções de armazenagem, no caso dos grandes recipientes, ou de confecção de produtos alimentares, em particular nos recipientes pequenos.

### **Tipo V – Pequenos recipientes fechados**

Esta série incorpora vasos fechados que foram considerados de pequenas dimensões devido essencialmente ao diâmetro reduzido (comparativamente à categoria de Grandes Recipientes Fechados), compreendendo diâmetros entre 10 e 16 cm. O bordo e o colo, de altura variável, são geralmente estrangulados em relação ao que se supõe que fosse o resto do corpo, ficando, no entanto, por confirmar o diâmetro máximo da peça. À dificuldade em elaborar uma proposta de classificação veio acrescer o facto de não ter sido possível recuperar quaisquer exemplares de perfil completo, mas apenas fragmentos muito reduzidos, cuja orientação das paredes, a par de materiais conhecidos a partir de outros sítios, permite supor que se tratassem de vasos compostos, cujo corpo seria possivelmente de tendência globular. Este tipo de recipientes parece ter desempenhado uma função de armazenamento de líquidos.

Não obstante as várias contingências provocadas pela fragmentação do conjunto, conseguimos identificar três subtipos, definidos a partir do desenvolvimento do bordo e colo:

**V.A.** – bordos simples arredondados no prolongamento da parede, colo de perfil tendencialmente troncocónico, paredes recto-côncavas, sugerindo uma relativa profundidade do vaso. Não foi possível recuperar nenhuma peça completa, pelo

que incluímos neste grupo vários exemplares muito reduzidos e fragmentados que facilmente poderiam considerar-se indeterminados. A possibilidade de medição dos diâmetros, entre 10 e 16 cm., determinou de forma decisiva a classificação;

**V.B.** – recipientes fechados de colo alto estrangulado, tendencialmente convexo e vertical. O bordo é simples, arredondado, ligeiramente esvertido e no prolongamento da parede do colo. Trata-se de uma variante representada por apenas 2 exemplares (2NMI) com diâmetros do bordo entre 10 e 16 cm. Apesar do estado fragmentário das duas únicas peças, as características do colo e recipientes documentados noutros sítios peninsulares levam-nos a considerar que se tratassem de recipientes compostos de corpo tendencialmente globular ou de perfil em S.

### **Tipo VI – Grandes recipientes fechados**

Neste grupo incluímos vasos com um estrangulamento ao nível do bordo ou abaixo deste, com diâmetros que se situam de um modo geral entre 18 e 30 cm. O desconhecimento do modo como se desenvolveria o bojo, sem a recuperação de qualquer exemplar de perfil completo, dificultou significativamente o estabelecimento de paralelos específicos. Contudo, as características mínimas permitem-nos considerar semelhanças com algumas tipologias, designadamente na categoria de Potes/Panelas ou recipientes de armazenamento. Não obstante o reduzido número de exemplares e o estado muito fragmentário da amostra nos pudessem aconselhar a considerar algumas peças entre os fragmentos indeterminados, as mínimas diferenças morfológicas ao nível do desenvolvimento do colo e do bordo permitiram-nos observar três variantes distintas:

**VI.A** – fragmentos de bordo simples esvasado no prolongamento da parede; apesar do estado fragmentário da maioria dos exemplares e da ausência de peças completas, seriam provavelmente recipientes de colo alto estrangulado, tendencialmente troncocónico e rectilíneo. O diâmetro dos bordos é de aproximadamente 20cm.

**VI.B** – recipiente fechado muito semelhante aos anteriores, mas que se distingue pela maior dimensão, com raros exemplares com cerca de 30 cm. de diâmetro, e de paredes ligeiramente mais espessas. Apresenta um colo alto e estrangulado, de tendência convexa, bordo simples esvasado e lábio com algum espessamento.

**VI.C** – formas fechadas de perfil curvo, colo curto e estrangulado e bordo convexo espessado. Nesta forma apenas conseguimos considerar dois exemplares com cerca de 18 cm. de diâmetro, um dos quais apresenta paredes mais finas, ressalto marcado no perfil exterior do colo e lábio com ligeiro espessamento, entrevendo-se a direcção da parede do bojo para um perfil tendencialmente globular (ARRUDA, FREITAS, 2008: 432, 12368).

### **Fundos**

A nossa proposta de sistematização dos fundos de cerâmica cinzenta de Castro Marim revelou-se, desde logo, uma tarefa difícil e aplicada com bastante relutância sobretudo perante o estado fragmentário de uma amostra relativamente vasta mas que se pauta pela escassez de exemplares completos. Deste modo, a classificação seguiu essencialmente a caracterização genérica dos exemplares, pelo que a medição dos diâmetros aplicou-se unicamente às peças com representação gráfica. Deste modo, na ausência de critérios métricos estritos, e salvo as excepções apontadas, a classificação seguiu essencialmente a combinação das características morfológicas, coma indicação geral dos diâmetros mais frequentes, pelo que evitámos a separação entre “fundo pequeno” ou “fundo grande”.

Cumprir dizer, que a maioria dos exemplares recolhidos apresentavam uma base plana ou “em bolacha” que pertencem provavelmente a formas abertas, particularmente tigelas ou taças que se desenvolvem com paredes de diversos graus de inclinação que nem sempre permitem essa correlação. Por outro lado, salvo excepções muito concretas que oportunamente analisaremos, designadamente os fundos de pé anelar, todas as formas definidas desenvolvem-se ao longo de toda a diacronia da Idade do Ferro.

Deste modo, distinguimos a presença de quatro tipos de fundos:

- **fundos planos**, de base totalmente plana, alguns por vezes com uma suave concavidade, diâmetros entre os 5,2 e 10 cm;

- **fundos planos canelados**, que apresentam uma base plana mas com sulcos concêntricos, diâmetros entre 8 e 11 cm;

- **fundos “em bolacha” planos ou côncavos**, ou seja, fundos de pé ligeiramente destacado e com ligação à parede pouco pronunciada e habitualmente hemisférica, de tendência plana ou com uma depressão côncava (FABIÃO, 1998, vol. II: 42), diâmetros entre os 5 e 9 cm;

- **fundos de pé anelar**, ou seja na aplicação de um pé circular que sustenta e eleva o recipiente, por vezes com concavidades mais ou menos pronunciadas, diâmetros entre os 4,8 e os 6,8 cm, alguns casos pontuais de 7 e 12 cm, sendo esta forma característica representada em fases mais tardias.

#### 4.1.4. TÉCNICAS E MOTIVOS DECORATIVOS

A aplicação de técnicas e motivos decorativos nos recipientes de cerâmica cinzenta de Castro Marim constitui uma evidência verdadeiramente residual, à semelhança do que acontece com a maioria das produções cinzentas (*vide* 2), pelo que o registo da sua presença no sítio algarvio reduz-se unicamente a três técnicas: decoração pintada, decoração brunida e decoração canelada por incisão. Tal como já tivemos oportunidade de referir, a grande maioria dos exemplares recolhidos são lisos e apresentam apenas acabamentos simples de alisamento ou polimento/ brunimento, pelo que a ausência ou presença dos motivos decorativos ao longo da diacronia de Castro Marim, reveste-se de um real significado cronológico e cultural que acompanha a evolução observada em outros ambientes geográficos próximos.

A **decoração pintada** está unicamente documentada em duas peças: a primeira, proveniente da fase III, trata-se de uma tigela hemisférica de perfil completo I.A.2a que apresenta vestígios da aplicação de um engobe ou aguada de tonalidade castanha-avermelhada homogénea (Munsell 2.5YR3/2), cobrindo quer a superfície externa, quer a interna, logo abaixo do lábio, e sem qualquer tipo de esquema decorativo. Observou-se também vestígios de pintura ou engobe avermelhado aplicada sobre a superfície interna de um bordo esvasado de um provável prato (III), muito fragmentado, proveniente de níveis da fase IV.

A **decoração brunida** está igualmente presente em apenas um fragmento de bojo da fase IV. Trata de uma decoração que se observa um motivo de “espiga” ou



traços oblíquos que parecem organizar-se em bandas. Como oportunamente analisaremos, apesar do carácter minoritário deste tipo de decoração em Castro Marim, o facto de se tratar de uma técnica que surge num contexto tardio de abandono da fase IV, provavelmente entre finais do séc. VI a.C. e início da centúria seguinte, integra-se plenamente entre os modelos conhecidos em várias áreas peninsulares durante a primeira metade do primeiro milénio a.C.

A **decoração canelada** por incisão constitui o motivo decorativo mais abundante e singular de todo o conjunto, muito embora ocorra apenas na fase V em concreto, particularmente num momento que medeia entre finais do séc. V a.C. e IV a.C., reforçando assim o seu carácter marcadamente local/ regional. Este tipo de decoração consiste num esquema simples de três ou quatro linhas incisas paralelas pouco profundas e horizontais aplicadas sempre na superfície exterior e metade inferior da peça. Como teremos oportunidade de comentar, a sua aplicação é particularmente distintiva por vários motivos, designadamente, por ser significativamente frequente, senão exclusiva, em tigelas hemisféricas I.A.5, de bordo biselado, e geralmente do grupo 2 de fabrico, de características igualmente singulares e muito cuidadas.

Ainda no que respeita à decoração canelada, registámos a presença de um fundo de pé anelar com linhas incisas paralelas, mas consideravelmente mais profundas e largas do que as analisadas anteriormente. Trata-se de um exemplar proveniente de níveis descontextualizados da Fase VI, pelo que as suas características permitem incluir este exemplar entre a designada “decoração ziguezagueante” com uma cronologia entre a primeira metade do séc. VI e o final do séc. V a.C.

Entre as técnicas aplicadas sobre as superfícies, devemos referir a presença de um **grafito inciso** sobre a base externa de um fundo plano proveniente da fase IV. Trata-se de um motivo inciso pré-cozedura, com linhas quebradas convergentes, formando um triângulo escaleno, não necessariamente decorativo, mas possivelmente simbólico, eventual marca de propriedade ou de oleiro.

## **5. A CERÂMICA CINZENTA AO LONGO DA DIACRONIA DE OCUPAÇÃO DO CASTELO DE CASTRO MARIM:**

### **5.1. Descrição e distribuição espacial do conjunto:**

Embora a leitura dos vestígios arquitectónicos nem sempre seja inequívoca, a análise da distribuição espacial dos recipientes considerados permitir-nos-á compreender melhor a utilização e associação da cerâmica cinzenta entre os vários compartimentos e áreas exteriores nos vários momentos de ocupação. Embora os materiais sejam maioritariamente provenientes de contextos de abandono, a impossibilidade da recuperação de qualquer recipiente fragmentado em conexão anatómica impede-nos de identificar um típico contexto primário de abandono. Não obstante, é possível sugerir a proximidade de alguns contextos específicos dos respectivos locais de abandono, integrando-os, por conseguinte, na análise da distribuição espacial.

#### **5.1.2. Fase II**

##### **Caracterização da amostra e distribuição espacial**

A caracterização deste momento de ocupação levantou algumas dificuldades, sobretudo pela escassez e mau estado de conservação de vestígios arquitectónicos, muitos dos quais se encontram sob edifícios de fases posteriores, e pela ausência de contextos primários. Ainda assim, na zona central da escavação podemos observar construções com fundações no substrato rochoso, de planta rectangular a que parecem associar-se vestígios de plantas de tendência ovalada. A introdução do torno na olaria parece ter influência sobre o material exumado, que, apesar de escasso, revela alterações em relação à fase anterior que permitem postular uma datação entre os finais do século VIII e a primeira metade do século VII a.C.

A cerâmica cinzenta recolhida nas U.E.'s integradas nesta fase provem essencialmente de estratos de aterros ou nivelamentos do terreno depositados sobre o substrato rochoso, estando os materiais em estado muito fragmentário: alguns de morfologia indeterminada, outros com perfis conservados que apenas permitem distinguir a tendência das paredes e do bordo, e sem qualquer representação gráfica.

Deste modo, foram recolhidos escassos fragmentos na U.E. [935], um estrato sobre substrato rochoso, localizado junto ao limite Oeste do sector 1, designadamente

dois bordos de tigelas sem atribuição tipológica. Associada à estrutura de tendência sub-circular situada na zona Nordeste da escavação, definiu-se a U.E. [218], um estrato de aterro cujo topo foi posteriormente solo de utilização, e onde se analisaram nove fragmentos de cerâmica cinzenta, dois dos quais de morfologia indeterminada, e sete permitindo apenas uma atribuição tipológica genérica, designadamente três bordos de forma I.A.1, um fragmento inserido na forma I.A.3 e três fundos “em bolacha”, côncavo e plano.

Sob esta U.E. definiram-se várias fossas escavadas na rocha, em cujos enchimentos foi possível recuperar vários fragmentos de cerâmica cinzenta. No enchimento [226] analisaram-se oito fragmentos, designadamente quatro bordos muito fragmentados de tigelas hemisféricas (I.A.1, I.A.2a), um fundo “em bolacha” e outro plano.

No estrato de derrube e/ou aterro [239], cujo topo foi posteriormente solo de utilização, apenas se registou um bordo de uma possível tigela de tipo I.A.1; do enchimento [230], muito truncado pela U.E. [229], recolheram-se apenas dois fragmentos indeterminados. Do estrato de aterro [897], com cerâmica no topo e sob [886], foram recolhidos duas tigelas de cerâmica cinzenta de forma I.A.2a. No aterro do compartimento 5 [1196], uma camada de nivelamento de um piso relacionado com a estrutura localizada na área central da escavação, recolheu-se apenas um exemplar da forma I.A.1 muito fragmentado. Num último estrato de aterro na zona Norte do Sector 1 [1298] foram recolhidos apenas um fundo “em bolacha” côncavo e um bordo indeterminado (Estampa I).

No total do conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim, apenas 24 (NMI) fragmentos foram analisados na fase II da ocupação, dos quais apenas 19 permitiram uma classificação tipológica. Trata-se de uma amostra muito reduzida e fragmentária, sem registo de qualquer exemplar de perfil completo. No entanto, é possível ainda evidenciar uma predominância da forma I.A.1, contando 8 fragmentos, seguindo-se a variante I.A.2a com 3 bordos, a variante I.A.3 e a taça carenada de perfil suave (II.1), representadas apenas por exemplares únicos. Os fundos registados [6NMI] são maioritariamente “em bolacha”, côncavos e planos. A este respeito, e como veremos adiante, não será inútil referir que a tigela hemisférica é uma forma relativamente

homogénea no conjunto da cerâmica cinzenta recuperada ao longo da diacronia da Idade do Ferro de Castro Marim, sendo igualmente recorrente em inúmeros sítios de feição orientalizante desde a segunda metade do séc. VIII a.C. e mantendo-se, apesar de um decréscimo tendencial, como produção característica em períodos subsequentes (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999, 2005).

Em suma, o conjunto em análise não permitiu aduzir considerações cronológicas e interpretativas de relevo para este momento inicial da ocupação do sítio, sendo um conjunto tipológico consideravelmente reduzido e muito fragmentário, composto unicamente por exemplares do grupo 1 de fabrico. A estratigrafia identificável no sítio, ainda que truncada, bem como os materiais recuperados, sobretudo a maioritária cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006: 68-74), sugerem uma cronologia entre finais do séc. VIII e a primeira metade do séc. VII, uma vez que a fase seguinte parece ter início na segunda metade do mesmo século.

### 5.1.3. Fase III

#### **Apresentação da amostra:**

O registo de cerâmica cinzenta atribuída à Fase III é composto por 319 fragmentos inventariados, **243** dos quais correspondem ao NMI. Alguns fragmentos, cuja reduzida dimensão impossibilita uma classificação formal inequívoca, foram incluídos no grupo de formas indeterminadas (**39** NMI). Trata-se de um conjunto bastante fragmentário, com raros exemplares de perfil completo, o que reduz a possibilidade de uma rigorosa análise tipológica.

De momento, a partir da avaliação possível do NMI de cerâmica cinzenta proveniente das camadas estratigráficas atribuídas à Fase III, **173** fragmentos correspondem a bordos com uma classificação tipológica segura e **31** a fragmentos de fundos. A partir da contabilização dos fragmentos que permitiriam uma classificação segura, verificámos desde logo que a grande maioria do conjunto exumado é constituída por formas abertas, enquanto os recipientes fechados são praticamente residuais (Anexo).

A cerâmica cinzenta recolhida neste contexto é de algum modo caracterizável por alguns traços de carácter orientalizante. Com efeito, e como teremos oportunidade de verificar com maior detalhe, as formas aqui presentes surgem sem excepção nos momentos de ocupação seguintes, nomeadamente a forma que designámos por tigela, de presença assídua, e, de forma diversa, surgem também exemplares únicos nesta fase em todo o conjunto.

No conjunto agora estudado observa-se, então, a presença evidente das tigelas [145NMI], quer de perfil simples hemisférico (I.A.), quer troncocónico (I.B), representando 59% do conjunto total, seguidas das taças carenadas II, representando 7,4% do conjunto. Os recipientes integrados na categoria de Pratos (III) estão também escassamente representados totalizando apenas 3% do conjunto, assim como os restantes tipos formais (IV, V, VI) definidos partir de exemplares únicos (Gráfico).

A análise do conjunto maioritário dos recipientes classificados como tigelas revela uma clara preferência pelas formas de perfil hemisférico (129NMI), em detrimento pelos perfis troncocónicos (16NMI), representando as primeiras cerca de

52,5% da amostra da Fase III, distribuídas pelas variantes definidas. Entre os fragmentos da forma I.B, importa referir que não se registaram quaisquer fragmentos de perfil troncocónico com uma distinção ao nível do bordo. A este respeito, importa, contudo, mencionar ainda que a distinção relativamente à variante troncocónica nem sempre é clara, sobretudo quando o perfil conservado é bastante reduzido e a distinção entre paredes rectilíneas ou hemisféricas não é evidente, sendo ainda que alguns dos fragmentos classificados como *Indeterminados* (Ind.) poderiam pertencer provavelmente a uma destas duas categorias. De qualquer modo, e apesar do acentuado estado de fragmentação da amostra, trata-se de grupos maioritários no conjunto das formas abertas. A classificação do subtipo a partir da caracterização do lábio foi essencial na determinação da própria variante; contudo, em muitos casos, a dificuldade desta distinção recomenda alguma prudência na ponderação das diferenças.

Assim, entre a categoria das **tigelas de perfil hemisférico (I.A)**, a maioria dos exemplares integra-se na forma **I.A.1**, de tigela hemisférica de bordo arredondado simples, (69 NMI) representando 28% da amostra total das tigelas, tendo sido possível recuperar apenas um exemplar de perfil completo, de bordo simples arredondado e fundo plano (Est. VI, nº 11045). Ainda nos recipientes classificados como tigelas hemisféricas, destacamos a presença maioritária de tigela **I.A.2** (46 NMI), totalizando cerca de 19% da amostra deste momento. A maioria dos exemplares integra-se na variante **I.A.2a** (44NMI), que se distingue pelo bordo espessado internamente de secção circular, embora se registem alguns fragmentos de secção amendoada **I.A.2b**, e um fragmento com lábio de tendência rectilínea, que não considerámos, todavia, que justificassem a observação de uma nova variante.

Entre estas tigelas hemisféricas de bordo espessado internamente decidimos incluir e destacar uma peça (1NMI) de características muito particulares em toda a fase III, e mesmo exclusiva deste momento [Est. V, nº14686]: composta por vários fragmentos, permitiu delinear um perfil quase completo, com cerca de 30 cm. de diâmetro, sem vestígios da morfologia do fundo, bordo pequeno arredondado e espessado internamente, corpo hemisférico menos profundo, paredes tendencialmente mais espessadas do que o bordo, e com uma orientação mais horizontal do que a maioria dos exemplares integrados nesta variante. Por outro lado, e como veremos, é o único exemplar desta fase com características de fabrico particularmente cuidadas

(grupo 3), pastas muito depuradas, de tonalidade castanha-avermelhada, resultantes de uma cozedura oxidante/redutora intencional, superfícies cinzentas escuras com um acabamento muito cuidado, de extrema qualidade e homogeneidade, sugerindo a aplicação de um eventual engobe e/ou de polimento intenso. Como teremos oportunidade de observar, a procura de paralelos para esta peça em concreto não se revelou simples, a par da inclusão entre a nossa categoria de tigelas, uma vez que o índice diâmetro/altura aconselharia eventualmente a integrá-la na categoria de pratos. Contudo, não descartamos a hipótese de que este exemplar pudesse corresponder a uma importação de grande qualidade, de origem desconhecida.

Ainda no concernente às formas hemisféricas, foi possível recuperar uma tigela de perfil completo com bordo arredondado e fundo plano **I.A.2a**, com vestígios de decoração pintada no interior (Est.VIII, nº 13889), sendo igualmente o único exemplar da fase III. As restantes variantes apresentam valores menos expressivos, muitas em estado fragmentário, dificultando por vezes a leitura morfológica (Gráfico): os exemplares atribuídos à forma **I.A.3**, com ligeiro esvasamento do bordo, espessamento externo do lábio, ou ligeiramente apontado, têm também alguma expressividade no conjunto (10 NMI). Apenas dois fragmentos apresentam um bordo ovóide **I.A.4**, enquanto dois indivíduos da variante **I.A.5** apresentam um pequeno bordo ligeiramente reentrante e biselado (Est. II-X). Esta última variante, integra os raros exemplares com estas características, consideravelmente diferentes do conjunto maioritário recolhido noutras fases de ocupação de Castro Marim, designadamente – e como teremos oportunidade de analisar – na Fase V.

Relativamente ao conjunto que classificámos como **Taças Carenadas (II)**, devemos referir novamente que a classificação não está isenta de dúvidas, suscitadas, em parte, por dificuldades resultantes da fragmentação dos exemplares. Analisando o gráfico desta categoria (Anexo) verifica-se que o conjunto conta com 18 indivíduos, sendo, contudo, possível distinguir algumas variantes (Est. II-X): as formas mais representativas são tigelas com uma suave carena média (**II.1**), dois indivíduos de perfil suave e bordo mais curto (**II.1.a**), e tigelas com carena alta acentuada e bordo esvasado (**II.2**), representadas por apenas seis indivíduos. Foi ainda possível recolher um exemplar da variante **II.3**, de perfil mais esvasado que a variante anterior, e ainda um

único exemplar que integrámos na variante **II.5.a**, recolhido num estrato de aterro próximo do compartimento 10. Embora tenham obstado à classificação dificuldades originadas pela reduzida dimensão do fragmento, que impossibilitava a determinação da extensão do diâmetro de abertura, as características singulares, com uma carena central, sobretudo marcada no exterior, dividindo a metade inferior semiesférica da metade superior de tendência divergente e bordo simples contínuo, bem como as similitudes com a forma 19.2 de Castillo de Dña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 134), levam-nos a considerar que tivesse esta sido originalmente uma peça de menores dimensões.

A classificação dos fragmentos considerados entre as taças carenadas aconselha uma observação idêntica àquela aduzida para as tigelas hemisféricas. As dificuldades no estabelecimento de distinções entre variantes foram levantadas em parte pela fragmentação do conjunto e pela ausência de uma certa homogeneidade característica deste tipo de categoria formal. Não obstante, não devemos deixar de observar que as taças de perfil carenado são, apesar de tudo, uma forma dominante, comparando-as com outras formas tipológicas frequentemente definidas a partir de exemplares únicos (Anexo).

Como adiante teremos ocasião de observar, estão ausentes determinadas variantes identificadas exclusivamente noutras fases tardias da ocupação de Castro Marim, como, *e.g.*, as taças de carena baixa e bordo esvasado (II.4), sendo, no entanto, admissível que quer a forma II.1, quer a taça de carena alta acentuada e bordo curto esvasado arredondado II.2, sejam predominantes ao longo de todas as fases de ocupação, é certo que com transformações e evoluções que não se consideram, ainda assim, muito significativas (Anexo).

Entre os recipientes classificados como **Pratos (III)** reconhecemos apenas 6 indivíduos, correspondentes a bordos simples e com um perfil bastante truncado, o que uma vez mais justifica a nossa prudência em não diferenciar variantes (Est. II-X).

Entre os recipientes classificados como **Grandes Recipientes Abertos (IV)** foi recolhido na fase III o único exemplar da variante **IV.A.1a**, correspondente a um vaso com cerca de 26 cm. de diâmetro, bordo curto esvasado arredondado que se destaca do colo iniciando um perfil suave da metade inferior hemisférica, e de relativa



profundidade (Est. X, 13737). A este respeito, é de igual modo evidente a escassez de exemplares integráveis nesta categoria, que não hesitaríamos mesmo em considerar residual, o que não nos impede, todavia, de admitir que o exemplar recolhido não deva ser senão uma reprodução em cerâmica cinzenta de outras formas de categorias diferentes, como a cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006: 44, *fig.* 13, Forma 7.D), e que pudesse ter servido mesmo funções similares às desempenhadas por outras tipologias de cerâmica cinzenta, como as tigelas e taças.

Integrados na categoria de **Formas Fechadas**, a Fase III permitiu a recuperação de alguns fragmentos de bordos que, apesar do frágil estado em que se conservam, considerámos pertinente tomar em consideração para a classificação tipológica, no sentido de evidenciar também a diversidade morfológica e funcional deste momento da ocupação de Castro Marim. Nesta categoria, importa que reiteremos a dificuldade do processo de classificação, resultado uma vez mais da reduzida dimensão de numerosos fragmentos, por vezes inviabilizando a determinação do diâmetro de abertura, ou mesmo uma verificação elucidativa do perfil dos recipientes.

Neste contexto, recolhemos um fragmento de bordo que poderá corresponder a um pequeno recipiente fechado do **Tipo V.A**, com diâmetro de 16 cm., bordo exvasado simples e pontiagudo, cujas características de orientação convexa da parede e do bordo parecem sugerir um estrangulamento do colo (Est. VI, 12286). Infelizmente, o reduzido tamanho do bordo não aconselha avançar interpretações mais extensivas.

Ainda entre estas formas fechadas, considerámos dois indivíduos, de dimensões muito reduzidas, que parecem corresponder a um grande recipiente fechado do **Tipo VI.A**, com o bordo simples arredondado no prolongamento da parede, vestígio do que parece ter sido o estrangulamento do colo, com um perfil troncocónico (Est. X, 15373). Trata-se uma vez mais de uma forma com muito pouca expressão nesta fase, pelo que os fragmentos aqui incluídos não permitem aduzir interpretações inequívocas. Pelos paralelos que conhecemos das formas fechadas, e que teremos mais tarde oportunidade de comentar de forma mais detalhada, poderíamos sugerir um corpo inferior de tendência globular.

Por fim, entre os fragmentos de **fundos** classificados nesta fase [31NMI], a maioria parece corresponder a fundos planos, de pé ligeiramente destacado: aquilo que

poderíamos designar como fundos “em bolacha” (BEIRÃO *et alii*, 1985; FABIÃO, 1998, vol. II: 42), de tendência plana ou côncava, com ligação à parede pouco pronunciada e habitualmente hemisférica (Gráfico). Deste conjunto destacamos um exemplar muito fragmentado que apresenta um fundo plano canelado (Est. VII, nº 14496). A maioria dos fragmentos recolhidos parece genericamente corresponder a formas abertas, como tigelas ou taças, sendo possível que alguns correspondam a recipientes de maior dimensão (no entanto, a reduzida dimensão da maioria dos fragmentos conservados nem sempre permite essa correlação). Além da escassa variabilidade formal, note-se também a ausência de fundos de pé anular, característica bastante representada em fases tardias, a partir do que se poderá inferir, então, a antiguidade do conjunto da Fase III (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999; LORRIO, 2008: 312).

Relativamente aos **fabricos**, todos os grupos definidos se encontram representados no conjunto de cerâmica cinzenta da fase III, à excepção do Grupo 2 (Gráfico). O grupo maioritário é claramente **1A**, designadamente em mais de metade de toda a amostra da fase III, contando cerca de 91% (219NMI). Por outro lado ainda, este grupo maioritário está representado por todas as formas tipológicas reconhecidas nesta fase, à excepção do único fragmento do tipo II.5.a. Esta última forma está inserida no grupo **1B**, que inclui igualmente 10 indivíduos, integrando formas como tigelas (I.A.2a), taças carenadas (II.1, II.2), um fragmento de prato de bordo simples (III) e um fundo plano grande, representando 4%. O grupo **1C** é igualmente residual, composto por apenas 7 exemplares, estando presente em três tigelas (I.A.1., I.A.2a), três taças carenadas (II.1, II.2) e um fundo “em bolacha” plano. O fabrico **3**, sendo, por um lado, o grupo menos representado nesta fase (representando cerca de 2%), é por outro, contudo, e a par da fase seguinte de Castro Marim, o momento de ocupação com maior número de exemplares inseridos neste grupo, designadamente tigelas (I.A.2a), um fundo “em bolacha” plano e o único fragmento desta fase da forma fechada V.A. Integrado neste último grupo, cabe ainda referir novamente a singular tigela de perfil hemisférico I.A.2a, com uma rara qualidade de fabrico (n.º14686).

Do ponto de vista **decorativo**, apenas se recuperou um fragmento de um recipiente da forma I.A.2a, ligeiramente fragmentado, com perfil completo, embora sem ligação entre bordo e fundo, integrado no grupo de fabrico 1A, e com vestígios do que

parece ter sido um engobe ou aguada de tonalidade castanha-avermelhada homogénea (Munsell 2.5YR3/2), cobrindo quer a superfície externa, quer a interna, logo abaixo do lábio. Sem qualquer tipo de esquema decorativo, apresenta polimento em ambas as superfícies (Est. VIII, nº 13889).

### **Distribuição Espacial:**

Na **Fase III** da ocupação de Castro Marim apresenta-se-nos uma reorganização que pressupõe um planeamento arquitectónico predefinido, nomeadamente através da identificação arqueológica de duas áreas edificadas distintas, separadas por um amplo espaço. A escavação permitiu verificar que algumas áreas foram sujeitas a numerosas acções de remodelação, com vários equipamentos domésticos sobrepostos, reflexo da intensidade desta fase da ocupação. A área central do sector 1 representa precisamente este cenário de sucessivas remodelações, tendo a escavação destas realidades permitido verificar que os compartimentos 5 e 8 foram ambos construídos num momento posterior (OLIVEIRA, 2006: 75, *fig.* 24). De forma semelhante, a sequência estratigráfica do compartimento 10 revelou uma forte persistência na ocupação deste espaço, com a sucessiva construção de pisos, lareiras e outros equipamentos (*Eadem, ibidem*).

A proposta de cronologia avançada por estudos de espólio, designadamente a cerâmica de engobe vermelho e os trípodas, corresponde à segunda metade do séc. VII a.C., com uma duração que se prevê extensa, tendo em atenção as sucessivas transformações que evidencia o registo arqueológico, prefigurando assim um novo desenvolvimento social e económico associado à influência comercial do Mediterrâneo Oriental que se fez sentir na região do Estreito, localizando-se Castro Marim na periferia desta influência (ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007: 468, 475-476; ARRUDA *et alii*, 2009: 79).

Desde modo, no limite Norte do Sector 1, acompanhando a orientação do contorno da colina, foram identificados os **compartimentos 1, 2, 3 e 4**, que deveriam provavelmente corresponder a um único edifício (ARRUDA *et alii*, 2007), encontrando-se os materiais recuperados sobre os pisos dos vários espaços num estado de

considerável fragmentação. Apenas em duas U.E.'s, correspondentes ao derrube e aos pisos do compartimento 3, foram recolhidos conjuntos de cerâmica cinzenta, entre os quais destacamos o solo de ocupação [347/351], onde se identificaram, entre outros fragmentos, três bordos de tigelas de tipo I.A.2a, um fragmento da forma I.A.5, um prato indeterminado e um fundo plano (Est.II-V). Na zona situada em frente deste compartimento [1233] foi recolhido unicamente um bordo muito fragmentado da forma I.A.2a. Tratando-se de exíguos testemunhos, que não permitem, por isso, o desenvolvimento de propostas concretas no concernente à finalidade e utilização da cerâmica cinzenta nestes espaços, as suas reduzidas dimensões e a disposição contígua destes quatro compartimentos junto ao limite da colina, poderiam, contudo, sugerir uma função original de armazenagem em ambiente habitacional, com que se poderia postular a hipótese de uma relação com actividades associadas ao controlo do território (FREITAS, 2005: 58).

Entre o edifício anteriormente analisado e um segundo, identificado na área central do Sector 1, também composto por vários compartimentos, sobre o qual teremos ainda oportunidade de nos debruçar detalhadamente, definiu-se um amplo espaço que estaria a descoberto, o que veio permitir a recolha de um vasto conjunto de cerâmica cinzenta plenamente representativo de todo o repertório da Fase III, que constitui também uma evidência da intensidade da ocupação deste espaço. Deste modo, e partindo ainda do estudo de outras categorias cerâmicas (FREITAS, 2005; OLIVEIRA, 2006), deverá ter sido este, com toda a probabilidade, um espaço a que estariam originalmente associadas diversas funções de armazenamento, preparação e consumo de alimentos.

Por sua vez, a área mais a Sudeste deste espaço aberto, situada **entre os compartimentos 3 e 11**, seria originalmente uma área de apoio associada ao compartimento 10, onde se desenvolveriam actividades de carácter cultural (FREITAS, 2005: 58). Neste amplo espaço foram classificados 11 fragmentos de cerâmica cinzenta, provenientes sobretudo de estratos de aterro ou preparação de pisos, cujo topo foi utilizado como solo de ocupação, designadamente as U.E.'s [190], [206], [207] ou [1086]. Entre estes fragmentos contam-se sobretudo bordos de tigelas de tipo IA1.a e I.A.2a, bem como um bordo de prato indefinido (III). Ainda no mesmo espaço, o

enchimento da fossa [202] permitiu a recolha de apenas de uma tigela I.A.4 (Est.II).

Por outro lado, na zona mais a Noroeste desta área aberta, entre os **compartimentos 4 e 10**, detectámos marcas de intensa ocupação, nomeadamente um piso composto por grandes quantidades de conchas [1250], bem como outros pisos e aterros de onde provém uma grande quantidade e variedade de artefactos, entre os quais se conta um conjunto de cerâmica cinzenta. Trata-se de um espaço cuja quantidade e variedade de recipientes de cerâmica cinzenta sublinha o seu carácter multifuncional – servindo o armazenamento, produção e consumo de alimentos –, que é apenas compreensível pela proximidade de actividades que decorreriam nos compartimentos 6, 10 e 11, possíveis contextos de abandono.

Deste modo, esta área aberta, situada entre os dois complexos arquitectónicos da Fase III permitiu a classificação de 52 fragmentos de cerâmica cinzenta, que largamente contribuíram para a definição do repertório formal deste momento de ocupação, incluindo praticamente todas as formas identificadas, que em alguns casos se tratam de formas classificadas a partir de exemplares únicos, ou de casos consideravelmente excepcionais (Est.III-V). Assim, identificámos o grupo habitualmente maioritário de 26 tigelas hemisféricas de tipo I.A.2a e I.A.1, embora também se tenham registado exemplares únicos das variante I.A.2b e I.A.3, um exemplar da variante I.A.4 e outro da variante I.A.5. A este respeito, cabe referir que num piso de cascalho [1083] localizado nesta área aberta foi possível recolher o bordo da tigela hemisférica de tipo I.A.2a, que se distingue de toda a amostra desta fase, sendo mesmo exclusivo em toda a diacronia (Est. V, 14686). Como observámos anteriormente, trata-se de um achado singular, cujas características formais e de fabrico dificultaram consideravelmente a procura de paralelos. Foram ainda recolhidas várias taças carenadas, pertencentes particularmente às categorias de perfil suave II.1, em alguns casos revelando um bordo mais fino, e ainda os dois únicos exemplares identificados como II.1.a, de carena suave e bordo mais curto (Est. IV). Identificaram-se ainda dois exemplares das variantes II.2, uma tigela II.3, de perfil esvasado, e o único exemplar da taça II.5a conservado nesta fase de ocupação. Recolheu-se também um bordo de um prato (III) muito fragmentado (Est.III-V). Os restantes fragmentos são constituídos por um fundo plano ou bordos indeterminados. Perante este contexto singular, refiramos apenas que se trata de um conjunto plenamente exemplificativo do repertório fomal desta fase, com predomínio

das formas abertas; uma amostra em que se observa, uma vez mais, a grande variabilidade ao nível das variantes morfológicas .

A área central do sector 1 representa justamente o cenário de consequentes remodelações e de uma ocupação intensiva dos espaços, a que está associada, no entanto, uma frágil conservação dos contextos. Os **compartimentos 6, 7 e 10** parecem constituir um único edifício, com uma ocupação, em alguns casos, bastante truncada, embora com diversas evidências conducentes ao desenvolvimento de actividades de cariz cultural.

No **compartimento 7**, que se apresentava consideravelmente incompleto, não foi possível analisar quaisquer vestígios de cerâmica cinzenta. O **compartimento 6** revelou um pavimento de conchas particularmente cuidado, que permitiu a sua associação a um espaço identificado como santuário (ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007: 468; ARRUDA, 2005b: 47) e onde foi recolhido apenas um fragmento uma tigela de tipo I.A.2a. Os materiais deste espaço são provenientes essencialmente de estratos de aterros ou de derrubes, tendo sido registados apenas 7 fragmentos de cerâmica cinzenta, nomeadamente de formas correspondentes às tigelas de tipo I.A.1, I.A.2a e II.1, sendo de realçar nesta área a recuperação do único exemplar nesta fase de um grande recipiente aberto de tipo IV.A.1a – um vaso, recordemos, com cerca de 26 cm. de diâmetro, bordo curto esvasado arredondado que se destaca do colo, iniciando um perfil suave da metade inferior hemisférica e com uma relativa profundidade (Est.X, nº 13737). Como já referimos, trata-se de um achado residual, o que não nos impede de sugerir a proximidade a funções desempenhadas pela cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006: 44, *fig. 13*, forma 7.D), facto que poderia coadunar-se com a cerâmica manual proveniente de uma zona próxima, nos compartimento 5 e 8 (OLIVEIRA, 2006: 84), ou mesmo até que tivesse servido funções similares às desempenhadas por outras formas tipológicas de cerâmica cinzenta, como as tigelas e taças. Acrescendo a este caso excepcional, poderia aduzir-se mais um dos dois únicos grandes recipientes fechados de tipo VI.A da fase III, proveniente de um estrato de aterro a Norte da área 6 [1171], e possivelmente coevo (Est. X, nº 15373).

Por se tratar de uma fase com significativos testemunhos arquitectónicos,

sublinhamos a importância do **compartimento 10**, de grandes dimensões, com um piso de rocha moída esbranquiçada, associado a uma zona de combustão de forma circular em que foi posteriormente erigida uma estrutura maciça de planta rectangular, que, apesar de uma efémera duração, se mantém em actividade com vários pisos de argila ou rocha desagregada. As várias remodelações testemunhadas por uma complexa estratigrafia permitem supor a sua utilização como espaço de habitação (ARRUDA *et alii*, 2007: 468). Deste modo, cabe destacar que foi possível classificar 7 indivíduos provenientes de várias camadas de derrube, entre os quais se contam exemplares de tigelas hemisféricas (I.A.1, I.A.2a, I.A.3), um exemplar de perfil troncocónico (IB) e um fundo plano (Est. VI), sendo que destacamos uma peça de perfil completo da forma I.A.1, com fundo “em bolacha” côncavo (Est. VI, nº 11045), proveniente de uma camada de derrube [926], e ainda um exemplar da variante de recipiente fechado V.A (Est. VI, nº 12286) proveniente da lareira de argila no interior do compartimento [975]. Este recipiente apresenta características muito particulares, como um diâmetro muito reduzido, fabrico 3 e paredes mais finais do que habitual. Infelizmente o corpo não se conservou, pelo que é impossível avançar considerações mais desenvolvidas.

Note-se que, ao contrário da cerâmica de engobe vermelho ou da cerâmica manual, não foi registado qualquer fragmento de cerâmica cinzenta na vala fundacional do espaço [1276], nem na deposição intencional de fauna e cerâmica no piso [1262], sendo que à interpretação e determinação da funcionalidade de uma amostra deverá aconselhar-se alguma prudência.

Também o **compartimento 11** apresenta algum cuidado ao nível da construção, sendo observáveis no interior uma invulgar estrutura rectangular rebocada por rocha moída, uma lareira e um piso vermelho, de onde se infere a associação a um espaço de natureza sagrada (*Iidem, ibidem*). Trata-se de um compartimento que não foi integralmente escavado, tendo sido possível recolher materiais apenas nos níveis de derrubes correspondentes a momentos de abandono. Deste modo, entre os níveis de derrube e entulhamento deste compartimento [874/877, 878, 900, 998=1291, 1299], foi possível analisar 28 fragmentos de cerâmica cinzenta, maioritariamente de tigelas hemisféricas de tipo I.A.1 e I.A.2a e de perfil troncocónico I.B com bordo ovóide, um exemplar de bordo de prato (III) muito fragmentado, fundos planos e “em bolacha” (Est.

VI). Atendendo a que se trata de uma amostra bastante truncada e descontextualizada, podemos considerar que este conjunto prefiguraria um repertório em uso neste compartimento em momentos anteriores ao abandono.

A proposta funcional avançada para as tigelas maioritárias de cerâmica de engobe vermelho recolhidas no interior deste compartimento pode eventualmente ser admitida também para os exemplares de cerâmica cinzenta, destinando-se estes designadamente ao consumo de alimentos associado a rituais que ali teriam lugar (FREITAS, 2005: 60).

A **área 9** constituiria provavelmente uma zona de passagem entre o compartimento 10 e uma outra área, a Sul, a partir da qual se teria acesso ao compartimento 6. Esta área revela um espaço exíguo com marcas de contínuas remodelações, evidenciadas pela sequência de pisos e camadas de aterro (ARRUDA *et alii*, 2007: 469). Também aqui foi possível observar um pavimento de conchas. Neste contexto foram classificados 9 fragmentos, designadamente de tigelas de tipo I.A.1 e I.A.2a, um bordo de um prato muito fragmentado, uma taça carenada II.2 e alguns fundos planos (Est. VII).

Os **compartimentos 5 e 8** foram construídos num momento tardio da Fase III, encontrando-se bastante truncados e dificultando a associação dos materiais ali recolhidos ao momento da ocupação (*Idem, ibidem*). De qualquer modo, os compartimentos revelaram ambos uma sucessão de pisos e camadas de aterro onde foi possível classificar 16 exemplares de cerâmica cinzenta em estado de considerável fragmentação, constituídos maioritariamente por tigelas hemisféricas de tipo I.A.1, I.A.2a, I.A.3, de perfil troncocónico (IB), uma taça carenada II.2 e alguns fundos planos e “em bolacha” planos, destacando-se um exemplar de base plana canelada (Est. VII).

Por fim, a **zona a Sul dos compartimentos 5, 6 e 8**, no limite da área escavada, parece corresponder a uma área de características domésticas, uma vez que foi possível definir um forno e um silo sobre-elevado que provavelmente integrariam uma zona coberta. Trata-se de um espaço provavelmente associado à zona edificada a Norte destes compartimentos, cuja ligação física é impossível de determinar. Deste modo, a maioria



dos materiais são provenientes essencialmente de aterros sob construções que poderão ser imputadas a um momento relativamente antigo da fase III (OLIVEIRA, 2006: 86-87). Deste modo, foram analisados 75 indivíduos de cerâmica cinzenta provenientes deste contexto, entre os quais se contam várias tigelas de tipo I.A.1, I.A.2a e I.A.2b, bem como exemplares únicos das variantes I.A.3 e I.B, taças carenadas II.1 e II.2 e vários fundos planos (Est. VIII-IX). Entre esta amostra destaca-se novamente a presença da tigela hemisférica de bordo espessado I.A.2a de perfil quase completo com vestígios do que parece ser a aplicação de uma pintura, de engobe ou de uma aguada de tonalidade castanha-avermelhada homogénea, sendo inclusivamente o único exemplar desta fase a ostentar esta característica decorativa (Est. VIII, nº 13899).

Foi ainda possível recolher alguns materiais provenientes de camadas de acumulação de carvões junto ao forno e de camadas de derrube na zona entre os compartimentos 5, 6 e 8, como tigelas de tipo I.A.1, I.A.2a, I.A.3 e I.A.5, dois bordos de taças carenadas II.1 e II.2 e ainda o único bordo classificado como grande recipiente fechado VI.A (Est. IX). A associação funcional destes materiais àquela outra estrutura seria uma hipótese tentadora e interessante, embora consideremos demasiado exíguos e fragmentários os elementos que a poderiam sustentar.

#### 5.1.4. Fase IV

##### **Apresentação da amostra:**

O registo de cerâmica cinzenta atribuída à Fase IV é constituído por 809 fragmentos inventariados, correspondendo **707** ao Número Mínimo de Indivíduos. Deve sublinhar-se novamente a reduzida dimensão de muitas peças, com apenas escassos exemplares de perfil completo, o que dificulta, em alguns casos, a classificação tipológica do conjunto formal ou mesmo a definição de variantes, pelo que em alguns casos raros optámos por definir apenas o Subtipo. Deste modo, a partir da contabilização dos fragmentos que permitiriam uma classificação formal segura, recuperámos 422 bordos classificados e 79 fundos. O grupo que definimos como *Indeterminados* conta com **206** fragmentos (Anexo).

Como veremos, embora se verifique um aumento extraordinário da presença de cerâmica cinzenta nos níveis da Fase IV da ocupação de Castro Marim, o repertório formal não se altera significativamente, havendo uma relativa homogeneidade com a fase anterior, designadamente na presença maioritária de formas abertas, sobretudo de tigelas hemisféricas, em relação aos recipientes fechados. Nesta última categoria deve, contudo, notar-se que entre as formas identificadas está presente um maior número de variantes, ainda que por vezes representadas por exemplares únicos (Anexo).

No que diz respeito às **Tigelas**, a fase IV é indiscutivelmente o momento em que esta forma é predominante, contando com cerca de 53%, e, embora se registem todas as variantes definidas, a forma maioritária continua a ser a tigela hemisférica **I.A.1**, com apenas quatro peças de perfil completo, e representando cerca de 30% de todo o conjunto de cerâmica cinzenta desta fase de ocupação (210NMI), seguida da tigela hemisférica de bordo espessado internamente **I.A.2**, de que se contam 73 indivíduos (Gráfico, Tabela). Ainda respeito, importa referir que a maioria dos exemplares apresentava o bordo de secção circular I.A.2a, alguns ligeiramente rectilíneos, variabilidade formal habitual entre os conjuntos da Idade do Ferro. Destes, regista-se um total de 70 fragmentos e apenas um exemplar de perfil completo [11245]. Foram recolhidos ainda 3 raros bordos de secção amendoada I.A.2b (Gráfico, Tabela).

Entre as tigelas de perfil hemisférico, a variante **I.A.3** está representada por 18 fragmentos, a cuja identificação, em casos particulares, não foram alheias algumas dificuldades. As restantes variantes, **I.A.4** e **I.A.5**, são praticamente residuais, a primeira

representada por dois exemplares, a segunda variante representada por 8 bordos muito fragmentados, dois dos quais incluímos nesta variante, embora apresentem características muito particulares e mesmo exclusivas deste momento: o primeiro (Est. XXV, nº 11796), com 20 cm. de diâmetro, apresentando paredes mais finas e um pequeno bordo reentrante e biselado, pertence ao grupo 1B, com pastas mais depuradas; o segundo (Est. XXV, nº 11818), com idêntico formato de bordo, mas de paredes mais espessas, e com apenas cerca de 14 cm. de diâmetro, está entre os raros exemplares pertencentes ao grupo de fabrico 3.

Entre os recipientes definidos como tigelas de morfologia troncocónica (**IB**) reconheceram-se 60 indivíduos, com apenas duas peças de perfil completo (Est. XV, 13537, Est. XXII, 4461). À semelhança da fase antecedente, apenas se verificou um fragmento de bordo espessado interna e externamente, de tendência ovóide, não justificando, no entanto, a sua integração numa variante.

De facto, e como teremos oportunidade de observar mais detalhadamente, a tigela é claramente um recipiente generalizado em toda a diacronia da Idade do Ferro de Castro Marim, e que neste momento de ocupação tem particular destaque. Em relação a esta forma, importa referir, uma vez mais, que para uma parte significativa dos exemplares foi impossível determinar a extensão do diâmetro de abertura, devido à reduzida dimensão dos fragmentos. Por outro lado, e como já tivemos oportunidade de referir para a Fase III, a orientação entre paredes rectas ou curvas nem sempre é evidente, mas invariavelmente essencial para a definição de Subtipos. Neste sentido, e à semelhança do que acontece na fase anterior, a clara preferência pelas formas de perfil hemisférico (45%), em detrimento do perfil troncocónico (8%), deve ser lida com alguma prudência, sendo a diferença estatística por si só elucidativa do avançado estado de fragmentação da amostra (Tabela). Por outro lado, contudo, é inquestionável que as tigelas de perfil troncocónico têm um crescente aumento comparativamente à fase precedente (Gráfico).

Ainda entre a categoria de tigelas I.A.1 foi possível recuperar vários fragmentos com um ou dois gatos, e apenas um bordo com duas perfurações lado a lado, abaixo do lábio, sugerindo uma utilização em suspensão. A este respeito, destacamos também uma tigela I.B (Est. XV, nº13537) de perfil completo e morfologia troncocónica, bordo arredondado simples e fundo “em bolacha” côncavo, apresentando vários gatos ao longo

de toda a peça, e de dimensões consideravelmente maiores do que as restantes, com cerca de 27 cm. de diâmetro, e paredes mais espessadas. Pertence ao grupo de fabrico 1A e apresenta polimento em ambas as superfícies, podendo ter servido continuamente como recipiente para a preparação ou consumo de alimentos.

Em relação à categoria que definimos como **Taças Carenadas (II)**, devemos referir que o conjunto de cerâmica cinzenta da Fase IV revelou um acréscimo do número destes exemplares (Tabela, Gráfico), com a presença de praticamente todas as variantes, à excepção da variante de carena baixa (II.4), tal como ocorre nas fases precedentes. Assim, as taças de perfil carenado estão representadas por 28 indivíduos distribuídos do seguinte modo: as formas mais frequentes são, mais uma vez, a taça carenada de perfil suave **II.1**, contando com 11 fragmentos de bordo arredondado, alguns ligeiramente apontados, e apenas um da variante II.1.a, com bordo mais curto; segue-se o grupo **II.2**, de carena alta acentuada e bordo tendencialmente curto, com apenas 7 indivíduos, dos quais destacamos dois exemplares de maiores dimensões, com cerca de 32 cm. de diâmetro (Est. XXIII, nº 11890, 12949).

Entre o conjunto definimos apenas 3 indivíduos da variante **II.3**, que se distingue da anterior por um perfil tendencialmente mais esvasado e bordo apontado (Est. XII, 3423). Quanto à variante **II.5** (taças carenadas de tendência vertical), apesar de ser um grupo restrito (6NMI) existe um aumento relativamente à fase precedente, tendo sido identificados quatro fragmentos de bordo da variante **II.5.a**, dois dos quais de tão reduzidas dimensões que foi impossível a medição dos diâmetros, mas cujas características morfológicas parecem corresponder a pequenos recipientes; um outro fragmento ainda parece corresponder à nossa variante **II.5.c**, com bordo curto espessado externamente (Est. XXIX, nº 10912) e muito semelhante ao outro exemplar desta variante proveniente da Fase V (Est. LII, nº 13510). Ainda a propósito desta última forma, devemos referir que alguns fragmentos se encontram de tal forma fragmentados que um indivíduo foi incluído genericamente no Subtipo II.5 (nº 7998).

Importa sublinhar novamente que à classificação proposta para as taças carenadas subjazem as nossas considerações quanto às dificuldades que encontrámos durante o processo, resultantes, naturalmente, da fragmentação do conjunto e essencialmente por se tratar de uma amostra consideravelmente reduzida, com alguma

variabilidade morfológica. Apesar de tudo, é notória a representatividade das taças carenadas durante este momento de ocupação, concretamente das taças carenadas de perfil suave, e com acréscimo de fragmentos de bordo arredondado mais estreito, totalizando 4% do conjunto. À semelhança do que notámos a propósito do conjunto da Fase III, as principais variantes (II.1, II.2) são presenças constantes ao longo da diacronia, pelo que as transformações se devem à maior quantidade. A mesma leitura pode ser aduzida para a variante II.5, cujas peças muito reduzidas e fragmentadas revelam um tímido crescimento (Gráfico, Tabela).

O conjunto de **Pratos (III)** desta fase apresenta um acréscimo comparativamente à fase anterior, mas sempre em número reduzido, contabilizando 14 indivíduos, que representam cerca de 2% do conjunto. Todos os bordos recuperados são esvasados de tendência horizontal, com o extremo do lábio de perfil simples e arredondado, à excepção de um único exemplar que definimos como **III.a** e que apresenta o extremo do lábio com uma canelura, contudo, o fragmento é de tal forma reduzido que se torna impossível tecer considerações sobre o desenvolvimento do corpo (Est. XXIX, 11072).

Uma vez mais, os perfis dos fragmentos encontram-se bastante truncados, pelo que apenas podemos sublinhar algumas evidências: apenas 5 fragmentos apresentam na parede do lado interno, na transição entre o bordo e a parede, um ressalto que poderá corresponder a uma ligeira depressão associada a uma carena no lado interno (Est. XII, nº 11242, Est. XV, 15392). Três destes apresentam bordos mais amplos e destacados, entre 18 e 20 cm. de diâmetro; os restantes medeiam entre 20 e 28 cm. de diâmetro (Est. XXIV, 10802, 10536).

Por outro lado, cabe ainda referir que foi possível recuperar um bordo esvasado arredondado, muito reduzido, com vestígios de decoração pintada no interior e a superfície do lábio exterior, mais uma vez, com vestígios do que parece ser a aplicação de pintura ou engobe de tonalidade castanha-avermelhada homogénea (Munsell 2.5YR3/2) (Est. XXIII, nº 11888).

Na categoria que definimos como **Grandes Recipientes Abertos (IV)** incluímos apenas quatro indivíduos, distribuídos por quatro variantes definidas, em alguns casos a partir de exemplares únicos. Deste modo, entre o subtipo **IV.A** foi recolhido o único

fragmento da forma **IV.A.1b** (Est. XVI, nº 13566): um vaso aberto, com cerca de 34 cm. de diâmetro, bordo curto esvasado de tendência oblíqua e suavemente pontiagudo, cujo colo inicia de forma vertical um corpo tendencialmente semiesférico, mas cuja fragmentação nos não permite, todavia, desenvolver outras interpretações. Do mesmo modo encontramos também o único fragmento da variante **IV.A.1c** (Est. XXIII, nº 13268), muito semelhante ao anterior, mas com cerca de 26 cm. de diâmetro e bordo curto de tendência rectilínea e horizontal. Ainda entre o subtipo IV.A, incluiu-se um dos dois únicos exemplares de Castro Marim da variante **IV.A.2** (Est. XVI, nº 13535): um recipiente aberto com cerca de 30 cm. de diâmetro, bordo esvasado, ligeiramente espessado, e lábio arredondado de tendência oblíqua, que se destaca da metade inferior hemisférica parecendo sugerir uma relativa profundidade.

Por fim, foi possível ainda incluir um fragmento na variante **IV.B.1** (Est. XVIII, 14998): um grande recipiente aberto com um perfil do colo tendencialmente fechado, de 32 cm. de diâmetro, mas cujo constrangimento não dificultaria o acesso ao interior. O fragmento proveniente desta fase IV é o único incluído nesta variante, com bordo simples arredondado e ligeiramente espessado de tendência vertical, suave constrangimento do colo, sugerindo uma metade inferior semiesférica de paredes mais espessas.

Mais uma vez, cabe referir sucintamente a dificuldade na classificação destes recipientes, suscitada em parte pela recorrente variabilidade ao nível dos detalhes morfológicos, num repertório formal relativamente circunscrito. De facto, como comentaremos adiante, e sobretudo a propósito da nossa forma IV.A.2, e, na fase V, da variante IV.A.3, não é isenta de dificuldades a identificação de paralelos a partir de fragmentos únicos pouco conservados e que possivelmente se confundiriam com outras formas, como as taças carenadas de bordo curto esvertido, pelo que os poucos dados relativamente ao perfil das peças, e a concordância que encontrámos em algumas tipologias como a de Castillo de Doña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: Tipo 15), nos levou a optar por essa integração.

Deste modo, como teremos oportunidade de analisar, uma tentativa de atribuição de um peso cronológico e cultural torna-se quase impossível. Podemos notar, contudo, que a relativa escassez, em termos quantitativos, sublinha novamente a raridade deste tipo de grandes recipientes nos conjuntos de cerâmica cinzenta de Castro Marim,

podendo as suas funções ter sido desempenhadas por outras categorias, como a cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006). No entanto, não podemos deixar de assinalar um aumento, ainda que escasso, deste tipo de vasos (cerca de 4%), e de algumas variantes em concreto que constituem uma novidade no registo arqueográfico (Gráfico), algumas das quais representadas por um único indivíduo, e outras que, como verificaremos, perdurarão em fases posteriores (Tabela).

Na categoria de **Formas Fechadas** da Fase IV sublinhamos uma vez mais a dificuldade no processo de classificação provocada pela fragmentação dos exemplares integrados neste grupo, pelo que a determinante medição dos diâmetros de abertura e verificação esclarecedora do perfil dos recipientes pode ficar novamente comprometida.

Assim, entre a forma de **pequenos recipientes fechados (V)**, incluímos apenas um exemplar da variante **V.A**, com cerca de 10 cm. de diâmetro, bordo arredondado simples e no prolongamento da parede, colo relativamente alto, troncocónico e estrangulado. Contudo, à semelhança do recipiente recuperado na fase anterior, não é perceptível a morfologia da ligação entre o colo e o corpo, também de morfologia relativamente desconhecida (Est. XXV, nº 7476).

Entre os **grandes recipientes fechados (VI)** incluímos apenas quatro indivíduos (Tabela): dois pertencem à variante **VI.A**, tendo os restantes dois sido incluídos no grupo **VI.C**. A propósito desta última variante, os bordos recolhidos tratam-se dos únicos exemplares integrados neste grupo tipológico. Apresentam ambos cerca de 18 cm. de diâmetro, um deles com bordo convexo espessado e colo curto estrangulado, outro de paredes mais finas, colo curto estrangulado, extremo do lábio espessado, e com um particular ressalto marcado no perfil exterior do colo, entrevendo-se a direcção de um corpo tendencialmente globular (Est. XX, nº 12368, Est. XXIV, 12372).

A propósito das formas fechadas, consideramos necessário ressalvar apenas que no caso da última variante analisada (VI.C) entendemos incluir ambos os fragmentos na categoria de grandes recipientes fechados, embora possamos admitir que a atribuição desta designação possa em última instância comprometer uma leitura interpretativa. Contudo, esta opção foi tomada essencialmente por contraposição aos recipientes que apresentavam diâmetros mais reduzidos e características morfológicas distintas. Neste sentido, e como teremos ocasião de examinar, podemos entender esta forma como

semelhante à que encontramos recorrentemente nos conjuntos de cerâmica cinzenta como Potes ou Panelas, vasos fechados de corpo geralmente globular ou ovóide, de “perfil em S”, servindo possivelmente como recipientes de armazenamento (CARO BELLIDO, 1989).

No que diz respeito aos **fundos**, a procura de paralelos, salvo raras exceções de peças com preservação dos perfis completos, é muito dificultada pela fragmentação da amostra, pelo que a simplicidade das principais formas não permite tecer grandes considerações. Entre o número de fragmentos analisados, apenas 79 permitiram uma classificação tipológica relativamente segura, em alguns casos com bastante relutância, dado o seu estado fragmentário. A atribuição de uma correspondência formal ou funcional fica novamente comprometida, salvo raras exceções de perfis completos ou de atributos morfológicos particularmente característicos, pelo que acreditamos que a maioria corresponda ao grupo maioritário de tigelas ou taças. Por outro lado, e à semelhança do que acontece com praticamente todas as formas e variantes tipológicas definidas, também os fundos evidenciam um aumento exponencial comparativamente à fase III (Tabela), representando agora cerca de 11% da amostra desta fase: os fundos planos são maioritários (51NMI), seguidos pelos fundos “em bolacha” planos (14) e côncavos (11). Deste conjunto, destacamos ainda um fundo canelado (Est. XXI, nº 15243) e ainda dois fundos de pé anelar que correspondem a verdadeiras inovações neste momento da ocupação de Castro Marim (Est. XIX, nº 11859) (Gráfico).

Quanto à distribuição dos **grupos de fabrico**, o grupo **1A** permanece expressivamente maioritário (Gráfico), representando cerca de 92% de todo o conjunto, distribuído por todas os tipos e variantes estabelecidos para esta fase, à excepção dos designados pequenos recipientes fechados (V). Por outro lado ainda, alguns dos exemplares integrados neste grupo apresentam superfícies polidas mais cuidadas, ou, em raros casos, com vestígios do que parece ser um engobe ou aguada na superfície interior. Ao contrário da fase precedente, o grupo **1C** é o segundo em termos quantitativos (cerca de 4%), estando presente sobretudo em tigelas hemisféricas das variantes I.A.1, I.A.2a, I.A.3, em apenas um exemplar de II.2 e no único fragmento incluído na variante tipológica V.A. Note-se a este respeito, que o grupo 1C é



particularmente semelhante ao grupo 1A, revelando, todavia, pastas menos depuradas, fractura irregular e tonalidades acinzentadas com veios alaranjados, situação que possivelmente reflectirá processos de cozedura instáveis. O grupo **1B** é o terceiro mais frequente (cerca de 3%), sendo composto essencialmente por tigelas (I.A.1, I.A.2, I.A.5), embora exista um exemplar de uma taça carenada II.5.a, um prato (III) e um dos exemplares de VI.C com ressaltado marcado no colo. Os restantes fragmentos incluídos neste grupo são fundos, também de todas as tipologias enunciadas, bem como um bojo decorado que teremos oportunidade de comentar. Note-se que este grupo, 1B, é de natureza muito semelhante ao grupo 1A, revelando, no entanto, pastas ligeiramente mais depuradas, mais sonoras e apresentando, regra geral, superfícies polidas. Por fim, tal como na fase precedente, o grupo 2 está totalmente ausente deste conjunto e o **grupo 3** está representando apenas em 5 indivíduos, concretamente em tigelas hemisféricas (I.A.1, I.A.2a, I.A.3, I.A.5) e uma taça carenada II.5.a (cerca de 0,7 %).

Do ponto de vista **decorativo**, o conjunto de cerâmica cinzenta da Fase IV apresenta dois casos exclusivos deste momento e mesmo de toda a diacronia. Tal como referirmos, foi recuperado um fragmento de bordo de prato de cerâmica cinzenta com vestígios do que parece ser a aplicação de pintura vermelha na superfície interior e lábio exterior de tonalidade castanha-avermelhada homogénea (Munsell 2.5YR3/2) (Est.XXIII, nº 11888). Trata-se de um bordo esvasado simples arredondado, com 20 cm de diâmetro e pertencente ao grupo de fabrico 1A. Como teremos oportunidade comentar, parece importante referir que a pintura ou engobe aplicado em cerâmica cinzenta surge geralmente em percentagens muito reduzidas nos principais sítios do Levante espanhol, Andaluzia e Extremadura, sendo o prato de Castro Marim mais uma evidência da sua inclusão nos principais circuitos comerciais e culturais do I milénio a.C. (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999b: 88).

Neste contexto ainda, não podemos deixar de destacar o único fragmento de todo o conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim com a presença de decoração brunida com motivos geométricos na superfície exterior (Est. XVI, nº 13583). Trata-se de um bojo muito reduzido, provavelmente a parede de um recipiente hemisférico, pote ou tigela, embora neste último as decorações mais recorrentes surjam nas superfícies internas. Pertencente ao grupo de fabrico 1B e com bastante cuidado no acabamento, o

bojo prefigura um motivo de “espiga” ou traços oblíquos que parecem organizar-se em bandas. Tal como referimos na introdução a esta dissertação, e como teremos oportunidade de analisar mais detalhadamente, a decoração brunida sobre recipientes de cerâmica cinzenta é a característica mais recorrente em vários contextos peninsulares do primeiro milénio a.C. com esta categoria cerâmica, embora, não seja este um fenómeno generalizável, e salvaguardando o carácter minoritário de que sempre se reveste. Para além disso, trata-se ainda de um tipo de decoração que denuncia uma clara influência ou continuidade de tradições oleiras do Bronze Final do Sudoeste andaluz, da Baixa Estremadura ou de Portugal (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999b, 2005), e com similitudes às que encontramos na cerâmica manual de Castro Marim (OLIVEIRA, 2006: 59), para as quais remetemos para a análise comparativa dos resultados.

Por fim, gostaríamos ainda de fazer menção a um fragmento de fundo com a presença nesta fase do que nos parece ser a marca de um grafito inciso (Est. XVI, nº 4137). Trata-se de um fundo grande plano, com cerca de 8 cm. de diâmetro, parecendo corresponder a uma forma aberta do tipo das taças ou tigelas de paredes espessas, cuja base, na superfície exterior, apresenta uma marca grafitada incisa, executada provavelmente numa fase prévia à cozedura dos recipientes. O motivo não é figurativo, com linhas quebradas convergentes, formando no centro um triângulo escaleno (eventualmente um signo alfabético), talvez de natureza simbólica, característica que de resto encontra estreitos paralelos em vários sítios da Extremadura, do Levante ou de Portugal (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999b: 88 *ssq.*, 2005.).

### **Distribuição espacial:**

À designada Fase IV da ocupação do Castelo de Castro Marim corresponde genericamente o momento da Idade do Ferro em que os vestígios arquitectónicos se encontram mais bem conservados e em maior extensão, com um maior número de compartimentos distribuídos em torno de arruamentos estruturantes. Destes, algumas divisões são coincidentes com a fase anterior, sempre tomando partido da topografia da colina.

O conjunto artefactual de cerâmica cinzenta proveniente deste momento de ocupação preserva-se em maior número, comparativamente com a fase precedente, e mesmo em comparação com outras categorias cerâmicas, atingindo aqui provavelmente

o seu valor máximo, embora nunca ultrapassando o grupo maioritário de cerâmica oxidante (FREITAS, 2005: 85; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007). Cronologicamente os vestígios arquitectónicos e artefactuais apontam para uma ocupação do sítio datável do séc. VI a.C., sobre derrubes dos edifícios do século anterior. Ergue-se então um complexo arquitectónico que viria a sofrer várias remodelações, compreendendo quer espaços fortemente imbuídos de sacralidade, quer outros certamente dedicados às actividades quotidianas. Sendo díspares os vários momentos de abandono, pode inferir-se da complexa estratigrafia que a ocupação se terá estendido até à primeira metade do séc. V. a.C. (ARRUDA *et alii*, 2007, 2009; ARRUDA, SOARES, FREITAS, OLIVEIRA, MARTINS, PORTELA, no prelo).

Na sequência do contexto arquitectónico da fase precedente, os compartimentos localizados na zona Norte da escavação mantêm o mesmo esquema organizativo, com quatro compartimentos adossados entre si, testemunho dos momentos de ocupação mais antigos desta fase IV. Estes compartimentos preservam as marcas das várias remodelações de que foram objecto antes de terem sido desactivados e sugerem o cumprimento de funções habitacionais através de um espólio em que é maioritária a presença de tigelas, taças ou alguns recipientes fechados, relacionáveis com actividades do quotidiano.

O **compartimento 12** revelou alguns níveis correspondentes ao momento de construção e possivelmente de utilização do espaço, como estratos de derrube e preparação de pisos [144, 251], ou um piso de argila [223], onde foram recolhidas várias tigelas hemisféricas de cerâmica cinzenta de tipo I.A.1 e I.A.2a e um fundo “em bolacha” plano. No interior deste compartimento identificaram-se uma lareira [157] e um enchimento de fossa [222], que poderão ter estado em uso em momentos anteriores ao abandono, e foi ainda possível a análise de dez fragmentos de cerâmica cinzenta, designadamente cinco tigelas de tipo I.A.1 e fundos planos ou “em bolacha”. Os derrubes equivalentes ao momento de abandono deste espaço [124, 161] permitiram a recolha de um conjunto significativo de cerâmica cinzenta, tendo sido possível classificar 32 fragmentos, onde novamente as tigelas de tipo I.A.1 constituem as formas maioritárias, apenas dois da variante I.A.2a e quatro da variante I.B, bem como uma taça de tipo II.3 (Est. XI).

Os estratos correspondentes à construção dos **compartimentos 13 e 14** [273, 339, 346] permitiram a classificação formal de 8 fragmentos de cerâmica cinzenta, embora de preservação muito incompleta, contando-se novamente tigelas de tipo I.A.1, I.A.2a e I.A.3, bem como um bordo de um prato III, de características muito singulares, e mesmo exclusivas entre os raros exemplares de pratos da fase IV, na medida em que apresenta um bordo destacado com 28 cm. de diâmetro e, na parede do lado interno, na transição entre o bordo e a parede, um ressalto que poderá corresponder a uma ligeira depressão associada a uma carena no lado interno (Est. XII, nº 11242). A julgar também pelo registo de cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006: 101), trata-se de níveis de construção que na realidade podem incorporar formas pertencentes ou em uso na fase III; contudo, foram ainda recolhidos alguns escasso fragmentos no interior do compartimento (282/269, 264, 244, 245) que poderão corresponder a um momento de ocupação, designadamente uma tigela de tipo I.A.1, I.A.3 e um bordo da variante II.5a (Est. XII). No interior do compartimento 14 foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica provenientes de derrubes e entulhamentos [178, 197, 180, 280], designadamente tigelas hemisféricas I.A.1, I.A.2a e troncocónicas I.B e dois fundos planos (Est. X). Na área exterior a Sul do compartimento 14 identificou-se um empedrado [236] e uma estrutura pétreia associada [238], em que se recolheram três tigelas I.A.1 e um fundo plano indeterminado que não permitem estabelecer relações específicas com as actividades que ali se desenvolveriam.

O acesso ao compartimento 12 seria originalmente assegurado por um “alpendre” exterior na **área 16**, que terá funcionado como rua no último momento de utilização. Nos derrubes associados a este momento [203/202, 296, 220] foi possível analisar vários fragmentos de cerâmica cinzenta [13NMI], maioritariamente tigelas I.A.1 e I.A.2a, bem como duas taças de perfil carenado II.1 e II.3. Foram ainda recolhidos vários fragmentos provenientes de estratos de nivelamento de pisos e solos de ocupação nesta área [288, 291, 212, 295], destacando-se uma taça carenada do tipo que designámos por II.5a (Est. XII, nº 2962).

No interior do **compartimento 15** registaram-se algumas camadas de aterros e pisos de argila [160, 168, 170, 184, 189], com escassos fragmentos de cerâmica

cinzenta, sobretudo tigelas de tipo I.A.1. À zona exterior a este compartimento [141,167, 149] corresponderá provavelmente um prolongamento da área 16, não diferindo o repertório formal acentuadamente das presenças nos espaços já referidos, com prevalência de tigelas de tipo I.A.1 e I.A.2a, de bordos indeterminados e fundos planos ou “em bolacha” côncavos, sendo de destacar também a recolha de uma taça carenada da variante II.1 e de um grande recipiente fechado de bordo simples VI.A (Est. XIII-XIV).

A Sul do espaço que anteriormente referimos desenvolvia-se um outro complexo arquitectónico com oito compartimentos, aparentemente todos relacionados entre si, embora construídos em diferentes momentos. A estratigrafia revelada nos compartimentos mais a Norte deste complexo leva-nos a considerar, uma vez mais, que os níveis de construção respectivos possam integrar peças que estariam originalmente depositadas em camadas da fase III. Deste modo, no **compartimento 17** as camadas relativas ao momento de construção, de possível utilização [271, 265] e derrube [247] permitiram a recolha de vários fragmentos, seis dos quais pertencentes a tigelas hemisféricas de tipo I.A.1 de cerâmica cinzenta.

Nos **compartimentos 18 e 19**, que inicialmente constituíam uma estrutura única, foi possível recolher nove fragmentos classificáveis, associados às camadas de construção [962, 986, 1002=1003, 1008=1025], com tigelas hemisféricas das variantes I.A.1, I.A.2a, I.A.2b, I.A.3, duas taças carenadas II.1 e um exemplar que definimos como II.1.a (Est. XVII).

Do momento em que o compartimento 19 incluía ainda o espaço que posteriormente iria integrar o compartimento 18 foi possível recuperar alguns estratos de aterro ou de solos de ocupação [747, 942, 1032], tendo sido classificados 26 fragmentos de cerâmica cinzenta, incluindo um repertório muito semelhante ao anteriormente referido, nomeadamente várias tigelas hemisféricas (I.A.1, I.A.2b, I.A.3, I.A.5) e troncocónicas (I.B), um bordo de prato, uma taça carenada II.1 e um exemplar de um grande recipiente IV.B.1 (Est. XVIII).

Por fim, os sucessivos derrubes depositados sobre os compartimentos 18, 19 e 20 [737/779, 785, 845, 881, 903, 904, 958] continham 30 fragmentos classificáveis, contando-se várias tigelas I.A.1, I.A.2a, I.A.3, I.A.5, I.B, uma taça carenada II.2 ou um

grande recipiente fechado VI.A (Est. XIX). Contam-se ainda entre estes derrubes, além de outros fundos planos e “em bolacha”, dois fundos de pé anelar (Est. XIX) provenientes de um derrube do compartimento 18 [785] que representam os únicos desta categoria e uma novidade em todo o conjunto desta fase IV, revelando uma característica consentânea com a realidade de abandono dos compartimentos localizados na zona mais a Sul, já na primeira metade do séc. V, como teremos oportunidade de observar de forma mais detalhada.

O repertório recolhido no **compartimento 20** [929, 947, 970] não difere muito daquele proveniente dos espaços que anteriormente referimos, tendo sido possível classificar oito fragmentos de cerâmica cinzenta, designadamente tigelas da variante I.A.1, uma das quais de perfil completo com fundo “em bolacha” côncavo, tigelas troncocónicas I.B, um fundo “em bolacha” plano e outro fundo plano (Est. XX, 14359, 15376).

No **Compartimento 21** recolheram-se apenas três fragmentos, correspondentes a uma tigela de tipo I.A.1, um bordo de um prato (III) e um fundo plano. No **Compartimento 22** foi possível identificar tigelas hemisféricas e troncocónicas I.A.1, I.A.2a, I.A.5 e I.B, uma taça carenada II.1 e um grande recipiente fechado da variante VI.C, um de dois únicos exemplares desta fase e mesmo de toda a diacronia da ocupação, que apresenta um bordo convexo espessado com 18 cm. de diâmetro e colo curto estrangulado (Est. XX). Trata-se de uma forma de particular interesse para este estudo, na medida em que podemos entendê-la como um Pote ou Panela, segundo a tipologia que adoptemos (CARO BELLIDO, 1989), e com uma função predominante de pequena armazenagem, à semelhança do que acontece com recipientes deste género na cerâmica manual proveniente deste espaço (OLIVEIRA, 2006: 102), o que é coadunável com as características construtivas e eminentemente domésticas de um espaço em que, além de apresentar dimensões maiores do que o compartimento 21, foram identificados bancos ou poiais corridos adossados às paredes, que se encontravam rebocadas no interior por rocha moída esbranquiçada idêntica à utilizada no piso (FREITAS, 2005: 13; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007: 470).

A construção dos **compartimentos 23 e 24** parece ter decorrido num momento posterior às restantes divisões deste grande edifício, tratando-se este também de um espaço único com uma divisória interna e apresentando ainda uma variação na orientação.

Entre as U.E's relativas ao momento de construção [219, 1043, 1038, 969] foi possível recolher duas tigelas hemisféricas das variantes I.A.1, I.A.2a, uma taça carenada II.1, um fundo plano e um fundo de base canelada, único em toda a amostra (Est. XXI). Nos sucessivos pisos deste compartimento [994, 981, 1022, 293] e de uma possível lareira com ostras, cerâmica e argila vermelha [1238] foram classificados 14 indivíduos de cerâmica cinzenta que não se distinguem do repertório anterior, contando com tigelas hemisféricas das variante I.A.1, I.A.2a, com um exemplar de perfil completo e I.A.3, quatro tigelas troncocónicas I.B e duas taças carenadas II.1 (Est. XXII). Entre as camadas de derrubes que cobriam estes compartimentos [829, 755, 742, 780, 781, 882, 769] foram classificados 27 fragmentos, entre os quais se contam as habituais tigelas hemisféricas de tipo I.A.1, I.A.2a, I.A.3, sendo maioritárias as tigelas troncocónicas I.B [11NMI] (Est. XXIII), e um exemplar de uma taça carenada II.2, cuja classificação não deixou de nos suscitar algumas reservas, uma vez que o diâmetro que apresenta é consideravelmente superior (32 cm.) e de orientação mais profunda ao que é habitualmente observado nesta variante (Est. XXIII, nº 11890). Ainda nestes contextos, foi possível recolher dois bordos de prato (III), um dos quais ostenta vestígios de aplicação de uma pintura ou engobe na superfície interior e no lábio exterior (Est. XXIII, nº 11888). Como tivemos já oportunidade de referir a propósito deste último artefacto, trata-se de um fragmento muito reduzido de um bordo esvasado simples arredondado, com cerca de 20 cm. de diâmetro, proveniente de camadas de derrubes sobre os compartimentos 23 e 24, que, se, por um lado, não elimina a hipótese de se tratar de um achado descontextualizado, poderá, por outro, sugerir a permanência deste tipo de decoração em finais do séc. VI a.C., ou mesmo durante a primeira metade da centúria seguinte, eventualmente já numa fase de abandono.

O espaço que medeia **entre o compartimento 24 e a área 16** terá sido utilizado como corredor, ou eventualmente como espaço de armazenagem. Entre os estratos de ocupação [299, 277/1256] recolheram-se apenas cinco tigelas da variante I.A.1, quatro

truncocónicas I.B, uma de perfil completo com fundo plano, vários fundos planos e “em bolacha” plano e uma asa muito fragmentada, cuja classificação levantou muitas reservas. Os estratos de derrube desta área [186, 205, 249] permitiram a recuperação de quatro tigelas da variante I.A.1 e duas I.A.2a (Est. XXII).

Os compartimentos anteriormente referidos parecem, com alguma certeza, pertencer a um espaço de habitação, pelo que a determinação exacta de actividades diferenciadas, e tendo em atenção o estado fragmentário da amostra, proveniente de uma complexa estratigrafia, levanta questões de difícil resolução. Contudo, é possível defender que as funções desse complexo, apesar do abandono inicial de alguns compartimentos a Norte, tivessem estado associadas ao outro complexo arquitectónico que se definiu mais a Sul, concretamente aos Compartimentos 26 e 27, onde se desenvolveriam actividades de natureza eminentemente cultural.

De facto, a área mais a Norte da escavação terá sido desactivada possivelmente em finais do séc. VI, pelo que podemos inferir através da identificação do enchimento de quatro fossas escavadas sobre as ruínas desse último complexo [215/775, 153, 119, 132], que parecem corresponder a um momento de utilização tardio desta área, com relativas variações de quantidade e antiguidade entre as fossas, mas certamente testemunhando o seu aproveitamento como vazadouro no período que medeia entre o abandono da fase IV, em finais do séc. VI, e a remodelação urbanística seguinte, em meados do séc. V a.C. Em três destas [153, 119, 132], foi possível recolher um amplo espólio de cerâmica cinzenta, novamente com tigelas hemisféricas com e sem bordo espessado das variantes I.A.1, I.A.2a e I.A.4, a par de vários fundos predominantemente planos ou “em bolacha” planos e côncavos (Est. XIII).

Neste contexto, cabe destacar que a fossa [215/775], situada sobre os derrubes do anterior compartimento 17 (Est. XV-XVI), ofereceu grande parte dos achados, permitindo a classificação de 36 fragmentos, nomeadamente as maioritárias tigelas hemisféricas de tipo I.A.1, I.A.2a e I.A.3 e truncocónicas I.B, uma taça carenada de perfil suave II.1, bem como alguns casos excepcionais desta fase de ocupação, designadamente um bordo de prato III e os dois únicos exemplares da Fase IV de grandes recipientes das formas IV.A.1b e da forma IV.A.2. Devemos, por fim, destacar



ainda, e sobretudo, um bojo com decoração brunida, exclusivo de toda a diacronia de Castro Marim (Est. XVI, nº 13583). Como tivemos já oportunidade de referir brevemente, este último achado, com esta proveniência, pode vir confirmar a predominância até um momento relativamente tardio de um esquema decorativo inexistente na amostra das fases seguintes – embora também não haja evidências da sua existência em fases precedentes ou no decorrer da fase IV –, mas coadunável com a maior antiguidade desta fossa relativamente às outras, cenário que já sugeriam outras categorias cerâmicas, como a manual (OLIVEIRA, 2006: 104). Contudo, embora não excluamos a hipótese de se tratar de um achado descontextualizado, cuja fragmentação impossibilita a determinação da forma tipológica ou da restante gramática decorativa seguida, é inegável que este tipo de decoração brunida aplicada em cerâmica cinzenta é uma realidade com pervivências até contextos do séc. V a.C. (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 90), sendo, por isso, coadunável com o contexto de abandono em que o bojo de Castro Marim foi recuperado.

Deste modo, a Sul do anterior complexo arquitectónico definiu-se um outro edifício do mesmo momento de construção que o complexo a Norte, *i.e.*, durante o VI a.C., embora, ao contrário daquele, abandonado nos finais da centúria, este pareça ter sido abandonado apenas num momento posterior, datável já da primeira metade do séc. V a.C. Composto por pelo menos dois compartimentos de planta rectangular, perpendiculares entre si, cujo acesso se faria pela área exterior, a singularidade das características da sua construção levaram a associá-lo a actividades culturais, fortemente relacionadas com o grande edifício central, que a dado momento poderá ter servido de habitação ou de apoio a outras actividades quotidianas. Deste modo, o **compartimento 26** apresentava uma orientação Oeste/Este, pavimentado por rocha desagregada de tonalidade verde, entrada aberta a Sul, e sem registo de estruturas no interior. Aqui, as camadas de aterro preservavam apenas quatro tigelas hemisféricas I.A.1 e I.A.2a e uma tigela troncocónica (I.B).

O **compartimento 27**, que confinava com o anterior, apresenta uma orientação Sul/Norte, com características arquitectónicas e construtivas verdadeiramente singulares que levaram a considerá-lo um santuário urbano (ARRUDA *et alii*, 2007).

A amostra de cerâmica cinzenta é bastante vasta. Contudo, dificilmente nos

permite associar a sua natureza às funções que aí se desenvolveriam. Entre as evidências materiais provenientes dos aterros correspondentes aos momentos de construção [834, 856], analisaram-se vários fragmentos de cerâmica cinzenta, entre os quais se contam doze tigelas hemisféricas I.A.1 e I.A.2a, um exemplar da forma I.B, duas taças carenadas das variantes II.2 e II.3 e um fundo plano (Est. XXV).

Todavia, a esmagadora maioria de cerâmica cinzenta é proveniente das camadas de derrube deste compartimento [633, 643, 608, 607], tendo-se analisado 112 fragmentos de cerâmica cinzenta, dos quais apenas 65 permitiram uma classificação formal (Est. XXV-XXVIII). O repertório desta amostra sugere, uma vez mais, a mesma relativa monotonia tipológica que temos vindo a analisar para esta fase IV – embora sempre tendo em atenção a diversidade morfológica ao nível das variantes, característica bastante comum entre tigelas e taças desta categoria. Deste modo, foi possível identificar vinte e oito fragmentos pertencentes a tigelas hemisféricas da variante I.A.1, três dos quais de perfil completo (Est. X). Da variante I.A.2 recolheram-se onze exemplares, vários de bordo espessado de secção circular (I.A.2a), alguns tendencialmente rectilíneos, mas que nos não obrigam a considerar uma nova variante, e ainda um de bordo amendoado (Est. XXVIII, 12950). Distinguimos também dois fragmentos de bordo espessado externamente (I.A.3) e três bordos biselados e reentrantes I.A.5. Apenas se identificaram seis tigelas de perfil troncocónico (I.B), duas taças carenadas II.2 e um bordo muito fragmentado que definimos como sendo da variante II.5 atendendo, sobretudo, a uma tendência vertical, mas cujas características nos suscitam algumas reservas. Classificámos ainda três bordos de pratos (III) muito fragmentados e ainda um bordo de um recipiente fechado V.A (Est. XX, 7476).

Este complexo arquitectónico, formado pelos compartimentos 26 e 27, reveste-se de um carácter cultural que foi interpretado sobretudo a partir de elementos arquitectónicos e estruturais. Consequentemente, com os materiais aí recolhidos dificilmente pode ser estabelecida uma relação a estas actividades, também em parte pelo facto de aparentemente terem sido esvaziados de forma intencional e depois derrubados (FREITAS, 2005: 68; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007: 471; ARRUDA *et alii*, 2009). Por outro lado, os dados estratigráficos autorizam-nos a sugerir que este edifício do séc. VI a.C. tivesse sido mantido em funções até à primeira metade do século seguinte, pelo que o abandono deste espaço terá ocorrido nesse momento e de forma

repentina (ARRUDA, FREITAS, 2008: 436-438). A identificação de fragmentos de taças Castulo em níveis de construção dos edifícios da fase seguinte, e sobre os derrubes anteriormente analisados, permite situar as novas construções já na segunda metade do séc. V a.C., evidenciando um hiato ou, pelo menos, uma retracção no período que medeia entre finais do séc. VI e meados da centúria seguinte (*Iidem, ibidem*). Deste modo, e na ausência de materiais datáveis deste período, a estratigrafia permite-nos considerar uma cronologia análoga para o repertório de cerâmica cinzenta agora em análise.

Resta ainda referir que a zona de entrada destes compartimentos permitiu uma sucessão de aterros (635, 757, 758, 805, 801, 811, 864, 876, 886) onde foi possível recolher alguns fragmentos provavelmente associados a este espaço do séc. VI, e na sequência do repertório que anteriormente analisámos, designadamente 21 tigelas hemisféricas das variantes I.A.1, I.A.2a e I.A.3, quatro tigelas troncocónicas (I.B), uma taça carenada II.2 e dois bordos de prato (III) largos e destacados, com características exclusivas desta fase, como a exibição, na parede do lado interno, na transição entre o bordo e a parede, de um ressalto que poderá corresponder a uma ligeira depressão associada a uma carena no lado interno (Est. XXIV). Resta, contudo, destacar entre este conjunto a recolha de um bordo da variante que definimos como VI.C (Est. XXIV, nº12372), de bordo e colo curto estrangulado, de paredes mais finas, extremo do lábio espessado e um ressalto de características particulares, marcado no perfil exterior do colo, entrevedo-se a direcção de um corpo tendencialmente globular. Como tivemos já oportunidade de enunciar, trata-se de uma forma que podemos enquadrar entre tipologias definidas como Potes ou Panelas, presentes em vários sítios desde finais do séc. VII a.C. até ao séc. IV a.C. e servindo possivelmente como recipientes de armazenamento (CARO BELLIDO, 1989).

No **compartimento 25** [951] recolheram-se duas tigelas da variante I.A.2a e um bordo pertencente a uma taça carenada II.5c (Est. XXIX, nº 10912), cuja classificação, dado o estado fragmentário da peça, suscitou algumas dificuldades. Os achados de cerâmica cinzenta não permitem tecer considerações funcionais como as que foram esboçadas para a cerâmica manual utilizada como parte de um ritual de fundação do compartimento, que testemunha um momento de construção tardio da fase IV, já

durante a primeira metade do séc. V a. C. (OLIVEIRA, 2006: 103).

A área entre os compartimentos 21, 22, 23 e 24 terá funcionado como um espaço aberto, uma pequena “praça” entre os vários espaços edificados onde teria certamente lugar uma multiplicidade de actividades (ARRUDA *et alii* 2007: 471). Entre as várias camadas de aterro que ali identificadas [721, 739, 797, 798, 1030], foi possível recolher dez tigelas hemisféricas e troncocónicas das variantes I.A.1, I.A.2a e I.B, duas taças carenadas das variantes II.1 e II.2 e ainda um bordo esvasado de um prato III.a, muito reduzido, com cerca de 24 cm. de diâmetro, que apresentava o extremo do lábio bífido, formando uma pequena canelura, o que é um elemento singular e exclusivo desta fase (Est. XXIX). Na área a Este do compartimento 23 detectaram-se várias U.E’s anteriores à construção desse espaço aberto [890, 989, 1292], onde foi possível identificar, entre outros, doze fragmentos de tigelas hemisféricas das variantes I.A.1, I.A.2a e I.A.3, bem como um bordo tendencialmente ovóide pertencente a uma tigela troncocónica de tipo I.B (Est. X).

#### 5.1.5. Fase V

##### Apresentação da amostra:

A cerâmica cinzenta recolhida na fase V da ocupação do sítio, correspondente à segunda metade do século V a.C., quando o povoado sofre uma profunda renovação urbanística, revelou algumas particularidades artefactuais, que contrastam, como veremos, com uma continuidade funcional ao nível dos espaços arquitectónicos identificados.

O espólio em estudo traduz-se em **439** indivíduos de cerâmica cinzenta analisados na Fase V provenientes do Sector 1, Cortes 2, dos quais apenas **361** permitiram uma classificação tipológica, **301** bordos e **60** fundos. Com excepção de alguns casos pontuais de conservação de contextos, muitos fragmentos revelaram-se de difícil classificação. Entre o grupo de *Indeterminados* incluímos **78** fragmentos integrando fundos, bordos, asas e bojos.

O repertório formal desta fase diferencia-se dos períodos antecedentes na medida em que surgem novas formas e variantes que lhe são exclusivas, embora, salvo

as exceções compostas por exemplares únicos, se observe uma maior homogeneidade em todo o conjunto, sobretudo em formas tipológicas maioritárias, verificando-se igualmente, por exemplo, o surgimento de um novo grupo de fabrico, bem como alterações no tratamento e decoração das superfícies. Alguns dos exemplares presentemente analisados foram já referidos em outras publicações, nomeadamente em estudos parciais de alguns contextos (ARRUDA, 1999/2000, 2003, 2005a; FREITAS, 2005; SOUSA, 2005; OLIVEIRA, 2007; ARRUDA, FREITAS, OLIVEIRA, 2007; ARRUDA, FREITAS, 2008).<sup>4</sup>

No total da amostra proveniente de níveis da Fase V, as **Tigelas** permanecem a forma mais frequente de todo o conjunto [271 NMI], representando 62% do total da cerâmica cinzenta deste momento, sendo que as de perfil hemisférico ultrapassam novamente as de perfil troncocónico, que, comparativamente, têm uma expressão quase residual (Gráfico).

A tigela **I.A.1**, de bordo arredondado simples, continua a ser a variante mais frequente (127 NMI), representando 29% da amostra total das tigelas, sendo que apenas foi possível recuperar três exemplares de perfil completo, que, apesar do carácter exclusivo, podem ilustrar a associação aos respectivos fundos. Trata-se, por um lado, de dois casos singulares de tigelas I.A.1 associados a fundos “em bolacha” côncavos, com características de fabrico muito particulares, grupo 1B e acabamento polido muito cuidado, e a associação a 3 ou 4 caneluras decorativas na superfície externa, característica que de resto, como oportunamente analisaremos, está, regra geral, associada a um tipo formal I.A.5 e fabrico 2 (Est. XLIII, 5002, 13048). Por outro lado, foi ainda recolhido um exemplar de perfil completo de uma tigela hemisférica I.A.1 com 12 cm. de diâmetro associada a um fundo anelar (Ext. X, nº 11098). Gostaríamos ainda de sublinhar que se registou um fragmento de uma tigela com duas perfurações paralelas da forma I.A.5 e fabrico 2 (Est. XXXIII nº 2105).

A tigela **I.A.2**, com espessamento interno do bordo, mantém-se, como a segunda variante mais frequente desta forma, sendo neste caso igualmente predominante a variante **I.A.2a** (66), com alguns caso de paredes mais finas, e dois exemplares residuais

---

<sup>4</sup> A maioria dos desenhos gráficos da cerâmica cinzenta das Unidades Estratigráficas [78], [80] e [89], correspondente a um depósito selado no Compartimento 31, são da autoria de Elisa Barbosa, a quem desejamos expressar o nosso sincero agradecimento.

**I.A.2b**, diferença que pode uma vez mais ilustrar o estado fragmentário ou reduzido de grande parte do conjunto, o que levanta frequentes dificuldades à fixação da forma (Gráfico).

Ao contrário do que acontece em fases anteriores, a forma que definimos como **I.A.5** tem particular presença neste momento de ocupação, totalizando 41 indivíduos que representam cerca de 15% do conjunto de tigelas desta fase. Neste momento em particular, cabe destacar que a forma apresenta características únicas, que, embora tenhamos oportunidade de analisar mais adiante, não devem necessariamente ser entendidas como uma clara evolução da variante em fases anteriores. Deste modo, relembramos, trata-se de uma tigela hemisférica de bordo biselado no prolongamento da parede, que apresenta nesta fase características claramente distintivas das restantes variantes por estarem praticamente todos os exemplares associados a um fabrico particularmente cuidado (grupo 2), de paredes mais finas, bem como a outras características decorativas (*vide infra*).

No conjunto em apreço, foi possível recolher um exemplar de perfil completo associado a um fundo “em bolacha” côncavo (Est. X, nº10110), embora, como examinaremos, alguns fundos de pé anelar pareçam, com alguma certeza, corresponder a estas tigelas. Também em níveis estratigráficos da fase V foi possível recuperar um fragmento de uma tigela I.A.5, de bordo biselado e três caneluras na superfície externa, pertencente ao grupo de fabrico 2, com dupla perfuração, paralela ao bordo (Est. X, nº12198]. A este propósito, cabe ainda referir sucintamente que a maioria dos exemplares integrados nesta forma é proveniente de um particular depósito cerâmico do Compartimento 31, correspondendo a um contexto de abandono do séc. V a.C. e em condições muito singulares no âmbito de toda a diacronia.

Por fim, as tigelas do tipo **I.A.3** e do tipo **I.A.4** continuam a ser minoritárias no conjunto, neste caso atingindo mesmo unidades residuais (9 e 4NMI, respectivamente).

As **tigelas troncocónicas (IB)** são novamente residuais, contando apenas com 22 indivíduos classificados. À semelhança das fases antecedentes, contaram-se apenas dois fragmentos de bordo espessado interna e externamente, de tendência ovóide, não justificando, no entanto, a sua integração numa variante.

No que diz respeito às **Taças Carenadas (II)**, deve observar-se que a sua presença nesta fase de ocupação é consideravelmente reduzida, tendo sido registados apenas 18 indivíduos, que representam cerca de 4% do conjunto total deste momento. Se, por um lado, e num conjunto tão reduzido, importa destacar a variabilidade morfológica existente entre as taças carenadas, com a presença de todas as variantes tipológicas definidas, por outro, cabe realçar de igual forma o aparecimento de uma nova variante exclusiva desta fase (II.4) (Tabela).

Neste sentido, e tomando em conta uma amostra tão circunscrita, a variante **II.1**, de perfil carenado suave, soma apenas 7 indivíduos, sendo que as taças carenadas de bordo curto e carena acentuada (**II.2**), conta com apenas 3 peças, em alguns casos com um ligeiro ressaltado do bordo na superfície externa (Est. X).

A variante **II.3** está representada por dois exemplares, um deles de perfil quase completo, fundo anelar e duas perfurações no bordo, e proveniente de aterros do Corte 3, provavelmente de meados do século IV a.C. (Est. X, nº 8517)

Deve salientar-se, uma vez mais, que na fase V surge uma variação entre as taças carenadas: trata-se da variante **II.4**, ou seja, de um recipiente de carena baixa acentuada e bordo esvasado, que embora também em número reduzido (3NMI) se distribui, por sua vez, pela variante **II.4a** (taça de carena baixa acentuada, bordo contínuo e pequeno lábio de tendência arredondada), de que se contaram apenas dois indivíduos (Est. X, nº 2032, 7426), e pela variante **II.4b** (taça de carena baixa bem marcada que se distingue por possuir um bordo esvasado e aplanado), representada por apenas um indivíduo (Est. X nº 12607). Refira-se, a este respeito, que as peças incluídas nesta última variante apresentam um fabrico 1B, bastante cuidado no polimento das superfícies, sendo que os exemplares da variante II.4a surgem novamente no depósito identificado no Compartimento 31, revelando igualmente características conservadas muito particulares.

Quanto às variantes **II.5a**, **II.5b**, **II.5c** são formas unicamente representadas por exemplares individuais, totalizando, portanto, apenas 3 indivíduos (Tabela, Est. X). Todos estes exemplares são provenientes de contextos datáveis entre a segunda metade do séc. V e meados do séc. IV a.C.

No que diz respeito à forma que designámos como **Pratos (III)**, apenas

incluímos nesta fase 4 bordos esvasados arredondados, mas que que, pelo seu estado de considerável fragmentação, não nos permitem desenvolver mais profundas considerações.

A presença da categoria de **grandes recipientes abertos (IV)** na Fase V é bastante reduzida e pouco homogénea, tendo sido, contudo, identificadas novas formas (Tabela, Gráfico). Identificámos um indivíduo da variante **IV.A.2** (Est. X, nº 3013), apresentando um bordo esvasado, ligeiramente espessado, extremo do lábio de tendência oblíqua e arredondado, com cerca de 26 cm. de diâmetro de abertura, e que apenas encontra um paralelo num indivíduo na fase precedente. Identificámos ainda o único exemplar da variante que definimos como **IV.A.3** (Est. X, nº5851), muito semelhante à anterior e apenas distinto pelo bordo destacado e aplanado, com cerca de 26 cm. de diâmetro de abertura.

Ainda entre esta categoria formal, distinguimos dois indivíduos da variante **IV.B.2** (Est. X, nº 12140, 13511), recipientes abertos de bordo destacado, tendencialmente horizontal e espessado, colo curto estrangulado ou inexistente. São novamente formas registadas apenas nesta fase de ocupação, com cerca de 28 e 34 cm. de diâmetro de abertura do bordo. Infelizmente os exemplares encontram-se muito fragmentados, pelo que apenas podemos supor que apresentassem um corpo de tendência provavelmente ovóide, iniciando-se na zona do colo, cujo constrangimento impediria o acesso ao interior da peça.

Os **recipientes fechados** são igualmente escassos nesta fase, representando apenas cerca de 0,7% do total do conjunto (Gráfico, Tabela). Identificámos, ainda assim, um bordo da variante **V.A** (Est. X, nº 2031) e ainda os dois únicos bordos integrados na variante que definimos como **V.B** (Est. X, nº2044, 9007), correspondentes a recipientes fechados de colo alto, estrangulado, bordo simples arredondado no prolongamento da parede do colo, com diâmetros de 10,2 e 16 cm. Apesar de a metade inferior não ter chegado até nós, outros recipientes documentados em sítios peninsulares levam-nos a considerar que se tratassem de recipientes compostos de corpo tendencialmente globular ou de “perfil em S”.

Entre as formas fechadas, recolheu-se ainda um bordo correspondente a um



grande recipiente de forma **VI.B** (Est. 2036), com cerca de 29 cm. de diâmetro de abertura, que se deveria tratar provavelmente de um recipiente de armazenamento. Recolhido igualmente num contexto muito particular, não podemos, infelizmente, atendendo ao estado fragmentário do bordo tecer outras considerações acerca do desenvolvimento do corpo.

Em relação aos **fundos** classificados para este momento (60NMI), os fundos planos ou côncavos mantêm-se como os mais comuns de todo o conjunto da fase V (Gráfico). Por outro lado, os fundos “em bolacha” planos ou côncavos são igualmente frequentes, sendo os estes últimos mais frequentes do que os primeiros. A este respeito, importa referir que alguns fundos “em bolacha” se encontravam levemente fragmentados, impossibilitando a sua classificação enquanto planos ou côncavos, pelo que optámos apenas pela inserção destes exemplares unicamente na variante de fundos “em bolacha”. Foi ainda possível recolher três fundos “em bolacha” em ônfalo (Est. X, nº15732, 3073, 5348), um fundo plano canelado, com sulcos concêntricos na base (nº472) e um bordo “em bolacha” muito fragmentado com uma pequena canelura na base (Est. X, nº 5348).

Deve salientar-se também que é neste momento da diacronia de Castro Marim que assistimos a um enorme crescimento da frequência de **fundos de pé anelar**, que não hesitaríamos mesmo em considerar quase exclusivos desta fase de ocupação, totalizando 16 indivíduos classificados (Gráfico). O carácter excepcional desta presença é ainda relevado atendendo ao tipo formal e ao grupo de fabrico, que parecem, com alguma certeza, estar geralmente associados. Referimo-nos, naturalmente, às tigelas hemisféricas de bordo biselado (I.A.5), particularmente presentes neste momento e associadas, regra geral, como tivemos já ocasião de referir sucintamente, a características de fabrico (2) e decoração canelada na superfície externa muito significativas. De facto, alguns fundos anelares chegam a apresentar a associação de três caneluras na superfície externa (Est. X, nº 5194). Por outro lado ainda, devemos realçar o facto de a maioria destes fundos de pé anelar, geralmente associados àquela tigela, ser proveniente de um contexto fechado muito particular de finais do séc. V a.C., coincidindo precisamente com outras realidades artefactuais de meados do século (ALMAGRO-GORBEA, LORRIO ALVARADO, 1986), mas que oportunamente viremos a

analisar com maior pormenor.

Estas considerações não eliminam, contudo, os casos de associação daquela variante de tigela a outro tipo de fundos, designadamente fundos “em bolacha” côncavos, como seria o caso da tigela de perfil completo nº 10110 (Est. X), ou, pelo contrário, a associação de fundos anelares a outras variantes formais muito próprias, como o exemplar de perfil completo nº 11098 (Est. X), classificado como I.A.1, mas com um diâmetro reduzido distintivo.

A respeito da associação funcional destes fundos, importa salientar que alguns exemplares completos de tigelas I.A.1 (Est. XLIX, nº 5002, Est. XLIII, 13048) evidenciam a associação a fundos “em bolacha” côncavos e a características de fabrico 1B e acabamento polido muito cuidado, bem como a associação a três ou quatro caneluras decorativas na superfície externa, presença que não deixa de suscitar algumas questões, uma vez que essa característica decorativa está geralmente associada a um tipo formal e de fabrico muito concreto.

Como pudemos já considerar, a distribuição dos **grupos de fabrico** altera-se significativamente na fase V (Gráfico), na medida em que, por um lado, certos grupos estão agora ausentes (grupo 3), embora, por outro, possamos destacar o surgimento de um novo e distinto grupo de fabrico (grupo 2).

O fabrico **1A** é ainda o grupo mais frequente, totalizando 308 exemplares de praticamente todos os tipos e variantes reconhecidos na fase V, sobretudo tigelas I.A.1 e I.A.2, fundos planos ou “em bolacha”, sendo de destacar a presença de casos raros de exemplares de pé anelar e em ônfalo, estando ausentes, por outro lado, as taças de carena baixa II.4 e os recipientes fechados V.A e V.B.

O segundo grupo mais bem representado é o grupo de fabrico **1B**, com 64 indivíduos. Embora sejam em menor número, é este o momento de ocupação em que este grupo se encontra representado de forma mais ampla. De facto, trata-se de um grupo muito particular, que assume nesta fase características muito singulares, apresentando frequentemente um acabamento muito cuidado e homogéneo, bastante polido, por vezes com a aplicação de um engobe ou aguada submetida a altas temperaturas. Todavia, por outro lado, consideramos que esta frequência superior do grupo 1B se poderá dever a uma conservação mais cuidadosa a que certas peças tenham

estado submetidas nesta fase de ocupação, sobretudo o grupo maioritário proveniente de um contexto fechado do Compartimento 31; devemos, então, salientar que mesmo à inclusão de certas peças no grupo 1A não foram alheias algumas reservas. Resta-nos referir que os fragmentos incluídos neste grupo pertencem a todos os grupos formais definidos para o grupo de fabrico 1A, à excepção da forma II.1, que não está de todo presente, e de outras formas unicamente documentadas neste grupo de fabrico, designadamente as referidas taças carenadas II.4, o único recipiente V.A. recolhido nesta fase e um exemplar da variante V.B.

O **fabrico 2** é, por seu turno, o terceiro grupo mais frequente (cerca de 10%). Ausente das fases anteriores, revela, entre outras características, uma novidade em toda a diacronia de Castro Marim. Antes de mais, foi definido a partir de 44 exemplares classificáveis, estando particularmente associado quer a tigelas de bordo biselado I.A.5, frequentemente decoradas na superfície externa, quer a fundos de pé anelar, que lhes estão igualmente associados, como já tivemos oportunidade de referir brevemente. Note-se ainda a inclusão de um fundo plano em ônfalo neste fabrico (Est.XLII nº 15732).

Neste contexto, recolhemos um caso excepcional de um bordo simples arredondado que, além de estar classificado como tigela hemisférica I.A.1, está integrado no grupo de fabrico 2 e apresenta, por sua vez, uma decoração canelada, ambas características geralmente associadas à forma I.A.5 (Est. XLIII, nº 13095). Por outro lado, e como já referimos a propósito do grupo de fabrico anterior, essa relação não é incontornável, na medida em que existem casos raros da associação da tigela de bordo biselado (I.A.5) ao anterior grupo de fabrico 1B e 1A. Deste modo, relembramos que algumas tigelas I.A.1, incluídas no fabrico 1B, nos suscitaram algumas reservas quanto à classificação, pelo que a possibilidade de integrar este grupo 2 não seria totalmente a despropósito (Est. L, nº 12518, 15206).

Como adiante comentaremos, cabe ainda destacar que este fabrico, e, por conseguinte, o grupo tipológico que lhe está genericamente associado, parece ser preferencialmente predominante, se não quase exclusivo, em materiais provenientes de um depósito fechado do compartimento 31 relativo a um momento de abandono da segunda metade do séc. V a.C., revestindo esta amostra de um significado eventualmente simbólico que tentaremos analisar mais aprofundadamente.

Por fim, o grupo **1C** soma apenas 21 indivíduos, estando presente em tigelas hemisféricas (I.A.1, I.A.2), troncocónicas (IB) e ainda no segundo exemplar de recipiente fechado V.B. (Est. Xlix, nº 9007) proveniente desta fase.

Do ponto de vista **decorativo**, importa, desde logo, destacar uma relativa frequência de peças em que este elemento é observável no conjunto da fase V, comparativamente com os valores registados nas fases anteriores, somando-se aqui 28 indivíduos decorados. Com efeito, ao nível estilístico a fase V revela características muito próprias, bem demarcadas, sobretudo pela predominância e mesmo pela exclusividade de recipientes com decoração canelada na superfície externa, que apenas se documenta neste momento de ocupação

Como temos vindo a documentar, este elemento decorativo adorna principalmente as tigelas hemisféricas da variante I.A.5 de bordo biselado, sendo aplicado sempre na metade inferior da peça, num esquema simples de três ou quatro linhas incisas paralelas, pouco profundas e horizontais no exterior das peças. Em alguns casos que subsistiram sem a conservação do perfil completo, são visíveis apenas duas linhas. Para além da forma acima referida, e como já tivemos oportunidade de observar, documentaram-se ainda dois exemplares do tipo I.A.1 (Est. XLIII, nº 13048, Est. LI, 13498), um de perfil completo, outro muito fragmentado, que, além de apresentarem igualmente estas caneluras distintivas na superfície externa, integram o grupo de fabrico 1B, podendo eventualmente sugerir uma tentativa de reprodução daquela outra forma. Esta é, contudo, pelo seu carácter singular, apenas uma interpretação a reconsiderar em análises seguintes.

Parece-nos para já tratar-se de uma opção decorativa intencional que conjuga propositadamente a associação desta decoração canelada a uma tigela hemisférica de bordo biselado e, tal como anteriormente referimos, a um grupo de fabrico (2) particularmente cuidado e singular em toda a diacronia. A acrescentar a este facto, podemos uma vez mais confirmar a frequência, mas não a exclusividade, da associação entre forma, fabrico e decoração em peças provenientes do contexto primário do compartimento 31 (U.E.s [78], [80] e [89]), correspondente a um momento de abandono do séc. V a.C (Est. XXXVII-XXXIX).

Como oportunamente analisaremos, regra geral a designada decoração canelada

é recorrente em alguns conjuntos de cerâmica cinzenta do séc. V, revestindo-se, no entanto, de outras características, como sejam a profundidade e largura, alguns casos da designada “decoração zigzagueante”, e sendo, contudo, predominante nos designados suportes de cerâmica cinzenta e taças de corpo ovóide, ou em casos excepcionais de pratos de bordo esvertido (LORRIO, 2008; CARO, 1989: 174). Deste modo, o tipo de acabamento registado em Castro Marim encontrou algumas dificuldades no estabelecimento de paralelos com conjuntos artefactuais das zonas envolventes do sítio da foz do Guadiana no séc. V a.C., sobretudo ao nível da quantidade e profundidade das caneluras, bem como da forma tipológica a que está genericamente associada, o que poderá indiciar tratar-se esta de uma produção local/ regional.

### **Distribuição Espacial:**

A **Fase V** corresponde a um momento de profunda reestruturação urbanística do povoado algarvio, iniciada na segunda metade do século V a.C. e com reflexos em particular numa nova orientação arquitectónica e na significativa redução do número e extensão dos diferentes compartimentos. Não obstante a relativa degradação, ou remodelações dos vestígios arquitectónicos, este modelo permanece até ao início da ocupação romano-republicana, no século III a. C. (ARRUDA *et alii*, 2007). Nesta fase foram definidos três momentos de ocupação, de acordo com a associação de contextos de abandono à presença de cerâmicas de importação, designadamente de cerâmica ática ou de tipo Kuass (*Iidem, ibidem*), e sobretudo tendo em atenção os contextos distintamente conservados. O momento mais antigo compreende um período fixável entre os finais do séc. V e meados do séc. IV a.C., em que, a um tempo, os mesmos espaços se mantiveram em funcionamento, transformados por sucessivas remodelações ou ampliações, e foram levantadas novas construções, em particular em momentos mais próximos do termo do séc. IV a.C. A fase final, que se estende até ao século III a.C., está documentada em contextos de aterro pouco conservados e sem vestígios nítidos de contextos arquitectónicos.

Os contextos estratigráficos associados ao momento mais antigo de ocupação da fase V remetem para a segunda metade do século V a.C., sobretudo, como teremos

ocasião de observar, tendo em conta a identificação de Taças Castulo nos níveis de construção do novo conjunto de edifícios (ARRUDA, FREITAS, 2008: 437). A área edificada mais antiga é agora formada por três espaços distintos da segunda metade do séc. V a.C., que demonstram, como também observaremos em seguida, remodelações ao longo do tempo.

Desde logo, devemos destacar o **Compartimento 29**, de planta rectangular, que, não tendo embora sido possível recuperar senão parte do lado oriental, evidencia elementos reveladores de uma acentuada carga simbólica – desde logo, e entre outras características, por se sobrepor a construções de fases anteriores de idênticas funções. De facto, os pisos de argila erguem-se sobre uma anterior e longa vala bifurcada que desemboca numa fossa sub-circular, possivelmente coberta por tijolos de adobe (ARRUDA *et alii*, 2007: 471). Foi recolhido algum espólio arqueológico nas camadas de colmatação da vala, nomeadamente contas de colar, objectos metálicos (pinças, agulhas e a asa de um recipiente de bronze) e também um possível elemento têxtil (ARRUDA *et alii*, 2009: 80). Nestes níveis fundacionais, a partir da segunda metade do século V a.C., identificaram-se também três buracos de poste, que recentemente se sugeriu que pudessem corresponder a estruturas para a implantação de betilos, bem como, nos mesmos estratos fundacionais, três fossas simples contendo inumações infantis, sem qualquer espólio, a partir das quais, associadas a possíveis rituais fundacionais, se poderá supor uma natureza simbólica bastante complexa (*Iidem, ibidem*). Deste momento fundacional apenas se recuperou cerâmica cinzenta em estratos de aterro/preparação [843, 730] dos pisos seguintes, designadamente um bordo de forma indeterminada e uma tigela I.A.1 muito fragmentada, que não sugerem qualquer leitura.

No centro do primeiro piso de utilização, sobreposto a estas estruturas e pavimentado com placas de xisto de pequenas dimensões aglomeradas com argila, exumou-se uma estrutura de combustão delimitada por uma moldura pétrea de configuração quadrangular, semelhante às exumadas nas fases anteriores. Embora neste piso não tenha sido detectado qualquer fragmento de cerâmica cinzenta, algumas evidências cerâmicas foram reveladas entre a repavimentação contínua de que foi posteriormente objecto (ARRUDA *et alii*, 2007: 472). No segundo momento de utilização deste espaço, que se sucede a alguns níveis de derrube/nivelamento, apenas o estrato de piso [571], que podemos situar na primeira metade do séc. IV a.C. (FREITAS, 2005: 73),

permitiu a classificação de uma tigela I.A.1 de cerâmica cinzenta. A escassez de materiais recuperados neste compartimento vem continuar, de forma genérica, o cenário da fase anterior, revelando o especial cuidado no despejo e derrube propositado de um espaço que, como verificámos, apresenta características culturais (OLIVEIRA, 2006: 116; FREITAS, 2005: 72; ARRUDA *et alii*, 2007, 2009).

O **Compartimento 30** serviria de local de passagem entre os compartimentos 29 e 31, tendo sido apenas possível classificar, entre o escasso espólio recuperado, uma tigela de tipo I.A.1, outra tigela I.A.2a e um fundo plano [Est. XXX, 11940, 8316].

Ao **Compartimento 31** corresponderia um edifício de grandes dimensões, embora não tenha sido recuperada a planta total, tendo sido sugerida a existência de um *bothros* associado à zona de culto identificada no Compartimento 29 (ARRUDA *et alii*, 2009: 80). De facto, este espaço parece ter sido construído no mesmo período que o anterior – último quartel do séc. V a.C. –, o que é confirmado pelos vestígios de um incêndio que permitiu a preservação de um importante conjunto material que teremos oportunidade de analisar, sugerindo a utilização deste espaço como depósito votivo, muito provavelmente associado ao espaço cultural.

Os estratos relativos ao momento de construção do compartimento [133, 139, 143, 150, 152, 173, 691, 716] permitiram a classificação de 17 fragmentos de cerâmica cinzenta, maioritariamente tigelas de tipo I.A.1, uma tigela da variante I.A.3 e dois da variante I.A.2a, bem como uma tigela troncocónica I.B (Est. XXX).

Por sua vez, e como já tivemos oportunidade de referir, o depósito cerâmico deste espaço [U.E.'s 78/80/89] consiste num conjunto verdadeiramente importante no contexto da segunda metade do séc. V a.C. de Castro Marim, em particular no último quartel do século, pelas circunstâncias em que foi encontrado, preservado intacto, e pela sua abundância e singularidade artefactual (ARRUDA *et alii*, 2009: 80). De forma semelhante, a cerâmica cinzenta que entre ele se conserva revela características em que podemos observar uma intencionalidade simbólica, sobretudo em conformidade com o carácter ritual do compartimento cultural anexo que analisámos.

A cerâmica cinzenta conservada neste depósito cerâmico constitui uma amostra particularmente expressiva no conjunto da fase V, chegando a representar 17% da amostra total. Por um lado, testemunha uma relativa continuidade formal e tecnológica,



representando, em geral, o cenário artefactual que podemos encontrar noutros momentos da ocupação de Castro Marim e da Idade do Ferro Peninsular. Contudo, são sobretudo evidentes, por um lado, uma uniformidade mais generalizada das variantes, resultado, possivelmente, das condições de preservação, e, por outro, algumas exceções de fabrico, tipológicas e decorativas, exclusivas deste momento de ocupação no século V a.C., que acarretam tendencialmente a leitura de um eventual significado simbólico.

Neste contexto, foram classificadas no depósito [78/80/89] 16 tigelas hemisféricas de tipo I.A.1, um fragmento de bordo da variante I.A.2a e dois bordos da variante I.A.3. Cabe aqui destacar sobretudo a presença maioritária e exclusiva da forma I.A.5, contando 29 fragmentos classificados, com um exemplar de perfil completo com fundo “em bolacha” côncavo, testemunhando uma variante que assume particular relevância neste contexto. Reiteramos, uma vez mais, a noção de que esta tigela de bordo biselado adquire neste momento características singulares e exclusivas desta fase de ocupação, que não devem necessariamente ser lidas como uma evolução da forma em fases precedentes. Por outro lado, como já referimos, deve notar-se que os fragmentos desta variante recuperados neste contexto fechado pertencem, à excepção de um caso singular, ao grupo de fabrico 2, particularmente cuidado, ostentando uma decoração canelada na superfície externa, ambas características que consideráramos praticamente exclusivas desta forma, como inclusivamente novidades introduzidas unicamente na fase V e particularmente expressivas neste depósito primário (Est.XXXII-XXXV/ XXXVII-XL).

Aqui foi ainda recolhido um bordo de uma taça carenada de tipo II.2, que apresenta um diâmetro consideravelmente superior ao habitual (cerca de 29 cm.), e com um ressalto marcado na superfície do bordo. Neste conjunto devemos sobretudo destacar a presença de dois exemplares das taças carenadas da variante II.4.a, uma forma unicamente identificada neste contexto fechado da fase V e que se distingue por uma carena baixa acentuada, bordo contínuo e pequeno lábio de tendência arredondada (2032, 7426=7493) (Est. XXXVI). Ainda nas camadas deste depósito foi recolhido o único bordo desta fase da variante que definimos como V.A, um bordo da variante V.B correspondente a um recipiente fechado de bordo arredondado, colo alto e estrangulado e diâmetro reduzido, e ainda o único bordo desta fase de um grande recipiente fechado



da forma VI.A , o que teria sido provavelmente um recipiente de armazenamento, mas relativamente ao qual a falta do restante corpo nos não autoriza a desenvolver considerações mais pormenorizadas (Est. XI, 2036, 2031, 2044).

Resta ainda referir que foram recuperados seis fundos planos e “em bolacha” côncavos ou planos que poderão estar associados às tigelas hemisféricas da variante I.A.1, sobretudo tendo em conta os fabricos de que provêm, maioritariamente 1B. Contudo, devemos realçar sobretudo os oito fundos de pé anelar recuperados neste contexto, bastante significativos nesta fase e parecem, com alguma certeza, associados à forma maioritária deste conjunto I.A.5, bem como ao grupo de fabrico 2, sendo ainda de notar que alguns destes fundos anelares chegam a apresentar a associação a três caneluras na superfície externa (Est. XLII-XLIII). Estes fundos anelares prefiguram uma morfologia perfeitamente enquadrável nos conjuntos artefactuais precisamente a partir de meados do séc. V a.C. na cerâmica cinzenta (LORRIO ALVARADO, 1988-1989: 312-313) e consideram-se fortemente devedores da influência da cerâmica grega ática (ALMAGRO-GORBEA, LORRIO ALVARADO, 1986).

No interior deste compartimento foram ainda recolhidos escassos fragmentos de cerâmica cinzenta provenientes de estruturas, estratos de aterro e pisos [88, 91, 98, 129, 140, 544/0098, 555, 592], constituindo um repertório semelhante ao anteriormente analisado, designadamente pelas tigelas I.A.1, I.A.2b e I.A.5, pertencentes alguns destes fragmentos novamente ao fabrico 2 e I.B (Est. XXXI).

O **Compartimento 32** foi identificado nas escavações da década de 1980 e durante as campanhas recentes de 2002 e 2003, quando revelou um edifício de planta trapezoidal exiguamente escavado numa área mais a Sul, que não terá aparentemente sido edificado nas fases de ocupação anteriores, remetendo, assim, a ocupação inicial apenas para os finais do séc. V e o início do séc. IV a.C., corroborada pela presença de uma ânfora Tiñosa (CARRETERO POBLETE, 2004) no piso [650], onde foi recolhida apenas uma tigela I.A.1. Contudo, os aterros de meados do séc. IV a.C. permitiram ainda a análise de 30 fragmentos de cerâmica cinzenta contando com formas recorrentes I.A.1, I.A.2a , um bordo da variante I.A.5, novamente do fabrico 2 e com a presença de duas reduzidas perfurações, certamente para suspensão, uma tigela IB, uma taça carenada II.1 e duas que classificámos como II.3, uma delas cuja integração foi feita não

sem algumas reservas, dado o estado fragmentário da peça, outra apresentando um perfil quase completo e proveniente do Corte 3 (Est. X). Foram ainda recolhidos dois fundos “em bolacha” fragmentados (cr.1 D.2 [6] 8647) e um fundo anelar (Est. XLIII-XLV).

Como referimos inicialmente, os compartimentos construídos no século V a.C., que antes analisámos, mantiveram-se em funções na centúria seguinte, a par de sucessivas remodelações e de novas construções, como acontece nos compartimentos 28 e 33. Note-se, contudo, que os contextos relativos à ocupação do séc. IV se encontram, de forma geral, pouco preservados e fragmentados, levantando algumas reservas quanto à possível descontextualização.

O **compartimento 28** configura um novo espaço num momento avançado da fase V, provavelmente em meados do séc. IV a.C., que assenta directamente sobre os derrubes do compartimento 27 da fase IV, sugerindo um espaço habitacional (ARRUDA *et alii*, 2007: 471). Aqui foram recolhidos vários fragmentos de cerâmica cinzenta, provenientes de sucessivos níveis estratigráficos, designadamente tigelas hemisféricas I.A.1, I.A.2a e I.A.3, troncocónicas I.B, uma taça carenada II.1, um bordo de um prato III muito fragmentado e ainda o único recipiente que classificámos como IV.A.3, fundos planos, “em bolacha” plano, canelado e côncavo e um fundo anelar. Ainda na zona Este, à entrada deste último compartimento, definiram-se vários estratos de pisos e camadas de aterro com cerâmica cinzenta possivelmente associada ao momento de utilização, designadamente cinco tigelas I.A.1, I.A.2a e I.A.3 (Est. XLVI).

Os vários aterros [495, 577, 699, 647] identificados na **área entre os compartimentos 28 e 29**, já analisado, testemunham uma fase avançada de ocupação do espaço, onde foi possível analisar 10 fragmentos de cerâmica cinzenta, alguns demasiado fragmentários para serem classificados. Contudo, identificaram-se além de duas tigelas I.A.1 e duas da variante I.A.2a, e um fundo “em bolacha”, identificámos neste espaço a tigela II.4b (Est. LI, nº 12607).

O **compartimento 33**, situado na zona Este adjacente ao compartimento 32, apresentava uma mó *in situ* e deverá ser igualmente considerado um contexto tardio da fase V, até um momento de abandono no início do séc. III a.C., conforme testemunha a presença de cerâmica de tipo Kouass (SOUSA, 2005), de contentores anfóricos, ou de

cerâmica pintada (ARRUDA *et alii*, 1997a). O compartimento foi objecto de uma intervenção total na década de 1980, em que foi possível recuperar escassos fragmentos de cerâmica cinzenta provenientes de níveis plenamente integrados entre os finais do séc. IV e o séc. III a.C., designadamente duas tigelas I.A.1, um fundo “em bolacha” côncavo e dois bordos, de dimensões muito reduzidas, de pequenos recipientes fechados indeterminados, um dos quais será possivelmente um material intrusivo de níveis superiores (Est. XLVIII). Este espaço, confinando com o compartimento 32, parece ter desempenhado funções eminentemente habitacionais.

A **área a Norte dos compartimentos 32 e 33** contém ainda alguns estratos correspondentes a um momento inicial de intensa ocupação do espaço entre a segunda metade do séc. V a.C. e meados do séc. IV a. C. [112, 126, 127], onde foi possível classificar vários fragmentos de cerâmica cinzenta, como tigelas das variantes I.A.1, I.A.2a e I.A.2b e um bordo de uma variante I.A.5, um bordo de tigela troncocónico I.B, o único fragmento desta fase que classificámos como II.5a e ainda um outro grande recipiente IV.A.2, também exemplar único desta fase (Est. XLVIII).

Num segundo momento de ocupação desta ampla área, provavelmente já entre os finais do séc. IV e o séc. III a.C., identificaram-se inclusivamente tigelas da variante I.A.1, uma delas de reduzidas dimensões e características singulares, de paredes mais finas e fabricos mais cuidados. Recuperou-se também o único exemplar desta fase da forma II.5b, e ainda um fundo côncavo (Est. XLVIII).

Esta mesma área foi objecto de uma intervenção durante as campanhas da década de 1980, tendo sido recolhido um conjunto de materiais bastante significativo associado a este segundo momento, datável de entre os sécs. IV e III a.C. Sendo alguns impossíveis de classificar, destacam-se várias tigelas de tipo I.A.1, uma de perfil completo com bordo anelar, de diâmetro reduzido e fabrico cuidado, e I.A.2a, bem como três taças carenadas de tipo II.1 e vários fundos planos, destacando-se um fundo muito singular de pé destacado côncavo, que parece sugerir ser um prato de pescado, e ainda um fundo plano com caneluras (Est. X).

A **área a Norte do Compartimento 31** terá sido igualmente uma área aberta provavelmente associada aos compartimentos 29 e 30, cumprindo funções quotidianas. Aqui foi possível recolher três tigelas da variante I.A.1, duas tigelas IB, uma taça

carenada II.2, um dos dois recipientes classificados como V.B desta fase, e um fundo “em ônfalo” (Est. XLIX).

Por fim, resta analisar os materiais provenientes da **área aberta entre os compartimentos 28, 29 e 32**, que terá estado também sujeita a intensa ocupação, tendo sido classificados 37 fragmentos, entre os quais tigelas I.A.1, I.A.2a e I.A.5, várias tigelas IB, uma taça carenada II.2 muito fragmentada e um dos dois exemplares desta fase do recipiente que definimos como IV.B.2. Foram ainda recolhidos vários fundos planos, “em bolacha” plano e um em ônfalo (Est. L).

A fossa [766] também permitiu a recuperação de um contexto datável de um período entre a segunda metade do séc. V e meados do séc. IV a.C., tendo sido possível classificar 19 tigelas de tipo I.A.1, I.A.2a, I.A.3, I.A.4 e um bordo da variante I.A.5, de fabrico 1B e apresentando na superfície externa vestígios de duas caneluras, 5 tigelas troncocónicas I.B, o único exemplar da forma II.5c e um grande recipiente aberto IV.B.2 (Est. LI-LII).

Resta-nos ainda referir alguns materiais da fase V que foram recuperados nas campanhas de escavação da década de 1980, designadamente nos Cortes 2 e 3. No primeiro destes espaços apenas se recuperou uma tigela de tipo I.A.2a (Est. LIII), num nível de cronologia romana (cr.1 A1 [3]). No segundo Corte definido recuperou-se um conjunto mais significativo de cerâmica cinzenta desta fase, com alguns exemplares recuperados em níveis romano-republicanos e outros constituídos certamente por entulhamentos da Idade do Ferro que podem registar algum material intrusivo. Neste contexto, foi possível classificar duas tigelas I.A.1, um exemplar da variante I.A.3, uma taça carenada II.1 e um fundo plano (Est. X).

### 5.1.6. Fases VI e VII

Importa ainda determo-nos sobre os achados provenientes de camadas da época romana e moderna do Castelo de Castro Marim, onde foi possível recolher alguma cerâmica cinzenta residual da Idade do Ferro, indício da destruição de estratos anteriores, designadamente da última fase da Idade do Ferro e do período romano. Trata-se de uma amostra proveniente de contextos muito mal conservados, com intrusões e materiais descontextualizados, pelo que a definição formal e de fabrico foi realizada não sem algumas reservas.

Nas campanhas de escavação que tiveram lugar entre 2000 e 2003, de um conjunto de cerca de 120 fragmentos inventariados apenas pudemos classificar 62 peças, a maioria em estado muito fragmentário. Entre os materiais que reuniam condições para serem classificados como pertencentes à Idade de Ferro, distinguimos as habituais tigelas hemisféricas da variante I.A.1 (Est. LVII, 8165, 7679, Est. LVI, 9262, 9264), uma de perfil completo de fundo plano e da variante I.A.2a (Est. LVII, 14721, 9768), que apresentam características marcadamente diferentes daquelas que encontramos em fases precedentes; algumas podem mesmo sugerir uma cronologia romana (Est. LIV, 727, 9006, Est. LVII, 9752, 9768, 9770). Foram ainda recuperadas duas taças carenadas de tipo II.1 provenientes de camadas de aterro que incorporavam materiais da Idade do Ferro, uma taça II.2 (Est. LIV, 7793) recolhida numa estrutura de época romana [375] que provavelmente representa uma intrusão descontextualizada de materiais da Idade do Ferro, e ainda um exemplar que integrámos na variante II.5, apresentando uma carena de perfil mais suave (Est. LVII, 11994). Ainda entre estes contextos, alguns de camadas de aterro de época Moderna ou de superfície, foram recolhidos nove fundos, particularmente fundos planos (), um pequeno fundo “em bolacha”, um côncavo e dois fundos anelares, possivelmente de uma fase de abandono da ocupação na Idade do Ferro (Est. LIV, 9004, 241, 5464).

Entre os materiais das campanhas da década de 1980, foi possível classificar 24 fragmentos de cerâmica cinzenta, maioritariamente proveniente de estratos de aterro de cronologias romanas com integração de materiais da Idade do Ferro. Entre estas, contam-se algumas de boa qualidade e ainda com restos de polimento nas superfícies, designadamente as tigelas maioritárias de tipo I.A.1 (Est. LV, 9067, 9076, 9165, 9167,

9169, Est. LVII, 9182), uma tigela troncocónica IB, três taças carenadas II.1 (Est. LV, 2537, Est. LVII, 469) e dois bordos muito reduzidos e fragmentados do que classificámos como um recipiente pequeno fechado V. Ainda entre os materiais correspondentes a este momento, classificámos um fundo plano, outro “em bolacha” côncavo e três fundos de pé anelar, um dos quais se destaca de todo o conjunto por apresentar características exclusivas, além de indiciar uma produção bastante cuidada (grupo 1B) e vestígios de polimento nas superfícies, com uma decoração canelada na superfície externa verdadeiramente singular. As caneluras preenchem toda a parede exterior e apresentam uma maior profundidade e largura distinta daquelas que encontramos no grupo maioritário da fase V (Est. LV, 4298, 9174, 3081).

## 5.2. Análise comparativa dos resultados e enquadramento cronológico do conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim

A abordagem metodológica seguida para o conjunto que pudemos analisar foi determinada pela fragilidade da conservação das peças, o que, apesar da amplitude do conjunto, comprometeu frequentemente a análise tipológica. Como objectivo principal tivemos em mente sobretudo a identificação das formas e fabricos da cerâmica cinzenta no quadro diacrónico da ocupação sidérica de Castro Marim. De facto, apesar de este ser um conjunto de limitadas características tipológicas e qualitativas, observamos uma linha constante no repertório formal que é pontuada pela presença de algumas particularidades verdadeiramente singulares e representativas da diacronia de ocupação de Castro Marim no primeiro milénio a.C. (tabela).

De momento, e partindo da avaliação possível do conjunto total de cerâmica cinzenta proveniente de Castro Marim, verificámos que a grande maioria do conjunto exumado é constituída por tigelas hemisféricas e troncocónicas (56%), enquanto os grandes recipientes abertos (0,6%) ou os recipientes fechados (0,9%) são consideravelmente menos frequentes, em alguns casos com uma presença que devemos considerar mesmo residual.

Em todas as fases sidéricas definidas para Castro Marim, as **tigelas**, sobretudo na variante I.A.1, têm uma presença esmagadora, realidade coadunável com as principais tipologias de cerâmica cinzenta do primeiro milénio a.C. peninsular. Como referimos, obsta à classificação a grande fragmentação de muitos materiais, bem como a diversidade morfológica dos bordos e lábios. Contudo, os valores quantitativos de Castro Marim, totalizando 56% de todo o conjunto, têm um significado importante, sendo coadunáveis com os principais conjuntos conhecidos de cerâmica cinzenta.

Pela sua parte, a distinção entre **tigelas hemisféricas** (I.A) e de **perfil troncocónico** (I.B) é dificultada pela escassez de exemplares completos, cenário recorrente nos principais conjuntos de cerâmica cinzenta, em que a distinção foi secundarizada, sugerindo, todavia, a clivagem que se observa entre ambas as variantes de Castro Marim uma leitura cronológico-cultural de contornos difíceis. A este respeito, importa referir brevemente que as tigelas de perfil troncocónico (I.B) são frequentes em toda a amostra e particularmente presentes na fase IV, em que acompanham a tendência

dos perfis hemisféricos, e, à excepção de alguns exemplares de bordo tendencialmente ovóide, sendo uma variante sem significativas distinções morfológicas ao longo das várias fases sidéricas de Castro Marim. Por outro lado, os fabricos são maioritariamente do grupo 1A, com raros exemplos do grupo 1C, pelo que consideramos que as características morfológicas e de fabrico apontam para uma relação funcional semelhante à das tigelas hemisféricas de bordo simples ou com espessamento interno. A este respeito, contudo, refira-se que dois exemplares da fase IV apresentam perfis completos com fundos planos, apenas um com ligeira concavidade (nº 4461) e outro mais profundo, com 27 cm. de diâmetro, paredes mais espessas e mais robusto, com a presença de vários gatos indiciando uma utilização continuada (n. 13537).

Naturalmente, a presença deste perfil troncocónico prende-se com os exemplares hemisféricos dos principais conjuntos Idade do Ferro Peninsular, sendo igualmente uma forma com valores quantitativos relativamente elevados, embora sempre mais rara do que os perfis hemisféricos (FABIÃO, 1998, *vol.* II: 37), e de ampla difusão cronológica e geográfica, no que parece acompanhar a nossa forma I.A. No entanto, entre as várias tipologias confrontadas, parece-nos que, sobretudo em fases mais antigas, entre os sécs. VII e VI, algumas formas definidas como hemisféricas apresentam um perfil de tendência mais rectilínea, designadamente em Montemolín (MANCEBO DÁVALOS, 1994: tipo II.A), estando presentes no Baixo Guadalquivir (IDEM, 1992), em Huelva (BELÉN, 1976: 368, tipo 1A), ou na fase I definida por HERNÁNDEZ CARRETERO (1993: 41, forma I.52), na região do Médio Guadiana, entre os sécs. VI e V a.C., sendo este paralelismo incerto, quer pela escassez de dados, quer pela volubilidade da classificação, em especial no que respeita aos exemplares fragmentados.

No Estuário do Tejo, encontramos esta forma na Rua dos Correeiros (SOUSA, 2011: 191, variante 1Ab) e, regra geral, no tipo 1 do conjunto de cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS, VALLEJO SÁNCHEZ, 2000). Moinhos da Atalaia Oeste (PINTO & PARREIRA, 1978: 160 – E, F; SOUSA, 2011: 361, 1Ab) ou o povoado das Baútas (EADEM, *Ibidem*: 404, 1Ab) são alguns dos outros sítios em que a variante está presente. Em Abul corresponde ao tipo II.A da tipologia de cerâmica cinzenta (MAYET & SILVA, 2000: 49), presente a partir do séc. VII a.C., sendo mais abundante na fase final da ocupação sidérica, em finais do séc. VI e no séc. V a.C. (*loc. cit.*).

Também na associação das tigelas aos fundos conservados se verifica a grande



variabilidade de ambas as formas. Salvo raras exceções, como os fundos anelares, a associação directa é praticamente impossível em Castro Marim, particularmente entre as fases III e IV, sendo, no entanto, tentadora, observando os valores quantitativos, quer das tigelas, quer dos fundos classificados, sensivelmente mais reduzidos.

Do mesmo modo a **tigela hemisférica (I.A)** é muitas vezes impossível de limitar de modo mais concreto, num cenário cronológico e morfológico muito vasto e pautado por dinâmicas culturais locais ou regionais. O seu rastreamento e diferenciação são muitas vezes construídos a partir de valores quantitativos, mais do que da diferenciação morfológica, dificultada por uma grande variabilidade. Por outro lado, a associação das tigelas hemisféricas, de bordo simples ou espessado, às taças carenadas ou a outras formas como os suportes globulares, ausentes no sítio algarvio, constitui um quadro tipológico típico no âmbito das produções sidéricas de cerâmica cinzenta até pelo menos ao séc. V a.C. (LORRÍO, 2008), apesar das variações marcadas por regionalismos. Seria este o caso dos ambientes indígenas do Baixo Guadalquivir, onde parece haver uma maior antiguidade do “prato”, genericamente equivalente à nossa forma II.1.e II.2, e onde apenas a partir de finais do séc. VII a.C. a tigela hemisférica se torna dominante no espectro cerâmico séc. VI a.C. (DOMINGUEZ DE LA CONCHA, 1988: 174; GONZÁLEZ PRATS, 1983: 195), enquanto em estabelecimentos coloniais está presente desde o séc. VIII até pelo menos ao séc. IV a.C., e onde o “prato” surgirá em finais do séc. VII a.C. e inícios do século seguinte (MANCERO DÁVALOS *et alii*, 1992: 291).

A forma que definimos como **I.A.1** é uma das mais recorrentes nos repertórios artefactuais da cerâmica cinzenta da Idade do Ferro peninsular, com ampla dispersão cronológica e geográfica em estabelecimentos coloniais, ou em sítios indígenas orientalizados (ROOS, 1986; CARO BELLIDO, 1989: 165, tipo 20A), com uma diacronia que remonta a meados do séc. VIII a.C., em cronologia tradicional, com apogeu entre o séc. VII e VI a.C. e relativo decréscimo na centúria seguinte, mas permanecendo decerto até ao séc. IV a.C. A presença desta forma é significativa ao longo da ocupação do sítio da foz do Guadiana, somando mais de metade da amostra total, particularmente na fase IV (Gráfico). Embora registemos uma uniformidade evolutiva entre as fases III e IV, com fabricos 1A e alguns casos 1C, a variabilidade formal é permanente.

Os poucos exemplares de perfil completo das tigelas I.A.1 apenas nos permitem adiantar que entre as fases III e IV os fundos são em geral planos, com alguns casos

“em bolacha” planos ou côncavos. Neste contexto, refira-se um exemplar da fase IV de reduzidas dimensões (com 14 cm. de diâmetro), “em bolacha” plano, com fortes semelhanças com a forma 1 de VALLEJO SÁNCHEZ (2005: 1157). A redução da dimensão é tendencial, observando-se na fase V, a par da homogeneidade morfológica, recipientes menores com fabrico 1B mais cuidado e frequentemente polido. É disto exemplo um fundo anelar destacado proveniente da última fase (nº 11098), de características tardias, com fortes semelhanças a uma tigela identificada por Hernández Carretero no séc. III a.C. (1993: 59, *fig.* 4, 5 e 6), o que nos faz crer que seja devedor de produções importadas, como as áticas. De resto, os fundos anelares são maioritários na última fase sidérica, geralmente associados à tigela hemisférica de bordo biselado I.A.5.

Os dados quantitativos são conciliáveis com os achados do Castillo de Dona Blanca, como a forma 1.1 e 1.2 de Vallejo Sánchez, que é, entre outros subtipos do tipo 1, frequente desde o séc. VII até ao séc. IV a.C., embora com um tendencial decréscimo a partir do séc. V (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 153, *fig.* 6.28, 2005: formas 1 e 2).

Em Huelva regista-se esta presença na segunda metade do séc. V a.C. (RUFETE TOMICO, 2002; BÉLEN DEAMOS, 1976: 368, tipos I e II.I.A; VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 59; ROOS, 1986: forma 6). Na bacia do Guadalquivir (MANCEBO DÁVALOS, 1994: 352, tipo I.A.3), em Montemollín, desde o séc. VII até ao final do século seguinte (MANCEBO DÁVALOS, 1994a; IDEM *et alii*, 1992, tipo IIA), Cerro Macareno e Carmona (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1996, forma I). A costa malaguenha, em Guadalhorce, regista-a em níveis dos sécs. VII e VI (ARRIBAS & ARTEAG, 1975, XXV, nº 124 e XLI, nº 216), como também no Levante (ROS SALA, 1989). Encontra-se ainda em múltiplos sítios da Extremadura, em Medellín, no tipo A1A de Lorrío (2008) até meados do séc. V a.C, na fase II de Lorrío Alvado/ 2-3 de Almagro-Gorbea (LORRÍO, 2008: 695, tipo A1A; LORRIO, 1988-1989, Tipo1B2a). Em Cancho Roano data-se também da segunda metade daquela centúria (CELESTINO PÉREZ e JIMÉNEZ ÁVILA, 1993: 205, nº 5; 1996: 215, nº 15-16), sendo embora menos frequente do que as tigelas de bordo espessado internamente. Noutros sítios do Médio Guadiana, como La Martela, Belén, La Pepina, Los Castillejos e Capote, está presente também em contextos do séc. V a.C (CELESTINO PÉREZ, 1996; HERNÁNDEZ CARRETERO, 1996).

No território hoje português surge no Castro da Azougada (ANTUNES, 2005, por exemplo, Est. XIX, 46-47), na Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS, VALLEJO SÁNCHEZ,

2000, Est. 29 – n.º 1), no Moinho da Atalaia Oeste (PINTO, PARREIRA, 1978: 160, Fig. 2, E e J), em Santa Eufémia, Sintra (MARQUES, 1982-83: 83), no povoado de Almaraz (BARROS, SOARES, 2004, p. 346 – 4; HENRIQUES, 2006: 47), ou em Outorela (CARDOSO, 1990: Fig. 14, n.º 1). Também na Alcáçova de Santarém (ARRUDA, 1999-2000, Fig. 130-135), Santa Olaia (PEREIRA, 2009, Est. XXIV, n.º 24 a 27; Est. XXV) e Conímbriga (ALARCÃO, 1975), em Setúbal (SOARES, SILVA, 1986: 98, Fig. 7, n.os 13-16; 99, Fig. 8, n.º 13), Alcácer do Sal (SILVA *et alii* 1980-81: 174, Fig. 14, n.os 23, 28, 34, 39, 40; 177), ou Abul, estando bem documentada ao longo de toda a ocupação pré-romana do sítio (MAYET & SILVA, 2000c, tipo II.C.1), bem como no Cerro da Rocha Branca (GOMES, 1993: 87, Fig. 10, n.º 1).

A **tigela de bordo espessado internamente (I.A.2)** surge em Castro Marim em todas as fases, em particular IV, onde a amostra é em geral superior, sendo que a fase V, seguida da fase III, é igualmente significativa (Gráfico). A variante I.A.2a, de secção arredondada, tem uma presença esmagadora em todo o conjunto (Gráfico). Contudo, as tigelas da fase III e IV têm características relativamente homogêneas, com fabricos predominantes do grupo 1A, em que não podemos deixar de referir a variabilidade da morfologia dos lábios, sobretudo em comparação com a fase V, mais homogênea, ainda que de frequência inferior às fases precedentes (Gráfico). De facto, raros exemplares da fase III e IV apresentam bordos de relativa diversidade ao nível do lábio, por vezes de tendência rectilínea, cuja inclusão em ilimitadas variantes seria injustificada.

Gostaríamos de destacar novamente na fase III uma peça bem distinta (nº14686), de um piso de cascalho vermelho da área entre os compartimentos 4 e 10 [1083], com cerca de 30 cm. de diâmetro, sem vestígios da morfologia do fundo, bordo pequeno arredondado e espessado internamente, corpo hemisférico menos profundo e orientação mais horizontal do que a maioria dos exemplares desta variante. Este é também o único exemplar desta fase de fabrico particularmente cuidado (grupo 3), pastas muito depuradas, de tonalidade castanha-avermelhada, resultantes de uma cozedura oxidante/redutora intencional, superfícies cinzentas escuras de acabamento cuidado, extrema qualidade e homogeneidade, sugerindo a aplicação de engobe ou de polimento intenso. A procura de paralelos para esta peça em concreto não se revelou simples, a par da inclusão entre a nossa categoria de tigelas, uma vez que o índice diâmetro/altura

aconselharia a integração entre os “pratos hemisféricos”, com fortes semelhanças na categoria definida para o Castro da Azougada (ANTUNES, 2005: 45, I.3), entre meados do séc. VI e o final do seguinte, muito embora o nosso exemplar apresente um diâmetro superior e provenha de contextos mais antigos. Contudo, não descartamos a hipótese de que este exemplar corresponda a uma importação de grande qualidade, de origem desconhecida, plenamente integrada entre a segunda metade do séc. VII a.C. e o início do seguinte, nem mesmo a associação ao compartimento 10, de carácter cultural.

De facto, a tigela hemisférica de bordo espessado internamente (I.A.2) apresenta diversas morfologias, particularmente de secção circular mais ou menos marcada, claramente predominante na maioria dos sítios orientalizantes entre os sécs. VII e VI a.C., perdurando em séculos posteriores (MANCEBO DÁVALOS, 1994: mapa 1), com uma dispersão com as mesmas características da forma I.A.1. Por outro lado, e como veremos, esta predominância nos sítios orientalizantes é acompanhada também pela frequência da forma que definimos como taças carenadas II.1 e II.2.

Deste modo, a nossa variante **I.A.2a** parece ter origem em ambientes indígenas, designadamente na cerâmica manual (ROOS, 1982: 59-60, Tipo 2a; CARO BELLIDO, 1989: 168, forma 20B), bem como em contextos coloniais. Em Huelva, no Cabezo de San Pedro (BELÉN, 1976; ROOS, 1982), apresenta exemplares semelhantes desde finais do séc. VIII, ou em Montemolín, entre finais do séc. VII e inícios do séc. VI a.C. (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992: 291, tipo II.B). Particularmente dominante entre os sécs. VII-VI na Andaluzia Ocidental, registando-se uma maior retracção desta variante a partir do séc. V, em alguns casos mesmo desde o século anterior, e ainda que esteja bastante presente entre os vários conjuntos. Exemplos deste cenário são observáveis no Castillo de Donña Blanca, particularmente no séc. VII (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 105, 107 e 149-155, tipo 1.3), Carmona (PELLICER CATALÁN, ESCACENA CARRASCO, BENDALA GALÁN, 1985: 153-155, Tipo I) ou Cerro Macareno (PELLICER CATALÁN, ESCACENA CARRASCO, BENDALA GALÁN, 1983: 147).

No Baixo Guadalquivir é igualmente frequente entre os sécs. VII e VI (MANCEBO DÁVALOS, 1994: 354, tipo I.C.1), bem como na zona de Huelva (BELÉN, 1976: 370, Tipo III/IV). A distribuição estende-se em La Bienvenida ou Aliseda na Meseta Sul, sobretudo entre os sécs. VII e VI a.C. (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 76; RODRIGUEZ DÍAZ & PAVÓN SOLDEVILLA, 1999: 67).

Na Extremadura espanhola, podemos encontrar semelhanças na necrópole de Medellín (LORRÍO, 2008: 679, 694, forma A1C), entre meados do séc. VII e meados do séc. V a.C., bem como no povoado com uma presença entre finais do século VI a.C. e início do V (ALMAGRO-GORBEA, 1997: 423 – n.º 326 e 474). Trata-se igualmente de uma forma presente em contextos funerários ou povoados orientalizantes da Extremadura, particularmente entre os sécs. VI e V a.C. (designadamente Tejada de la Vieja), sendo sempre frequente (JIMÉNEZ ÁVILA & GONZÁLEZ CORDERO, 1999: 187, fig. 3, 10-21 *apud* Lorrio, 2008: 719), ou em Cancho Roano durante o séc. V (CELESTINO PÉREZ e JIMÉNEZ ÁVILA, 1993: 203, n.º 12 e 16-N4, 209, n.º 13-N-6, 2011, n.º 9-N-6), com a reprodução em cerâmica oxidante (LORRÍO, 2008: 719) testemunhando uma presença em fases mais avançadas (B e A), designadamente no «Sector Norte» (CELESTINO PÉREZ & JIMENEZ ÁVILA, 1993: 131).

Em território português esta presença é também maioritária, podendo rastrear-se na Sé de Lisboa, embora a variante anterior seja mais frequente, entre meados do séc. VI a.C. até talvez ao século V a.C. (ARRUDA *et alii*, 2000: 32, Tipo 1.B). Na Alcáçova de Santarém (ARRUDA, 2002, 196 *ssq.*, forma 1) é a mais comum, com fundo planos ou ligeiramente côncavos (55% da amostra) e documentada em todos os níveis da Idade do Ferro, designadamente desde os mais antigos, de finais do séc. X/ inícios do séc. VIII, até fases mais recentes (*loc. cit.*: 199). Em Alcácer do Sal (SILVA *et alii*, 1980-81: 174 *ssq.*, ARRUDA, 2002: 69), em Conímbriga (ALARCÃO, 1974; CORREIA, 1993: 238), Abul, que entre as poucas formas identificadas integra a tigela de bordo espessado (MAYET, SILVA, 1993, p. 137, Fig. 6, n.º 3), e no Cerro da Rocha Branca (GOMES, 1993, p. 97, Fig. 17, n.º 1). Esta variante está também presente em outros sítios do estuário do Tejo, nomeadamente em Moinhos da Atalaia, em cronologias de finais do séc. VI (PINTO E PARREIRA, 1978, fig. 2, g, h), em Santa Eufémia (MARQUES, 1982-3, p. 83, Fig. 21, j) ou na Rua dos Correeiros (SOUSA, 2011: 184, fig.89, série 1Ca).

A presença deste tipo de tigelas verifica-se igualmente em conjuntos da margem esquerda do Guadiana, particularmente no séc. V, como o Castro da Azougada (ANTUNES, 2005: 48, forma II.3), com uma relativa escassez desta morfologia. A este respeito, contudo, refira-se que uma leitura cronológico-cultural da variabilidade geralmente observada a nível dos bordos das tigelas em sítios do Centro-Sul de Portugal constituiria uma *vexata quaestio* (FABIÃO, 1998, vol. II, p. 40). Por outro lado, a

escassez em contextos do Interior na segunda metade do I milénio (MATALOTO, 2004: 67) contrasta com uma pervivência em vários sítios do litoral e interior de forte carga orientalizante, podendo servir uma leitura eminentemente simbólica.

Por outro lado, distinguimos apenas a variante **I.A.2b**, bordo com espessamento do lábio interno de forma tendencialmente amendoada, com fortes semelhanças com a Forma 13 de Roos (1982: 64, fig. 5, 13) e 20C de Caro Bellido (1989: 168). Variante pouco numerosa, com raros registos nos principais contextos da Idade do Ferro, inserir-se-á provavelmente entre as formas genéricas de tigelas hemisféricas de bordo espessado internamente. Parece haver algumas semelhanças com a cerâmica manual em sítios pré-coloniais desde o séc. VIII a.C., estando a sua produção em cerâmica cinzenta bem integrada entre finais do séc. VII a.C. e a primeira metade do seguinte em enclaves da Andaluzia Ocidental, com alguns casos no início do séc. V a.C. (CARO BELLIDO, 1989: 173, 176). No Baixo Guadalquivir, inserida no tipo IC4 de Mancebo Dávalos (1994b:371, fig. 1), há uma dispersão desta variante em vários sítios orientalizantes (IDEM, 1994b: 373, mapa 1), em Montemolín, Baixo Guadalquivir, na forma II.B.3 (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992, 284), inserida na Fase IV, recolhida na escavação do «Edifício D», entre a segunda metade do séc. VI a.C. e inícios do V a.C. (*loc. cit.*).

Em Castro Marim os sete únicos exemplares são provenientes da fase III, IV e V, sendo que, apesar da considerável escassez, assistimos à clara evolução da forma, por vezes com algumas dúvidas de inserção tipológica: enquanto na fase III e IV a distinção de um lábio amendoado é bem legível, na fase V a inserção não é tão óbvia. Por outro lado, os fabricos mantêm-se semelhantes, integrados entre o grupo 1A.

As formas **I.A.3** e **I.A.4** têm presença nas fases III, IV e V, estando a primeira particularmente presente em todo o conjunto, sobretudo, de novo, na fase IV (*ca.* 3%). Os grupos de fabrico são novamente majoritários entre o grupo 1A, sendo que os exemplares da fase V estão presentes, quer nesse grupo, quer em 1B, revelando um maior cuidado no fabrico destas formas. No caso da segunda variante, poderíamos ver algumas semelhanças com a forma 20H definida por CARO BELLIDO (1989: 174), novamente uma presença escassa nos conjuntos artefactuais da Baixa Andaluzia entre finais do séc. VIII a.C. e a primeira metade do séc. VI, com casos que chegam ao início do V a.C. (*loc. cit.*). Apesar dessas breves referências, as semelhanças com a forma

I.A.1 obrigam-nos a remeter, particularmente no caso da segunda variante, para as mesmas considerações geográficas e cronológicas

Contudo a variante I.A.3, de relativo espessamento do bordo na superfície externa, por vezes apresenta um bordo ligeiramente apontado e lábio arredondado. É muito semelhante à forma 1.4 de Doña Blanca, sobretudo na transição do séc. VII a.C., sendo que no séc. VI a.C., apesar do empobrecimento formal, o tipo 1 é uma das formas que permanecem com maior frequência naquele sítio (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 151).

Por outro lado, há analogias entre exemplares de **Montemollín** (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992: 283, fig. 3, Forma I.B), de finais do séc. VII a. C., e um exemplar do «Edifício A» na transição da Fase III/A para III/B. As restantes peças são do séc. VI a. C. (Fases III/B, e IV, ocupação do «Edifício D»), perdurando depois como cerâmica pintada, sobre a forma I.E da tipologia ibérica do povoado (GARCÍA *et alii*, 1989: 222). Até ao momento não encontramos semelhanças com Cancho Roano, La Mata ou Huelva. Contudo, não excluimos a hipótese de ter sido incluída no grupo tipológico mais genérico de tigelas hemisféricas. Apenas em **Medellín** podemos supor semelhanças com a tendência para a mudança de direcção do bordo na forma **1E1** (LORRÍO, 2008: 292, fig. 6) entre os pratos que formam parte, como vasos de oferendas, de um conjunto onde figuram várias urnas (LORRÍO, 2008: 293-294).

Como verificámos, a procura de paralelos para esta variante pode ter sido dificultada em parte pela impossibilidade de diferenciação clara desta morfologia, sendo a inclusão entre a forma genérica de tigelas hemisféricas de bordo simples característica dos vários conjuntos tipológicos de cerâmica cinzenta.

Por fim, a variante **I.A.5** é certamente uma das mais destacadas em todo o conjunto cerâmico, não tanto pelos seus valores quantitativos, deveras residuais entre as primeiras fases sidéricas de ocupação, mas pela raridade e por características associadas presentes na fase V. De facto, como referimos na caracterização da amostra de cada fase, os exemplares integrados quer na fase III, quer na Fase IV distinguem-se das subsequentes por apresentarem, nas primeiras, um bordo biselado, mais espessado e com fortes semelhanças ao tipo 1.3.G de Vallejo Sánchez (1999: 110, fig. 6.3), pelo que remetemos para as mesmas interpretações da forma I.A.1. No entanto, devemos notar que na fase IV foi possível incluir nesta variante uma tigela de bordo biselado apontado,



com cerca de 14 cm. de diâmetro, do grupo de fabrico 3 (n. 818), e outra de paredes mais finas com um bordo biselado reduzido, com 20 cm. de diâmetro, do grupo 1B e pastas muito depuradas (nº 11796), ambas provenientes de um derrube do séc. VI a.C., para as quais tivemos dificuldades em encontrar seguros paralelos.

Como temos observado, no respeitante aos exemplares integrados nesta variante provenientes de contextos da fase V, e alguns casos residuais das fases seguintes, as características são claramente distintivas das restantes variantes por, além de apresentarem um bordo biselado, com um acabamento do lábio muito cuidado, estão quase todos os exemplares associados a um fabrico particularmente cuidado (2) e a outras características decorativas distintivas designadamente a presença de três caneluras na superfície externa. De facto, as condições em que a maior parte destes recipientes foi recolhida sugere um momento fechado e bem consolidado na diaconia de Castro Marim, e meso nas várias etapas definidas para a fase V.

Antes de mais, este bordo é característico da forma 20E e F de Caro Bellido (1989: 174), surgindo em sítios como Carmona ou Guadalhorce desde o séc. VII a.C., neste último com “ondulaciones debajo del borde, al exterior”, onde poderíamos ver semelhanças com características decorativas associadas a Castro Marim, que analisaremos em seguida. Também em Medellín a forma A1D, sobretudo A1D2, já da Fase II, sobretudo entre o século VI a meados do V a.C., distingue-se por ser uma tigela hemisférica de bordo engrossado triangular, com presença quer de fundos em ônfalo, quer de pé anelar, atestando o carácter evolucionado da forma, além de apresentar pastas muito finas e homogéneas (LORRIO, 2008: 679-681), à semelhança de Castro Marim. Ainda no sítio estremenho notamos a associação desta variante a duas perfurações paralelas ao bordo (*loc. cit.*: 681), certamente para suspensão, realidade que encontramos em alguns exemplares, novamente de fabrico 2 e com caneluras na superfície externa, provenientes da fase V do sítio algarvio (nº 2105). Ainda a este respeito, não podemos deixar de evidenciar as fortes semelhanças com o exemplar A1D2a de Medellín, que oferece igualmente uma pequena moldura no terço inferior da peça (*loc. cit.*: 685, fig. 777), o que aponta para um carácter evolucionado.

Também em Huelva encontramos breves analogias na variante I.4 ou II.4, que parecem indiciar características evolucionadas (BELÉN, 1976: 368-369). No Baixo Guadalquivir também encontramos semelhanças, embora pareçam tratar-se de bordos



mais triangulares (MANCEBO DÁVALOS, 1994, Forma I.C.5, MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992, Forma II.B.4), designadamente em Montemolin, onde parece mais semelhante à forma II.A.3 (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992: 283), com maiores semelhanças às apontadas para Carmona (CARO BELLIDO, 1989).

Nos conjuntos publicados do território português tivemos alguma dificuldade em encontrar paralelos para esta forma específica, que, ao contrário de outras variantes, tem características muito distintivas. Trata-se de uma variante que parece circunscrita no tempo, em momentos do séc. V a.C., cujas raras semelhanças com as formas definidas por Caro Bellido (1989) ou Lorrio (2008) levantam a possibilidade de uma produção local e/ou regional. A corroborar esta hipótese está a detecção apenas nesta variante formal da produção do grupo de fabrico 2, exclusivo deste momento, resultando numa cerâmica cuidada, de pastas depuradas e tonalidade cinzenta clara, reunindo elementos verdadeiramente singulares em toda a diacronia e sugestivos no contexto de abandono do séc. V a.C. a que a maioria dos exemplares está associada.

Por outro lado, e no seguimento da análise da variante I.A.5, devemos destacar novamente a presença e a associação genérica àquela variante da **decoração canelada** incisa, elemento singular deste momento ocupacional e recuperado sobretudo no depósito fechado do compartimento 31 (*vide supra*). Como observámos, as linhas paralelas incisadas pouco profundas sobre a superfície exterior e metade inferior da peça são significativamente frequentes, se não exclusivas, das tigelas hemisféricas I.A.5, de bordo biselado, e geralmente do grupo 2 de fabrico, de características singulares e cuidadas. Trata-se de um elemento decorativo que ocorre apenas na fase V, entre o final do séc. V a.C. e o século seguinte (*vide supra*), reforçando o carácter local.

Os exemplares formalmente mais próximos publicados referem-se à necrópole de Medellín, com um importante conjunto de cerâmica cinzenta desde o segundo quartel do séc. VI a.C. até à primeira metade do séc. V a.C., revelando muitas similitudes com os tipos registados no «Período Orientalizante» documentados na zona andaluza e Sudeste peninsular (LORRÍO, 2008; CARO BELLIDO, 1989: 174). Na necrópole estremenha há precisamente exemplares com caneluras ou linhas no exterior, bem como decoração incisa no interior (*loc. cit.*: 676, 715): entre outros, o tipo A3A2, pratos de bordo esvertido com linhas incisadas paralelas horizontais no exterior das peças, ocupando

a zona sob a carena alta (*loc. cit.*: 692-693, *fig.* 784, n.º 70/20-3), que serviram como vasos de oferendas, entre de amplos conjuntos associados a uma ou mais urnas, dentre meados do séc. VI e meados do séc. V a.C. É também o caso das tigelas hemisféricas A1B1, de fundo plano ou ligeiramente côncavos, com quatro linhas organizadas em dois espaços afastados horizontalmente (*loc. cit.*: 679, *fig.* 774, n.º 85/C-18-2) e provenientes de enterramentos em urna da segunda metade do séc. VII a.C. e do segundo quartel do VI a.C., que podem ter servido de tampa (*loc. cit.*: 694). Estas últimas apresentam características mais semelhantes ao tipo de Castro Marim, ainda que com um esquema decorativo distinto, parecendo haver, aliás, um hiato cronológico.

Ainda para este tipo de decoração canelada em tigelas I.A.5, encontramos a mesma opção decorativa nas «taças troncocónicas de engobe vermelho» do Castro da Azougada (ANTUNES, 2005, Anexo II, Est. VIII, n.º 26 e27, Forma II.2.b) que, além de bandas com engobe e/ou bandas negras grafitadas, apresentam na parede da taça caneluras paralelas em número de três ou quatro como elemento diferenciador. Com efeito, as taças hemisféricas de cerâmica cinzenta de Castro Marim diferem em termos de forma, profundidade e largura das caneluras e apresentam, aliás, um fabrico de exceção em todo o conjunto. cremos que as caneluras das taças troncocónicas de engobe vermelho e bandas grafitadas da Azougada, com paralelos na primeira metade do séc. IV (RUFETE TOMICO, 2002: 184 *apud* ANTUNES, 2005: 24), são, no conjunto alentejano, bastante semelhantes aos exemplares de cerâmica cinzenta recolhidos na nossa Fase V, mas com as devidas ressalvas relativamente à produção e à presença em formas troncocónicas, ausente na cerâmica cinzenta do conjunto algarvio.

Também em Mértola existe uma breve referência a cerâmica cinzenta decorada com “caneluras de diversas dimensões” em níveis da Idade do Ferro (BARROS, 2008: 404), aparentemente com paralelos em Pico del Oro (PÉREZ MACIAS, 1999 *apud* BARROS, 2008) mas que não nos permite outras interpretações.

Refira-se ainda o **fundo de pé anelar** de cerâmica cinzenta com linhas incisais paralelas, consideravelmente mais profundas e largas do que as da nossa forma I.A.5, recolhido em níveis descontextualizados do Corte 3 da fase VI de Castro Marim (n.º 3081), mas cuja morfologia permite incluí-lo entre a “decoração ziguezagueante”, datável de entre a primeira metade do séc. VI a.C. e o final do século seguinte.

A este respeito, podemos observar semelhanças com as «taças hemisféricas de perfil ziguezagueante de engobe cinzento» da Azougada (*loc. cit.*, Anexo II, est. XXV, n.º 103-104, forma II.3), de cozedura redutora com engobe castanho e cinzento (*loc. cit.*, n.º 153; n.º100- 102) ou de produção oxidante (n.º254), e consideradas imitações de engobe vermelho num contexto regional de meados do séc. VI, particularmente na área onubense, no Baixo Guadalquivir e no Cerro del Villar (*loc. cit.*).

Podemos encontrar esta decoração com caneluras largas sobre recipientes de cerâmica cinzenta em sítios da Idade do Ferro peninsular (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1160), sobretudo nos designados suportes de cerâmica cinzenta ou taças de corpo ovóide (*loc. cit.*), ambos ausentes em Castro Marim. Uma vez mais, no Baixo Guadiana, e.g. no Castro da Azougada, encontramos-la nos suportes e taças globulares de perfil ovóide de cerâmica cinzenta, de caneluras mais largas, em meados ou no final do séc. VI (ANTUNES, 2009: 142, 143, 161, est. XXIV, n.º 70-72), que a Autora considera imitações das produções de engobe vermelho orientalizantes (RUFETE TOMICO, 1988-89: 12; CARO BELLIDO, 1989: 108-109), mas cujos paralelos mais próximos não parecem recuar tanto no tempo, como seria El Castañuelo (PÉREZ MACIAS, 1991: 19; PÉREZ MACIAS, GÓMEZ TOSCANO, 1999: 469), do séc. V (JIMÉNEZ ÁVILA, 2009a; SOARES, 2012: 25-26), ou, no caso dos designados *suportes de carrete* (CARO BELLIDO, 1989: 23-29; VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1156) de cerâmica cinzenta de «La Mata», do mesmo século (RODRÍGUEZ DÍAZ, ORTIZ ROMERO, 2004: 252-253).

Aparentemente encontramos outros exemplos deste acabamento de “perfil ziguezagueante” no Baixo Guadalquivir em vasos ovóides de cerâmica cinzenta (MANCEBO DÁVALOS, 1994a: 362), em Alhonmoz (*loc. cit.*), no Castillo de Donña Blanca (RUIZ MATA, PÉREZ, 1995: 84), em Toscanos e no Cerro del Villar, Málaga, no início do séc. VI (AUBET *et alii*, 1999: 159), no Carambolo (MATA CARRIAZO, 1973: fig. 506) ou no Baixo Guadalquivir, nas formas raras XI e XII (MANCEBO DÁVALOS, 1994a: 362), ausente nos principais conjuntos do litoral atlântico peninsular (ARRUDA, 1999-2000), e presente ainda em taças carenadas de Carmona no séc. V a.C. (PELLICER CATALAN e AMORES CARREDANO, 1985: 148-d) ou no tipo C1.b de Huelva (CARO BELLIDO, 1989: 105-107, forma 12), não sendo esta uma característica exclusiva da cerâmica cinzenta (RUFETE TOMICO, 1988-89: 19; CARO BELLIDO, 1989: 105-107).

Na Azougada procurou ver-se um fenómeno de imitações da “cerâmica cinzenta

fina” em produções locais/regionais na cerâmica de cozedura redutora com superfícies revestidas de engobe cinzento e vermelho, sobretudo a partir do séc. V, em semelhanças formais nas taças hemisféricas (II.2) e globulares (II.4), interpretação que aconselha alguma prudência, desde logo por, como a Autora admite, serem formas recorrentes em diversas categorias da Idade do Ferro Peninsular (ANTUNES, 2005: 56, 58), ainda que a não excluamos por completo, tendo em atenção produções da Extremadura espanhola, na Meseta Sul ou mesmo de outros sítios do Guadiana Médio. Também neste sentido, os dados são ainda insuficientes para considerar o acabamento zigzagueante em taças globulares ovóides de cerâmica cinzenta ou redutora de produção local/regional da Azougada inspirado em importações a partir da primeira metade do séc. VI a.C. na foz do Guadiana (EADEM, *Ibidem*: 55), designadamente em Castro Marim, onde esta forma não foi detectada em qualquer fase, e cujo posicionamento pode ter funcionado como produtor ou distribuidor de produtos no séc. VI a.C., pelo que deverá antes procurar-se a sua inspiração entre as importações, eventualmente da Extremadura espanhola.

Em suma, consideramos que um exame mais profundo das múltiplas morfologias deste tipo de decoração canelada seria inexequível neste estudo. Contudo, verificámos que os exemplos encontrados são genericamente caneluras, mais profundas nas taças hemisféricas de cozedura redutora com engobe cinzento da Azougada, ou distintas tipologicamente, nos vasos ovóides e nos suportes de cerâmica cinzenta, de caneluras mais largas, datados entre a primeira metade do séc. VI a.C. e o final do seguinte, e cujas breves referências de Mértola as poderiam aproximar de uma opção decorativa que nos parece intencional, bastante circunscrita num momento ocupacional e num âmbito cronológico-cultural distinto das fases precedentes de Castro Marim.

As **taças carenadas de tipo II.1 e II.2** são formas particularmente significativas no conjunto da amostra. Embora sem os valores observados para as tigelas hemisféricas, a associação de ambas nas fases sidéricas de Castro Marim acompanha a tendência dos principais conjuntos de cerâmica cinzenta da Idade do Ferro (LORRÍO, 2008: 719-723).

A primeira forma é muito semelhante ao tipo 5 e a alguns exemplares mais próximos da forma 6 do Castillo de Doña Blanca, em fases mais antigas do séc. VII e com fabrico de boa qualidade (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 112-114, *fig.* 6.6, LORRÍO, 2008: 721), coadunável com a realidade de Castro Marim, onde a presença é maior em

fases mais recuadas. Por outro lado, é esta, uma vez mais, uma forma de alguma variabilidade, em que, à excepção da variante II.1.a da fase III, as pequenas diferenças não justificam subdivisões. Também na fase IV observamos alguns exemplares com o extremo do lábio tendencialmente mais fino e de características cuidadas, ao mesmo tempo que registámos a presença de um exemplar de bordo mais destacado, ainda mediante uma inflexão suave da carena, e dimensões superiores, que poderiam mais facilmente encontrar analogias entre a forma 7 de Vallejo Sánchez (*loc. cit.* 113).

Este vaso aberto de perfil ondulado é bastante comum e teve ampla difusão no Baixo Guadalquivir e na Andaluzia Oriental, quer em ambiente indígena, quer em estabelecimentos coloniais, como, *e.g.*, o Cerro Macareno, com uma produção ampla entre o séc. VIII até pelo menos ao séc. V a.C. (CARO BELLIDO, 1989: 133, forma 16). Considera-se esta também uma forma evoluída devedora da herança do Bronze Final (PELLICER, SCHÜLE, 1966, *apud* CARO BELLIDO, 1989: 136), parecendo aqui entrever-se dinâmicas distintas, nomeadamente no interior, com uma pervivência até pelo menos ao séc. IV a.C., mas não necessariamente uma continuidade (*loc. cit.*).

Encontramos semelhanças na forma A2B de Lorrío (2008: 689) na necrópole de Medellín, entre o último quartel do séc. VIII ou a primeira metade do séc. VI a.C., embora haja enterramentos em contextos tardios no séc. V a.C. (*loc. cit.*). Na região do Baixo Guadalquivir, designadamente em Montemolín, encontramos semelhanças com as formas II.A e I.A (MANCEBO DÁVALOS, 1994: 355; MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992), maioritárias, a par das tigelas, desde o séc. VII até ao séc. V a.C., à semelhança do Castillo de Doña Blanca, bem como para a área onubense, entre meados do séc. VII e a primeira metade do séc. VI a.C. (BELÉN, 1976: 376, forma V/VI 3Ab'). Considerámos também fortes similitudes com a forma 14 de Roos (1982: 59), mais do que com a forma 3, designadamente em sítios como Toscanos ou Cerro dos los Infantes, numa diacronia semelhante, que perdura até inícios do séc. a.C. (CARO BELLIDO, 1989: 133). A raridade dos sítios orientalizantes portugueses, à excepção do registo de Conímbriga (ALARCÃO, 1974: *est.* IX, n.º 175A e 180), da Sé de Lisboa, contando com 3% do conjunto (ARRUDA *et alii*, 2000: tipo 2), ou de Abul, onde há uma presença significativa durante o séc. VII a.C. (MAYET & SILVA, 2000: 47, *fig.* 9, forma I.B.2), contrasta com a abundância nos sítios do Levante, Andaluzia e Extremadura.

A taça carenada que definimos como **II.2**, de carena alta acentuada e bordo curto exvasado arredondado, está presente nas três principais fases sidéricas, particularmente nas fases III e IV, à semelhança do que acontece com a variante anterior, tendo sido recolhidos na fase V apenas três exemplares, testemunho de transformações e evoluções não demasiado significativas (gráfico). Apesar da relativa uniformidade, na fase IV foram recolhidos dois exemplares de maiores dimensões, com cerca de 32 cm. de diâmetro (n.º 11890, 12949), que sugerem uma maior profundidade, provenientes de compartimentos do complexo a Norte da área escavada, datado de finais do séc. VI a.C.

Embora possa suscitar inicialmente algumas dúvidas quanto à variante II.1, situação de resto recorrente noutros conjuntos tipológicos (CARO BELLIDO, 1989: 144), a distinção consiste sobretudo na separação do bordo curto assinalado por uma carena, que dá lugar a uma variante clara entre o conjunto. Por outro lado, à procura de paralelos obsta novamente a ampla distribuição espacial e cronológica desta forma, resultado de estímulos locais ou regionais. Assim, encontramos fortes semelhanças nos tipos 17A e 18 de Caro Bellido (1989: 140) e no tipo V/VI 3a na região onubense (BELÉN, 1976), de ampla difusão entre os sécs. VII a.C. e VI a.C. e particularmente devedoras de formas de engobe vermelho da região Sudeste peninsular (ROOS, 1982: 58, forma 1). Todavia, Aranegui (1975), à semelhança da nossa variante anterior, sublinha os vínculos com a cerâmica manual autóctone e um claro desenvolvimento tipológico representado noutros tipos cerâmicos como o de engobe vermelho ou a cerâmica pintada (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1992: 42).

De qualquer modo, encontramos fortes semelhanças com o tipo 8 definido para o Castillo de Doña Blana por Vallejo Sánchez (1999), que corresponde a uma das formas mais bem documentadas do sítio, com um claro vínculo ao mundo fenício (*loc. cit.*: 154), apesar das múltiplas variantes morfológicas definidas a partir, sobretudo, do desenvolvimento do bordo, prevalecendo desde os finais do séc. VIII a.C. e atingindo o auge entre os sécs. VII e VI a.C., seguido de um declínio até ao século seguinte, em que permanece de forma residual (*loc. cit.*: 152, *fig.* 6.29; 2005a: 1156). É este um cenário em tudo semelhante ao de Castro Marim em contextos do séc. VI a.C., com várias tigelas desta morfologia, e um relativo decréscimo quantitativo na fase V, no séc. V a.C.

No Baixo Guadalquivir encontramos paralelos da nossa variante com a forma II.C. de Mancebo Dávalos (1994: 355, *fig.* 2.), presente em sítios como San Bartolomeu

de Almonte, no séc. VII a.C. (RUIZ MATA, FERNÁNDEZ, 1986: vol. II, n.º 1356), Toscanos e Mezquitilla, em finais do séc. VIII a.C. (CARO BELLIDO, 1986: 692), na fase III de S. Pedro (BLÁZQUEZ, 1983: 328-29) ou na necrópole n.º 2 de La Joya (GARRIDO, ORTA, 1978), entre os sécs. VII e VI a.C. (MANCEBO DÁVALOS, 1994), além da zona malaguenha e levantina em Los Saladares (ARTEAGA, SERNA, 1975) ou Crevillente (GONZÁLEZ PRATS, 1983: 159) e Montemolín (MANCEBO *et alii*, 1992: 283, *fig. 3*, I.D). Até finais do século V a.C., encontramos exemplares em Carmona-80/A e Tejada (PELLICER, AMORES, 1985: *fig. 60, c*; FERNÁNDEZ JURADO, 1987: L. LX, 16), Cerro de la Cabeza (DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA *et alii*, 1988) e Cerro Macareno (PELLICER CATALÁN, ESCACENA CARRASCO, BENDALA GÁLÁN, 1983 *apud* RUIZ MATA, VALLEJO SÁNCHEZ, 2002: 205, *fig. 6. 11-12*; MANCEBO DÁVALOS, 1994: 356).

Na Extremadura espanhola, na fase I de Medellín, há fortes semelhanças com a forma **A2A** de Lorrío (2008), frequente até meados do séc. V a.C. (LORRÍO, 2008: 695), bem como em certos contextos da fase V de Castro Marim, onde o significativo decréscimo é acompanhado por algumas diferenças morfológicas, designadamente num bordo de uma taça mais profunda e de diâmetro superior (29,4 cm.), com um ligeiro ressalto na superfície externa no arranque do bordo, proveniente do depósito do compartimento 31 (n.º 2033) e sugerindo tratar-se de um prato evolucionado de outras formas mais antigas, evidência da evolução formal de perfis cerâmicos complexos que podem ter origem nos primeiros contactos do período orientalizante. A realidade cronológica, que medeia, em Medellín, entre a segunda metade do séc. VII e a primeira metade do séc. V a.C., seria um cenário antecedente e com continuidade na realidade de Cancho Roano (MALUQUER DE MOTES *et alii*, 1987: 252; IDEM, 1981: *fig. 21-25*).

As nossas formas II.1 e II.2 parecem corresponder à forma II de Hernández Carretero, que, no sítio de Cancho Roano, documentou pratos de perfil complexo e bordo saliente muito amplo, indicando uma cronologia mais tardia (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1992: 41; MALUQUER DE MOTES, 1981), de finais do séc. V ou inícios do séc. IV a.C.. De facto, aparentemente todo o vale médio do Guadiana indicia uma permanência desta forma entre o séc. VI e finais do séc. V a.C., essencialmente documentada em Cancho Roano e Medellín (*loc. cit.*: 52; LORRÍO, 2008: 695).

No território português é difícil definir esta forma nos principais conjuntos publicados, provavelmente em parte pela variedade da morfologia dos bordos, que



levou à inserção nos repertórios como parte da nossa forma II.1. Há, contudo, analogias na variante 1Ba do Estuário do Tejo (SOUSA, 2011: 193), na Quinta do Almaraz (BARROS, HENRIQUES, 2002: 310 – n.º 37) ou em Abul (MAYET, SILVA, 2000: I.C).

Em Castro Marim, podemos assistir a um cenário de decréscimo destas taças carenadas, à exceção daquela peça em contexto fechado que revela uma evolução do perfil, sendo este igualmente o momento do reconhecimento de uma nova variante carenada exclusiva desta fase (II.4) e da permanência, ainda que residual e evolucionada, da forma II.3, inserindo-se também num ambiente tardio já do séc. V a.C., como acontece na Extremadura espanhola (LORRÍO, 2008: 695).

A taça de carena média e perfil exvasado **II.3** está presente em Castro Marim de forma bastante residual: na fase III e IV, particularmente na primeira, recuperámos escassos fragmentos por vezes de difícil integração tipológica, mas cujo perfil exvasado e carena acentuada que inicia o exvasamento do bordo apontado, confirma a integração na variante. Na fase V pudemos recuperar dois bordos, um dos quais de perfil quase completo, fundo anelar e duas perfurações no bordo, provenientes de aterros do Corte 3, provavelmente de meados do séc. IV a.C. (nº 8517). Trata-se de um exemplar singular, não só pela exclusividade como por apresentar características morfológicas e técnicas cuidadas, do grupo 1a, e vestígios de polimento em ambas as superfícies. Considerámo-los distintivos pelo bordo mais desenvolvido do que as variantes II.1 ou II.2, além de a carena acentuada parecer entrever um corpo mais exvasado e menos profundo. Contudo, não será estranho se a forma for incluída entre repertórios formais de outras taças carenadas, particularmente em conjuntos mais antigos.

Destacamos sobretudo fortes paralelos nos protótipos de engobe vermelho de estabelecimentos comerciais peninsulares, enquadráveis no último quartel do séc. VI mas com uma dispersão lata até ao início do século seguinte (CARO BELLIDO, 1989; RUFETE TOMICO, 1988-1989: 12, 16 e 35). Na produção de cerâmica cinzenta consideramo-la evolucionada da forma 17B de Caro Bellido (1989: 141), com o bordo mais desenvolvido do que a forma 17A, definida para as nossas II.1 ou II.2. Tem grande aceitação na Andaluzia ocidental e oriental, nomeadamente em ambientes indígenas (CARO BELLIDO, 1989: 147) desde o séc. VIII a.C., como San Pedro ou Cerro de los Infantes (ROOS, 1982: 66, forma 8), em La Esperanza, em estratos do séc. VII-VI a.C.



(FERNÁNDEZ-MIRANDA, 1986, *fig.* 11) ou La Joya (BELÉN, 1976, 371, tipo V/VI 3a'). Algumas variantes parecem perdurar até ao início do séc. V, como testemunhado no Cerro Macareno, onde se estabeleceu uma baliza cronológica entre o segundo quartel do séc. VI e o final do séc. V a.C. (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1996: 113; PELLICER CATALÁN, ESCACENA CARRASCO, BENDALA GÁLÁN, 1983: 152, n.º 383), ou nos conjuntos funerários de Medellín da fase I, desde o séc. VII ao final do VI a.C., embora seja particularmente frequente em *busta* da fase posterior (II), *i.e.*, a primeira metade do séc. V (RODRÍGUEZ DÍAZ, PAVÓN SOLDEVILLA, 1999; LORRÍO, 1988-1989: 292, 309-311). No mesmo contexto, em alguns sítios do séc. IV, como Las Madrigueras, na Meseta Sul, registam estas taças em contextos tardios (ALMAGRO-GORBEA, 1965).

De facto, parece esta forma ter grande aceitação na Extremadura, com fortes semelhanças na necrópole de Medellín (tipo A3A de LORRÍO, 2009: 689; pratos de carena média e amplo bordo exvasado, de grande variabilidade), cuja diferenciação cronológica é muitas vezes marcada pela presença de fundos planos ou com uma leve concavidade, determinando uma maior antiguidade relativamente aos fundos “em bolacha” côncavos. Perante ausência de fundos, e exceptuando o exemplar da fase V que apresenta um fundo anelar associado, remetendo para cronologias mais tardias, teremos de admitir que os raros exemplos de Castro Marim evidenciam uma tendencial evolução dos perfis entre meados do séc. VII e o início do séc. V a.C (*loc. cit.*: 697).

No Castillo de Doña Blanca há também analogias desta forma com o genérico tipo 8, mas mais à semelhança da nossa variante II.2, inserido na designada «cerâmica selecta», de boa qualidade, possivelmente com um fino engobe, identificada no séc. VII (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999). No Baixo Guadalquivir, na forma II.D.1 encontramos breves paralelos, particularmente para os nossos exemplares mais antigos, dos sécs. VIII a VII a.C., cuja carena parece menos acentuada (MANCEBO DÁVALOS, 1994; IDEM *et alii*, 1992: 287), ou na forma I.D de Montemolin, própria da primeira metade do séc. VI a.C. (*loc. cit.*).

As taças que definimos como **II.4.a** e **II.4.b** levantam algumas questões preliminares: desde logo, a procura de paralelos para este tipo de taça de carena baixa foi algo difícil, na medida em que a maior parte dos repertórios que compreendem taças carenadas remete para as formas aludidas a propósito das variantes que anteriormente

descrevemos, e onde não nos parecem caber as características observadas nos dois exemplares de Castro Marim. A este respeito, importa que refiramos, desde logo, que, por um lado, as variantes foram ambas identificadas a partir de três peças fragmentadas (duas pertencentes à variante II.4.a e uma única a II.4b), e que, por outro, estão exclusivamente documentadas na fase V da ocupação do Castelo de Castro Marim (a primeira no contexto fechado do Compartimento 31, a segunda na área aberta entre os compartimentos 28 e 29, numa fase avançada do espaço). Os fragmentos aqui incluídos apresentam particular cuidado na produção (grupo 1B), com vestígios de acabamento polido, sendo provavelmente tanto a variante II.4a (nº 2032, 7426) como a variante II.4b (nº 12607) formas evolucionadas das taças carenadas II.2 ou II.3, produção local ou regional aparentemente integrada nos cenários culturais peninsulares que observamos sobretudo a partir da segunda metade do séc. V a.C. Deste modo, encontrámos algumas semelhanças com taças de carena baixa e bordo exvasado nos tipos A4A ou C3 de Lorrío, entre o séc. VII e inícios do séc. V a.C. (LORRÍO, 2008: 700), bem como em Cancho Roano, em formas muito semelhantes integradas na forma II de Hernández Carretero (1996: 26).

Por outro lado, encontrámos poucas semelhanças com a categoria 2A para o Estuário do Tejo (SOUSA, 2011: 478, *fig.* 204), sobretudo na variante 2Ab, com a carena bem marcada, embora mais alta, e paredes recto-côncavas, em sítios como a Rua dos Correeiros (*loc. cit.*), Travessa de Chafariz d’El-Rei (FILIPE, CALADO, LEITÃO, no prelo) ou em Moinhos da Atalaia, num conjunto do séc. VI (ARRUDA, 2002: 131 *ssq.*; *fig.* 88; PINTO, PARREIRA, 1978: 160 – l, m; SOUSA, 2011: 363); foi documentada uma forma que pode ser devedora daquela que referimos em Medellín, com alguns exemplares com ligeiras “molduras” na carena (LORRÍO, 2008: 722). Associada àquela identificada para o Estuário do Tejo, encontramos algumas semelhanças no tipo 4 da Quinta de Almaraz (HENRIQUES, 2006: 51), embora esta apresente também uma carena mais alta e paredes rectas. No Estuário do Sado, parece haver semelhanças com a forma identificada no edifício B de Abul, datado do século V a.C. (MAYET, SILVA, 2005: 26 – n.º 5; 2000: 209 – n.º 98, 99, 102).

É evidente que o momento ocupacional que estas taças carenadas reflectem remete para um contexto de desvinculação do mundo mediterrâneo, o que explicaria um decréscimo das taças II.1. e II.2, sendo o repertório formal agora dominado pelas tigelas

I.A.1 e I.A.5, com as características caneluras na superfície externa. As escassas taças II.4 trata-se-iam, então, provavelmente de uma evolução local ou regional, mas de matriz cultural claramente mediterrânica, entre meados do séc. V e o início do séc. IV a.C., realidade de escassez concordante com outros contextos pós-orientalizantes estremenhos e mesetenhos (CELESTINO PÉREZ, JIMÉNEZ ÁVILA, 1993, RODRÍGUEZ DÍAZ, ORTIZ ROMERO, 2004: 251-258), ou no Baixo Guadiana, como, *e.g.*, Mértola ou Azougada, este último com uma Taça carenada de cerâmica cinzenta de características distintas das de Castro Marim, enquadrada no séc. V a.C. e testemunhada por valores verdadeiramente residuais (ANTUNES, 2005: 45, *forma* II.1, nº 45).

Também ao mesmo cenário parece pertencente a variante **II.5**, que definimos essencialmente para recipientes carenados de perfil de tendência vertical e por vezes de dimensões mais reduzidas. Como referimos, a classificação destes recipientes ficou em parte comprometida quer pela fragmentação dos exemplares, quer mesmo pela sua raridade, pelo que as interpretações têm por base uma amostra consideravelmente reduzida. Genericamente, considerámos que a presença singular desta forma encontra ecos nos principais conjuntos tipológicos na categoria de pequenas taças de corpo globular, perfil em S ou sub-vertical (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 1156), sendo escassas as tipologias onde figuram estes recipientes. A variante **II.5.a** registou-se na fase III em apenas um fragmento (n.º 11538), onde foi impossível medir o diâmetro, mas cujas características nos levam a reconhecer semelhanças com a forma 19 (IDEM, 1999, 134), exclusiva do Castillo de Doña Blanca, entre os sécs. VII em menor número, VI a.C. (*loc. cit.*: 151, *fig.* 6.27), com aparentes relações com as formas do Bronze Final (*loc. cit.*: 135, 154-155), ou com a forma 20 do mesmo sítio, mas aparentemente com uma pervivência até fases tardias no séc. IV (*loc. cit.*: 134, *fig.* 6.27; 2005, *fig.* 2, 15).

Na fase IV o registo de recipientes integrados nesta categoria **II.5.a** é consideravelmente superior, contanto oito fragmentos de alguma variabilidade morfológica, embora mantenham as mesmas características genéricas. Nos exemplares deste momento encontrámos fortes semelhanças com as taças carenadas de perfil sub-vertical de engobe vermelho e de cozedura redutora com engobe cinzento da Azougada (ANTUNES, 2005:63, *forma* II.1.A, 82/83), consideradas de inspiração nas taças carenadas de perfil exvasado de produção cinzenta do mesmo sítio (*loc. cit.*).

Aparentemente esta forma tem novamente origem no Bronze Final (SOARES,

1996, 2005), mas distribuição difusa nos conjuntos artefactuais dos Períodos Orientalizante e Pós-orientalizante peninsulares, em decréscimo e de produção recorrente em várias categorias cerâmicas. A realidade da Bacia do Guadalquivir prevê uma diacronia mais antiga, entre os sécs. VII e VI a.C. (MANCEBO DÁVALOS, 1996: 357), pelo que a possível reprodução em produções específicas de âmbito regional pode prolongar-se pelo menos até meados do séc. VI a. C. (ANTUNES, 2005: 63). Ainda entre os paralelos mais próximos com as tipologias de cerâmica cinzenta, parece haver alguma inspiração no tipo 6 de Caro Belido (1989: 65), embora com dimensões superiores, produzido entre meados do séc. VII e o início do séc. V a.C. (1989: 64-69). Em Cancho Roano identificámos um paralelo de maiores dimensões na estância N-4, do séc. V (CELESTINO PÉREZ, JIMÉNEZ ÁVILA, 1993: 203, *fig.* 66, n.º 5), em Huelva, no Cabezo de la Esperanza (BELÉN, FERNÁNDEZ-MIRANDA, GARRIDO, 1977: 21-208, *fig.* 159, 1-2, *apud* GONZÁLEZ-ALCALDE, 2009: 89), e na forma 3 de Cerro de Los Santos na zona levantina (HORNERO DE CASTILLO, 1990: 185-186).

Na fase V recuperámos dois exemplares únicos quer da variante **II.5a** (nº3521), quer da variante **II.5b** (nº 4523), ambos com diâmetros superiores a 18 e 20 cm., respectivamente, carena bem acentuada e, no caso do segundo, de bordo destacado, com características aparentemente evolucionadas dos paralelos propostos para o Castillo de Doña Blanca (1999), uma vez que foram ambos recuperados de contextos do séc. V e meados do séc. IV a.C. (*vide infra*). Os exemplares que classificámos como **II.5c** (n.º 13510) foram unicamente identificados na fase V e na recolha de superfície inserida na fase VII (n.º 11994). Com o bordo **II.5.c**, curto e espessado exteriormente, de secção arredondada e carena mais suave do que as anteriores variantes, apenas o conjunto do Castillo de Doña Blanca permitiu, mais uma vez, uma aproximação (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 127, forma 14.2.b), constituindo o hiato cronológico daquela forma no sitio espanhol (séc. VII a.C.) e a reduzida amostra do nosso exemplar, muito fragmentado, obstáculo a prolongadas considerações, senão à constatação da efectiva variabilidade deste tipo de recipientes quer no sitio algarvio, quer no de Cádiz.

No conjunto de fragmentos que considerámos **Pratos (III)** é particularmente evidente a fragmentação da amostra, obstáculo à procura de paralelos nas principais tipologias de cerâmica cinzenta. De facto, a integração dos raros bordos destacados quer

na fase III (3% do conjunto), quer na fase IV (2% do conjunto) apresentava escassas diferenças distintivas, designadamente em alguns fragmentos que apresentavam no lado interno, na transição entre o bordo e a parede, um ressalto que poderá corresponder a uma ligeira depressão associada a uma carena no lado interno, sugerindo fortes semelhanças com pratos de engobe vermelho (FREITAS, 2005).

A forma que definimos como **grandes recipientes (IV)** nem sempre encontra correspondência directa em algumas tipologias de cerâmica cinzenta, parecendo por vezes tratar-se de uma categoria pouco expressiva nos contextos de cerâmica cinzenta da Idade do Ferro, em comparação, *e.g.*, com as formas maioritárias de tigelas hemisféricas ou taças carenadas, ou com outras categorias cerâmicas. A forma **IV.A.1a**, identificada partir de um exemplar proveniente da fase III, trata-se de um achado residual, o que não nos impede de sugerir a proximidade a funções desempenhadas pela cerâmica manual (OLIVEIRA, 2006: 44, *fig.* 13, forma 7.D), facto que poderia coadunar-se com a cerâmica manual proveniente de uma zona próxima, nos compartimentos 5 e 8 (*loc. cit.*: 84), ou mesmo até que tivesse servido funções similares às desempenhadas por outras formas tipológicas de cerâmica cinzenta, como as tigelas e taças. Em cerâmica cinzenta apenas encontramos breves semelhanças com a forma 14.1 (vasos profundos com diâmetros entre 25 e 35 cm.) de Doña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 127, *fig.* 6.16), presente em níveis do séc. VII a.C.. As variantes **IV.A.1b** e **IV.A.1c** foram definidas a partir de exemplares únicos provenientes da fase IV, de uma fossa [215/775] situada sobre derrubes do anterior compartimento 17, de finais do séc. VI a.C., tendo sido encontradas fortes semelhanças com a variante 15.1.c de Doña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 127, *fig.* 6.16), a forma V.C de Montemolin (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1994: 289), em contextos de povoados em cronologias do séc. VI a.C. Contudo, poderíamos querer ver nestas formas, particularmente na segunda variante, semelhanças com as urnas presentes em Medellín (LORRIO, 1988-89: 310) ou a forma 8 de Caro Bellido (1986: 591).

A forma **IV.A.2**, representada por apenas dois exemplares (das fases IV e V), e a variante **IV.A.3**, com apenas um exemplar na fase V, parecem, sobretudo esta última, encontrar correspondências entre as principais tipologias de cerâmica cinzenta, com alguns subtipos com os designados *lebrillos* de Castillo de Doña Blanca (VALLEJO

SÁNCHEZ, 1999: 128, Tipo 15.2), com uma frequência naquele sítio desde o séc. VII até ao final do séc. IV a.C. Neste sentido ainda, encontrámos também semelhanças com a categoria de “Bacias/Alguidares”, ou grandes recipientes abertos de várias tipologias de outras categorias cerâmicas (FABIÃO, 1998, *vol. II*: 48; MATALOTO, 2004: 70; SOARES, 2013: 44; OLIVEIRA, 2006: 44, *fig. 13*). A este respeito, não será irrelevante referir que esta inexpressividade da cerâmica cinzenta poderá dever-se às semelhanças existentes entre grandes taças e tigelas e os grandes recipientes abertos de menores dimensões (FABIÃO, 1998, *vol. II*: 49), com vasos que cumpririam as mais diversas actividades quotidianas de pequeno armazenamento, produção de alimentos ou higiene pessoal, tendo em conta também a boa qualidade dos acabamentos de alguns dos recipientes, que se distinguem apenas pelas dimensões, quando verificáveis.

A forma **IV.B 1**, com apenas um exemplar na fase IV, ou os dois exemplares da forma **IV.B.2**, distinguem-se das anteriores essencialmente por um perfil de tendência fechada, com diâmetros relativamente largos, mas cujo constrangimento não dificultaria o acesso ao interior. Uma vez mais, à procura de paralelos obsta a ausência de exemplos significativas nos principais contextos com cerâmica cinzenta, pelo que apenas a forma 13.2 de Vallejo Sánchez pode ser considerada próxima, sendo novamente o Castillo de Doña Blanca o único contexto com uma variedade de grandes recipientes de cerâmica cinzenta consonante com a realidade que encontramos em Castro Marim (VALLEJO SÁNCHEZ, 2005: 157, formas 13 e 14), ainda que com valores significativamente reduzidos e com uma diacronia que se prevê entre o sécs VI e meados do séc. V a.C., o que nos faz entrever uma realidade marcada por estímulos locais e propósitos exclusivamente domésticos.

Entre a categoria que definimos como pequenos recipientes fechados (**V**) a variante **V.A.** está presente de forma igualmente escassa em todas as fases da ocupação de Castro Marim, à excepção da fase II, por vezes com exemplares tão reduzidos e fragmentados que poderiam facilmente considerar-se indeterminados, esta forma foi designada, tendo em atenção a reduzida amplitude do diâmetro de abertura (entre 10 e 16 cm.), como um tipo de pote de relativa profundidade, como parecem sugerir as paredes recto-côncavas. Não foi possível, como antes referimos, recuperar quaisquer exemplares em que o perfil estivesse completamente preservado, o que nos impede de

os classificar em função da relação entre largura e altura. É, todavia, possível, partindo da orientação das paredes do bordo e tendo em atenção conjuntos conhecidos de outros sítios arqueológicos, supor que o corpo deste tipo de vasos fosse de tendência globular ou de “perfil em S”, o que nos sugere, de acordo, a profundidade geralmente atribuída a estes recipientes. Para a identificação de paralelos, extremamente difícil, devem ter-se em atenção peças provenientes de Conímbriga (ALARCÃO, 1974: XII, n.º 238) e de Santa Olaia (ROCHA, 1971: 64, *est.* XIII.121), bem como os tipos 6 e 16 admitidos respectivamente por Caro Bellido e Roos (CARO BELLIDO, 1989; ROOS, 1982), que postulam uma antiguidade formal remontante ao Bronze Final.

A variante **V.B** representada unicamente por dois exemplares (2NMI) provenientes da fase V da ocupação de Castro Marim, com diâmetros do bordo entre 10 e 16 cm., este tipo de recipiente apresenta um colo alto estrangulado, de orientação convexa e vertical e diâmetro reduzido, cujo corpo é impossível de determinar, bordo simples arredondado e ligeiramente exvertido, no prolongamento da parede do colo, características que, a par de recipientes conservados de outros sítios peninsulares, nos levam a supor uma morfologia compósita de tendência globular ou de perfil em S. Podemos estabelecer uma relação segura entre esta variante e a forma 20 identificada por J. I. Vallejo Sánchez no Castillo de Doña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999a: 134-135, *fig.* 6.18), também conservada de forma muito fragmentária. Esta forma surge naquele sítio arqueológico, à semelhança de outras que antes estudámos, na transição entre os séculos VIII e VII a.C., sugerindo uma forte dependência dos repertórios cerâmicos do Bronze Final, ali parecendo desaparecer gradualmente até ao séc. VI, de forma diversa ao que se pode verificar noutros sítios da Andaluzia, como Cerro Macareno, Huelva ou Montemolín, e reaparecendo timidamente a partir do séc. V a.C.

Também com a forma E.2 de La Mata (RODRÍGUEZ DÍAZ, 2004: 253; *vol.* V: 951, 710, *est.* 2, n.º MT99, E2, IIB, C6, 58 (G)), vasos de bordo exvertido ou inclinado de secção triangular, colo mais ou menos desenvolvido, corpo ovóide ou globular e base plana ou côncava, encontramos muitas semelhanças. As urnas registadas em La Mata e identificadas como variantes E.2.a-d são particularmente próximas dos tipos 9 de Caro Bellido e sobretudo da forma 1B de Medellín (LORRÍO, 1988-89: 299), tendo servido na necrópole funções cinerárias, particularmente na Fase I (IDEM, *Ibidem*: 304), ou como oferendas, com um exemplar de dimensões mais reduzidas no interior de um *bustum* da



Fase II (IDEM, *Ibidem*: 304, *fig.* 9, n.º 16). À semelhança do que acontece em Medellín, em La Mata estas urnas parecem também ocorrer em exemplares de reduzidas dimensões em contextos do séc. VI/V a.C. (RODRÍGUEZ DÍAZ, 2004: 255).

No território português, devem ser consideradas semelhanças com a forma 3Ba definida por Elisa de Sousa, bem como os paralelos que estabelece com exemplares de urnas de Cancho Roano, no séc. V a.C., para fragmentos provenientes da Rua de São João da Praça, em Lisboa, do Moinho da Atalaia Oeste, nas Baútas, de Moinhos do Filipinho e Casal de Vila Chã Sul, no concelho da Amadora, em sítios como Santa Eufémia e a “Sepultura do Rei Mouro”, em Sintra, em Almaraz, no Castro da Azougada ou em Santa Olaia (SOUSA, 2011: 201). Neste caso, a ausência desta tipologia do conjunto conservado na Sé de Lisboa poderá ser um indício importante para o estabelecimento de um *terminus a quo* não anterior ao séc. V a.C. (EADEM, *Ibidem*).

Entre o grupo que definimos como **Grandes recipientes fechados (VI)** uma vez mais estão ausentes quaisquer exemplares de perfil completo, levantando o estabelecimento de paralelos, pelo que podemos aduzir semelhanças com tipologias próximas das categorias de Potes/Panelas ou recipientes com funções de armazenamento. A variante **VI.A** representada por exemplares provenientes das fases III e IV, apresentam semelhanças com a forma 8 de CARO BELLIDO (1989: 80-83) e também, de forma mais invulgar, com o tipo 24 classificado por Vallejo Sánchez para os conjuntos do Castillo de Doña Blanca, presente em níveis que remontam ao século VII: um vaso fechado de corpo globular, colo estrangulado exvasado e bordo diferenciado por uma suave inflexão exterior, com cerca de 20 cm. (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 139, 153-154, *fig.* 6.20).

Em particular o fragmento pertencente à fase III [15373] é muito similar ao tipo 3B da colecção da Sé de Lisboa: uma taça de colo troncocónico e corpo de tendência globular, uma das formas maioritárias naquele sítio. De presença pouco frequente nos contextos sidéricos portugueses, encontramos, todavia, fortes afinidades da variante B com exemplares provenientes de Conímbriga (ALARCAO, 1974, est. XI, n.ºs 227, 227a, 228, 229; CORREIA, 1993: 242, *fig.* 7, n.ºs 11 e 13).

Esta forma está também presente em exemplares do Castelo de Alcácer do Sal (SILVA *et alii*, 1980-81: 171, *fig.* 17, n.º 166), provenientes de contextos da segunda



metade do século VI a.C., embora alguns dos tipos ali representados (1 e 2) tenham uma produção iniciada ainda durante o século VII a.C. e prolongada pelo menos até ao século seguinte. Em Santarém encontramos semelhanças com as formas 4 e 6B (ARRUDA, 1999-2000: 200, *fig.* 135, n.º 37, *fig.* 136, n.º 2; *fig.* 137, n.º 7-9; 202, *fig.* 138, n.º 2). Embora, como referimos, sem registo de formas completas, considerámos algumas semelhanças com a variante de Pote 4Aa definida para o Estuário do Tejo (SOUSA, 2011). Na Quinta do Almaraz, esta forma surgiu com abundância, correspondendo ao tipo 9 da tipologia elaborada para a cerâmica cinzenta (HENRIQUES, 2006: 56, 129-130). Já na área alentejana, a forma também se regista no Castro da Azougada (ANTUNES, 2005: *est.* XXVII, n.º 80, forma VI.5), datável de meados do séc. VI-V a.C. Também entre o conjunto cerâmico recolhido no sítio do Espinhaço do Cão 1 é possível registar um vaso bastante idêntico (CALADO & MATALOTO, 2008: 199 – EC – [123] – 1348), numa cronologia compreendida entre o final do séc. VII e o início do séc. V a.C. (IDEM, *Ibidem*: 204).

**A variante VI.B** tratar-se-á muito provavelmente de uma espécie de alguidar ou de um recipiente com funções de armazenamento, cujas características não raro encontramos em sítios orientalizantes e não são exclusivas da produção de cerâmica cinzenta. Esta forma encontra-se representada em contextos do Baixo Guadalquivir (tipo X), datados dos sécs. VI e V a.C., particularmente em Sevilha (MANCEBO DÁVALOS, 1994a: 372). Na Extremadura, o tipo D2 da necrópole de Medellín oferece bons paralelos em contextos da segunda metade do séc. VII e do início do segundo quartel da centúria seguinte (LORRÍO ALVARADO, 1988-1989: 300, 310; 2008: 710). Encontramos esta forma em Cancho Roano durante os séculos VI e V a.C., mas com percentagens inferiores às tigelas e pratos. No sector Norte do edifício, em N-5 (CELESTINO PÉREZ & JIMÉNEZ ÁVILA, 1993: 204, *fig.* 67: CR-87, n.º 1) encontrou-se um fragmento de bordo de um grande vaso de cerâmica de armazenagem a torno, de pasta negra e avermelhada, com desengordurantes médios (quartzo e mica), cozedura irregular, exterior alisado avermelhado e negro. Encontramos ainda algumas semelhanças nas peças no sector Sul do mesmo sítio, na fase A, que marca o final da ocupação, já avançado no séc. V (CELESTINO PÉREZ, 1996: 269, n.º 1), revelando possivelmente uma evolução distinta da forma (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1992: 42). Em finais do séc. V e começos do séc. IV a.C. encontramos estas formas em sítios do

sudoeste da província de Badajoz, onde atingem importantes percentagens na produção de cerâmica cinzenta (HERNÁNDEZ CARRETERO, 1992: 42, forma IV).

Perante o estado fragmentário e a dimensão dos nossos exemplares, não devemos tecer apressadamente considerações interpretativas. Contudo, o diâmetro do bordo e a estrutura do colo não nos impedem de notar que parece tratar-se de uma forma mais semelhante às formas fechadas de Montemolín (forma VB, MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992: 284-285, fig. 4), embora os paralelos ali propostos merecessem talvez uma revisão (em particular tendo em atenção as formas 4 de CARO BELLIDO (1986: 542) e 7A de LORRÍO (1988-89: 303), que apresentam características muito distintas, sobretudo por serem variantes muito mais reduzidas do que a nossa, genericamente conhecidas como *vaso à chardon*, e que podem ter funcionado como urnas em necrópoles tartéssicas (CARO BELLIDO, 1986: 545) e em povoados dos sécs. VII e VI a. C., como Carmona (CARO BELLIDO, 1986: 551) ou Los Quemados (LUZÓN & RUIZ: 1973, *lam.* XXXIII). Pode ainda notar-se a semelhança com o exemplar de cerâmica oxidante de Cancho Roano, sendo eventualmente as urnas de Medellín ou de Sevilha variantes de características mais cuidadas, nomeadamente a expressão do bordo mais pronunciado, potencialmente utilizadas em contextos sagrados de necrópole.

No território actualmente português, nomeadamente no Estuário do Tejo, encontramos algumas semelhanças com o Pote da variante 4Ca (SOUSA, 2011: 207, fig. 92), de maiores dimensões e com espessamento externo, estando presente na Rua dos Correeiros, na Travessa de Chafariz d'El-Rei (FILIPE, CALADO, LEITÃO, no prelo, *fig.* 9 – n.º 14 e 15) ou no povoado das Baútas, no concelho da Amadora (SOUSA, 2011). O conjunto de cerâmica cinzenta do povoado de Almaraz integra igualmente este vaso, classificado como tipo 11 (HENRIQUES, 2006: p. 57). No Estuário do Sado esta forma surge entre o conjunto artefactual de Abul em contextos mais tardios, datados em torno ao século VI e V a.C. (MAYET & SILVA, 2000: 198 – n.º 18).

Para a forma **VI.C** correspondente a recipientes fechados de perfil curvo, colo curto e estrangulado e bordo convexo espessado, não foi possível considerar senão dois exemplares com cerca de 18 cm. de diâmetro, provenientes de contextos do séc. VI a.C. (fase IV: 12368). Num destes, de paredes mais finas, com ressalto marcado no perfil exterior do colo e lábio com ligeiro espessamento, observa-se, na direcção da parede do bojo, um perfil tendencialmente globular (ARRUDA & FREITAS, 2008: 432, 12368).

Na maioria dos sítios orientalizantes encontramos essencialmente formas aproximadas, geralmente de bordo e colo demasiados curtos e rectilíneos, como é o caso da forma VA de Montemolin (MANCEBO DÁVALOS *et alii*, 1992: 285, *fig.* 4), em fases centradas no séc. VI a.C., ou mesmo das formas<sup>7</sup> definidas por Caro Bellido um bordo tendencialmente recto e sem saliência no colo. Trata-se de uma forma documentada desde finais do séc. VII até ao séc. IV a.C. no Sul do território peninsular (IDEM, *Ibidem*: 75). Atribuíveis tradicionalmente a urnas, no caso das necrópoles, e a potes, nos povoados, podendo eventualmente ter servido para conter pequenos alimentos, parecem coexistir noutras categorias cerâmicas desde fases mais antigas, como as produções manuais, e perduram até ao séc. IV a.C. Em Cerro de los Santos, a forma 4 é bastante semelhante, com bordo exvasado de lábio arredondado que não se diferencia do colo até um pronunciado estrangulamento do perfil que continua de forma rectilínea e que poderia corresponder a uma forma associada ao uso cultural de libações, juntamente com os vasos caliciformes do santuário (HORNERO DEL CASTILLO, 1990: 190).

Encontramos acentuadas semelhanças com a variante de Pote 4Ac na zona da baixa lisboeta (SOUSA, 2011: 206), no povoado de Santa Eufémia, na Alcáçova de Santarém (ARRUDA, 1999-2000: 200, *fig.* 136, n.º 2), ou ainda com exemplares semelhantes, mas de colo mais desenvolvido e mais largo, provenientes de Conímbriga (CORREIA, 1993: 242 – n.º 6 e 7).

## **6. Leituras e significados da cerâmica cinzenta do Castelo de Castro Marim durante o primeiro milénio a. C.**

De modo conclusivo, gostaríamos de sublinhar que o conjunto de cerâmica cinzenta de Castro Marim permitiu de alguma forma evidenciar activamente o significado de uma categoria cerâmica que acompanha toda a diacronia sidérica do sítio algarvio. De facto, se tem sido sublinhado sobretudo o seu valor quantitativo entre os principais conjuntos de cerâmica cinzenta orientalizante, não devemos esquecer que se trata também de uma categoria com outras singularidades formais e decorativas, que permitem, por um lado, a percepção da influência das comunidades indígenas em conjuntos materiais fenícios e, por outro, da evidência de uma categoria de ampla durabilidade que sobrevive como técnica, recebendo certamente várias influências e

seguindo evoluções muito próprias nas produções locais, na proximidade de possíveis modelos de contacto onde se conjugam diversas tradições, diversos tipos e intensidades de influência em momentos também divergentes e onde os regionalismos têm parte activa, em função ou não do seu substrato indígena (VALLEJO SÁNCHEZ, 1998, 1999, 2005, n. p.).

Deste modo, não podemos esquecer uma vez mais os esquemas decorativos registados em Castro Marim, designadamente como referimos, a presença de **pintura** numa tigela hemisférica de perfil completo I.A.2a da fase III (nº 13899), bem como sobre a superfície interna de um bordo exvasado de um provável prato, proveniente de níveis da fase IV (nº 11888), característica com fortes paralelos numa diacronia semelhante, entre o séc. VII e finais do séc. VI a.C. no cenário da Baixa Andaluzia, Cerro Macareno (PELLICER *et alii*, 1983, *fig.* 65, 477) ou Montemolin, entre os sécs. VII e VI a.C. (MANCEBO DÁVALOS, 1994; VALLEJO SÁNCHEZ, 1998: 162, 1999: 88; 2005: 1160), embora sempre em número reduzido. A tentadora associação a uma função religiosa foi já aduzida para vários contextos. onde figuram as cerâmicas de verniz negro e ovos de avestruz decorados, e onde convergem a tradição autóctone e elementos de cariz oriental (MANCEBO DÁVALOS, 1994a: 108, VALLEJO SÁNCHEZ, 1999b: 88). No povoado e necrópole de Medellín, por exemplo, foram recuperados fragmentos de cerâmica cinzenta com restos de pigmentos no interior que parecem inspirados nas cerâmicas pintadas de estilo Medellín (LORRIO, 2008: 715-716; ALMAGRO-GORBEA, 1977). Em Castro Marim, a associação imediata a funções eminentemente simbólicas ou religiosas poderia pecar pela falta de contextos seguros, ainda que ambas as fases estejam directamente associadas a espaços onde decorreriam actividades culturais.

A este respeito, não devemos ainda esquecer a **decoração brunida** sobre um único bojo proveniente de um contexto tardio de abandono da fase IV, provavelmente entre finais do séc. VI a.C. e o início da centúria seguinte: ainda que demasiado residual, é, de forma geral, uma evidência que inclui o sítio algarvio entre as dinâmicas culturais peninsulares durante a primeira metade do primeiro milénio a.C. O motivo de “espiga” ou traços oblíquos que parecem organizar-se em bandas deverá incluir-se entre o Grupo 6 definido por Vallejo Sánchez para a cerâmica cinzenta do Castillo de Doña Blanca (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 175, *fig.* 7.11). Trata-se de um esquema de linhas possivelmente integradas entre uma cruz maltesa que organiza o conjunto, resultando

num “motivo ramiforme”. A aplicação naquele sítio é particularmente visível no tipo 8, correspondente à nossa forma II.2. Contudo, sendo um exemplar extremamente fragmentado, podemos apenas verificar que a decoração parece ter sido aplicada na superfície externa, ao contrário da maioria das cerâmicas cinzentas orientalizantes. Com uma distribuição cronológica a partir do séc. VII a.C., principalmente nos sécs. VI e IV-III a.C., é uma característica decorativa comum na cerâmica cinzenta que, não obstante não seja generalizável no Baixo Guadalquivir e em Huelva (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999), e parecendo uma particularidade regional, encontramos igualmente noutros sítios da Baía de Cádiz, como El Trobal (RUIZ MATA & GONZÁLAZ RODRÍGUEZ, 1994), Mesas de Astas, em Jerez de La Frontera, Vaina (*loc. cit.*). No território português encontramos raros exemplares, nomeadamente na foz do estuário do Tejo, na Alcáçova de Santarém e em Lisboa (ARRUDA, 1999-2000; ARRUDA *et alii*, 2002). Embora não nos seja possível fazer a correlação óbvia entre as decorações do Bronze Final e a cerâmica cinzenta, é-nos lícito pensar na sua aplicação em cerâmica manual até ao séc. VI a.C., designadamente em Castro Marim, cenário igualmente evidente no sítio de Cádiz, o que nos faz supor um fenómeno de interpretação ou adaptação dos mesmos motivos e técnicas (VALLEJO SÁNCHEZ, 1999: 89; LÓPEZ ROA, 1978), não sendo totalmente legítimo considerar categoricamente uma tradição decorativa evidente e ininterrupta.

A mudança verificada em meados do 1º milénio pressupõe uma realidade distinta marcada por matrizes de grupos humanos de várias origens (BEIRÃO, *et alii*, 1979; ARRUDA, 1993; ARRUDA, GUERRA, FABIÃO, 1995; FABIÃO, 1998; ARRUDA, 1999-2000), mudança que, no entanto, tem leituras distintas no caso, a título de exemplo, da realidade da Extremadura espanhola do século V a.C., vinculada a um claro contexto “pós-orientalizante”, ou, por oposição, do “conservadorismo orientalizante” do Estuário do Tejo (ARRUDA, 1993, 1999-2000, 2005b), que se manifesta na continuidade de produções cerâmicas, como a cinzenta.

Em Castro Marim, as alterações estruturais ocorridas a partir da segunda metade do séc. V e ao longo do séc. IV parecem-nos conciliáveis com a realidade dos principais centros de consumo andaluzes e extremenhos, e do Sudeste e Levante peninsulares, onde assistimos à possível manutenção de uma matriz cultural orientalizante, mas pautada sobretudo por novas características exclusivas deste momento e devedoras das

dinâmicas locais/ regionais (VALLEJO SÁNCHEZ 2004: 118).

A este respeito, não podemos deixar de referir novamente a evidência de uma menor variabilidade formal, bem como de uma menor presença de alguns tipos cerâmicos relacionados com a anterior ocupação orientalizante (ARRUDA *et alii*, n.p.; ARRUDA, FREITAS, 2008: 441), realidade coadunável com o cenário de cerâmica cinzenta, com a esmagadora presença de tigelas, designadamente num conjunto que reúne características formais, de fabrico e decorativas até agora raramente identificadas. Referimo-nos sobretudo à forma I.A.5 de bordo biselado, ao grupo de fabrico 2 de pastas muito depuradas e acabamentos cuidados, designadamente na ostentação de uma decoração canelada verdadeiramente singular.

O facto de a maioria destes exemplares, bem como as tigelas da forma II.4a – também associada a uma leitura muito própria num âmbito local ou regional agora mais circunscrito –, ter sido recolhido num depósito fechado que continha um espólio diversificado, designadamente ânforas da variante Mañá-Pascual A4 (SANTOS, 2009; FERNANDES, 2009), ou a outros artefactos bastante significativos, como a cerâmica ática, as contas de colar ou objectos de metal ou osso, leva-nos a pensar na integração e, por conseguinte, no significado da cerâmica cinzenta em análise no âmbito de contextos de armazenamento associados a uma função de cariz votivo da segunda metade do séc. V a.C., particularmente tendo em conta o espaço sagrado a que está associado (ARRUDA *et alii*, n. p.) e testemunhando o cariz cultural do espaço anterior, revelando uma intenção deliberada de o preservar, não obstante as reestruturações do povoado na primeira metade do século V a.C. (ARRUDA *et alii*, 2009: 80).

A este respeito, podemos referir alguns casos singulares de depósitos votivos onde se documenta, entre outros artefactos intrinsecamente relacionados com rituais culturais, a presença esmagadora da cerâmica cinzenta, essencialmente constituída por pratos e taças, fazendo parte, portanto, de uma *praxis* ritual confirmada pela associação a rituais de fogo ou à excepcionalidade da própria natureza destes designados *bothroi*. Exemplos existem em Abul B, no séc. V a.C. (MAYET, SILVA, 2000c: 177- 229), com a presença maioritária da cerâmica cinzenta, representando 53% no cômputo total das várias categorias cerâmicas recuperadas nos dois depósitos das estruturas 1 e 11, e pela camada 2 (MAYET, SILVA, 2001b, 179, quadro 1). De facto, já na feitoria fenícia de Abul A se tratava da categoria cerâmica mais frequente (66%)

(*loc. cit.*), e naquele outro, documentando um conjunto tipológico mais circunscrito, sobretudo o “prato” de carena marcada e colo bastante côncavo, com fortes paralelos na forma 3a de Medellín (ALMAGRO-GORBEA, 1977, 465, *fig.* 192, 3a), ou fundos de base côncava e pé marcado e fundos de pé anelar, característica eminentemente tardia (MAYET, SILVA, 2001b).

Também aparentemente na Rua do Rato podemos encontrar um contexto do tipo *bothros*, selado e bem definido, que continha um excepcional conjunto artefactual em perfeito estado de conservação (ARRUDA *et alii*, n. p.: 24), datado de finais do séc. VI e inícios do séc. V a.C., com elementos que permitem pensar numa autêntica função religiosa de cariz comercial (*loc cit.*: 25; 42) e onde foi recuperado um importante e exclusivo conjunto de “cerâmica cinzenta fina polida”, constituído sobretudo por recipientes fechados, com alguns curiosos exemplares que parecem corresponder a “miniaturas”, característica que parece ocorrer também em contextos de elevada carga simbólica, designadamente em santuários, como Cancho Roano ou Cueva del Valle (CELESTINO PÉREZ, 1997).

Entre os vários materiais de cariz simbólico recuperados nos vários contextos, cabe destacar, no âmbito da nossa análise, a associação de recipientes destinados ao consumo de alimentos – designadamente, em grande presença, as tigelas hemisféricas, entre as quais as de cerâmica cinzenta, semelhante ao caso em estudo de Castro Marim – a contentores de armazenamento, com que podíamos encontrar algum paralelismo no caso do enorme número de ânforas recuperadas também no *bothros* de Castro Marim, testemunho de oferendas e ex-votos em áreas funcionais dos santuários, sendo que a predominância de recipientes abertos de consumo de mesa neste tipo de depósitos soterrados, como a nossa cerâmica cinzenta com decoração canelada e fabrico muito cuidado, nos permite sugerir uma associação à prática de rituais de comensalidade amplamente documentados num típico horizonte cultural do mundo orientalizador da Baixa Andaluzia e costas mediterrâneas (RUIZ DE ARBULO, 1997; CELESTINO PÉREZ, 1997; FERNÁNDEZ FLORES, RODRÍGUEZ AZOGUE, 2005; BELÉN *et alii*, 1997; BELÉN, MARÍN CEBALLOS, 2005).



## 7. Bibliografia :

ALARCÃO, Jorge de

(1975) – *La Céramique Commune Locale et Régionale* (Fouilles de Conimbriga), Paris, Éditions de Boccard

ALMAGRO BASCH, Martín

(1949) – ‘Museo monográfico de Ampurias [Memoria 1949]’, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales* 9-10 (1948-1949), Madrid, 1950

ALMAGRO-GORBEA, Martín

(1969) – *La Necrópolis Celtibérica de Las Madrigueras (Carrascosa del Campo, Cuenca)*, Escavaciones Arqueológicas en España 41, Madrid, 1969

(1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* (Bibliotheca Praehistorica Hispana XIV), Madrid, 1977

(1994) – ‘Castros y oppida de Extremadura’, *Complutum Extra* 4 (1994)

ANTUNES, A. S.

(2005) – *Castro da Azougada: Conjunto Cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana* (dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 3 vols., edição policopiada

(2009) – ‘Um conjunto cerâmico da Azougada: em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana’, *O Arqueólogo Português, Suppl. V*



ARANEGUI, C.

(1969) – ‘La cerámica gris de los poblados valencianos’, *Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* VI, pp. 113-131

(1975) – ‘La cerámica gris monocroma: puntualizaciones sobre su estudio’, *Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* XI, pp. 333-379

ARCELIN, P. & TUFFREAU-LIBRE, M.

(1998) – *La Quantification des Céramiques: Conditions et Protocole*, Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray

ARRUDA, Ana Margarida

(1983/1984) – ‘Escavações no Castelo de Castro Marim: sua integração no contexto do turismo regional’, *Clio Arqueologia* 1, pp. 193-195

(1986) – ‘Castro Marim na Idade do Ferro’, *Actas do 4º Congresso do Algarve*, Silves, vol. I, pp. 33-38

(1987) – ‘Castelo de Castro Marim’, *Informação Arqueológica* 8, pp. 32-34

(1993) – ‘A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular’, *Estudos Orientais* (*Actas do Colóquio “Os Fenícios no Território Português”*, 1992), Lisboa, vol. IV, pp. 193-214

(1996) – ‘O Castelo de Castro Marim’, in AAVV., *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*, Lisboa, pp. 95-100

(1997) – *As Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim no Quadro das Exportações Gregas para a Península Ibérica*, Lisboa, Colibri

(1999/2000) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y Mundo Indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona, Carrera Edició

(2000) – ‘As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim: no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C.’, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos* (Cádiz, 1995), Cádiz, vol. II: pp. 727-735

(2001) – ‘Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado’, *Actas do Colóquio Internacional “Os Púnicos no Extremo Ocidente”* (Lisboa, 2000),

Lisboa, Universidade Aberta, pp. 69-98

(2003) – ‘Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim: balanço e perspectivas’, *Xelb* IV, pp. 69-88

(2005a) – ‘O primeiro milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século’, *O Arqueólogo Português* 23 (série IV), pp. 9-156

(2005b) – ‘Orientalizante e Pós-Orientalizante no Sudoeste peninsular: geografias e cronologias’, *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, Mérida, vol. I, pp. 277-304

(2006) – ‘Os recursos marítimos na economia da Idade do Ferro do Sul de Portugal: o sal, a pesca e os preparados de peixe’, in AAVV., *Historia de la Pesca en el Ámbito del Estrecho*, Sevilla, vol. I, pp. 383-405

(2007a) – ‘A Idade do Ferro do Sul de Portugal: estado da investigação’, *Madriider Mitteilungen* 48, pp. 114-139

(2007b) – ‘A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias’, *Xelb* VII, pp. 115-130

(2008) – ‘Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas’, *Cuadernos de Arqueología Mediterránea* XVIII, pp. 13-24

ARRUDA, A. M. & FREITAS, V.

(2008) – ‘O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e.’, in JIMÉNEZ ÁVILA (ed.), *Sidereum Ana I: El río Guadiana en época post-orientalizante (Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI)*, Mérida, CSIC, pp. 429-446

ARRUDA, A. M., FERREIRA, M., SOUSA, E. de, LOURENÇO, P., LIMA, J. e CARVALHO, A. R.

(no prelo) – *Contributos para o Conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato*, Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal

ARRUDA, A. M., CARRETERO POBLETE, P. A., FREITAS, V. T., SOUSA, E., BARGÃO, P., LOURENÇO, P., OLIVEIRA, C. F.

(2009) – ‘Castro Marim: un santuario en la desembocadura del Guadiana’, in MATEOS CRUZ, P., CELESTINO PÉREZ, S. (edd.), *Santuarios, Oppida y Ciudades: Arquitectura Sacra en el Origen y Desarrollo Urbano del Mediterráneo Occidental*, Madrid, CSIC, pp. 79-88

ARRUDA, A. M., FREITAS, V. T., OLIVEIRA, C. F.

(2007) – ‘Os Fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim’, in AAVV., *Las Ciudades Fenicio-Púnicas en el Mediterraneo Occidental*, Almería, pp. 460-483

ARRUDA, A. M., VIEGAS, C., BARGÃO, P., PEREIRA, R.

(2006) – ‘A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana’, *Setúbal Arqueológica* XIII, pp. 153-176

ARRUDA, A. M., FREITAS, V. T., VALLEJO SÁNCHEZ, J. I.

(2000) – ‘As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa’, *Revista Portuguesa de Arqueologia* III.2

ARTEAGA, O., SERNA, M. R.

(1975) – ‘Los Saladares: un yacimiento protohistórico en la región del Bajo Segura’, *XII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, 1972, pp. 437-450

AUBET, Maria Eugenia

(2009) – *Tiro y las Colonias Fenicias de Occidente*, Barcelona, Belaterra

AUBET, M. E., CARMONA, P., CURIÀ E., DELGADO, A., FERNÁNDEZ CANTOS, A. E. PÁRRAGA, M.

(1999) – *Cerro del Villar. I: El Asentamiento Fenicio en la Desembocadura del Rio Guadalhorce y su Interacción com el Hinterland*, Sevilla, Junta de Andalucía

BALFET, H., FAUVET-BERTHELOT, M. F. & MONZÓN, S.

(1983) – *Pour la Normalization de la Description des Poteries*, Paris, Musée de L'Homme, Laboratoire d'Ethnologie: Département de Technologie Comparée

BARBERÁ, J., NOLLA, J. M., MATA, E.

(1993) – 'La ceràmica gris emporitana', *Cuadernos de Arqueología de Historia de la Ciudad VI* (Barcelona)

BARCELÓ, J., DELGADO, A., FERNÁNDEZ, A., PÁRRAGA, M.

(1995) – 'El área de producción alfarera de Cerro del Villar (Guadalhorce, Málaga)', *Rivista di Studi Fenici XXIII:2*, pp. 147-182

BARROS, L., CARDOSO, J. L., SABROSA, A.

(1993) – 'Fenícios na margem sul do Tejo: economia e integração cultural no povoado do Almaraz – Almada', *Estudos Orientais (Actas do Colóquio "Os Fenícios no Território Português", 1992)*, Lisboa, vol. IV, pp. 143-181

BARROS, L., ESPÍRITO SANTO, P.

(1997) – 'Gruta artificial de São Paulo', *Setúbal Arqueológica (Primeiro Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste: Homenagem a Georges Zbyszewski)* 11-12, pp. 217-220

BARROS, P.

(2008) – 'Mértola durante os séculos VI e V a.C.', *Anejos AESPA XLVI*, pp. 399-414

BEIRÃO, C. de M., SILVA, C. T., SOARES, J., GOMES, M. V., GOMES, R.V.

(1985) – 'Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão: notícia da primeira campanha de escavações', *O Arqueólogo Português (série IV)* III, pp. 45-135

BELÉN DEAMOS, Maris

(1976) – ‘Estudio y tipología de la cerámica gris de Huelva’, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* LXXIX, pp. 353-388

(2000) – ‘Santuarios fenicios y comercio en Tartessos’, in P. FERNÁNDEZ URIEL, C. GONZÁLEZ WAGNER & F. LÓPEZ PARDO (edd.), *Intercambio y Comercio Preclassico en el Mediterráneo: Actas del I Coloquio del CEFYP*, Madrid

(2001) – ‘Arquitectura religiosa orientalizante en el Bajo Guadalquivir’, in D. RUIZ MATA, & S. CELESTINO PÉREZ (edd.), *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Peninsula Iberica*, Madrid: CSIC, pp. 1-16

BELÉN DEAMOS, M., DEL AMO, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.

(1982) – ‘Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos XI-VI a.C.’, *Huelva Arqueologica* VI, pp. 21-39

BELÉN DEAMOS, M., ESCACENA CARRASCO, J. L.

(1997) – ‘Testimonios religiosos de la presencia Fenicia en Andalucía Occidental’, *SPAL* VI, pp. 103-131

BELÉN DEAMOS, M., MARÍN CEBALLOS, M. C.

(2005) – ‘El fenómeno orientalizante en su vertiente religiosa’, in J. JIMÉNEZ ÁVILA & S. CELESTINO PÉREZ (edd.), *El Período Orientalizante*, Madrid: CSIC, vol. I, pp. 441-466

BENOIT, F.

(1965) – ‘Recherches sur l’hélenisation du Midi de la Gaulle’, *Aix-en-Provence* 83, pp. 76-78

BIKAI, P. M.

(1978) – *The Pottery from Tyre*, Warminster: Arys & Phillips

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María

(1983) – *Primitivas Religiones Ibéricas: II. Religiones Prerromanas*, Madrid, Ediciones Cristandad

(1992) – *Fenicios, Griegos y Cartagineses en Occidente*, Madrid

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M., ALVAR EZQUERRA, J., WAGNER, C. G.

(1999) – *Fenicios y Cartagineses en el Mediterráneo*, Madrid

BONET, P. C.

(1991) – ‘Importaciones arcaicas del Cerro del Villar (Guadalhorce, Málaga)’, *Huelva Arqueologica* XIII

BUCHHOLTZ, H.G., & KARAGEORGHIS, V.

(1973) – *Prehistoric Greece and Cyprus*, London, Phaidon

CABRAL, J. M. P., WAERENBORGH, J. C., FIGUEIREDO, M. O., MATIAS, P. H. M.

(1986) – ‘Contribuição para o estudo da cerâmica cinzenta fina de Conímbriga e de Santa Olaia por espectroscopia Mössbauer e difracção de raios X’, *Conimbriga* XXV, pp. 5-21

CARDOSO, G.; ENCARNÇÃO, J.

(no prelo) – ‘Notas sobre a ocupação proto-histórica na villa romana de Freiria’, *Actas do Congresso sobre a Idade do Ferro no Noroeste* (agradecemos aos autores a permissão para a consulta deste texto antes da publicação)

CARDOSO, J. L.

(1990) – ‘A presença oriental no povoamento da Primeira Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo’, *Estudos Orientais (Actas do Encontro Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano)*, Lisboa, vol. I, pp. 119-133

CARO BELLIDO, A.

(1986) – *La Cerámica Gris a Torno Orientalizante de Andalucía*, Universidad de Cádiz

CARRETERO, P.

(2006) – ‘El uso del aceite de oliva en los rituales religiosos de Castro Marim durante el período púnico-turdetano’, *Xelb* VI, pp. 21-30

CELESTINO PÉREZ, Sebastián

(1996) – (ed.) *El Palacio-Santuario de Cancho Roano V-VI-VII: Los sectores Oeste, Sur y Este*, Badajoz, Junta de Extremadura e B. Gil Santa Cruz

(1997) – ‘Santuarios, centros comerciales y paisajes sacros’, *Quadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses* XVIII, pp. 359-389

(2001) – ‘Los santuarios de Cancho Roano: del indigenismo al orientalismo arquitectónico’, in D. RUIZ MATA & S. CELESTINO PÉREZ (edd.), *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Peninsula Iberica*, Madrid: CSIC, pp. 17-56

CELESTINO PÉREZ, S. & JIMÉNEZ ÁVILA, F. J.

(1993) – *El Palacio-Santuario de Cancho Roano: I. El Sector Norte*, Badajoz: Junta de Extremadura e B. Gil Santa Cruz

(1989) – ‘Una ofrenda en la estancia N-4 del palacio-santuario de Cancho Ruano’, *Archivo Español de Arqueología* 159-160, pp. 226- 235

CORREIA, Virgílio Hipólito

(1993) – ‘Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo Mondego’, *Estudos Orientais (Actas do Colóquio “Os Fenícios no Território Português”, 1992)*, Lisboa, vol. IV, pp. 229-283

DAVEAU, Suzanne

(1994) – ‘A foz do Tejo palco da história de Lisboa’, *Lisboa subterrânea*, Lisboa, Instituto Português de Museus, pp. 24-31

DELGADO HERVÁS, A.

(2005) – ‘Multiculturalidad y género en las colonias fenicias de la Andalucía mediterránea: un análisis contextual de las cerámicas a mano del Cerro del Villar (Málaga)’, in A. SPANÒ GIAMMELLARO (ed.), *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici (Marsala-Palermo, 2-8 ottobre 2000)*, Palermo, Università degli Studi di Palermo – Facoltà di Lettere e Filosofia, 2005, vol. III, pp. 1249-1260

(2011) – ‘La producción de cerámica fenicia en el extremo Occidente: hornos de alfar, talleres e industrias domésticas en los enclaves coloniales de la andalucía mediterránea (siglos VIII-VI a.C.)’, *XXV Jornadas de Arqueologia Fenicio-Púnica*, Eivissa, 2010

DELGADO HERVÁS, A., FERNÁNDEZ CANTOS, A., RUIZ MARTÍNEZ, A.

(2000) – ‘Las transformaciones del s. VI a.n.e. en Andalucía: una visión desde las relaciones entre fenicios e indígenas’, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Cádiz, 1995)*, Cádiz, vol. IV, pp. 1781-1787

DIETLER, M., HERBICH, I.

(1994) – ‘Ceramics and ethnic identity: ethnoarchaeological observations on the distribution of pottery styles and the relationships between the social contexts of production and consumption’, in AAVV., *Terre Cuite et Société. La Céramique, Document Technique, Économique, Culturel (Actes des XIV Rencontres Internationales d’Archéologie et d’Histoire d’Antibes: 21, 22, 23 octobre 1993)*, Juan-les-Pins, Antibes, Éditions APDCA, 1994, pp. 459-472

DOMINGUEZ DE LA CONCHA, M. C.

(1985) – ‘Materiales del periodo orientalizante de Campoviejo’, *Homenage a Cánovas Pesini*, Badajoz, vol. I, pp. 57-64



DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, M. C., CABRERA BONET, P., FERNÁNDEZ JURADO, E. J.

(1988) – ‘Cerro de la Cabeza (Santinponce, Sevilla)’, *Noticiario Arqueológico Hispanico* XXX, Madrid, pp. 120-186

ESCACENA CARRASCO, J. L., IZQUIERDO, R. M.

(1998) – ‘Intervención arqueológica de urgencia en el Colegio Público Cerro de San Juan de Coria del Río (Sevilla)’, *Anuario Arqueológico Andaluz* III (2001), pp. 971-978

FABIÃO, Carlos

(1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Actual Território Português* (Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2 vol., edição policopiada

FERNANDES, F.

(2009) – *As Ânforas do Tipo B/C de Pellicer no Castelo de Castro Marim* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edição policopiada

FERNÁNDEZ JURADO, Jesús

(1987) – ‘Tejada la Vieja: una ciudad protohistórica’, *Huelva Arqueológica* IX, Huelva: Diputación Provincial

FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.

(1976) – ‘Jarritas ibéricas de tipo ampuritano en las islas Baleares: cronología arqueológica y tipología analítica’, *Trabajos de Prehistoria* XXXIII, Madrid, pp. 255-290

(1986) – ‘Huelva, ciudad de los Tartessios’, in AAVV., *Los Fenicios en la Península Ibérica*, Sabadell, vol. II, pp. 227-261

FERNÁNDEZ FLORES, A., RODRÍGUEZ AZOGUE, A.

(2005) – *Tartessos Desvelado. La Colonización Fenicia del Suroeste Peninsular y el Origen y Ocaso de Tartessos*, Córdoba, Almuzara

FERNÁNDEZ OCHOA, C., ZARZALEJOS, M., HEVIA, P., ESTEBAN, G.

(1994) – *Sisapo I: Excavaciones Arqueológicas en “La Bienvenida”, Almodóvar del Campo (Ciudad Real)*, Toledo

FREITAS, V. T.

(2005) – *As Cerâmicas de Engobe Vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, Consumo e Comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2 vol., edição policopiada

FREITAS, V. T.; OLIVEIRA, C. P.

(2007) – ‘A Idade do Ferro no Baixo Guadiana’, in AAVV., *As Idades do Bronze e do Ferro na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, pp. 409-307

GAMITO, T. J.

(1990-1992) – ‘A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura)’, *O Arqueólogo Português* (Série 4) VIII/X, pp. 277-297

GARCÍA, M. (ed.)

(1993) – *Estudis sobre Ceràmica Antiga: Actes del Simposi sobre Ceràmica Antiga*, Barcelona

GARCIA, E., MORA, M., FERRER, E.

(1989) – ‘Estudios sobre cerámicas ibéricas andaluzas: Montemolín, Marchena, Sevilla’, *Habis* XX, pp. 217-243

GARRIDO, J. P. & ORTA, E. M.

(1978) – ‘Excavaciones en la necrópolis de «la Joya», Huelva, II (3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>. e 5.<sup>a</sup> campañas)’, *Excavaciones Arqueológicas en España* 96, Madrid

GOMES, Mário Varela

(1993) – ‘O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)’, *Estudos Orientais (Actas do Colóquio “Os Fenícios no território português”, 1992)*, Lisboa, vol. IV, pp. 73-107

GOMES, Francisco

(2012) – *Aspectos do Sagrado na Colonização Fenícia. Contextos de Culto de Influência Oriental na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-III a.C.)*, Cadernos da UNIARQ VIII, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa  
(no prelo) – ‘As *oil bottles* de tipo fenício do território português e o consumo de substâncias aromáticas’

GONZÁLEZ PRATS, A.

(1983) – *Estudio Arqueológico del Poblamiento Antiguo de la Sierra de Crevillente (Alicante), Lucentum (Anejo)*, Alicante: Universidad

HENRIQUES, S.

(2006) – *A Cerâmica Cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz: Almada, Cacilhas* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edição policopiada

HERNÁNDEZ CARRETERO, A. M.

(1996) – *Estudio de las Relaciones Culturales durante la II Edad del Hierro en la Cuenca Media del Guadiana: la Cerámica Gris*, Cáceres: Fundicot-Extremadura, Consejería de Cultura y Patrimonio de la Junta de Extremadura

HORNERO DEL CASTILLO, E.

(1990) – *La Cerámica Gris en la Península Iberica. El Cerro de los Santos, un Santuario Iberico con Cerámica Gris*

JACOBSTHAL, P., NEUFFER, E.

(1933) – ‘*Gallia Graeca: recherches sur l’hellénisation de la province*’, *Préhistoire XI*, pp. 1-64

JIMÉNEZ ÁVILA, J.

(2009) – ‘El poblado de El Castañuelo (Aracena) y el Post-Orientalizante en la Sierra Norte de Huelva’, in J. A. PÉREZ MACÍAS & E. ROMERO BOMBA (edd.), *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva, pp. 3-33

LÓPEZ CASTRO, J. L.

(1992) *La Colonización Fenicia en la Península Ibérica: 100 años de investigación*, Almería, Instituto de Estudios Almerienses

LORRIO ALVARADO, A. J.

(1988-89) – ‘Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz)’, *Zephyrus* 41-42, pp. 283-314

(2008) – ‘Cerámica gris’, in M. ALMAGRO-GORBEA (ed.), *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*, Madrid, Real Academia de la Historia, pp. 593-622

LUZÓN NOGUÉ, J. M., RUIZ MATA, D.

(1973) – *Las Raíces de Córdoba. Estratigrafía de la Colina de los Quemados*, Córdoba, CSIC

MAIA, M.

(2006) – ‘De Baesuris a Pax Iulia por Arannis’, *Actas das Primeiras Jornadas – As Vias do Algarve*, São Brás de Alportel, pp. 39-45

MALUQUER DE MOTES, J.

- (1981) – *El Santuario Proto-histórico de Zalamea de la Serena, Badajoz* (Programa de Investigaciones Protohistóricas IV), Barcelona  
*et alii* (1986) – *El Santuario Proto-histórico de Zalamea de la Serena, Badajoz* (Programa de Investigaciones Protohistóricas XVI), Barcelona

MANCEBO DÁVALOS, J.

- (1994a) – ‘Las cerámicas grises a torno orientalizantes de la cuenca baja del Guadalquivir’, in J. M. CAMPOS CARRASCO *et alii* (edd.), *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana (Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Sudoeste, Huelva, Niebla, 1993)*, Huelva, pp. 351-373  
(1994b) – ‘Consideraciones sobre la cerámica gris a torno de Montemolín (Sevilla)’, *Zephyrus* XLVII, pp. 105-111

MANCEBO DÁVALOS, J., BANDERA, M. L., GARCIA, J. M.

- (1992) – ‘La cerámica gris a torno del yacimiento orientalizante de Montemolín (Sevilla)’, *Trabajos de Prehistoria* 49 (Madrid: CSIC), pp. 277-293

MARQUES, Gustavo

- (1982-83) – ‘Aspectos da Proto-História do território português. II: Povoado de Santa Eufémia (Sintra)’, *Sintra* I-II, pp. 59-87

MARTÍN CÓRDOBA, E. *et alii*

- (2006) - *Producción Alfarera Fenicio-púnica en la Costa de Vélez-Málaga (siglos VIII-V a.c.) onde?*

MARTÍN RUIZ, J. A.

- (1995) – *Catálogo Documental de los Fenicios en Andalucía*, Sevilla: Consejería de Cultura, Junta de Andalucía

MATA CARRIAZO, J.

(1973) – *Tartessos y el Carambolo*, Madrid: Dirección General de Bellas Artes

MATALOTO, Rui

(2004) – ‘Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no primeiro milénio a. C. do Alentejo Central’, *Trabalhos de Arqueologia* XXXVII,

MAYET, F., SILVA, C. T.

(1992) – ‘Abul, um estabelecimento orientalizante do séc. VII a.C. no Baixo Vale do Sado’, *Setúbal Arqueológica* IX-X, pp. 315-333

(1993) – ‘Presença fenícia no Baixo Sado’, *Estudos Orientais IV (Actas do Encontro “Os Fenícios no Território Português”)*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, pp. 127-142

(1996) – ‘Abul: um estabelecimento fenício do Baixo Sado’, in JORGE DE ALARCÃO (ed.), *De Ulisses a Viriato. O primério milénio a.C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 52-59

(2000a) – ‘Os Fenícios no Estuário do Sado’, *Trabalhos de Arqueologia* XIV (*Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*), pp.71-83

(2000b) – ‘Abul et la présence phénicienne sur l’Atlantique’, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenícios y Púnicos*, Cádiz, Universidad de Cádiz, pp. 849-857

(2000c) – *L’Établissement Phénicien d’Abul, Portugal*, Paris, du Boccard

(2001a) – ‘Abul e a arquitectura orientalizante na costa portuguesa’, in D. RUIZ MATA, S. CELESTINO PÉREZ (edd.), *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Peninsula Iberica*, Madrid, CSIC, pp. 249-260

(2001b) – ‘O Santuário de Abul B: uma presença púnica no Baixo Sado?’, in AAVV., *Os Púnicos no Extremo Ocidente*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, pp. 173-195

(2005) – *Abul. Fenícios e Romanos no Vale do Sado*, Setúbal, MAEDS

MOLINOS MOLINOS, M., SERRANO, J. L., COBA, B.

(1990) – ‘Excavaciones arqueológicas en el asentamiento de “La Campiña”,

Marmolejo, Jaén', *Anuario Arqueológico de Andalucía* III (1988), pp. 197-203

MURILLO, J. F.

(1994) - *La Cultura Tartésica en el Valle Medio del Guadalquivir*, Ariadna, Córdoba

NIVEAU, A. M.

(2001) – 'El espacio geopolítico gaditano en época púnica: revisión y puesta al día del concepto de *Círculo del Estrecho*', *Gérion* XIX, pp. 313-354

ORTEGA BLANCO, J., VALLE GUTIÉRREZ, M.

(2004) – 'El poblado de la edad del hierro del Cerro de la Mesa (Alcolea de Tajo, Toledo): primeros resultados', *Trabajos de Prehistoria* 61, pp. 175-185

ORTON, C., TYERS, P., VINCE, A.

(1997) – *La Cerámica en Arqueología*, Barcelona, Crítica

OLIVEIRA, C. F.

(2006) – *A Cerâmica Manual do Castelo de Castro Marim: séculos IX a III a.n.e.* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2 vols, edição policopiada

PACHÓN ROMERO, J. A.

(2005) – *Las Cerámicas Polícromas Orientalizantes y del Bronce Final desde la Perspectiva Granadina*, Granada, Universidad de Granada

PELLICER CATALÁN, M. & AMORES, F.

(1985) – 'Protohistoria de Carmona: los cortes estratigráficos CA 80/A y CA-80/B', *Noticiario Arqueológico Hispanico* XXII, pp. 57-189

PELLICER CATALÁN, M., ESCACENA CARRASCO, BENDALA GALÁN, M.

(1983) – *El Cerro Macareno*, Madrid, Ministerio de Cultura, Dirección General

PEREIRA, I.

(1993) – ‘Figueira da Foz: Santa Olaia’, *Estudos Orientais IV (Actas do Colóquio “Os Fenícios no território português”, 1992)*, pp. 285-304

(2009) – ‘As actividades metalúrgicas na I.<sup>a</sup> e II.<sup>a</sup> Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz’, *Conímbriga XLVIII*, pp. 61-79

PEREIRA, T.

(2008) – *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em Transição: a Amostra numa Análise de Conjunto* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2 vol., edição policopiada

PÉREZ MACÍAS, J.

(1991) – *Castañuelo: Los orígenes de la Baeturia Celtica*, Huelva: Museo de Huelva

PÉREZ MACÍAS, J., GÓMEZ TOSCANO, F.

(1999) – ‘Cronología y significación histórica del poblado de Castañuelo (Aracena, Huelva)’, in R. BALBÍN BEHRMANN & P. BUENO RAMIREZ (edd.), *II Congreso de Arqueología Peninsular: Primer Milenio y Metodología* (Zamora, 1996), Zamora, Universidad de Alcalá, IV, pp. 467-476

PERLINES, M. R.

(2005) – ‘La presencia de cerámica a torno en contextos anteriores al cambio de milenio: propuesta para su estudio’, *Período Orientalizante I* (2005), pp. 477-489

PINTO, C. V. & PARREIRA, R.

(1978) – ‘Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro inicial a Norte



do estuário do Tejo’, *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1977)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 147-163

PRADELL, T., MARTÍN, M. A., GARCÍA-VALLÉS, M., VENDRELL-SAZ, M.

(1995a) – ‘Attribution of *painted Iberian* and *monochrome gray Greek* ceramics of the 6<sup>th</sup> century B.C. to a local production of Ullastret (Catalonia)’, in M. VENDRELL-SAZ, T. PRADELL, J. MOLERA, M. GARCÍA (edd.), *Estudis sobre Ceràmica Antiga: Actes del Simposi sobre Ceràmica Antiga (Barcelona, 1993)*, pp. 239-245

PRADELL, T., MOLERA, J., GARCÍA-VALLES, M. VENDRELL-SAZ, M.

(1995b) – ‘Study and characterization of ceramics fired under reducing conditions’, in M. VENDRELL-SAZ, T. PRADELL, J. MOLERA, M. GARCÍA (edd.), *Estudis sobre Ceràmica Antiga: Actes del Simposi sobre Ceràmica Antiga (Barcelona, 1993)*, p. 239-245

PROWN, J. D.

(1982) – ‘Mind in matter: an introduction to material cultural theory and method’, *Winterthur Portfolio* XVII, pp. 1-19

RÍSQUEZ CUENCA, C.

(1993) – *Las Cerámicas de Cocción Reductora en el Alto Guadalquivir durante la Época Ibérica: hacia una Tipología Contextual* (Tese de Doutoramento), Granada, Universidad de Granada

ROCHA, A. dos Santos

(1908) – ‘Memorias e explorações arqueologicas II. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira’, *Portugalia* II, pp. 302-356

RODRÍGUEZ DÍAZ & PAVÓN SOLDEVILLA

(1999) – *El Poblado Protohistórico de Aliseda (Cáceres). Campaña de urgencia de 1995*, Cáceres, Ayuntamiento de Aliseda

RODRÍGUEZ DÍAZ & ORTÍZ ROMERO

(2004) – *La Mata, un Edificio Organizado. El Edificio Protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su Estudio Territorial*, Cáceres, Universidad de Extremadura

ROOS, A. M.

(1982) – ‘Acerca de la antigua cerámica gris a torno de la Península Ibérica’, *Ampurias* XLIV, pp. 43-70

ROS SALA, M.

(1989) – *Dinámica Urbanística y Cultura Material del Hierro Antiguo en el Valle del Guadalentín*, Murcia

RUIZ DE ARBULO, J.

(1997) – ‘Santuarios y comercio marítimo en la península Ibérica durante la época arcaica’, *Quaderns de Prehistoria i Arqueologia de Castelló* XVIII, pp. 517-536

RUIZ MATA, D.

(1997) – ‘Fenicios, Tartesios y Turdetanos’, in J. FERNÁNDEZ JURADO, P. RUFETE TOMICO, C. GARCÍA SANZ (edd.), *La Andalucía Ibero-Turdetana (Siglos VI-IV a. C.)*, *Huelva Arqueologica* XIV, pp. 33-59

RUIZ MATA, D. & FERNÁNDEZ JURADO, J.

(1986) – ‘El yacimiento metalúrgico de época tartésica de San Bartolomé de Almonte (Huelva)’, *Huelva Arqueológica* VII (pp. XX-XX)

RUIZ MATA, D. & PÉREZ PÉREZ, C.

(1995) – *El Poblado Fenício del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*, Cádiz, Biblioteca de Temas Portuenses

RUIZ MATA, D. & VALLEJO SÁNCHEZ, J. I.

(2002) – ‘Continuidad y cambio durante el siglo VI a.C.: las cerámicas del Corte C del Cerro Macareno (La Rinconada, Sevilla)’, *SPAL* XI, pp. 197-218

RUFETE TOMICO, P.

(1988-1989) – ‘Las cerámicas con engobe rojo de Huelva’, *Huelva Arqueológica* X-XI, pp. 11-40

(2002) – ‘El final de Tartessos y el período turdetano en Huelva’, *Huelva Arqueológica* XVII, pp. 7-204

SANTOS, D.

(2009) – *As Ânforas Pré-romanas do tipo Mañá-Pascual A4 do Castelo de Castro Marim* (Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edição policopiada

SILVA, C. T., SOARES, J., BEIRÃO, C. de M., DIAS, L. F., COELHO-SOARES, A.

(1980-81) – ‘Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)’, *Setúbal Arqueológica* VI-VII, pp. 149-218

SOARES, António Monge

(2005) – ‘Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos’, *Revista Portuguesa de Arqueologia* VIII, pp. 111-145

SOARES, Joaquina & SILVA, Carlos Tavares

(1986) – ‘Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos’, *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro de Arqueologia Urbana)*, vol. III, pp. 87-101

SOARES, Rui Monge

(2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum, Moura* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), edição policopiada

SOUSA, Elisa R. B.

(2005) – *A cerâmica de Tipo Kuass do Castelo de Castro Marim e de Faro* (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), 2 vol., edição policopiada

STEINSTRA, P.

(1986) – ‘Systematic macroscopic description of the texture and composition of ancient pottery: some basic methods’, *Newsletter*, Leiden IV, pp. 28-48

TORRES ORTÍZ, M.

(2002) – *Tartessos*, Madrid, Real Academia de la Historia

VALLEJO SÁNCHEZ, Juan Ignacio

(1998) – ‘Sobre el origen y extensión de la cerámica gris y las producciones occidentales’, in J. L. CUNCHILLOS, J. M. GALÁN & J. A. ZAMORA (edd.), *Actas del Congreso “El Mediterráneo en la Antigüedad: Oriente y Occidente”*, Sapanu, *Publicaciones en Internet* (<http://www.labherm.filol.csic.es>), Madrid, CSIC

(1999a) – *La Cerámica Gris Orientalizante del Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz* (Memoria de Licenciatura), Cádiz, Universidad de Cádiz

- (1999b) – ‘Las decoraciones bruñidas en las cerámicas grises orientalizantes’, *SPAL*, vol., pp. XX-XX?
- (2004) – ‘La cerámica gris orientalizante: historiografía y propuestas de investigación’, in Teresa JÚDICE GAMITO (ed.), *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Faro, Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património, Universidade do Algarve, pp. 115-119
- (2005) – ‘Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición Alfarera Indígena’, *Anejos de Archivo Español de Arqueología. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, vol. II, pp. 1149-1172
- (2006) – ‘Cambio tecnológico en la producción de cerámica protohistórica de la Península Ibérica: la introducción del torno de Alfarero’, *Mediterranea: Quaderni di Archaeologia Etrusco-Italica III* (agradecemos ao Autor a cedência deste artigo)
- (no prelo) – ‘La punta del iceberg: reflexiones sobre el proceso productivo de las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica (siglos VIII-VI a.C.)’ (agradecemos ao Autor a disponibilização deste artigo antes da sua publicação)

VIDALE, M.

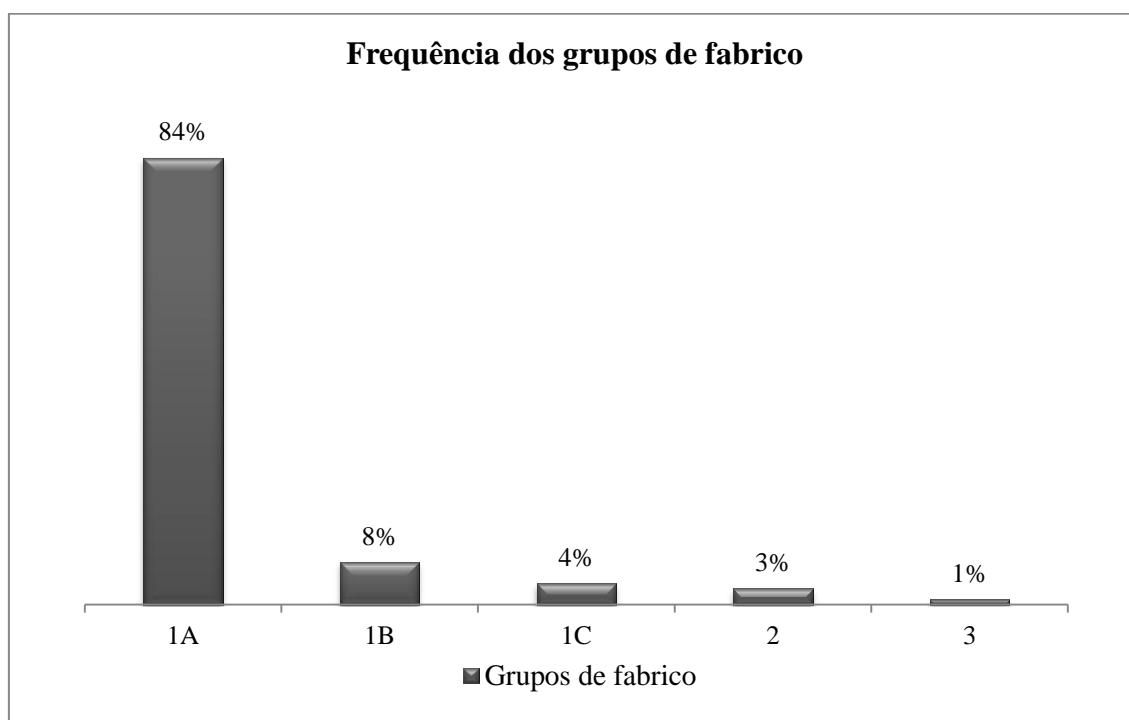
- (1992) – *Produzione Artigianale Protostorica. Etnoarcheologia ed Archeologia (Saltuarie del Laboratorio del Piovego IV)*, Università degli Studi di Padova

WAGNER, Carlos González

- (1992) – ‘Tartessos en la historiografía: una revisión crítica’, in AAVV., *La Colonización Fenicia en el Sur de la Península Ibérica: 100 Años de Investigación*, Almería, Instituto de Estudios Almerienses, pp. 81-103

## **ANEXO I – TABELAS E GRÁFICOS**

Tabela NMI por grupos de fabrico						
GRUPOS/ FASE	II	III	IV	V	VI e VII	Total
1A	24	219	651	308	64	1266
1B	-	10	23	64	29	126
1C	-	7	29	21	7	64
2	-	-	-	44	6	50
3	-	5	5			10



### Frequência dos grupos de fabrico nas fases diéricas de Castro Marim

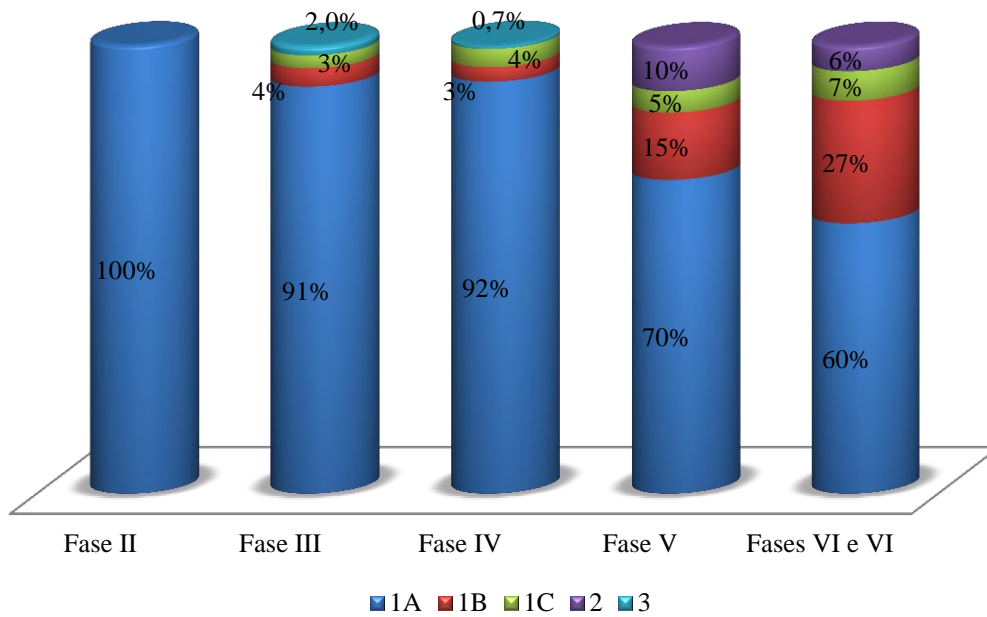




Tabela de NMI por tipos formais				
Tipo	Variante	NMI	NMI%	
<b>Tigelas I</b>	I.A.1	455	30	56
	I.A.2a	192	12	
	I.A.2b	7	0,5	
	I.A.3	39	3,0	
	I.A.4	7	0,5	
	I.A.5	51	3	
	I.B	102	7	
<b>Taças carenadas II</b>	II.1	34	2	4
	II.2	17	1	
	II.3	6	0,4	
	II.4a	2	0,1	
	II.4b	1	0,1	
	II.5a	8	0,5	
	II.5b	1	0,06	
	II.5c	2	0,1	
<b>Pratos III</b>	-	23	2,0	2
	IIIa	1	0,1	
<b>Grandes recipientes abertos IV</b>	IV.A.1a	1	0,06	0,6
	IV.A.1b	1	0,06	
	IV.A.1c	1	0,06	
	IV.A.2	3	0,2	
	IV.A.3	1	0,06	
	IV.B.1	1	0,06	
	IV.B.2	2	0,1	
<b>Pequenos recipientes fechados V</b>	V.A	5	0,3	0,4
	V.B	2	0,1	
<b>Grandes recipientes fechados VI</b>	VI.A	4	0,3	0,5
	VI.B	1	0,06	
	VI.C	2	0,1	
<b>Fundos</b>	-	199	13	13
<b>Ind.</b>	-	355	23	23
<b>Total</b>		1526	100	

Tabela de NMI por tipos formais – Fase II		
Tipo	Variante	Fase II
<b>Tigelas I</b>	I.A.1	8
	I.A.2a	3
	I.A.2b	
	I.A.3	1
	I.A.4	
	I.A.5	
	I.B	
<b>Taças carenadas II</b>	II.1	1
	II.2	
	II.3	
	II.4a	
	II.4b	
	II.5a	
	II.5b	
	II.5c	
<b>Pratos III</b>	III.a	
	-	
<b>Grandes recipientes abertos IV</b>	IV.A.1a	
	IV.A.1b	
	IV.A.1c	
	IV.A.2	
	IV.A.3	
	IV.B.1	
	IV.B.2	
<b>Pequenos recipientes fechados V</b>	V.A	
	V.B	
<b>Grandes recipientes fechados VI</b>	VI.A	
	VI.B	
	VI.C	
<b>Fundos</b>		6
<b>Ind.</b>		5
<b>Total</b>		24

Tabela de NMI por tipos formais – Fase III				
Tipo	Variante	Fase III	%	%
Tigelas I	I.A.1	69	28	59
	I.A.2a	44	18	
	I.A.2b	2	0,8	
	I.A.3	10	4,1	
	I.A.4	2	0,8	
	I.A.5	2	0,8	
	I.B	16	6,5	
Taças carenadas II	II.1	10	4,1	7,4
	II.2	6	2,5	
	II.3	1	0,4	
	II.4a			
	II.4b			
	II.5a	1	0,4	
	II.5b			
	II.5c			
Pratos III	III.a			3
		6	3	
Grandes recipientes abertos IV	IV.A.1a	1	0,4	0,4
	IV.A.1b			
	IV.A.1c			
	IV.A.2			
	IV.A.3			
	IV.B.1			
	IV.B.2			
Pequenos recipientes fechados V	V.A	1	0,4	0,4
	V.B			
Grandes recipientes fechados VI	VI.A	2	0,8	0,8
	VI.B			
	VI.C			
Fundos		31	13	13
Ind.		39	16	16
Total NMI		243	100	100

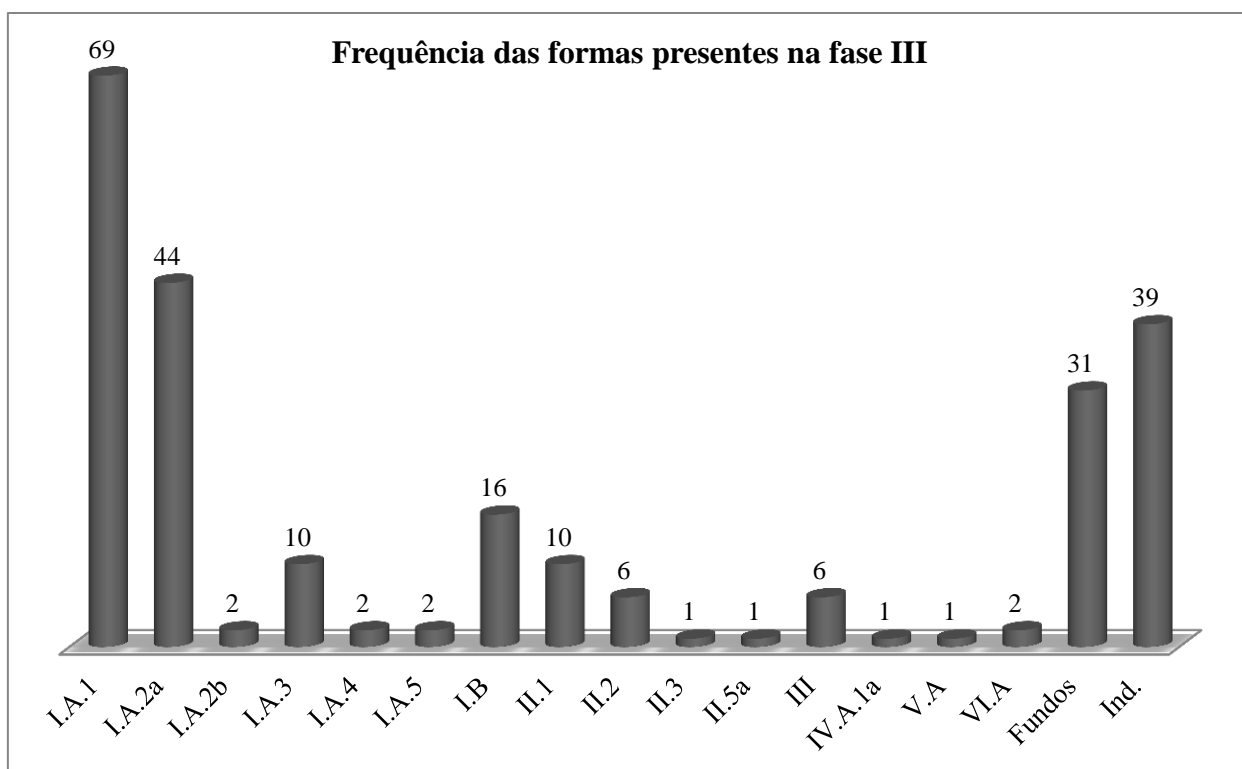
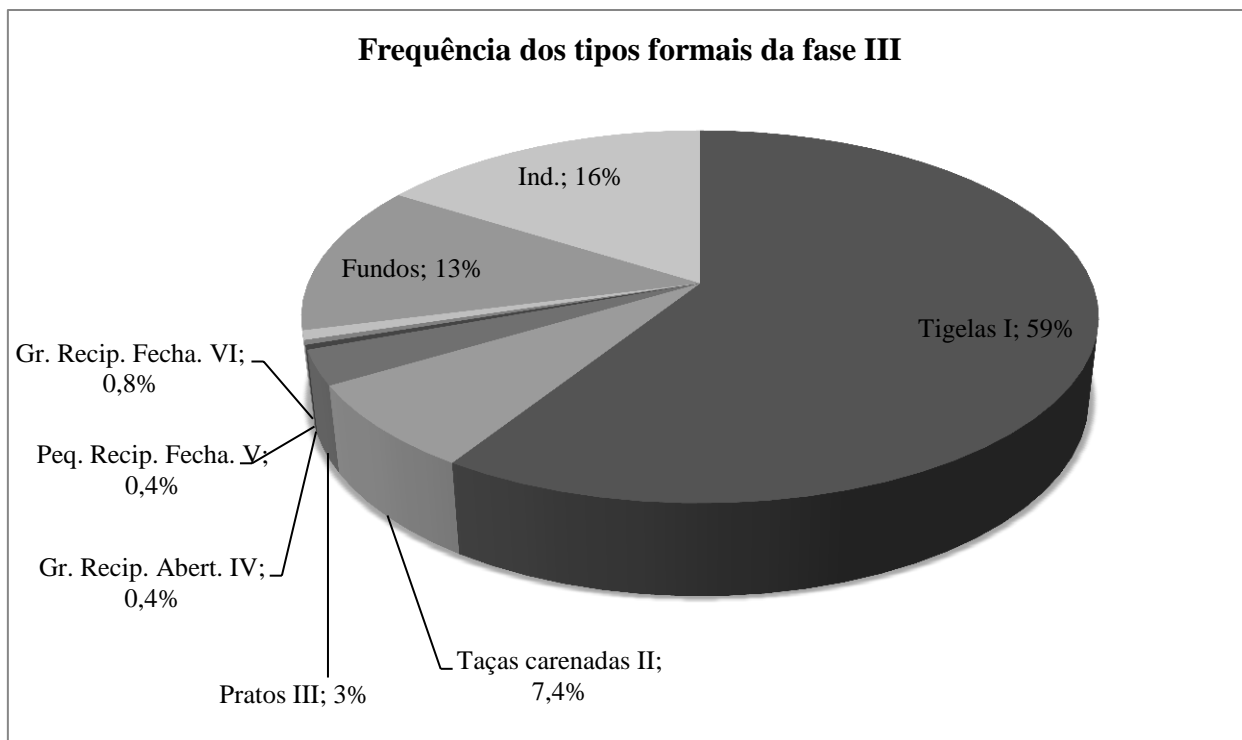
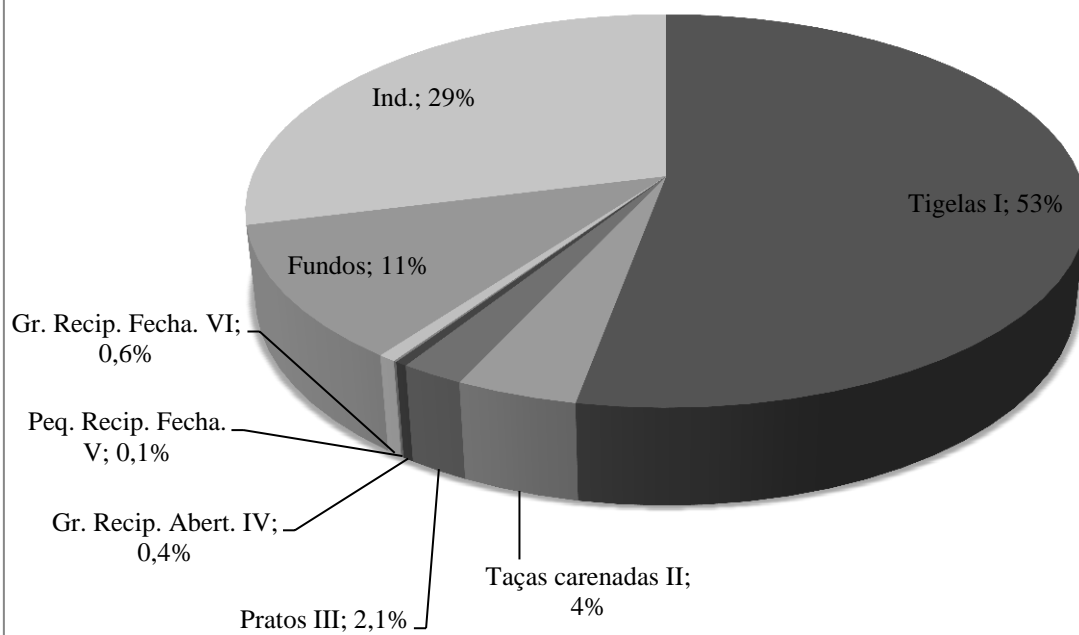


Tabela de NMI por tipos formais – Fase IV				
Tipo	Variante	Fase IV	%	%
Tigelas I	I.A.1	210	30	53
	I.A.2a	69	10	
	I.A.2b	3	0,4	
	I.A.3	18	3	
	I.A.4	2	0,3	
	I.A.5	9	1	
	I.B	60	8	
Taças carenadas II	II.1	11	2	4
	II.2	7	0,9	
	II.3	3	0,4	
	II.4a			
	II.4b			
	II.5a	6	0,8	
	II.5b			
	II.5c	1	0,1	
Pratos III	III.a	1	0,1	2,1
	-	13	2	
Grandes recipientes abertos IV	IV.A.1a			0,4
	IV.A.1b	1	0,1	
	IV.A.1c	1	0,1	
	IV.A.2	1	0,1	
	IV.A.3			
	IV.B.1	1	0,1	
	IV.B.2			
Pequenos recipientes fechados V	V.A	1	0,1	0,1
	V.B			
Grandes recipientes fechados VI	VI.A	2	0,3	0,6
	VI.B			
	VI.C	2	0,3	
Fundos		79	11	11
Ind.		206	29	29
Total		707	100	100

**Frequência dos tipos formais da fase IV**



**Frequência das formas presentes na fase IV**

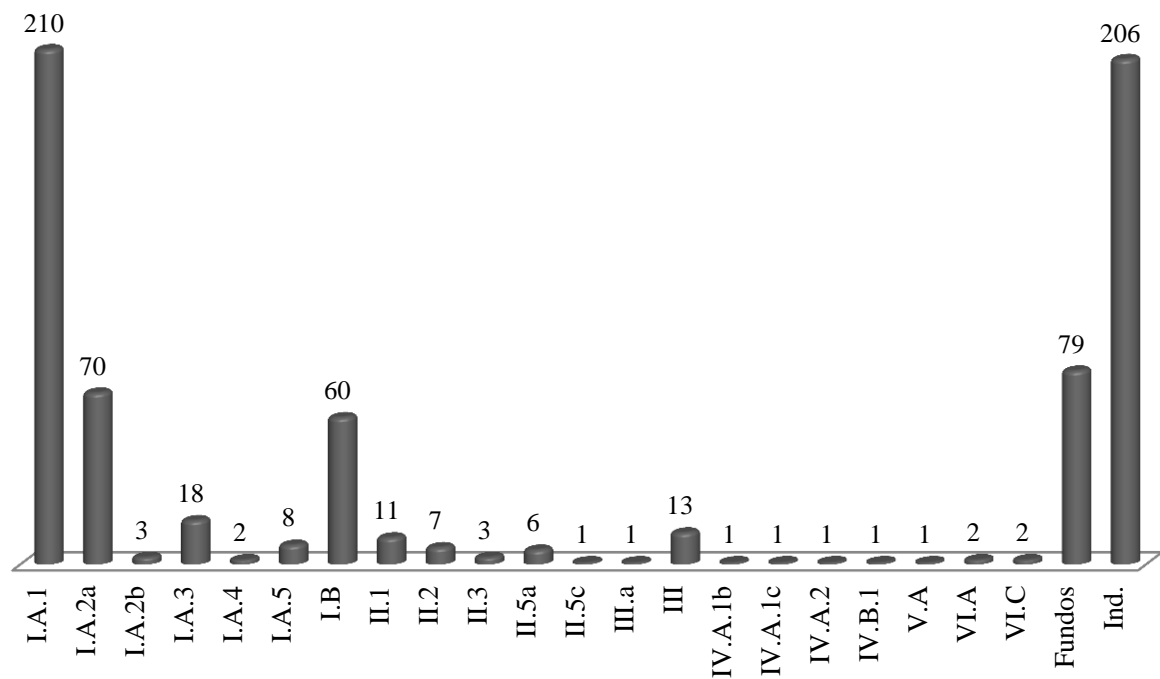


Tabela de NMI por tipos formais – Fase V				
Tipo	Variante	Fase V	%	%
<b>Tigelas I</b>	I.A.1	127	29	62
	I.A.2a	66	15	
	I.A.2b	2	0,5	
	I.A.3	9	2	
	I.A.4	4	1	
	I.A.5	41	9	
	I.B	22	5	
<b>Taças carenadas II</b>	II.1	7	1,5	4
	II.2	3	0,6	
	II.3	2	0,5	
	II.4a	2	0,5	
	II.4b	1	0,2	
	II.5a	1	0,2	
	II.5b	1	0,2	
	II.5c	1	0,2	
<b>Pratos III</b>	III.a			0,9
	-	4	0,9	
<b>Grandes recipientes abertos IV</b>	IV.A.1a			0,9
	IV.A.1b			
	IV.A.1c			
	IV.A.2	1	0,2	
	IV.A.3	1	0,2	
	IV.B.1			
	IV.B.2	2	0,5	
<b>Pequenos recipientes fechados V</b>	V.A	1	0,2	0,5
	V.B	2	0,5	
<b>Grandes recipientes fechados VI</b>	VI.A			0,2
	VI.B	1	0,2	
	VI.C			
<b>Fundo</b>	-	60	14	14
<b>Ind.</b>		78	18	18
<b>Total</b>		439	100	100

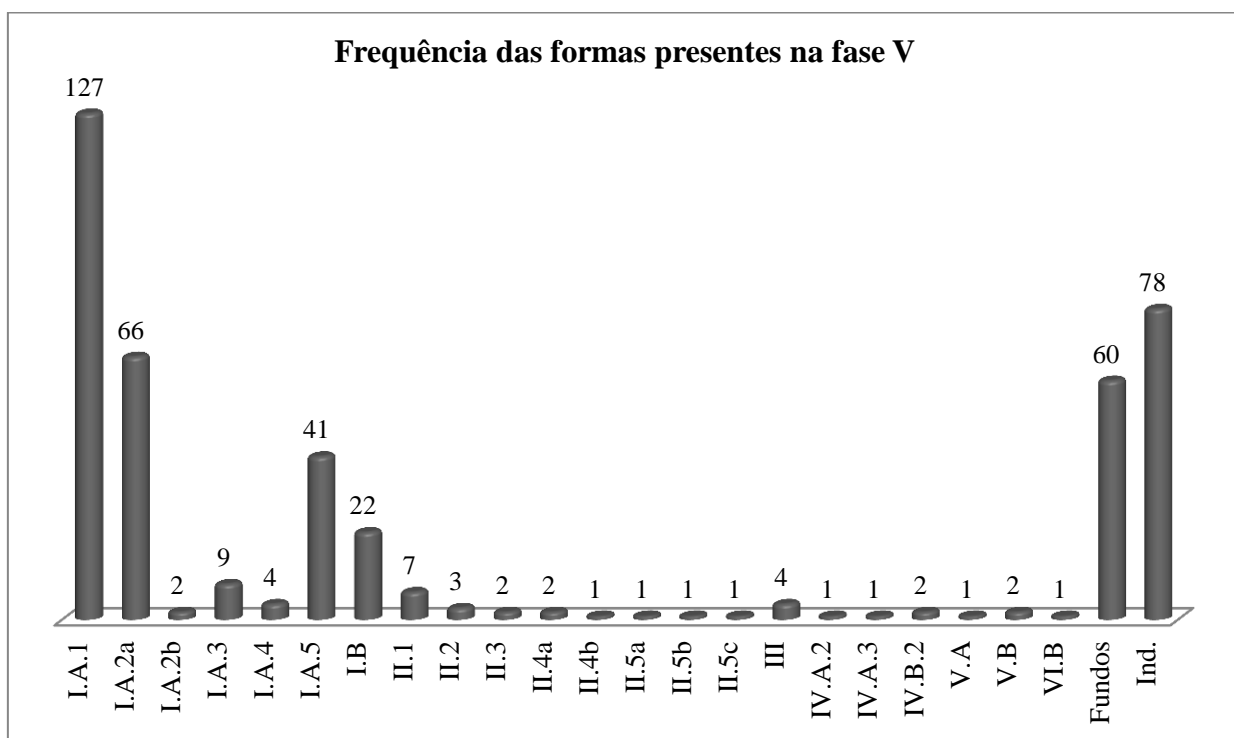
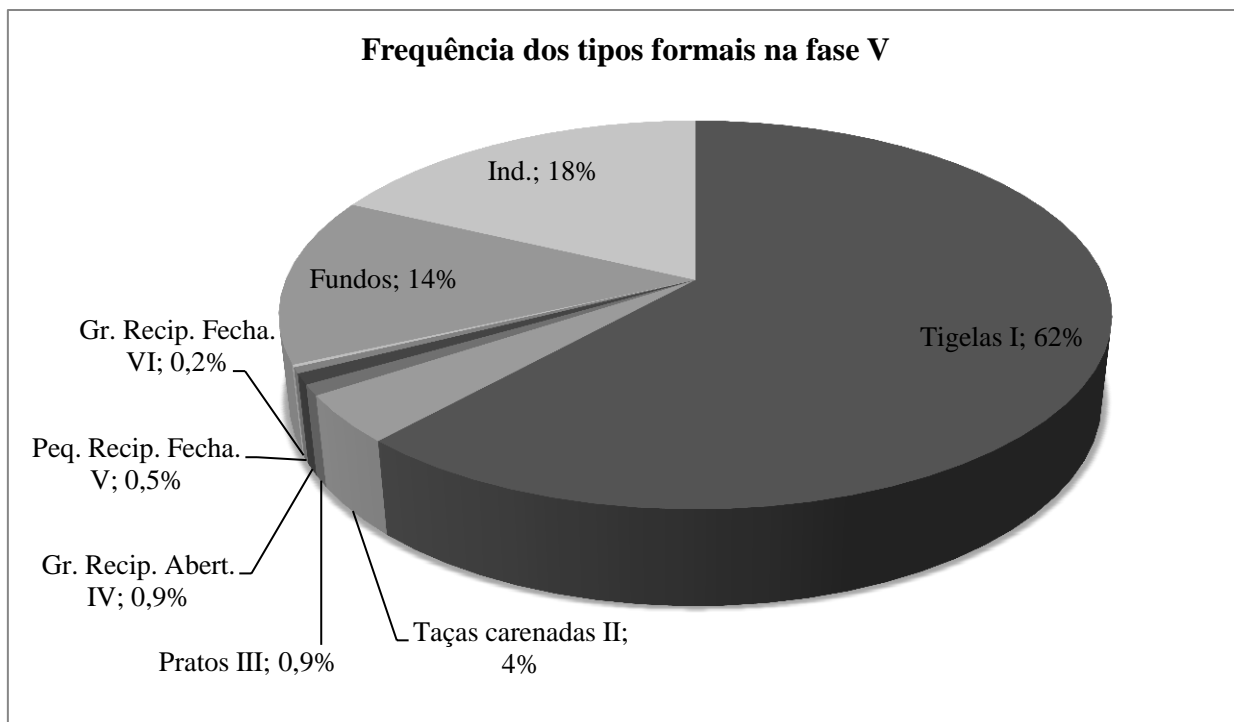


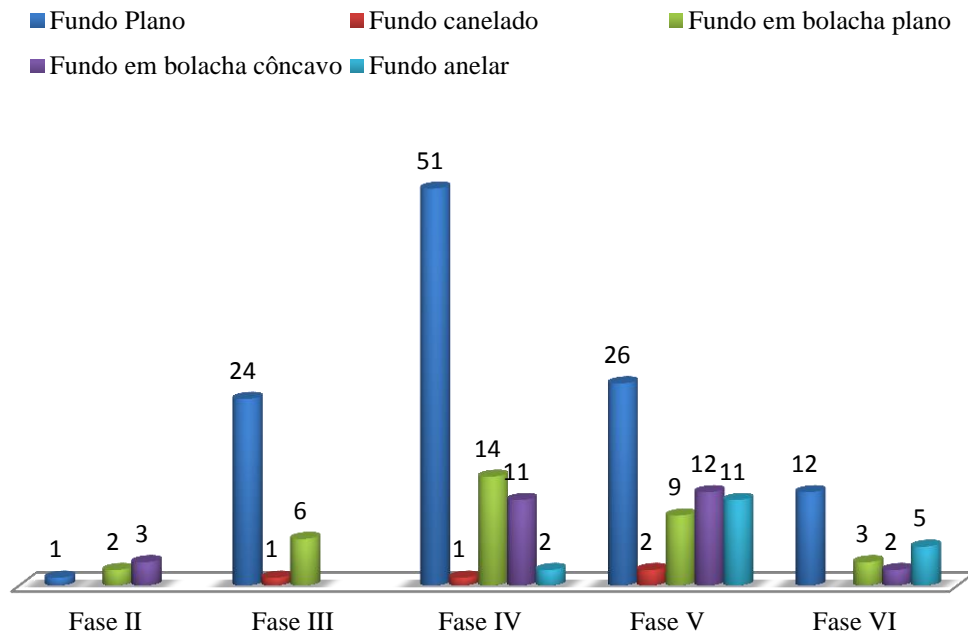


Tabela de NMI por tipos formais – Fases VI e VII		
Tipo	Variante	Fase VI e VII
<b>Tigelas I</b>	I.A.1	40
	I.A.2a	7
	I.A.2b	
	I.A.3	1
	I.A.4	
	I.A.5	
	I.B	4
<b>Taças carenadas II</b>	II.1	5
	II.2	1
	II.3	
	II.4a	
	II.4b	
	II.5a	1
	II.5b	
	II.5c	
<b>Pratos III</b>	III.a	
	-	
<b>Grandes recipientes abertos IV</b>	IV.A.1a	
	IV.A.1b	
	IV.A.1c	
	IV.A.2	1
	IV.A.3	
	IV.B.1	
	IV.B.2	
<b>Pequenos recipientes fechados V</b>	V.A	2
	V.B	
<b>Grandes recipientes fechados VI</b>	VI.A	
	VI.B	
	VI.C	
<b>Fundos</b>	-	22
<b>Ind.</b>		24
<b>Total</b>		108

Distribuição do NMI por Tipos formais das várias fases de ocupação de Castro Marim						
Tipo	Variante	Fase II	Fase III	Fase IV	Fase V	Fase VI e VII
Tigelas I	I.A.1	8	69	210	127	40
	I.A.2a	3	44	70	66	7
	I.A.2b		2	3	2	
	I.A.3	1	10	18	9	1
	I.A.4		2	2	4	
	I.A.5		2	8	41	
	I.B		16	60	22	4
Taças carenadas II	II.1	1	10	11	7	5
	II.2		6	7	3	1
	II.3		1	3	2	
	II.4a				2	
	II.4b				1	
	II.5a		1	6	1	1
	II.5b				1	
	II.5c			1	1	
Pratos III	III.a			1		
	-		6	13	4	
Grandes recipientes abertos IV	IV.A.1a		1			
	IV.A.1b			1		
	IV.A.1c			1		
	IV.A.2			1	1	1
	IV.A.3				1	
	IV.B.1			1		
	IV.B.2				2	
Pequenos recipientes fechados V	V.A		1	1	1	2
	V.B				2	
Grandes recipientes fechados VI	VI.A		2	2		
	VI.B				1	
	VI.C			2		
FUNDOS	-	6	31	79	60	22
IND		5	39	206	78	24
total		24	243	707	439	108
TOTAL		1521				

Tabela de NMI Fundos										
Tipo	Fase II		Fase III		Fase IV		Fase V		Fase VI e VII	
Fundos Planos	1		24		51		26		12	
Fundos Planos Canelados			1		1		2			
Fundos “em bolacha” planos	2		6		14		9		3	
Fundos “em bolacha” côncavos	3				11		12		2	
Fundos Anelares				31	2	79	11	60	5	22
Ind.			8		44		7		2	
Total	6		39		123		67		24	

### Distribuição NMI de fundos de Castro Marim



NºInv.	Ano	Sector	Fase	UE	Compartimento	Forma	Fabrico	Fragmento	Obs.	Diâmetro	Estampa
2546	2001	01	II	0218 - Estrato de aterro cujo topo foi posterior solo de utilização. sob [2071		I.A.1	1A	bordo		20	I
2560	2001	01	II	0218		I.A.1	1A	bordo			
2561	2001	01	II	0218		fundo em bolacha plano	1A	fundo			
2566	2001	01	II	0218		fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
2549	2001	01.1	II	0218		Ind.	1A	bordo			
2557	2001	01.1	II	0218		I.A.3	1A	bordo			
2571	2001	01.1	II	0218		I.A.1	1A	bordo			
2574	2001	01.1	II	0218		fundo em bolacha concavo	1A	bordo		5.8	
2605	2001	01.1	II	0218		Ind.	1A	bordo			
2907	2001	01.1	II	0226 - Enchimento da fossa [2271	zona nordeste da escavação	I.A.1	1A	bordo			
2911	2001	01.1	II	0226		II.1	1A	bordo		20	I
2912	2001	01.1	II	0226		fundo em bolacha	1A	fundo/boio			
2913	2001	01.1	II	0226		I.A.1	1A	bordo			
2914	2001	01.1	II	0226		Ind.	1A	bordo			
2916	2001	01.1	II	0226		I.A.1	1A	bordo			
2924	2001	01.1	II	0226		I.A.2a	1A	bordo			
2927	2001	01.1	II	0226		fundo plano	1A	fundo/boio		8	I
3383	2001	01.1	II	0230		Ind.	1A	bordo			
3000	2001	01.1	II	0239 - Estrato de derrube e/ou aterro. cujo o topo foi posterior solo de utilização. sob [2211	zona SW do Sector 1	I.A.1	1A	bordo			
12723	2003	01	II	0897 - Estrato de aterro com cerâmica no topo. sob [8861		I.A.2a	1A	bordo			
12724	2003	01	II	0897		I.A.2a	1A	bordo			
13275	2003	01	II	1196 - Aterro do comp. 5 sob [1175]. encosta a [1174] e [10271	Aterro do comp. 5	I.A.1	1A	bordo			
13251	2003	01	II	1298 - Estrato de terras escuras sob [1297/12701	Aterro na zona Norte do Sector 1	fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
13734	2003	01	II	1298		ind.	1A	bordo			
1740	2001	01.1	III	0190 - Estrato de derrube e/ou aterro. cujo topo foi posterior solo de utilização. sob [1841	área entre comp. 3 e 11	I.A.1	1A	bordo			
1739	2001	01.1	III	0190		III	1B	bordo			
1742	2001	01.1	III	0190		I.A.1	1A	bordo			
1735	2001	01.1	III	0190		I.A.1	1A	bordo			
4179	2001	01.1	III	0190		I.A.1	1A	bordo			
4180	2001	01.1	III	0190		I.A.2a	1A	bordo		20	II
4182	2001	01.1	III	0190		Ind.	1A	bordo			
4184	2001	01.1	III	0190		I.A.1	1C	bordo			
4185	2001	01.1	III	0190		I.A.1	1A	bordo			
4134	2001	01.1	III	0201 - Enchimento de fossa [2021 sob [areira [1991	área entre comp. 3 e 11	II.4	1A	bordo		24	II
2903	2001	01.1	III	0206 - Estrato de nivelamento/preparação de pisos. sob [1901	área entre comp. 3 e 11	fundo ind.	1A	fundo			
1756	2001	01.1	III	0207 - Estrato de derrube. cujo o topo foi posterior solo de utilização. sob [2061. com algumas laies	área entre comp. 3 e 11	I.A.2a	1A	bordo			
2956	2001	01.1	III	0207		Fundo ind.	1A	fundo/boio			
4592	2001	01.1	III	0207		I.A.1	1A	bordo			
4765	2001	01	III	0290 - Estrato de preparação de piso sob [2771. igual a [12681	área entre comp. 4 e 10	Ind.	1A	bordo			
4766	2001	01	III	0290		II.1	1A	bordo		17	IV
3288	2001	01	III	0300 - Estrato de entulhamento sob [2901c ard quant de pedra de dea. dim..igual a [12741	área entre comp. 4 e 10	I.A.2a	1B	bordo			
3289	2001	01	III	0300		I.A.2a	1A	bordo			
3591	2001	01	III	0318 - Estrato de ocupação sob [2961 a N. do muro [3171	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
3592	2001	01	III	0318		Ind.	1A	bordo			
3594	2001	01	III	0318		II.2	1C	bordo		22	III
3595	2001	01	III	0318		I.A.1	1A	bordo			
3597	2001	01	III	0318		II.1	1C	bordo			
3598	2001	01	III	0318		II.3	1A	bordo		22	III
2408	2001	01	III	0319 - Estrato de ocupação sob [2961 a S. do muro [3171	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
2637	2001	01	III	0326 - Estrato de aterro cujo topo foi solo de ocupação sob [3181	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
2638	2001	01	III	0326		Fundo Plano	1A	fundo			
2643	2001	01	III	0326		I.A.1	1A	bordo			
2644	2001	01	III	0326		Ind.	1B	bordo			
2646	2001	01	III	0326		I.A.2a	1B	bordo			
2647	2001	01	III	0326		I.A.2a	1A	bordo			
2648	2001	01	III	0326		Ind.	1A	bordo			
2655	2001	01	III	0326		I.A.2a	1C	bordo			
3296	2001	01	III	0326		I.A.2a	1A	bordo			
3298	2001	01	III	0326		Ind.	ind.	bordo			
13356	2003	01	III	0337 - Estrato de aterro sob [3261	área entre comp. 4 e 10	Fundo Plano côncavo	1A	fundo			IV
13357	2003	01	III	0337		I.A.2a	1A	bordo			
13358	2003	01	III	0337		Ind.	1A	bordo			
4405	2001	01	III	0347		Fundo Plano	1A	fundo			
11107	2003	01	III	0347		I.A.2a	1A	bordo		22	II
11109	2003	01	III	0347		III	1A	bordo			
11110	2003	01	III	0347		I.A.2a	1A	bordo			
11111	2003	01	III	0347		I.A.2a	3	bordo			
11112	2003	01	III	0347		II	1A	bordo			
11114	2003	01	III	0347		I.A.5	1A	bordo		18	II
11987	2003	01	III	0673 - Derrube a este de [6721 sob [6581	compartimento 5	I.A.2a	1A	bordo			
11736	2003	01	III	0787 - estrato de aterro.+E1212 sob [7721(comp. 26)	derrube do comp. 6	I.A.1	1A	bordo		18	X
11737	2003	01	III	0787		Fundo Plano	1A	fundo			
11739	2003	01	III	0787		II.1	1A	bordo		20	X
11743	2003	01	III	0787		Ind.	1A	bordo			
15547	2003	01	III	0851 - Aterro com grandes blocos de pedra sob [816/7961	área 9	II.2	1A	bordo			
10368	2003	01	III	0860 - Camada entre [6721 e [8501. sob [8491. [8161	compartimento 8	I.A.2a	1C	bordo		20	VII
10369	2003	01	III	0860		I.A.1	1A	bordo			
10673	2003	01	III	0861 - Camada aterro/ derrube com [8501 a sul. sob [8511	área 9	Fundo Plano	1A	fundo			
10674	2003	01	III	0861		III	1A	bordo			
11586	2003	01	III	0861		I.A.2a	1A	bordo		22	
15110	2003	01	III	0861		I.A.2a	1A	bordo			
15118	2003	01	III	0862 - Camada de aterro/ derrube. entre estruturas [7031 e [8631. sob [8161. [8491	aterro/ derrube entre comp. 8 e "silo" na zona SE do Sector 1	I.A.2a	1A	bordo			
10682	2003	01	III	0874 - Estrato de entulhamento = a [8771 sob [8561. [835?1.		I.A.2a	1A	bordo			
10683	2003	01	III	0874		I.A.1	1A	bordo			
10684	2003	01	III	0874		I.A.1	1A	bordo			
10685	2003	01	III	0874		I.A.1	1A	bordo			
10701	2003	01	III	0874		I.B	1A	bordo			
13699	2003	01	III	0874		Fundo em bolacha plano	1C	fundo		5	VI
13700	2003	01	III	0874		I.B	1A	bordo			
13701	2003	01	III	0874		I.A.1	1A	bordo			
13702	2003	01	III	0874		Fundo Plano	1A	fundo			
10631	2003	01	III	0877/874 - Estrato de entulhamento = a [8741 sob [8561. [835?1.	na zona SE do Sector 1	Ind.	1A	bordo			
10632	2003	01	III	0877/874		I.A.1	1A	bordo			
10634	2003	01	III	0877/874		I.A.2a	1A	bordo			
10636	2003	01	III	0877/874		I.A.2a	1A	bordo			
15379	2003	01	III	0878 - Acumulação de pequenas pedras soltas no int. da estr. [8721 , sob [8731	na zona SE do Sector 1	I.B	1A	bordo			
13737	2003	01	III	0888 - Camada de derrube sob [7951 e [8611. entre [7021 e [7031. = [724=7361	compartimento 6	IV.A.1a	1A	bordo		26	X

derrube do comp. 6  
 área a sul dos comp. 5, 6 e 8

área a sul dos comp. 5, 6 e 8

na zona SE do Sector 1

compartimento 8

área a sul dos comp. 5, 6 e 8

compartimento 10

Aterro na zona Sul do Sector 1

compartimento 5

lareira compartimento 10

compartimento 5  
 área 9

comp. 8 - futura área do comp. 25 da fase IV

14406	2003	01	III	0998 - Estrato de derrube/ entulhamento igual a 1291. sob 989	compartimento 11	I.A.2a	1A	bordo		20	VI
14410	2003	01	III	0998		I.B	1A	bordo			
14970	2003	01	III	0998		I.A.1	1A	bordo	2 fraçmentos	26	VI
15073	2003	01	III	1003 - Estrato entulhamento sob 1995/996/976l. =1133	compartimento 5	I.A.1	1A	bordo	Com perfuração		
15074	2003	01	III	1003		I.A.1	1A	bordo			
15128	2003	01	III	1006 - Camada de destruição sob derrube 1984l	área 9	Fundo Plano	1A	fundo			
14921	2003	01	III	1029 - Camada cortada por1883l, sob 360	Aterro/ derrube do comp. 10	I.A.2a	1A	bordo			
15416	2003	01	III	1033 - Estrato de destruição do piso de conchas do comp. 6 sob 736=724/888l.	compartimento 6	I.A.2a	1A	bordo			
11108	2003	01	III	1049 - Estrato de derrube sob 11016l. encosta a forno 11079l	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	Ind.	1A	bordo			
11113	2003	01	III	1049		I.A.5	1A	bordo			
11132	2003	01	III	1049		VI.A	1A	bordo			
11133	2003	01	III	1049		II.1	1A	bordo		14	IX
12224	2003	01	III	1054 - Camada sob 11183 encosta a 11271/1272l	aterro/ derrube área a Norte do comp. 6	Fundo Plano	1A	fundo			
12367	2003	01	III	1063 - Camada de aterro/ solo de ocupação esbranquiçada sob 11029l. cortada por 1883l. encosta à est. 1863l	Estrato de aterro/ derrube entre comp. 4 e 10	I.A.4	1A	bordo		20	V
13711	2003	01	III	1067 - Acumulação de carvões junto ao forno. sob 11016l	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	I.A.3	1A	bordo		20	IX
13211	2003	01	III	1072 - Acumulação de carvões. sob 11067l. junto à boca (?) do forno	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	II.2	1A	bordo		30	VIII
13212	2003	01	III	1072		Fundo Plano	1A	fundo			
15401	2003	01	III	1082 - Estrato aterro/ derrube E1279sob 11077l. encosta a 1695l	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	I.A.1	1A	bordo			
15402	2003	01	III	1082		I.A.2a	1A	bordo		22	IX
11248	2003	01	III	1083 - Piso com cascalho vermelho sob 11002=1023l e 11081l	entre comp. 4. 10 e 11	Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
14686	2003	01	III	1083		I.A.2a	1A	bordo		30	V
10940	2003	01	III	1086 - Piso sob 11075l/11043l. encosta à est. 1776l = 11098l na área exterior entre comp. 3 e 11	Área entre comp. 3 e 11	I.A.2a	1B	bordo			
11536	2003	01	III	1091 - Estrato+E1253 de aterro sob 11083/1081/1002=1023/1128l. encosta à est.11084 e 972l	área entre comp. 4 e 10	II.1	1A	bordo		20	III
11538	2003	01	III	1091		II.5.a	1B	bordo	diâm. Ind		III
11540	2003	01	III	1091		I.A.3	1A	bordo		22	V
11541	2003	01	III	1091		I.A.2a	1A	bordo			
11543	2003	01	III	1091		I.A.2a	1A	bordo			
11544	2003	01	III	1091		I.A.2a	1A	bordo		18	V
11545	2003	01	III	1091		I.A.2a	1A	bordo			
11547	2003	01	III	1091		II.2	1A	bordo		28	III
11548	2003	01	III	1091		Ind.	1A	bordo			
11549	2003	01	III	1091		I.A.3	1A	bordo			
11550	2003	01	III	1091		I.A.3	1A	bordo		20	V
11551	2003	01	III	1091		II.1	1B	bordo		20	IV
11552	2003	01	III	1091		Ind.	1A	bordo			
11553	2003	01	III	1091		Ind.	1A	bordo			
11554	2003	01	III	1091		Ind.	1A	bordo			
11555	2003	01	III	1091		III	1A	bordo		22	IV
11556	2003	01	III	1091		II.1.a	1A	bordo		24	
11557	2003	01	III	1091		Ind.	1A	bordo			
11558	2003	01	III	1091		Fundo ind.	1A	fundo			
11559	2003	01	III	1091		fundo plano orande	1B	fundo			
11560	2003	01	III	1091		I.A.1	1A	bordo			
11561	2003	01	III	1091		Fundo em bolacha plano	3	fundo			
11562	2003	01	III	1091		Fundo Plano	1A	fundo	2 fraçmentos		
13450	2003	01	III	1091		ind.	1A	bordo			
13453	2003	01	III	1091		I.A.2a	3	bordo			
15327	2003	01	III	1101 - Camada cast.-averm. Com carvões sob 11072l. iunto à boca do forno 11079l	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	I.A.1	1A	bordo			
15406	2003	01	III	1127 - Aterro sob 11003=1133l. a sul de 11126l. encosta a 1672l	área a sul dos comp. 5. 6 e 8	ind.	1A	bordo			
10923	2003	01	III	1128 - Estrato de nivelamento/ preparação do piso 1083. sob 11083/1002=1023l. encosta a 11084l	área entre comp. 4 e 10	I.A.2a	1A	bordo			
10924	2003	01	III	1128		I.A.2a	1A	bordo			
10925	2003	01	III	1128		II.1	1A	bordo		21	III
10926	2003	01	III	1128		I.A.1	1A	bordo			
10927	2003	01	III	1128		I.A.1	1A	bordo			
10928	2003	01	III	1128		I.A.2a	1A	bordo			
10929	2003	01	III	1128		I.A.2a	1A	bordo			
15552	2003	01	III	1130 - Estrato de aterro sobre o comp. 9. sob 11102l	aterro/ derrube na área 9	Fundo Plano	1A	fundo			
12313	2003	01	III	1134 - Piso (?) com calicas e nódulos de argila avermelhada sob 11091l	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
10998	2003	01	III	1140 - Estrato entre fundação 155l e est. 11138l. sob 1346l	derrube sobre comp. 3	Fundo ind.	1A	fundo			
15587	2003	01	III	1142 - Derrube de taipas. com ods pedras. sob est. 1954/953l. encosta a 11015l.	interior do compartimento 10	I.A.3	1A	bordo			
10896	2003	01	III	1145 - Derrube de pedra pequena sob 11141/1128l. encosta a 11084l.E1249	Derrube entre comp. 4 e 10	Fundo ind.	1A	fundo			
10897	2003	01	III	1145		Ind.	1A	bordo			
10898	2003	01	III	1145		I.A.3	1A	bordo			
10899	2003	01	III	1145		I.A.2b	1A	bordo		24	V
15427	2003	01	III	1169 - Camada castanha-avermelhada sob 11136l piso igual a 1151/ 1159	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
15373	2003	01	III	1171 - Estrato de aterro. sob 11163l. encosta a 1841/858l/1271/1272l	Área a Norte do comp. 6	VI.A	1A	bordo		21	X
12359	2003	01	III	1233 - Camada com cascalho sob 11229l. encosta a 11138l/1143l. sob 1337l	frente ao comp. 3	I.A.2a	1A	bordo			
14929	2003	01	III	1260 - Estrato com muitas cinzas e algumas pedras sob 1337l	área entre comp. 4 e 10	I.A.1	1A	bordo			
14930	2003	01	III	1260		ind.	1A	bordo			
14931	2003	01	III	1260		Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
13809	2003	01	III	1264 - Estrat averm.. compacto. com carvões. calicas e nódul de argila sob 11251/1260l	área entre comp. 4 e 10	II.1.a	1A	bordo		20	IV
14586	2003	01	III	1264		I.A.3	1A	bordo			V
2863	2001	01	IV	0124 - Estrato de derrube ou entulhamento sob 1118l. igual a 1161l	derrubes comoartimento 12	ind.	1A	bordo			
2864	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
2867	2001	01	IV	0124		ind.	1A	fundo			
2868	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
2869	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
2871	2001	01	IV	0124		Ind.	1A	bordo			
3144	2001	01	IV	0124		II.3	1A	bordo		20	XI
3154	2001	01	IV	0124		ind.	IV	fundo/bolo			
3249	2001	01	IV	0124		I.A.1	1C	bordo			
3603	2001	01	IV	0124		I.A.1	1C	bordo			
3605	2001	01	IV	0124		I.A.1	1C	bordo			
3606	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3608	2001	01	IV	0124		IB	1A	bordo		16	XI
3609	2001	01	IV	0124		IB	1A	bordo		22	XI
3610	2001	01	IV	0124		I.A.2a	1C	bordo			
3611	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3613	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3614	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3615	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3617	2001	01	IV	0124		I.A.1	1C	bordo			
3618	2001	01	IV	0124		ind.	1A	bordo			
3619	2001	01	IV	0124		ind.	1A	bordo			
3620	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3621	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
3622	2001	01	IV	0124		IB	1A	bordo			
3626	2001	01	IV	0124		ind.	1A	fundo			

3629	2001	01	IV	0124		Fundo grande plano	1A	fundo/boio			
3635	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
4698	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo	24		
4700	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
4702	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
4703	2001	01	IV	0124		I.A.1	1A	bordo			
4051	2001	01	IV	0127 - Piso de argila / solo da habitat. a sul da estrutura [97]	norte do comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo			
1839	2001	01.1	IV	0132 - Enchimento da vala [131]. com abundante malacofauna	exterior do comp. 15	Ind.	1B	bordo	20		
2241	2001	01.1	IV	0132		ind.	1A	bordo			
2237	2001	01.1	IV	0132		I.A.4	1A	bordo	24		XIII
2274	2001	01.1	IV	0132		I.A.1	1A	bordo	22		XIII
2260	2001	01.1	IV	0132		I.A.2a	1A	bordo			
3110	2001	01.1	IV	0132		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo	6.2		XIII
3112	2001	01.1	IV	0132		Fundo grande plano	1A	fundo			
3113	2001	01.1	IV	0132		ind.	1A	fundo			
3115	2001	01.1	IV	0132		ind.	1A	bordo			
3118	2001	01.1	IV	0132		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
3119	2001	01.1	IV	0132		I.A.1	1A	bordo			
3120	2001	01.1	IV	0132		ind.	1A	fundo	20		XIII
4130	2001	01.1	IV	0132		Fundo ind.	1A	fundo/ boio			
4132	2001	01.1	IV	0132		Fundo ind.	1A	fundo			
4133	2001	01.1	IV	0132		fundo ind.	1A	fundo			
4243	2001	01.1	IV	0132		I.A.4	1A	bordo	20		XIII
4244	2001	01.1	IV	0132		I.A.2a	1A	bordo			
4245	2001	01.1	IV	0132		I.A.2a	1A	bordo			
4246	2001	01.1	IV	0132		I.A.2a	1A	bordo			
4247	2001	01.1	IV	0132		I.A.1	1A	bordo			
4248	2001	01.1	IV	0132		Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
2329	2001	01.1	IV	0141 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [126]	exterior do comp. 15	I.A.2a	1A	bordo	diâm. Ind		XIV
2330	2001	01.1	IV	0141		I.A.2a	1A	bordo	21		XIII
2344	2001	01.1	IV	0141		Ind.	1A	fundo			
2345	2001	01.1	IV	0141		Ind.	1A	bordo			
3206	2001	01.1	IV	0141		I.A.2a	1A	bordo			
3207	2001	01.1	IV	0141		I.A.1	1A	bordo			
3208	2001	01.1	IV	0141		I.A.1	1A	bordo			
3209	2001	01.1	IV	0141		Ind.	1A	bordo			
3210	2001	01.1	IV	0141		Ind.	1A	bordo			
3211	2001	01.1	IV	0141		II.1	1A	bordo	20		XIV
3753	2001	01.1	IV	0141		Ind.	1A	bordo			
4052	2001	01.1	IV	0141		ind.	1A	fundo			
3410	2001	01	IV	0144 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [118/ 124] e piso [143]. base da est. [121]	construção compartimento 12	I.A.5	1B	bordo	20		XI
3412	2001	01	IV	0144		I.A.1	1A	bordo			
2334	2001	01.1	IV	0149 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [141. 147]	área exterior do compartimento 15	Fundo em bolacha concavo	1B	fundo	6.2		XIII
3403	2001	01.1	IV	0149		I.A.2a	1A	bordo	25		XII
3406	2001	01.1	IV	0149		Fundo grande em bolacha plano	1B	fundo	8.9		XIII
3408	2001	01.1	IV	0149		ind.	1B	bordo			
1787	2000	01	IV	0153 - Enchimento de fossa [143/150/151] sob est. [104]	entre a área 16 e o compartimento 24	I.A.1	1A	bordo			
1802	2000	01	IV	0153		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
1833	2000	01	IV	0153		ind.	1A	fundo/boio			
1837	2001	01	IV	0153		I.A.1	1A	bordo			
1669	2001	01	IV	0153		Fundo grande plano	1A	fundo/boio			
1667	2001	01	IV	0153		I.A.1	1A	bordo			
4293	2001	01	IV	0153		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
4312	2001	01	IV	0153		I.A.1	1A	bordo			
2364	2001	01	IV	0157 - Lareira??	construção compartimento 12	Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			XI
2363	2001	01	IV	0157		Fundo ind.	1A	fundo			
2376	2001	01	IV	0157		I.A.1	1A	bordo			
2372	2001	01	IV	0157		Fundo ind.	1A	fundo			
2374	2001	01	IV	0157		I.A.1	1A	bordo			
2373	2001	01	IV	0157		Fundo plano	1A	fundo			
2380	2001	01	IV	0157		I.A.1	1A	bordo			
2378	2001	01	IV	0157		I.A.1	1A	bordo			
2377	2001	01	IV	0157		I.A.3	1A	bordo			
14979	2003	01	IV	0158 - Estrutura petrea lixada com areia sob [104] e [144]	compartimento 12	I.A.2a	1A	bordo			
14980	2003	01	IV	0158		ind.	1A	fundo			
2699	2001	01.1	IV	0159 - Grandes blocos de pedra que encostam a [9] e [148]	derrube/ entulhamento do compo. 15	I.A.1	1A	bordo			
2713	2001	01.1	IV	0160 - Estratos de derrube ou entulhamento sob [126]	derrubes comoartimento 12	Fundo grande plano	1A	fundo			
3213	2001	01	IV	0161 - Camada sob [143] junto a [152]. sob [128]. igual a [124]		I.A.1	1A	bordo			
3214	2001	01	IV	0161		Ind.	1A	bordo			
3215	2001	01	IV	0161		IB	1A	bordo			
3216	2001	01	IV	0161		I.A.1	1A	bordo			
3217	2001	01	IV	0161		I.A.1	1A	bordo			
3219	2001	01	IV	0161		I.A.1	1A	bordo			
3221	2001	01	IV	0161		I.A.1	1A	bordo	20		
3224	2001	01	IV	0161		Ind.	1A	bordo			
3225	2001	01	IV	0161		Ind.	1A	bordo			
4264	2001	01	IV	0161		ind.	1A	fundo			
4265	2001	01	IV	0161		Ind.	1A	bordo			
4266	2001	01	IV	0161		I.A.2a	1C	bordo			
4267	2001	01	IV	0161		Ind.	1A	bordo			
2307	2001	01	IV	0164 - Piso sob [152]. a SW da estrutura [128]. igual a [725]	piso compartimento 12	Fundo grande plano	1A	fundo			
2308	2001	01	IV	0164		Ind.	1A	bordo			
2303	2001	01	IV	0164		IB	1A	bordo	22		XVI
2304	2001	01	IV	0164		I.A.1	1A	bordo			
4295	2001	01	IV	0164		Fundo ind.	1A	fundo			
2188	2001	01.1	IV	0167 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [132] - derrube de taipas	área a sul compartimento 15	VI.A	1A	bordo	24		XIV
4327	2001	01.1	IV	0167		I.A.1	1A	bordo			
4127	2001	01.1	IV	0168 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [166] - derrube de taipas	compartimento 15	I.A.1	1A	bordo			
2718	2001	01.1	IV	0170 - Estrato de derrube ou entulhamento sob [160]. [168] e [171]	compartimento 15	fundo plano	1A	fundo			
2689	2001	01.1	IV	0176 - Estrutura petrea lixada com areia que encosta (paralelamente) a [175]	interior do compo. 14	II.5.a	1A	bordo	diâm. Ind.		
4124	2001	01	IV	0178 - Estrato de derrube ou entulhamento no interior do ambiente XI	derrube/ entulhamento do compo. 14	ind.	1A	fundo			
1845	2001	01	IV	0180 - Estrato de derrube junto a [179]		IB	1A	bordo	18		XII
4736	2001	01	IV	0180		Ind.	1A	bordo			
1703	2001	01.1	IV	0184 - Estrato de derrube e/ou aterro. com carvões. cuio todo foi posterior solo de utilização. sob [170]	a Sul do compo. 15	ind.	1A	bordo			
1711	2001	01.1	IV	0184		Ind.	1A	bordo			
1902	2001	01	IV	0186 - Estrato do derrube sob piso [165]	corredor entre a área 16 e o comoartimento 24	I.A.1	1A	bordo			
1904	2001	01	IV	0186		I.A.2a	1A	bordo			
1908	2001	01	IV	0186		Ind.	1A	bordo			



[illegible]

3425	2001	01	IV	0296
3426	2001	01	IV	0296
4461	2001	01	IV	0299 - Estrato de aterro/ solo de ocupação. sob f294f. entre est. 219 e 359
4463	2001	01	IV	0299
4465	2001	01	IV	0299
4466	2001	01	IV	0299
4723	2001	01	IV	0299
4725	2001	01	IV	0299
15395	2003	01	IV	0305 - Estrato que serve as estruturas f303f e f304f sob f293f
2705	2001	1	IV	0308 - Estrutura de emoldrado no interior de f174f- sob f171f
2170	2001	01	IV	0339 - Estrato de aterro. sob f282f. igual a f273f/348f
1951	2001	01	IV	0339
2299	2001	01	IV	0339
2296	2001	01	IV	0339
2292	2001	01	IV	0339
2293	2001	01	IV	0339
2294	2001	01	IV	0339
10577	2003	01	IV	0339
11234	2003	01	IV	0346 - Estrato de aterro. sob f339f/f273f. igual a f1139f
11236	2003	01	IV	0346
11242	2003	01	IV	0346
11243	2003	01	IV	0346
11244	2003	01	IV	0346
5250	2002	01	IV	0493 - Estrato de derrube/entulhamento sob derrube f485f
5267	2002	01	IV	0493
5268	2002	01	IV	0493
8418	2002	01	IV	0493
8419	2002	01	IV	0493
8420	2002	01	IV	0493
7404	2002	01	IV	0505 - Estrutura do Comp. 26 no sentido NW/SE. sob f360f. E939
1910	2002	01	IV	0567 - Estrato de derrube/entulhamento sob f556f. encosta a f558f
8646	2002	01	IV	0590 - Estrato de derrube/entulhamento sob f493f = a f507f
8647	2002	01	IV	0590
7588	2002	01	IV	0607 - Grande derrube em pedra da estrutura f612f do comp. 27: sob f545f
7589=801	2002	01	IV	0607
8019	2002	01	IV	0607
8017	2002	01	IV	0607
8018	2002	01	IV	0607
3490	2002	01	IV	0608 - Estrato de derrube/entulhamento do comp. 27 sob derrube f607f
7183	2002	01	IV	608
7441	2002	01	IV	608
7443	2002	01	IV	608
7455	2002	01	IV	608
7458	2002	01	IV	608
7460	2002	01	IV	608
7463	2002	01	IV	608
7465	2002	01	IV	608
7469	2002	01	IV	608
7456	2002	01	IV	608
7473	2002	01	IV	608
7476	2002	01	IV	608
7480	2002	01	IV	608
7515	2002	01	IV	608
7518	2002	01	IV	608
7526	2002	01	IV	608
7532	2002	01	IV	608
7534	2002	01	IV	608
7541	2002	01	IV	608
7548	2002	01	IV	608
7549	2002	01	IV	608
7550	2002	01	IV	608
7556	2002	01	IV	608
7557	2002	01	IV	608
7559	2002	01	IV	608
7568	2002	01	IV	608
7571	2002	01	IV	608
7573	2002	01	IV	608
7574	2002	01	IV	608
7998	2002	01	IV	608
7999	2002	01	IV	608
8001	2002	01	IV	608
8035	2002	01	IV	608
8036	2002	01	IV	608
8038	2002	01	IV	608
8039	2002	01	IV	608
8040	2002	01	IV	608
8041	2002	01	IV	608
8042	2002	01	IV	608
11751	2003	01	IV	6633 - Estrato de derrube do Comp. 27. sob f608f e f643f.E852
11753	2003	01	IV	6633
11757	2003	01	IV	6633
11781	2003	01	IV	6633
11783	2003	01	IV	6633
11787	2003	01	IV	6633
11789	2003	01	IV	6633
11791	2003	01	IV	6633
11794	2003	01	IV	6633
11795	2003	01	IV	6633
11796	2003	01	IV	6633
11797	2003	01	IV	6633
11799	2003	01	IV	6633
11808	2003	01	IV	6633
11809	2003	01	IV	6633
11813	2003	01	IV	6633
11815	2003	01	IV	6633
11818	2003	01	IV	6633
11819	2003	01	IV	6633
11820	2003	01	IV	6633

	I.A.1	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
corredor entre a área 16 e o compartimento 24	IB	1A	perf.compo.	22	XXII
	I.A.1	1A	bordo		
Fundo em bolacha concavo	Ind.	1A	fundo		
	I.A.1	1A	colo		
	I.A.1	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
derrubes área 16	I.A.1	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
construção compartimentos 13 e 14	Ind.	1A	fundo		
	I.A.1	1A	bordo	Cer. datada	24 XII
	Ind.	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
construção compartimentos 13 e 14	I.A.2a	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	III	1A	bordo	28	XII
	Ind.	1A	bordo		
compartimento 26	Ind.	1A	fundo		
	I.A.2a	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
	IB	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
compartimento 26	I.A.1	1A	bordo		
derrube/ entulhamento dos comp. 26 e 27	IND.	1A	bordo		
compartimento 26	Fundo plano	1A	fundo		
	ind	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
derrube compartimento 27	IB	1A	bordo	15	XXVI
	I.A.1/fundo em bolacha plano	1A	bordo		XXVI
	I.A.1	1A	bordo		
	Fundo ind.	1A	fundo		
	Fundo ind.	1A	fundo		
derrube compartimento 27	Fundo plano	1A	fundo	diâm. Ind.	
	Ind	1A	bordo		
	III	1A	bordo		
	I.A.2a	1A	bordo		
	I.A.2a	1A	bordo		
	I.A.2a	1A	bordo		
	I.A.1	1C	bordo	18	sim
	ind	1A	bordo		
	III	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo	32	
	I.A.1	1A	bordo	32	
	I.A.2a	1A	bordo	20	
	V.A	1A	bordo	10	XXV
	I.A.1	1B	bordo	18	XXVI
	I.A.1	1B	bordo	14	XXVI
	I.A.1	1C	bordo		XXVI
	I.A.1	1A	bordo		
	Fundo ind.	1A	fundo		
	Fundo ind.	1A	fundo		
	ind	1A	bordo		
	I.A.2a	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo	16	XXVI
	ind	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	ind.	1A	bordo		
	ind.	1A	bordo		
	Ind	1A	bordo		
	Ind.	1A	bordo		
	II,5	1A	bordo	18	
	Fundo ind.	1A	fundo		
	Ind.	1A	bordo		
	IB	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo	24	XXVI
	Ind.	1A	bordo		
	I.A.1	1C	bordo		
	ind.	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
derrube compartimento 27	ind	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	IB	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
	IB	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		XXV
	Fundo em bolacha plano	1A	fundo		
	I.A.2a	1A	bordo		XXV
	ind	1A	bordo		
	Fundo plano	1A	fundo		XXV
	I.A.5	1B	bordo	20	XXV
	ind	1A	bordo		
	I.A.1	1A	bordo		
	III	1A	bordo	15	XXV
	ind.	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	ind	1A	bordo		
	I.A.5	3	bordo	14	XXV
	Fundo plano	1A	fundo		
	Fundo plano	1A	fundo		

11821	2003	01	IV	0633		I.A.1	1C	bordo		20	XXV
11822	2003	01	IV	0633		I.A.3	1A	bordo			XXV
11823	2003	01	IV	0633		I.A.3	1A	bordo			
11280	2003	01	IV	0635	- Aterro a Este da est. f6121. sob 360. cortado por fundação	I.A.1	1B	bordo	restos de enaobe?	20	XXIV
11281	2003	01	IV	0635		I.A.1	1C	bordo			
11283	2003	01	IV	0635		I.A.1	1C	bordo			
11284	2003	01	IV	0635		I.A.1	1A	bordo			
11285	2003	01	IV	0635		Ind.	1A	bordo			
10518	2003	01	IV	0643	- Derrube da estrutura f4381 no interior do compo. 27	Ind.	1A	bordo			
10519	2003	01	IV	0643		ind	1A	bordo			
10520	2003	01	IV	0643		IB	1A	bordo			
10732	2003	01	IV	0643		Fundo plano	1A	fundo			
10733	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
10734	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
10735=75	2003	01	IV	0643		I.A.2a	1A	bordo		26	XXVI
10736	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
10737	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
10738	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
10739	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
10740	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
10741	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
12754	2003	01	IV	0643		Fundo em bolacha plano	1A	fundo		30	
12755	2003	01	IV	0643		I.A.1/ fundo concavo	1A	bordo/fundo		6	XXVIII
12759	2003	01	IV	0643		I.A.5	1A	bordo		25	XXVII
12805	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12817	2003	01	IV	0643		Fundo em bolacha plano	1A	fundo		6	XXVIII
12820	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
12824	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12827	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12829	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12832	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12833	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12835	2003	01	IV	0643		ind.	1A	bordo			
12839	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12845	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12846	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12847	2003	01	IV	0643		IB	1A	bordo			
12852	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12853	2003	01	IV	0643		II.2	1A	bordo		22	XXVIII
12854	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
12856	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo			
12857	2003	01	IV	0643		I.A.2a	1A	bordo		20	XXVII
12859	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo		22	XXVII
12862	2003	01	IV	0643		I.A.1/ fundo plano	1C	bordo/ fundo		25/ 7.6	XXVII
12949	2003	01	IV	0643		II.2	1A	bordo		32	XXVIII
12950	2003	01	IV	0643		I.A.2b	1A	bordo		20	XXVIII
13110	2003	01	IV	0643		I.A.1	1A	bordo		24	XXVII
13111	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
13112	2003	01	IV	0643		I.A.2a	1A	bordo		20	XXVIII
13113	2003	01	IV	0643		ind	1A	bordo			
13609	2003	01	IV	0643		Ind.	1A	bordo			
13321	2003	01	IV	0696	- Camada de aterro/solo ocupação no int. comp. 22 cortada por f6921. sob f6791.	I.A.2a	1A	bordo		20	XX
11839	2003	01	IV	0702	- Estrutura do compo. 21. E-O, perpendicular a f7011 sob f682/6831	Fundo plano	1A	fundo			
14675	2003	01	IV	0721	- Estrato de aterro de argila vermelha sob f6991, encosta à est. f6981 e f4411.E981	I.A.1	1A	bordo			XXIX
14676	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo			
14677	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo		24	XXIX
14678	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo			
14679	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo			
14680	2003	01	IV	0721		Ind.	1A	bordo			
14681	2003	01	IV	0721		Fundo plano	1A	fundo			
14682	2003	01	IV	0721		Ind.	1A	bordo			
14683	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo			
14684	2003	01	IV	0721		II.2	1A	bordo		22	XXIX
14685	2003	01	IV	0721		I.A.1	1A	bordo			
10307	2003	01	IV	0737	- Terra compacta com inclusões de nódulos de argila laranja sob f7331	ind.	1A	fundo			
12322	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo			
12323	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo		28	XIX
12324	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo			XIX
12325	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo			
12326	2003	01	IV	0737		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo		8	XIX
12327	2003	01	IV	0737		Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
12328	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo			
12331	2003	01	IV	0737		Fundo plano	1A	fundo			
12332	2003	01	IV	0737		I.A.2a	1A	bordo			
12333	2003	01	IV	0737		I.A.1	1A	bordo			
13323	2003	01	IV	0737		ind.	1A	fundo			diâm. Ind.
13759	2003	01	IV	0737		I.A.1	1C	bordo			
13126	2003	01	IV	0738	- Camada de cinzas e carvões sob f7331	I.A.2a	1C	bordo			
13127	2003	01	IV	0738		I.A.1	1B	bordo		17.1	
13129	2003	01	IV	0738		I.A.5	1A	bordo			
15363	2003	01	IV	0739	- Piso entre compo. 21 e 25. E846sob f6901 e f682/6831	I.A.2a	1A	bordo			
12681	2003	01	IV	0742	- Camada sob f6841	Fundo plano	1A	fundo			
12682	2003	01	IV	0742		Fundo em bolacha plano	1B	fundo		7	XXIII
12683	2003	01	IV	0742		I.A.1	1A	bordo			
12684	2003	01	IV	0742		I.A.1	1A	bordo			
13736	2003	01	IV	0742		IB	1A	bordo			
10440	2003	01	IV	0747	- Estrato de derrube/aterro. sob f716=6911	Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
14997	2003	01	IV	0747		III	1A	bordo		24	
14998	2003	01	IV	0747		IV.B.1	1A	bordo	aatada	32	XVIII
14999	2003	01	IV	0747		II.1	1A	bordo			
15001	2003	01	IV	0747		I.A.3	1A	bordo		24	XVII
15002	2003	01	IV	0747		IB	1A	bordo			
15003	2003	01	IV	0747		I.A.1	1A	bordo			
15004	2003	01	IV	0747		I.A.2a	1A	bordo			
15005	2003	01	IV	0747		IB	1A	bordo			
15006	2003	01	IV	0747		I.A.1	1A	bordo			
15007	2003	01	IV	0747		I.A.1	3	bordo			diâm ind.
11525	2003	01	IV	0755	- Camada sob f7421 e f6841	ind.	1A	bordo			

12667	2003	01	IV	0755		ind.	1A	bordo				
13268	2003	01	IV	0755		IV.A.1c	1A	bordo		26	XXIII	
12372	2003	01	IV	0757	- Aterro sob I749I a oeste da est. I637I do comp. 27. cortado por 760 ( contas de colar)	VI.C	1B	bordo		18	XXIV	
13196	2003	01	IV	0757		Fundo plano	1A	fundo				
14620	2003	01	IV	0758	- Acumulação de carvões e detritos sob I749I a este da est. I637I	ind.	1A	bordo	2 fraamentos			
14621	2003	01	IV	0758		I.A.3	1A	bordo		20	XXIV	
14622	2003	01	IV	0758		IB	1A	bordo				
14623	2003	01	IV	0758		I.A.1	1A	bordo	c/ duas perf	20	XXIV	
14624	2003	01	IV	0758		I.A.1	1A	bordo	c/ uma perf			
14625	2003	01	IV	0758		IB	1A	bordo				
14626	2003	01	IV	0758		I.A.2a	1A	bordo				
14629	2003	01	IV	0758		IB	1A	bordo				
14767	2003	01	IV	0758		I.A.2a	1A	bordo				
14768	2003	01	IV	0758		I.A.1	1A	bordo				
14769	2003	01	IV	0758		I.A.2a	1A	bordo				
14770	2003	01	IV	0758		I.A.1	1A	bordo				
14771	2003	01	IV	0758		I.A.1	1A	bordo				
14772	2003	01	IV	0758		ind.	1A	bordo				
14773	2003	01	IV	0758		III	1A	bordo	2 fraamentos			
14774	2003	01	IV	0758		ind.	1A	fundo				
14802	2003	01	IV	0758		ind.	1A	fundo				
13363	2003	01	IV	0760	- Estrato sob est. I95I que encosta a este a I92I	I.A.1	1A	bordo				
12705	2003	01	IV	0769	- aterro/ solo de ocupação com lareira 763. sob I756I e I684I	IB	1A	bordo				
13803	2003	01	IV	0769		IB	1A	bordo				
13804	2003	01	IV	0769		I.A.1	1A	bordo				
12055	2003	01	IV	0775	- Enchimento de fossa que corta I747I. igual a I215I	ind.	1A	fundo				
13529	2003	01	IV	0775		Fundo plano	1A	fundo		5.5	XVI	
13530	2003	01	IV	0775		I.A.3	1A	bordo				
13531	2003	01	IV	0775		II.1	1A	bordo		26		
13532	2003	01	IV	0775		I.A.1	1A	bordo				
13533	2003	01	IV	0775		Fundo em bolacha plano	1A	fundo		7.2	XVI	
13534	2003	01	IV	0775		I.A.2a	1A	bordo		24	XV	
13535	2003	01	IV	0775		IV.A.2	1A	bordo	vários fraamentos	30	XVI	
13537	2003	01	IV	0775		IB	1A	bordo	Com perfuração	27	XV	
13541	2003	01	IV	0775		IB	1A	bordo				
13542	2003	01	IV	0775		ind.	1A	fundo				
13545	2003	01	IV	0775		ind.	1A	bordo				
13546	2003	01	IV	0775		I.A.1	1A	bordo				
13552	2003	01	IV	0775		I.A.2a	1A	bordo				
13553	2003	01	IV	0775		I.A.1	1A	bordo	com polimento			
13555	2003	01	IV	0775		I.A.1	1A	bordo	Com perfuração	18	XV	
13556	2003	01	IV	0775		Fundo plano	1A	fundo				
13557	2003	01	IV	0775		Fundo plano	1A	fundo				
13566	2003	01	IV	0775		IV.A.1b	1A	bordo		34	XVI	
13568	2003	01	IV	0775		I.A.2a	1A	bordo				
13569	2003	01	IV	0775		IB	1A	bordo				
13570	2003	01	IV	0775		Fundo ind.	1A	fundo				
13573	2003	01	IV	0775		IB	1A	bordo				
13574	2003	01	IV	0775		I.A.1	1A	bordo				
13580	2003	01	IV	0775		I.A.2a	1A	bordo				
13582	2003	01	IV	0775		ind.	1A	fundo				
13583	2003	01	IV	0775		boio decorado	1B	boio	decoração brunida	diâm. Ind	XVI	
15391	2003	01	IV	0775		IB	1A	bordo				
15392	2003	01	IV	0775		III /ind	1B	Lábio			XV	
14808	2003	01	IV	0779	- Camada sob I769II732I: encosta a Sul à estrutura I776I	I.A.3	1C	bordo	2 fraamentos	26	XIX	
14809	2003	01	IV	0779		I.A.3	1A	bordo		23	XIX	
14810	2003	01	IV	0779		VI.A	1A	bordo				
14811	2003	01	IV	0779		Fundo plano	1A	fundo				
14812	2003	01	IV	0779		Fundo plano	1A	fundo				
12271	2003	01	IV	0780	- Camada sob I769I e I779I: encosta a Sul à estrutura I777I	I.A.2a	1A	bordo				
12274	2003	01	IV	0780		IB	1A	bordo				
12275	2003	01	IV	0780		ind.	1A	bordo	2 peq. Fraamentos			
12277	2003	01	IV	0780		I.A.3	1A	bordo		25	XXIII	
12279	2003	01	IV	0780		IB	1A	bordo		20	XXIII	
12280	2003	01	IV	0780		Fundo plano	1A	fundo		8/ 6.1	XXIII	
12282	2003	01	IV	0780		Fundo em bolacha plano	1A	fundo				
12283	2003	01	IV	0780		IB	1A	bordo	3 fraamentos	30		
11886	2003	01	IV	0781	- Camada sob I769I e I780I e I782I: encosta a Norte à estrutura I776I	ind.	1A	bordo		20	XXIII	
11888	2003	01	IV	0781		III	1A	bordo	ointada	32	XXIII	
11890	2003	01	IV	0781		II.2	1A	bordo				
11891	2003	01	IV	0781		I.A.1	1A	bordo				
11892	2003	01	IV	0781		IB	1A	bordo				
11893	2003	01	IV	0781		IB	1A	bordo				
11896	2003	01	IV	0781		IB	1A	bordo				
11897	2003	01	IV	0781		ind.	1A	bordo				
11898	2003	01	IV	0781		III	1A	bordo				
11899	2003	01	IV	0781		IB	1A	bordo				
11858	2003	01	IV	0785	- Estrato de aterro / derrube. sobI773I. encosta a oeste à est.I504I e I662I	ind.	3	bordo		18		
11859	2003	01	IV	0785		Fundo anelar	1A	fundo		7	XIX	
11862	2003	01	IV	0785		Fundo anelar	1B	fundo				
11865	2003	01	IV	0785		ind.	1A	bordo				
12229	2003	01	IV	0788	- Camada sob I733I. encosta à estrutura I705I e I768I	I.A.2a	1A	bordo				
12368	2003	01	IV	0788		VI.C	1A	bordo		18	XX	
13304	2003	01	IV	0790	- Camada de Grandes pedras sobre I765I	I.A.1	1A	bordo				
11959	2003	01	IV	0797	- Lareira entre comp. 21 e 25. sob I682=683I cortada por I360I	ind.	1A	bordo				
11960	2003	01	IV	0797		IB	1A	bordo				
11961	2003	01	IV	0797		I.A.1	1A	bordo				
14764	2003	01	IV	0798	- Piso esverdeado entre comp. 21 e 25. sobI783I entre estruturasI702/709/710I	II.1	1A	bordo		24	XXIX	
11926	2003	01	IV	0799	- Derrube sob I788I. encosta à estrutura I705 e 768I	IB	1A	bordo				
11352	2003	01	IV	0801	- Preparação do piso/ lareira I800I	I.A.1	1A	bordo				
10534	2003	01	IV	0805	- Estrato derrube / entulhamento sob I758I = 643	I.A.2a	1A	bordo				
10536	2003	01	IV	0805		III	1A	bordo		20	XXIV	
10537	2003	01	IV	0805		I.A.2a	3	bordo				
10538	2003	01	IV	0805		Ind.	1A	fundo				
10540	2003	01	IV	0805		I.A.1	1A	bordo				
11617	2003	01	IV	0806	- Estrato sob derrube I799 e 788I. encosta a I808I e 768	I.A.5	1B	bordo				
15528	2003	01	IV	0806		I.A.1	1A	bordo	diâm. Ind.			
15543	2003	01	IV	0806		Fundo plano	1A	fundo				

15230	2003	01	IV	0811 - Estrato de aterro. sob 805.E909	zona de entrada do compartimento 27	I.A.5	1A	bordo			
15231	2003	01	IV	0811	Fundo plano		1A	fundo			
10309	2003	01	IV	0821 - Piso de calicas do Comp. 27. sob 633	compartimento 27	I.A.2a	1C	bordo			
15581	2003	01	IV	0823 - Piso de calicas do Comp. 27. sob 633	Comp. 27	I.A.2a	1A	bordo			
15495	2003	01	IV	0829 - Derrube sob 17791. que encosta a 17761	compartimento 24	IB	1A	bordo			
11913	2003	01	IV	0832 - Camada sob [828/806] que encosta à est. [808/768]	compartimento 22	I.A.2a	1A	bordo			
10466	2003	01	IV	0834 - Acumulação de carvões e fauna. que encosta a [438] sob [821] e [633].	compartimento 27	II.3	1A	bordo	23	XXV	
10471	2003	01	IV	0834		II.2	1C	bordo	22	XXV	
10477	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10478	2003	01	IV	0834		Ind.	1A	bordo			
10479	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10480	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10481	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10482	2003	01	IV	0834		IB	1A	bordo	20	XXV	
10485	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10486	2003	01	IV	0834		Ind.03	1A	bordo			
10488	2003	01	IV	0834		ind.	1C	bordo			
10489	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10490	2003	01	IV	0834		Ind.	1A	bordo			
10492	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10493	2003	01	IV	0834		Ind.	1A	bordo			
10494	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10495	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10496	2003	01	IV	0834		I.A.1	1A	bordo			
10498	2003	01	IV	0834		I.A.2a	1C	bordo			
10499	2003	01	IV	0834		Ind.	1A	bordo			
15584	2003	01	IV	0834		Fundo plano	1A	fundo			
15097	2003	01	IV	0835 - Preparação de pisos do Comp. 27. sob [823]	Comp. 27	I.A.1	1A	bordo			
15098	2003	01	IV	0835		I.A.1	1A	bordo			
15557	2003	01	IV	0835		Ind.	1A	bordo			
15536	2003	01	IV	0836 - Preparação de piso [821] do Comp. 27	Compartimento 27	I.A.1	1A	bordo			
11063	2003	01	IV	0845 - Estrato de aterro/derrube sobre Comp. 20. 19. e 18. sob [785]. cortada por [847]	Compartimentos 20. 19. e 18	I.A.2a	1B	bordo	duas perfurações		
15306	2003	01	IV	0857 - Estrato de derrube (?) sob [853]. que encosta a [777/778]		Ind.	1A	bordo			
15203	2003	01	IV	0864 - Estrato de aterro. sob [811].E881	entrada do compartimento 27	I.A.1	1A	bordo			
15205	2003	01	IV	0864		IB	1A	bordo			
11621	2003	01	IV	0865 - Recipiente(s) junto e sob est. [634]		I.A.1	1A	bordo			
10677	2003	01	IV	0869 - Camada sob [857]. entre estrutura [706] e [777]		I.A.1	1A	bordo			
10678	2003	01	IV	0869		I.A.1	1A	bordo			
10679	2003	01	IV	0869		I.A.1	1A	bordo			
10680	2003	01	IV	0869		I.A.1	1A	bordo			
10681	2003	01	IV	0869		I.A.1	1A	bordo			
15540	2003	01	IV	0876 - Estrato de aterro com muitas pedras no topo. sob [864].	zona de entrada do compartimento 27	II.2	1A	bordo	24	XXIV	
15425	2003	01	IV	0880 - Estrato de aterro / solo de ocupação do comp. 21. sob [866]. que encosta à est. [858] e [841]	compartimento 21	III	1A	bordo			
10504	2003	01	IV	0881 - Estrato de derrube aterro no int. do Comp. 19. sob [845].	Compartimento 19	III	1A	bordo			
10591	2003	01	IV	0882 - Camada sob [855] (derrube), que encosta à [854] a este	compartimento 23	Ind.	1A	bordo			
15188	2003	01	IV	0884 - Camada sob [790]. cortada por [883]. que encosta à est. [705]		Ind.	1A	bordo			
15423	2003	01	IV	0884		IB	1A	bordo			
15095	2003	01	IV	0885 - Camada sob [842]. cortada por [883]. base da est. [702]	construção compartimento 21	I.A.1	1A	bordo			
10761	2003	01	IV	0886 - Estrato de aterro com nódulos de areila. sob [876].E949	área de entrada do compartimento 27	Fundo plano	1A	fundo			
10765	2003	01	IV	0886		I.A.1	1A	bordo	20	XXIV	
10801	2003	01	IV	0886		I.A.2a	1A	bordo	18	XXIV	
10802	2003	01	IV	0886		III	1A	bordo		XXIV	
10803	2003	01	IV	0886		Ind.	1A	bordo			
10804	2003	01	IV	0886		Ind.	1A	bordo			
10806	2003	01	IV	0886		Ind.	1A	bordo			
10383	2003	01	IV	0890 - aterro anterior compartimento 23 sob [882]. que encosta junto à esquina às est. [854] e	área entre comp. 21. 22. 25 e 26	I.A.3	1A	bordo	diâm. Ind.		
10384	2003	01	IV	0890		Ind.	1A	bordo			
10386	2003	01	IV	0890		I.A.2a	1A	bordo			
10387	2003	01	IV	0890		Ind.	1A	bordo			
11335	2003	01	IV	0903 - Estrato de aterro no int. do comp. 19. sob 881. encosta a norte à est. 748.	derrubes Compartimento 19	Fundo plano	1C	fundo	2	fraamentos	
11336	2003	01	IV	0903		I.A.1	1A	bordo			
11160	2003	01	IV	0904 - Estrato de derrube/aterro que cobre os Comp.18.19.20. sob [867=868].	derrube comp. 18. 20	I.A.5	1A	bordo			
11191	2003	01	IV	0904		Fundo plano	1A	fundo			
11192	2003	01	IV	0904		Fundo plano	1A	fundo			
11195	2003	01	IV	0904		IB	1A	bordo	22	XVIII	
11196	2003	01	IV	0904		IB	1A	bordo	20	XVIII	
11197	2003	01	IV	0904		I.A.2a	1A	bordo	21	XVIII	
11198	2003	01	IV	0904		II.2	1A	bordo			
11199	2003	01	IV	0904		I.A.1	1A	bordo			
11203	2003	01	IV	0904		ind.	1A	bordo			
11204	2003	01	IV	0904		Ind.	1A	bordo			
11205	2003	01	IV	0904		Ind.	1A	bordo			
11207	2003	01	IV	0904		Ind.	1A	bordo			
14910	2003	01	IV	0921 - Derrube entre est. 920 e 778. sob 918		ind.	1A	bordo			
14911	2003	01	IV	0921		I.A.2a	1A	bordo			
14912	2003	01	IV	0921		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo	6/ 5,9		
14439	2003	01	IV	0929 - Estrato de derrube/aterro do Comp. 20. sob 904. encosta à est. 841.	compartimento 20	IB	1A	bordo			
14440	2003	01	IV	0929		I.A.1	1A	bordo			
14441	2003	01	IV	0929		ind.	1A	bordo			
10822	2003	01	IV	0942 - Estrato de aterro/solo de ocupação = a [982] sob 747. encosta a estrutura [748]	solo de ocupação do Comp. 18 e 19	Fundo plano	1A	fundo			
10823	2003	01	IV	0942		Fundo plano	1C	fundo			
10824	2003	01	IV	0942		I.A.1	1A	bordo			
10825	2003	01	IV	0942		I.A.1	1A	bordo			
10826	2003	01	IV	0942		Ind.	1A	bordo			
10827	2003	01	IV	0942		Fundo ind.	1B	fundo			
10829	2003	01	IV	0942		Fundo plano	1A	fundo			
13672	2003	01	IV	0942		I.A.1	1A	bordo	Com perfuração	20	XVII
13673	2003	01	IV	0942		IB	1A	bordo			
13674	2003	01	IV	0942		I.A.1	1C	bordo	22	XVII	
13675	2003	01	IV	0942		IB	1A	bordo			
13677	2003	01	IV	0942		Fundo plano	1A	fundo			
13678	2003	01	IV	0942		Ind	1A	bordo			
13680	2003	01	IV	0942		ind.	1A	bordo			
13681	2003	01	IV	0942		ind.	1A	bordo			
13682	2003	01	IV	0942		ind.	1A	bordo			
13683	2003	01	IV	0942		ind.	1A	bordo			
13684	2003	01	IV	0942		ind.	1A	bordo			

15376	2003	01	IV	0947 - Estrutura N-S dos Comp. 19 e 20, perpendicular a [748], sob [785]	estrutura do comp. 20	Fundo em bolacha plano	1A	fundo		6	XX
10912	2003	01	IV	0951 - Aterro/ solo de ocupação sob [933], encosta a estrutura [943]	aterro do compartimento 25	II.5.c	1A	bordo		20	XXIX
10913	2003	01	IV	0951		I.A.2a	1A	bordo			
10914	2003	01	IV	0951		I.A.2a	1A	bordo			
13813	2003	01	IV	0958 - Estrato de derrube/aterro do Comp. 19, sob [903]	Compartimento 19	ind.	1A	bordo			
15334	2003	01	IV	0962 - Camada sob [957] e [893], encosta a estrutura [892]	Compartimento 19	Fundo plano	1A	fundo	3 fraamentos		
15243	2003	01	IV	0969 - Camada sob 968	compartimento 23	Fundo cancelado	1A	fundo		8,2	XXI
15248	2003	01	IV	0969		I.A.1	1A	bordo			
14352	2003	01	IV	0970 - Estrato de aterro/solo de ocupação do Comp. 20, sob 929, encosta est. 841, 971, 972	compartimento 20	Fundo plano	1A	fundo			
14353	2003	01	IV	0970		IB	1A	bordo			
14354	2003	01	IV	0970		Ind.	1A	bordo			
14355	2003	01	IV	0970		IB	1A	bordo			
14356	2003	01	IV	0970		Ind.	1A	bordo			
14358	2003	01	IV	0970		I.A.1	1A	bordo			
14359	2003	01	IV	0970		I.A.1/ fundo em bolacha concavo	1A	comp./ bordo/ 6 fraamentos		20/ 5,5	XIX
13168	2003	01	IV	0981 - estrato/ solo de ocupação = [959], sob [959];	compartimentos 23 e 24	ind.	1A	bordo			
13170	2003	01	IV	0981		I.A.2a	1A	bordo			
13171	2003	01	IV	0981		IB	1A	bordo			
13172	2003	01	IV	0981		ind.	1A	bordo			
13173	2003	01	IV	0981		I.A.1	1A	bordo	aatada		XXII
13175	2003	01	IV	0981		I.A.2a	1A	bordo			
13177	2003	01	IV	0981		ind.	1A	fundo			
13186	2003	01	IV	0982 - Estrato de aterro / solo de ocupação do Comp. 18 e 19, = a [942] sob [958]	Comp. 18 e 19	ind.	1A	bordo			
13189	2003	01	IV	0982		Ind.	1A	bordo			
11079	2003	01	IV	0983 - Piso do compartimento 22 sob 832	Compartimento 22	Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
14577	2003	01	IV	0986 - Camada sob [962]	como. 19	ind.	1A	bordo		30	
14578	2003	01	IV	0986		I.A.2b	1A	bordo		18	XVII
14579	2003	01	IV	0986		I.A.2a	1A	bordo		18	
11286	2003	01	IV	0989 -Acumulação de detritos sob [890] anterior à const. C. 23 Camada sob [890] = [781] ?	Este do compartimento 23	I.A.2a	1A	bordo			
11287	2003	01	IV	0989		I.A.2a	1A	bordo			
9154	2002	01	IV	0994 - Piso sob [981/959/988], que encosta a [776/838/839]	compartimentos 23 e 24	IB	1A	bordo			
12244	2003	01	IV	0994		ind.	1A	bordo			
12245	2003	01	IV	0994		Fundo plano	1A	fundo			
12248	2003	01	IV	0994		II/ ind.	1A	bordo			XXI
12250	2003	01	IV	0994		I.A.3	1A	bordo			
12251	2003	01	IV	0994		I.A.1	1A	bordo			
12255	2003	01	IV	0994		ind.	1A	fundo			
12262	2003	01	IV	0994		ind.	1A	bordo			
12264	2003	01	IV	0994		I.A.3	1A	bordo		21	XXII
12267	2003	01	IV	0994		ind.	1A	bordo			
12268	2003	01	IV	0994		I.A.1	1A	bordo			
12269	2003	01	IV	0994		ind.	1A	fundo			
12272	2003	01	IV	0994		ind.	1A	bordo			
15020	2003	01	IV	1002=1003 -Piso verde = 1023 e 1146 dos Comp. 18, 19 e 20, sob [942], encosta a [948/949/950]	Comp. 18, 19 e 20	I.A.1	1A	bordo			
15021	2003	01	IV	1002=1003		I.A.3	1A	bordo			
15022	2003	01	IV	1002=1003		Ind.	1A	bordo			
15023	2003	01	IV	1002=1003		I.A.1	1A	bordo			
15024	2003	01	IV	1002=1003		ind.	1A	bordo			
15025	2003	01	IV	1002=1003		ind.	1A	fundo		14	XVII
14861	2003	01	IV	1008 - Camada sob [986]	como. 19	II.1	1A	bordo			
14862	2003	01	IV	1008		ind.	1A	bordo			
15153	2003	01	IV	1013 - Piso de calças do Comp. 22, sob piso [983], que encosta a [808/768/870]	Compartimento 22	II.1	1A	bordo		30?	XX
13801	2003	01	IV	1022 - Camada com calças ( resto de piso?) sob 994, encosta a est. 776	piso compartimentos 23 e 24	IB	1A	bordo		18	XVII
14504	2003	01	IV	1025 - Camada castanha escura com pedras, sob 1008	comp. 19	II.1.a	1A	bordo		18	XVII
14505	2003	01	IV	1025		II.1	1A	bordo	4fraamentos		
13610	2003	01	IV	1030 - Estrato de aterro com cascalheira da área exterior dos comp. 26 e 21, sob [931], encosta à est. [858]	área exterior dos comp. 26 e 21,	Fundo plano	1A	fundo			
12213	2003	01	IV	1032 - Estrato de aterro /solo de ocupação dos Comp. 18/19 com [1031], sob [982/1012]	solo de ocupação dos comp. 18/19	I.A.5	1A	bordo		22	XVII
12214	2003	01	IV	1032		I.A.2a	1A	bordo			
12215	2003	01	IV	1032		I.A.1	1A	bordo			
12216	2003	01	IV	1032		Fundo em bolacha plano	1A	fundo		1,2	XVIII
12218	2003	01	IV	1032		I.A.2b	1A	bordo		20	XVII
12219	2003	01	IV	1032		ind.	1A	bordo			
13717	2003	01	IV	1038 - Camada igual a [1037/1041]	construção compartimentos 23 e 24	ind.	1A	bordo			
15404	2003	01	IV	1040 - Camada sob [1020/994], encosta a [776/1021/838/?]		I.A.1	1A	bordo			
12343	2003	01	IV	1043 - aterro sob [1041/1037/1038], da const. C. 23 e 24	construção compartimentos 23 e 24	Fundo plano	1A	fundo			
12348	2003	01	IV	1043	construção compartimentos 23 e 24	II.1	1A	bordo		18	XXI
11072	2003	01	IV	1077 - Camada de aterro/ solo de ocupação, sob [1066/696]	área entre os comp. 21, 22, 25 e 26	III.a	1A	bordo	bordo com canelura	24	XXIX
3133	2003	01	IV	1238 - Lareira com ostras, cerâmica e argila vermelha sob [1236], encosta a est. [219]	Compartimento 24	IB	1A	bordo	3 fraamentos	23	XXI
11245	2003	01	IV	1238		I.A.2a/ fundo plano	1C	bordo/ fundo	3 fraamentos	20	XXI
11735	2003	01	IV	1245 - Camada de argilas vermelhas sob [1242]		ind.	1A	bordo		18	
13743	2003	01	IV	1256 - Camada avermelhada c carvões (base da est.[219]), sob[1246], encosta af[156], igual a [277]	corredor entre a área 16 e o compartimento 24	I.A.1	1A	bordo			
13744	2003	01	IV	1256		ind.	1A	bordo			
13745	2003	01	IV	1256		IB	1A	bordo			
13746	2003	01	IV	1256		I.A.1	1A	bordo			
13747	2003	01	IV	1256		ind.	1A	bordo			
13748	2003	01	IV	1256		IB	1A	bordo			
13749	2003	01	IV	1256		IB	1A	bordo			
13750	2003	01	IV	1256		Fundo plano	1A	fundo			
13751	2003	01	IV	1256		Fundo plano	1A	fundo			
13752	2003	01	IV	1256		ind.	1A	fundo			
13753	2003	01	IV	1256		Fundo plano	1A	fundo			
13754	2003	01	IV	1256		asa de rolo	1A	asa			
13049	2003	01	IV	1292 - Estrato com muitas pedras de média dimensão sob [1292]	a Este do compartimento 23	I.A.3	1A	bordo		21	XXII
13052	2003	01	IV	1292		ind.	1A	bordo			
13053	2003	01	IV	1292		I.A.1	1A	bordo			
13054	2003	01	IV	1292		I.A.2a	1A	bordo			
13055	2003	01	IV	1292		I.A.3	1A	bordo			
13056	2003	01	IV	1292		ind.	1A	bordo		18	XXII
13057	2003	01	IV	1292		I.A.2a	1A	bordo			
13058	2003	01	IV	1292		I.A.1	1A	bordo	aatada		
13059	2003	01	IV	1292		IB	1A	bordo			
15475	2003	01	IV	1292		I.A.1	1A	bordo	2 fraamentos	24	XXII
15476	2003	01	IV	1292		I.A.1	1A	bordo	3 fraamentos		
634	2000	01.1	V	0028 - Estrutura de derrube ou entulhamento sob [61]	a norte dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo			
758	2000	01.1	V	0035 - Piso de argila/solo de habitat sob [28]	piso de argila a norte dos comp. 32 e 33	I.A.1	1B	bordo		12	XLVIII
798	2000	01.1	V	0035		IND.	1A	bordo			
934	2000	01.1	V	0035		I.A.1	1A	bordo			
1246	2000	01.1	V	0056 - Estrato de derrube e/ou aterro, cujo todo foi posterior solo de utilização, sob [42] que encosta à [37] e [54]		I.A.1	1A	bordo			

2401	2001	01	V	0068 - Derrube sob f631 e f701?	área a norte do comoartimento 31	ind.	1A	bordo		diâm. Ind.	
2872	2001	01	V	0068		IB	1C	bordo		20	XLIX
2873	2001	01	V	0068		I.A.1	1A	bordo			
3369	2001	01	V	0070 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f52/ 60l encostando a f55/ 45/ 81		IB	1A	bordo			
3235	2001	01,1	V	0071 - Zona de combustão com argilas cozidas e carvões sob f56. 37. 84. 82. 83l e igual a f94l	área a norte e nordeste dos comp. 32 e 33	ind.	1A	bordo			
3185	2001	01,1	V	0072/93 - Pisos de argilas / solos de habitat sob f56. 37. 84. 82. 83l e igual a f93l	área a norte e nordeste dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo			
3190	2001	01,1	V	0072/93		III	1A	bordo		diâm ind.	
4523	2001	01,1	V	0072/93		II.5b	1A	bordo		18/20	XLVIII
4526	2001	01,1	V	0072/93		Fundo pequeno plano	1A	fundo		5.2	
14760	2003	01	V	0073 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f611. sobre f64l e encosta a f62l	compartimento 32	ind.	1A	bordo			
1215	2000	01,1	V	0075 - Estrato de derrube e/ou aterro, cuio topo foi posterior solo de ocupação, com terras castanhas sob f67l	aterro a norte dos comp. 32 e 33	asa	1A	bordo			XLVIII
932	2000	01,1	V	0076 - Pisos de argilas / solos de habitat, sobre f75l, sob f51. 53. 57l	aterro a norte dos comp. 32 e 33	Fundo plano	1A	fundo		7.5	
1955	2000	01	V	0080 - Deposito cerâmico igual a 89 e 78. no int. do comp. 31	Deposito cerâmico compartimento 31	I.A.5	2	bordo	2 caneluras	19.2	XXXIX
3308	2001	01,1	V	0081 - Camada de carvões e argila que encosta a f84l e sob f75l		I.A.5	1A	bordo			
4777	2001	01,1	V	0082 - Lareira a norte do comp. 32 e 33	Lareira a norte do comp. 32 e 33	Fundo plano	1A	fundo			
3714	2000	01,1	V	0083 - Pisos de argila / solos de habitat de cor cast. clara sob f74. 75. 76. 65. 90l	piso de argila a norte dos comp. 32 e 33	ind.	1A	bordo			
3263	2001	01	V	0088 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f48l, encosta a f85l, f86f e f87l (derrube de taipa)		I.A.1	1B	bordo			
3385	2001	01	V	0088		ind.	1C	bordo			
3387	2001	01	V	0088		I.A.5	1B	bordo		diâm. ind	XXXI
3388	2001	01	V	0088		I.A.5	2	bordo	3 caneluras/ 5 frao		
2030	2000	01	V	0089 - Deposito cerâmico , igual a 80 e 78. no int. do comp. 31		ind.	1B	bordo			
2031	2000	01	V	0089	comoartimento 31	V.A	1B	bordo		13.8	XLI
2032	2000	01	V	0089		II.4.a	1B	bordo		23	XXXVI
2033	2000	01	V	0089		II.2	1B	bordo		29.4	XXXVI
2034	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		19.8	XXXIV
2036	2000	01	V	0089		VI.B	1A	bordo		29.4	XLI
2038	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		19.6	XXXIV
2040	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		24.2	XXXII
2041	2000	01	V	0089		I.A.3	1B	bordo		25	XXXV
2043	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		21.4	XXXII
2044	2000	01	V	0089		V.B	1B	bordo		10.2	XLI
2045	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		19.6	XXXII
2046	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		21.4	XXXIV
2047	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		21.8	XXXII
2048	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		24.6	XXXII
2049	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		23.4	XXXII
2050	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		17.6	XXXIII
2052	2000	01	V	0089		Fundo plano	1B	fundo		10	XLII
2053	2000	01	V	0089		ind.	1B	bordo			
2054	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		17.8	XXXII
2055	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	20.2	XXXVIII
2057	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	perfuracão	19.6	XL
2062	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2	fundo		6.2	XLII
2064	2000	01	V	0089		Fundo em bolacha concavo	1B	fundo		5.8	XLII
2065	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2	fundo		6	XLII
2066	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2	fundo		6	XLII
2067	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2	fundo		6.7	XLII
2080	2000	01	V	0089		I.A.5	2	boio	Três caneluras na sup	18.6	XXXVIII
2082	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	18.4	XXXVIII
2083	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo		18.6	XL
2084	2000	01	V	0089		I.A.5	1B	bordo	Três caneluras na sup	19.2	XXXVII
2085	2000	01	V	0089		I.A.5	1B	bordo		17.4	XXXII
2091	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo		20.2	XL
2093	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	Três caneluras na sup	18.4	XXXVIII
2095	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo		19.4	XL
2099	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	Três caneluras na sup. ext.	22	XXXVII
2101	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	Três caneluras na sup	20.2	XXXVIII
2102	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras na superfi	16.6	XXXIII
2103	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo			
2105	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo			
2107	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo			
7323	2002	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras na sup exl	19.6	XXXVII
7414	2002	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras na sup. ex	19	XXXVII
7416	2002	01	V	0089		Fundo anelar	2	fundo/óe		6.8	XLII
7426=749	2002	01	V	0089		II.4.a	1B	bordo		23.6	XXXVI
7429	2002	01	V	0089		Fundo em bolacha concavo	1B	fundo		9	XLII
7431	2002	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	três caneluras na sup.	20.4	XXXVII
7433	2002	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		18.6	XXXIV
7731	2002	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		18.6	XXXIII
10110	2002	01	V	0089		I.A.5	2	perf.comp.	três caneluras na sup.	19.6	XXXVIII
15617	2002	01	V	0089		I.A.1	1B			17.6	XXXII
15654	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2			5.4	XLII
15661	2000	01	V	0089		I.A.1	1B			17.6	XXXIV
15732	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2			5.6	XLII
15743	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2			6.6	XLII
15755	2000	01	V	0089		I.A.2a	1B			23.4	XXXV
15767	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	20	XXXIX
15768	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	18.4	XXXIX
15769	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	19.4	XXXIX
15770	2000	01	V	0089		Fundo em bolacha plano	1B			6	XLII
15771	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras		XXXVIII
15774	2000	01	V	0089		Fundo plano	1B			6.6	XLII
15776	2000	01	V	0089		I.A.1	1B	bordo		25.6	XXXIII
15781	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo			
15783	2000	01	V	0089		Fundo anelar	2			5.4	XLII
15784	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	17.6	XXXIX
15785	2000	01	V	0089		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	18.4	XXXIX
15787	2000	01	V	0089		ind.	1B	bordo			
15788	2000	01	V	0089		I.A.3	1B	bordo		23.2	XXXV
2056=208	2000	01	V	0089		ind.	2	bordo		18.6	XXXIII
3470	2001	01,1	V	0090 - Estrato de derrube ou entulhamento sobre f82. 83l	a norte dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo			
3471	2001	01	V	0090 - Estrato de derrube ou entulhamento sobre f82. 83l		asa	1C				
3473	2001	01,1	V	0090 - Estrato de derrube ou entulhamento sobre f82. 83l		I.A.1	1A	bordo	2 fraamentos		
14827	2003	01	V	0091 - Estrutura de apoio no int. do comp. 31.sob f88l, apoiando f89l	Estrutura compartimento 31	ind.	1A	bordo			
14828	2003	01	V	0091		ind.	1A	bordo			
2612	2002	01	V	0098 - Piso de argila sob f 80= 89=78 l no int. do comp. 31	piso do compartimento 31	ind.	1A	fundo			
3301	2001	01	V	0098		ind.	1A	bordo			
13347	2003	01	V	0098		ind.	1C	bordo			

2694	2001	01	V	0110 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f109l	área a norte do comoartimento 31	ind.	1A	bordo			
2695	2001	01	V	0110		ind.	1A	bordo			
2988	2001	01	V	0110		II.2	1A	bordo	22	XLIX	
2989	2001	01	V	0110		I.A.1	1A	bordo			
2991	2001	01	V	0110		I.A.1	1A	bordo			
3073	2001	01	V	0110		Fundo em bolacha concavo	1B	fundo	5.8	XLIX	
3077	2001	01	V	0110		III	1A	bordo			
3372	2001	01.1	V	0112 - Piso de arçilla / solo de habitat sob f72 / 93, 71/94l	área a norte e nordeste dos comp. 32 e 33	IB	1A	bordo			
3379	2001	01.1	V	0112		I.A.1	1A	bordo			
3508	2001	01.1	V	0112		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo	5.2	XLVII	
3515	2001	01.1	V	0112		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo/boio	20	XLVII	
3521	2001	01.1	V	0112		II.5.a	1A	bordo/carena			
3522	2001	01.1	V	0112		Fundo plano	1A	fundo			
3523	2001	01.1	V	0112		I.A.2a	1A	bordo			
3526	2001	01.1	V	0112		I.A.1	1A	bordo			
3527	2001	01.1	V	0112		I.A.2a	1A	bordo			
3529	2001	01.1	V	0112		I.A.1	1A	bordo			
3530	2001	01.1	V	0112		I.A.1	1A	bordo			
3532	2001	01.1	V	0112		I.A.2a	1A	bordo			
4159	2001	01	V	0118 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f117 / 110l. cortada por f116l	área a norte do compartimento 31	IB	1A	bordo			
4641	2001	01	V	0118		ind.	1A	bordo			
3344	2001	01	V	0119 - Enchimento da fossa f120l	área a norte do compartimento 31	I.A.2a	1B	bordo	2 fragmentos	16	XLIX
4716	2001	01	V	0119		I.A.1	1A	bordo	Grafito na superfície in	20	XLIX
2410	2001	01.1	V	0126 - Estrato de derrube ou entulhamento sob f97. 112. 127l. com grande quant. de conchas	área a norte e nordeste dos comp. 32 e 33	ind.	1A	bordo			
3013	2001	01.1	V	0126		IV.A.2	1A	bordo		26	XLVII
3021	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
3022	2001	01.1	V	0126		ind.	1B	bordo			
3034	2001	01.1	V	0126		I.A.2b	1A	bordo		28	XLVII
3035	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
4020	2001	01.1	V	0126		I.A.5	1B	bordo	3 fragmentos	23	XLVII
4034	2001	01.1	V	0126		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo			
4036	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
4045	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
4046	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
4048	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
4190	2001	01.1	V	0126		I.A.1	1A	bordo			
3265	2001	01	V	0129 - Estrato de nivelamento/preparação de pisos sob f98l entre estruturas f128l e f91/ 95l	construção do compartimento 31	I.A.1	1A	bordo			
3268	2001	01	V	0129		I.A.1	1A	bordo			
4791	2001	01	V	0129		ind.	1A	bordo			
4794	2001	01	V	0129		IB	1A	bordo	3fragmentos		
4797	2001	01	V	0129		I.A.1	1A	bordo			
3256	2001	01	V	0133 - Estrato de nivelamento/preparação de pisos sob piso f98l a SE de f128l	preparação de piso comp. 31	I.A.1	1A	bordo			
2454	2001	01	V	0139 - Enchimento da fossa f142l que corta f133- todo da fossa l	preparação de piso comp. 31	I.A.1	1A	bordo			
3319	2001	01	V	0139		I.A.1	1A	bordo			
3551	2001	01	V	0139		I.A.1	1A	bordo			
4263	2001	01	V	0139		IB	1A	bordo		20	XXX
1755	2001	01	V	0140 - Piso de arçilla/solo de habitat sob f129l entre f128l e f91/ 95l	piso do compartimento 31	IB	1A	bordo			
3763	2001	01	V	0140		IB	1C	bordo			
4435	2001	01	V	0140		IB	1C	bordo			XXX
2366	2001	01	V	0143 - Piso com laçes sob f133l. cortado por f142l	piso comoartimento 31	I.A.1	1A	bordo			
2367	2001	01	V	0143		ind.	1A	bordo			
2987	2001	01	V	0143		ind.	1A	fundo/boio			
2990	2001	01	V	0143		I.A.2a	1A	bordo			
4093	2001	01	V	0143		I.A.1	1A	bordo		22	
4388	2001	01	V	0143		I.A.1	1A	bordo			
4694	2001	01	V	0143		Fundo plano	1A	fundo			
4696	2001	01	V	0143		I.A.1	1A	bordo			
4697	2001	01	V	0143		ind.	1A	bordo			
4198	2001	01	V	0150		I.A.1	1A	bordo			
3437	2001	01	V	0152 - Estrato de nivelamento/preparação de pisos sob f140l de arçilas avermelhadas =f154l	comp. 31	I.A.1	1A	bordo			
2361	2001	01	V	0173 - Estrato de derrube ou entulhamento sobre f134l(estrutura)	construção do compartimento 31	I.A.1	1A	bordo			
2948	2001	01	V	0187 - Estrato de derrube ou entulhamento sobre f79l com cinzas		ind.	1A	bordo			
5002	2002	01	V	0401 - Placa de "silo" cortada por fossa f382l. que encosta a estrutura f409l		I.A.1/ fundo bolacha concavo	1B	perf.comp.	Três caneluras na sup	20	XLIX
5003	2002	01	V	0401		I.A.5	1B	bordo/boio	Três caneluras na suc	20	
5095	2002	01	V	0435 - Enchimento de fossa f436l	enchimento de fossa f436l no comp. 28	IND.	1A	bordo			
5099	2002	01	V	0435		I.A.2a	1A	bordo		22	XLVI
8792	2002	01	V	0439 - Estrutura do comp. 28. perpendicular a f474l	Estrutura do comp. 28	II.1	1A	bordo		24	XLVI
5709	2002	01	V	0443 - Estrato de derrube/entulhamento sob f421l cortado a Norte por f436l	Este da entrada do comp. 28	I.A.2a	1A	bordo		18	
8620	2002	01	V	0459 - Estrato de entulhamento sob f446l de terra solta com fauna malacológica a este de f438l	Estrutura do comp. 28	I.A.2a	1A	bordo			
7210	2002	01	V	0471 - Estrutura do comp. 28. NW/ SE sob f447l	Piso de arçilla do comp. 28	III	1A	bordo	Com perfuração		
5348	2002	01	V	0474 - Piso de arçilla do comp. 28. sob f426l cortado por f472l	boio/fundo em bolacha plano canelado'	Fundo em bolacha plano canelado'	1A	fundo/boio		11	XLVI
5194	2002	01	V	0475 - Estrato de derrude e/ou aterro. cuio todo foi usado como solo de utilização sob f453l	acumulação de cinzas a SW do comp. 31	Fundo anelar	1A	fundo/boio	Três caneluras na sup	7	XLIX
9007	2002	01	V	0477 - Acumulação de cinzas cortado pela fundação a E e fossa f382l a W	comp. 28	V.B	1C	bordo		16	
5203	2002	01	V	0479 - Resto de piso esbranquiado do comp. 28 sob piso f474l		ind.	1A	bordo	2 fragmentos	11	
5210	2002	01	V	0494 - Estrutura sem orientação definida. sob f360l. adoja a f484l		I.A.2a	1A	bordo			
5211	2002	01	V	0494		ind.	1A	bordo			
13686	2002	01	V	0496 - Estrutura E/O do comp. 29. cortada a E por f382l.	compartimento 29	ind.	1A	bordo			
9068	2002	01	V	0497 - Enchimento da vala de fundação 525 da est.496. sob f360/f477l	estrutur na sentido W/E entre área 30 e comp. 31	ind.	1A	bordo			
8316	2002	01	V	0504 - Estrutura no sentido W/E entre área 30 e comp. 31. sob f360l e f88l		Fundo plano	1A	fundo		7.8	XXX
14866	2003	01	V	0504		IND.	1A	bordo			
8871	2002	01	V	0517 - Estrato de derrube pedras sob f482l (parcialmente. e sob f434l)	área entre comoartimentos 28. 29 e 32	IND.	1A	bordo			
9055	2002	01	V	0517		Fundo plano	1A	fundo			
5851	2002	01	V	0528 - Piso esbranquiado do comp. 28 sob o piso f511l	Piso esbranquiado do comp. 28	IV.A.3	1A	bordo		26	XLVI
9072	2002	01	V	0538 - Estrato de derrube/ entulhamento. solto, com muitos carvões. sob derrube f517l	Este da entrada do comp. 28	I.A.1	1C	bordo			
14867	2003	01	V	0544/0098 - Estrato de enrocamento do piso f98l no int. do comp. 31	compartimento 31	I.A.2b	1A	bordo	3 fragmentos	20	XXXI
7059	2002	01	V	0545 - Estrato de acumulação de conchas. sob piso f479l e f474l	entulhamento anterior à const. Comp. 28	I.A.1	1C	bordo			
7062	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo		21	XLVI
7079	2002	01	V	0545		I.A.2a	1A	bordo			
7080	2002	01	V	0545		Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
7083	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
7089	2002	01	V	0545		Fundo plano	1A	fundo			
7091	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
7092	2002	01	V	0545		IND.	1A	bordo			
7093	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
7094	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
7096	2002	01	V	0545		Fundo em bolacha concavo	1A	fundo		6.2	XLVI
7213	2002	01	V	0545		I.A.2a	1A	bordo			
7243	2002	01	V	0545		Fundo anelar	1A	fundo			



8055	2002	01	V	0545		I.A.3	1A	bordo			
8055	2002	01	V	0545		I.A.3	1A	bordo			
8056	2002	01	V	0545		I.A.2a	1A	bordo			
8068	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
8070	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
8071	2002	01	V	0545		I.A.2a	1A	bordo			
8582	2002	01	V	0545		IB	1A	bordo			
8940	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
8941	2002	01	V	0545		I.A.1	1A	bordo			
8945	2002	01	V	0545	Estrato de nivelamento/preparação dos pisos [511] e [528] do comp. 28.	ind.	1A	bordo		20	XLVI
9023	2002	01	V	0546		I.A.3	1A	bordo			
9029	2002	01	V	0546		IND.	1A	bordo			
9082	2002	01	V	0555 - Estrato de derrube/entulhamento sob [521] e sobre [47] com vestíais de combustão	comp. 31	IND.	1A	bordo			
9062	2002	01	V	0555		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	20	XXXI
9063	2002	01	V	0555		I.A.5	2	bordo	3 caneluras	20	XXXI
8807	2002	01	V	0556 - Estrato de derrube/aterro cujo topo foi usado como solo de ocupação, sob [425] e [423] a sul da estrutura [425]	aterro cujo topo foi solo na área entre comp. 28, 29 e 30	Fundo em bolacha plano	1A	fundo		6,1	L
8807	2002	01	V	0556 - Estrutura do comp. 28 no sentido S/N (MT 33) que encosta a [471]	Estrutura do comp. 28	ind.	1A	bordo			
7936	2002	01	V	0571 - Estrato de piso sob [518], sob derrube [572]. igual a [571]	compartimento 29	I.A.1	1A	bordo			
7748	2002	01	V	0577 - Estrato de derrube de pedras sob [495]	entre compartimentos 28 e 29	ind.	1A	bordo	pintada em bandas		
7764	2002	01	V	0577		ind.	1A	bordo			
7765	2002	01	V	0577		I.A.1	1A	bordo			
7839	2002	01	V	0577		ind.	1A	bordo			
8078	2002	01	V	0577		Fundo em bolacha	1A	fundo			
8148	2002	01	V	0577		I.A.1	1B	bordo			
8149	2002	01	V	0577		I.A.2a	1A	bordo			
8151	2002	01	V	0577		I.A.2a	1A	bordo			
8142	2002	01	V	0588 - Piso sob [571], a W da fundação	compartimento 29	ind.	1B	fundo			
8143	2002	01	V	0588		IND.	1A	bordo			
7948	2002	01	V	0591 - aterro cujo topo serviu solo de utilização, sob [524], encosta a [586], cortado por fundação e por [382]		I.A.5	2	bordo			
8282	2002	01	V	0592 - Piso sob [555] apoia-se a estrutura [47] e [569]	piso do compartimento 31	Ind.	1A	bordo			
7659	2002	01	V	0593 - Derrube/ entulhamento sob [542]	Este da entrada do comp. 28	I.A.1	1A	bordo			
7675	2002	01	V	0593		I.A.2a	1A	bordo			
13248	2003	01	V	0603 - Estrato de derrube/entulhamento sob [596]	estrato de nivelamento do comp. 29	ind.	1A	bordo		18	
12140	2003	01	V	0605 - Estrato de aterro / derrube sob [617]	área entre comp. 28, 29 e 32	IV.B.2	1A	bordo		28	L
12145	2003	01	V	0605		Fundo Plano	1A	fundo			
12146	2003	01	V	0605		Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
12147	2003	01	V	0605		IB	1A	bordo			
12148	2003	01	V	0605		ind.	1A	bordo			
7957	2002	01	V	0609 - Estrato de piso sob [557] e [526]	estrato de aterro/ derrube entre comp. 28, 29 e 31	ind.	1B	bordo			
7036	2002	01	V	0614 - Estrutura de pedra e taipa sob [576], no alinhamento de [613]	estrutura a Este do comp. 28	I.A.1	1A	bordo			
12518	2003	01	V	0616 - Estrato aterro/ derrube, igual a [626,627,628], sob [570]	área entre compartimentos 28, 29 e 32	I.A.1	1B	bordo		21	L
12519	2003	01	V	0616		I.A.1	1B	bordo	duas perfurações		L
13137	2003	01	V	0616		I.A.1	1A	bordo			L
15206	2003	01	V	0616		I.A.1	1B	bordo			
15207	2003	01	V	0616		I.A.1	1A	bordo			
7258	2002	01	V	0618 - Estrato de ocupação com pesos de rede, sob [595]	Este do comp. 28	ind.	1A	bordo		16	
7908	2002	01	V	0624 - Estrato de piso com carvões sob [618] e [623]	área entre compartimentos 28, 29 e 32	I.A.2a	1A	bordo			
7909	2002	01	V	0624		I.A.2a	1A	bordo			
7910	2002	01	V	0624		I.A.1	1A	bordo			
7911	2002	01	V	0624		IB	1A	bordo		22	L
7920	2002	01	V	0624		ind.	1A	boio			
14658	2003	01	V	0627 - Estrato aterro/ derrube sob [547]. = [616,626,628]	atentre compartimentos 28, 29 e 32	I.A.1	1A	bordo			
14659	2003	01	V	0627		I.A.1	1A	bordo			
12422	2003	01	V	0638 - Acumulação de detritos sob [593] e sobre est. [637]	área entre compartimentos 28, 29 e 32	Fundo Plano	1A	fundo			
12752	2003	01	V	0641 - Estrato de aterro sob [360], cortado por fundação	Este da entrada do comp. 28	I.A.3	1A	bordo		20	XLVI
12607	2003	01	V	0647 - Piso sob [584/625] a este de [490] e a sul de [523]	na área entre comp. 28, 29 e 32	II.4b	1B	bordo		22	LI
12608	2003	01	V	0647		I.A.1	1A	bordo			
10598	2003	01	V	0649 - Estrato aterro/derrube, sob [570], cortado e a este da fundação	entre comp. 28, 29 e 32	I.A.1	1A	bordo	2 fraementos		
10600	2003	01	V	0649		Ind.	1A	bordo			
13158	2003	01	V	0649		IB	1A	bordo			
12479	2003	01	V	0650 - Piso sob [73]no interior do comp. 32	compartimento 32	I.A.1	1A	bordo			
11878	2003	01	V	0653 - Estrato sob [651], junto à est. [450]	comp. 28, 29 e 32	ind.	1A	bordo			diâm. Ind.
12716	2003	01	V	0655 - Camada de pedras sob [627] e [648]	área entre compartimentos 28, 29 e 32	IB	1A	bordo			
12616	2003	01	V	0658 - Estrato aterro/derrube com pedras sob [570/619/543/652]	entre comp. 28, 29 e 32	I.A.1	1A	bordo			
26222	2003	01	V	0658		I.A.2a	1A	bordo			
12623	2003	01	V	0658		I.A.1	1B	bordo			
11847	2003	01	V	0659 - Camada de cinzas sob [650]	compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo			
11725	2003	01	V	0669 - Camada entulhamento no int. comp. 32, sobre [679]	compartimento 32	IB	1A	bordo			
13046	2003	01	V	0669		I.A.1	1B	perf.comp.	4 caneluras na sup. ex	30	XLIII
30395	2003	01	V	0669		I.A.5	2	bordo	2 perfurações/ 2 canel	24	XLIII
15283	2003	01	V	0677 - Camada sob [360], que encosta à est. [678]	compartimento 32	I.A.2a	2	bordo		22	XLIV
10432	2003	01	V	0679 - Entulhamento com resto de piso sob [669] no int. comp. 32	compartimento 32	II.3	1A	bordo		26	XLIV
12536	2003	01	V	0679		Fundo anelar	1A	fundo		7	XLIII
12544	2003	01	V	0679		I.A.2a	1A	bordo			
12545	2003	01	V	0679		I.A.2a	1A	bordo			
12546	2003	01	V	0679		I.A.1	1A	bordo			
12548	2003	01	V	0679		ind.	1A	bordo			
12574	2003	01	V	0679		Fundo em bolacha	1A	bordo	Três caneluras na sup. ext.		
13705	2003	01	V	0679		I.A.1	1A	bordo			
12196	2003	01	V	0680 - Estrato de derrube sob [670], no interior da área 20		I.A.5	2	bordo	Três caneluras/ 2 perf	22	
10417	2003	01	V	0682/683 - Camada de aterro /derrube sob [666/663/657] que encosta a [505] = a [683]	entre comp. 28, 29 e 32	I.A.2a	2	bordo			
10418	2003	01	V	0682/683		I.A.5	1A	bordo			
10419	2003	01	V	0682/683		I.A.2a	1A	bordo			
10420	2003	01	V	0682/683		I.A.1	1A	bordo			
10421	2003	01	V	0682/683		I.A.2a	1A	bordo			
10422	2003	01	V	0682/683		ind.	1A	bordo			
13802	2003	01	V	0682/683		Fundo em bolacha plano	1A	fundo		9	L
14555	2003	01	V	0684 - Camada de derrube sob [660]		IB	1A	bordo			
11014	2003	01	V	0689 - Camada sob [677/681/654] que encosta a [450]	compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo			
11023	2003	01	V	0689		I.A.2a	1B	bordo		22	XLIII
11023	2003	01	V	0689		I.A.2a	1A	bordo		20	XLIV
10341	2003	01	V	0691 - Estrato de derrube/aterro = [716], sob [674] e [544].	preparação de pisos do comp. 31	I.A.1	1B	bordo		19	XXX
13279	2003	01	V	0696		Fundo Plano	1A	fundo			
11843	2003	01	V	0699 - Estrato de derrube na área exterior dos Comp. 28 e 29, sob [610], encosta a norte à est. [698].	área entre compartimentos 28 e 29	ind.	1A	bordo			
12972	2003	01	V	0704 - Camada sob [689], que encosta à est. [701] e [705]	entre comp. 28, 29 e 32	I.A.2a	1A	bordo	oatada		
12974	2003	01	V	0704		I.A.1	1A	bordo			
11940	2003	01	V	0707 - Camada de incêndio da área 30, sob [680].	área 30	I.A.2a	1A	bordo			
11941	2003	01	V	0707		I.A.1	1A	bordo			XXX



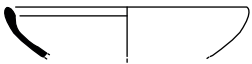





11943	2003	01	V	0707			Ind.	1A	bordo			
12004	2003	01	V	0716 - Estrato de derrube/aterro = f6911.		preparação de pisos do comp. 31	I.A.3	1A	bordo		14	XXX
12005	2003	01	V	0716			I.A.2a	1A	bordo			
12006	2003	01	V	0716			I.A.1	1A	bordo			
12007	2003	01	V	0716			ind.	1A	bordo			
12008	2003	01	V	0716			ind.	1C	bordo			
13267	2003	01	V	0730 - Estrato de nivelamento/preparação do piso f687f - Igual a f730f		preparação do piso do comp. 29	I.A.1	1A	bordo			
12693	2003	01	V	0732 - Piso branco sob f691, piso 725 e est. 718f			I.A.1	1A	bordo			
15356	2003	01	V	0732			ind.	1A	fundo			
14632	2003	01	V	0733 - Camada sob f726/f689f, entre a est. f705/f706f		compartimento 32	IB	1A	bordo		20	XLIV
14633	2003	01	V	0733			II.1	1A	bordo			XLIV
14634	2003	01	V	0733			I.A.2a	1A	bordo			XLIV
14635	2003	01	V	0733			I.A.2a	1A	bordo			
12394	2003	01	V	0741 - Estrato de aterro sob f639f e f638f		área entre compartimentos 28, 29 e 32	I.A.2a	1A	bordo			
12746	2003	01	V	0766 - Enchimento da fossa f883f, sob f682=683f		entre comp. 28, 29 e 32	ind.	1A	bordo		14	
12906	2003	01	V	0766			Fundo Plano	1A	fundo			
12907	2003	01	V	0766			Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
12912	2003	01	V	0766			IB	1A	bordo	2 fraamentos		LII
12979	2003	01	V	0766			I.A.1	1A	bordo			
13033	2003	01	V	0766			ind.	1A	bordo			
13040	2003	01	V	0766			IB	1A	bordo			
13491	2003	01	V	0766			I.A.4	1A	bordo			LII
13492	2003	01	V	0766			I.A.1	1A	bordo		20	LI
13493	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo			
13494	2003	01	V	0766			I.A.4	1A	bordo			LII
13495	2003	01	V	0766			I.A.4	1A	bordo			
13496	2003	01	V	0766			ind.	1A	bordo			
13497	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo	gatada		
13498	2003	01	V	0766			I.A.1	1B	bordo	2 caneluras	18	LI
13499	2003	01	V	0766			I.A.1	1A	bordo			
13500	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo		20	LI
13501	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo			
13502	2003	01	V	0766			ind.	1A	bordo			
13503	2003	01	V	0766			IB	1A	bordo			
13504	2003	01	V	0766			Fundo Plano	1A	boio			
13505	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo			
13506	2003	01	V	0766			carena ind	1A	boio/carena			
13507	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo			
13508	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo		20	LI
13510	2003	01	V	0766			II.5c	1A	bordo		22	LII
13511	2003	01	V	0766			IV.B.2	1A	bordo		34	LII
13512	2003	01	V	0766			Fundo Plano	1A	fundo			
13513	2003	01	V	0766			Fundo em bolacha concavo	1C	fundo		8.7	LII
13515	2003	01	V	0766			Fundo em bolacha plano	1A	fundo			
13516	2003	01	V	0766			IB	1A	bordo	Com perfuração		
13517	2003	01	V	0766			I.A.1	1A	bordo			
13518	2003	01	V	0766			I.A.1	1A	bordo			
13519	2003	01	V	0766			IB	1A	bordo			
13520	2003	01	V	0766			I.A.5	1B	bordo	2 caneluras	26	LI
13521	2003	01	V	0766			I.A.2a	1A	bordo			
13758	2003	01	V	0766			I.A.3	1A	bordo		25	LI
10617	2003	01	V	0816 - Camada de aterro sob 690/ 739. 682=683. 723		comp. 28, 29 e 32	I.A.1	1A	bordo			
10618	2003	01	V	0816			III	1A	bordo			
10619	2003	01	V	0816			Fundo Plano	1A	fundo			
13698	2003	01	V	0816			II.2	1A	bordo		34	
10710	2003	01	V	0843 - Estrato de aterro/derrube, sobre área ext. dos Comp. 21 e 26, sob f7711.		anterior à construção do comp. 29	ind.	1A	bordo			
10560	2003	01	V	0855 - Derrube encostado à est. f854f, sob f844f (área antiga)			Fundo Plano	1A	fundo			
10561	2003	01	V	0855			Fundo Plano	1A	fundo			
10562	2003	01	V	0855			ind.	1A	fundo			
10563	2003	01	V	0855			Fundo plano	1C	fundo			
10565	2003	01	V	0855			I.A.1	1C	bordo			
11098	2003	01	V	0915 - Estrato de aterro/entulhamento, sob 902.			I.A.1/ fundo anelar	1B	perf.comp.		12	XLIV
10932	2003	01	V	1045 - Estrutura NE-SO, sob f360f, sobre (?) f863f		Estrutura no interior do comp. 32	I.A.2a	1A	bordo			
10933	2003	01	V	1045			I.A.1	1C	bordo			
10934	2003	01	V	1045			I.A.1	1C	bordo		23	XLIII
241	2000	01.1	VI	0024 - Estrato de preparação/nivelamento do piso f23f, igual a f106f			Fundo anelar	1A	fundo		4.8	LIV
727	2000	01.1	VI	0033 - Estrato de derrube e/ou aterro, cujo topo foi posterior solo de utilização, sob muro de fecho da muralha f7f			I.A.1	1B	bordo		16	LIV
1043	2000	01.1	VI	0038 - Estrato de derrube ou entulhamento, sob f33f que se sobrepõe parcialmente a estrutura f37f			Fundo plano	1A	fundo			
1409	2000	01.1	VI	0042 - Estrato de derrube ou entulhamento, sob a f38f que se apoia a f8f f9f			Fundo plano	1A	fundo			
3766	2001	01	VI	0266 - Estrato de derrube / aterro cujo topo foi posterior solo de ocupação			II.1	1A	bordo			
7793	2002	01	VI	0375 - Estrutura de época romana no sentido E/O, na área SW do Sector 1			II.2	1A	bordo	aatada	32	LIV
5516	2002	01	VI	0386 - Estrato do derrube, cortado por f384f			I.A.1	1A	bordo			
9006	2002	01	VI	0402 - Estrato de derrube sob f390f, que encosta a 374, estrtura de época romano			I.A.1	1B	bordo/ bolos	6 fraamentos	19	LIV
15386	2003	01	VI	0405 - Estrutura com muro f372f			Fundo plano	1A	fundo			
8630	2002	01	VI	0421 - Estrato de derrube/entulhamento cujo topo foi usado como solo de utilização, sob f418f			ind.	1A	bordo			
9004	2002	01	VI	0422 - Estrato de derrube/entulhamento, encosta à estrutura f374f (= a f456f)			Fundo plano	1B	fundo		6.5	LIV
9005	2002	01	VI	0422			I.A.1	1A	bordo			
5198	2002	01	VI	0446 - Estrato de nivelamento/preparação de piso com carvões sob f431f			I.A.1	1A	bordo			
5201	2002	01	VI	0446			II.1	1A	bordo/bolo			
5207	2002	01	VI	0487 - Derrube de pedra a este da fundação sob f360f			ind.	1A	bordo			
13524	2003	01	VI	0489 - Estrutura no sentido NW/SE a este da fundação			I.A.2a	1A	bordo			
13525	2003	01	VI	0489			ind.	1A	fundo			
15347	2003	01	VI	0489			Fundo Plano	1B	fundo			
8429	2002	01	VI	0491 - Estrutura no sentido E/W sob f478f a este da fundação (perpendicular)			IND.	1A	bordo			
8280	2002	01	VI	0500 - Estrato de piso, associado à lareira f480f, cortado a E pela fundação			I.A.1	1B	bordo		diâm. Ind.	
7273	2002	01	VI	0506 - Estrato de derrube/entulhamento sob f487f a este da estrutura f505f, igual a f590f			ind.	1A	bordo			
7274	2002	01	VI	0506			I.A.1	2	bordo			
8074	2002	01	VI	0506			I.A.1	1A	bordo			
8076	2002	01	VI	0506			I.A.1	1A	bordo			
5464	2002	01	VI	0510 - Estrato de derrube/entulhamento sob f478f e f492f			Fundo anelar	1B	fundo		6	LIV
8932	2002	01	VI	0510			I.A.1	1A	bordo			
8734	2002	01	VI	0542 - Estrato de derrube/entulhamento que encosta a f538f sob f482f			I.A.2a	1A	bordo			
8735	2002	01	VI	0542			I.A.2a	1B	bordo			
8081	2002	01	VI	0564 - Estrato de aterro /derrube sob f500/f502f			fundo ind.	1A	fundo			
9092	2002	01	VI	0570 - Piso sob f500/f502f			ind.	1A	bordo			
9134	2002	01	VI	0570			ind.	1A	asa			
10862	2003	01	VI	0584 - Enchimento de fossa f645f = a f625f/ 646f			Fundo Plano	1A	fundo			
8433	2002	01	VI	0586 - Camada de derrube/aterro topo foi solo de utilização sob f524f, cortado por fund., por f382f e f525f			ind.	1B	bordo			

9059	2002	01	VI	0594 - Estrato de derrube/entulhamento na direcção do muro [405] sob [542]
1175	2000	01	VII	0048 - Estrato de nivelamento/preparação de pisos. a Oeste que encosta a [47]
1179	2000	01	VII	0048
2629	2001	01	VII	0109
2633	2001	01	VII	0109
3200	2001	01	VII	0109
3205	2001	01	VII	0109
9259	2002	01	VII	0360 -Estrato de entulhos que cobre toda a área intervencionada em 2002
9261	2002	01	VII	0360
9262	2002	01	VII	0360
9263	2002	01	VII	0360
9264	2002	01	VII	0360
9265	2002	01	VII	0360
9266	2002	01	VII	0360
9267	2002	01	VII	0360
9287	2002	01	VII	0360
3338	2001	01	VII	0382 - Fossa cheia por [385]. sob [360]
4945	2002	01	VII	0385 - Enchimento de fossa [382] MODERNO
7348	2002	01	VII	0385
9749	2002	01	VII	0385
9752	2002	01	VII	0385
9765	2002	01	VII	0385
9766	2002	01	VII	0385
9767	2002	01	VII	0385
9768	2002	01	VII	0385
9769	2002	01	VII	0385
9770	2002	01	VII	0385
15440	2003	01	VII	0450 - Estrutura perpendicular à fundação [406]
8162	2002	01	VII	0526 -Estrato de derrube ou aterro cuio topo posterior solo de utilização.
8165	2002	01	VII	0526
8182	2002	01	VII	0526
7679	2002	01	VII	0557 - Estrato de derrube/aterro cuio o topo foi usado como solo de utilização. a N. de [526] sob [360]
7680	2002	01	VII	0557
7686	2002	01	VII	0557
7801	2002	01	VII	Limp.
7810	2002	01	VII	Limp.
8256	2002	01	VII	Limp.
8474	2002	01	VII	Limp.
13221	2003	01	VII	Limp.
8484	2002	01	VII	suo
10187	2003	01	VII	suo
10191	2003	01	VII	suo
10192	2003	01	VII	suo
11994	2003	01	VII	suo
11995	2003	01	VII	suo
11996	2003	01	VII	suo
11998	2003	01	VII	suo
12402	2003	01	VII	suo
13592	2003	01	VII	suo
13593	2003	01	VII	suo
14721	2003	01	VII	suo


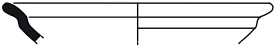
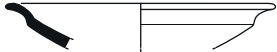
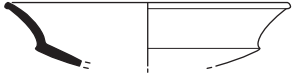
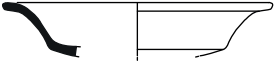

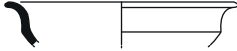

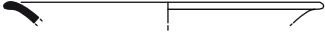


Ind.	1A	bordo		
Fundo em bolacha pequeno	1B	fundo		
I.A.1	2	bordo	Três caneluras s na sup. ext.	7 LVI
I.A.1	1A	bordo		
ind.	1A	bordo		
I.A.1	1B	bordo		20 LVI
I.A.2a	1C	bordo		
Ind.	1A	bordo		
I.A.1	1B	bordo		
I.A.1	1B	bordo		18 LVI
I.A.1	1C	bordo		
I.A.1	1B	bordo		20 LVI
I.A.1	1C	bordo		
Fundo plano peq.	1B	bordo		
I.A.2a	1A	fundo		
ind.	1C	bordo		
Fundo plano		fundo		
ind.	1B	bordo		
IV.A.2?	1B	bordo		13 LVI
I.A.2a	1C	bordo		26 LVII
IB	1B	bordo		
ind.	1B	bordo		24 LVI
Fundo em bolacha plano	1A	fundo		
I.A.2a	1C	bordo		26 LVII
ind.	1A	bordo		
IB	2	bordo		LVII
IB	1A	bordo		
I.A.1	1C	bordo	perfurações	
I.A.1	2	bordo		21 LVII
ind.	ind.	bordo		
I.A.1	1B	bordo		16 LVII
Fundo plano	1B	fundo		
I.A.1	1A	bordo		
Fundo pequeno em bolacha plano	1A	bordo		
I.A.1	2	bordo		
Ind.	1A	bordo		
I.A.1	1B	bordo		
Fundo em bolacha concavo	1A	fundo		
Fundo plano	1A	fundo		
I.A.1	1A	bordo		
ind.	1A	bordo		
I.A.1	1A	bordo		
II.5?	1A	bordo		22 LVII
I.A.1	1A	bordo		
I.A.1	1A	bordo		
ind.	1A	bordo		
ind.	1A	bordo		
ind.	1A	bordo		
Fundo plano	1A	fundo		
I.A.1/ fundo plano	1A	perf.comp.		22 LVII

NºInventário	Ano	Sector	UE	Ambiente	FASE	Compartimento	Forma	Fabrico	Fragmento	Observações	Desenho
153	1983	01	E 03	05	V	aterro/ entulhamento na área exterior dos comp. 32 e33	Fundo plano	1A	fundo		
150	1983	01	E 02	04	V	aterro/ entulhamento no comp. 33	Fundo bolacha concavo	1A	fundo		
160	1983	01	E 03	05	V	aterro/ entulhamento na área exterior dos comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
129	1983	01	E 03	04	V	nível de ocupação na área exterior dos comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
125	1983	01	E 03	04	V	nível de ocupação na área exterior dos comp. 32 e33	Fundo em bolacha concavo		fundo		
490	1986	01	D 03	05	V	derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.1	1B	bordo/fundo		XLVIII
472	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	Fundo plano canelado	1A	fundo		XLVIII
486	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	Fundo plano	1A	fundo		
463	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo		
471	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo		
476	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1B	bordo		XLVIII
483	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo		
470	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo		
461	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo		
467	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.1	1A	bordo		
462	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo		
478	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	Fundo plano	1A	fundo		
481	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo		
473	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1B	bordo		
480	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1B	bordo		
487	1985	01	D 03	05	V	Derrube de taipas na área exterior dos comp. 32 e 33	I.A.2a	1A	bordo		
2538	1983	01	E 03	05	V	aterro/ entulhamento na área exterior dos comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3606	1987	03	C 06	04	V	Derrube/ entulhamento	ind.	1A	fundo		
3610	1987	03	C 06	04	V	Derrube/ entulhamento	II.1	1A	bordo		LIII
3763	1983	01	E 03	05	V	aterro/ entulhamento na área exterior dos comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3789	1983	01	E 03	05	V	aterro/ entulhamento na área exterior dos comp. 32 e33	I.A.2a	1A	bordo		
3798	1987	02	A 01	02	V		I.A.2a	1A	bordo		LIII
3861	1986	01	D 04	05	V		ind.	1A	bordo		
3871	1986	01	D 04	04	V		Fundo plano	1A	fundo		
3877	1986	01	D 04	05	V		I.A.2a	1A	bordo		
3903	1986	01	E 02	04	V	aterro/ entulhamento no comp. 33	ind.	1B	bordo		
3912	1986	01	E 02	04	V	aterro/ entulhamento no comp. 33			bordo		
3926	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3937	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
3955	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3956	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3957	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
3958	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
3959	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
3960	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3962	1989	01	G 03	03	V	área a norte e nordeste dos comp. 32 e33	II.1	1A	bordo		
3970	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	Fundo plano	1A	fundo		XLVIII
3974	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	I.A.1	1A	bordo		
3980	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
3981	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	II.1	1A	bordo		
3982	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	II.1	1A	bordo		
3983	1984	01	G 03	03	V	aterro/ entulhamento na área exterior comp. 32 e33	ind.	1A	bordo		
4450	1983	01	F 03	04	V	Aterro/ entulhamento	Fundo em bolacha concavo	1A	fundo		XLVIII
4667	1985	01	D 03	05	V	Aterro/ entulhamento	I.A.2a	1A	bordo	qatada	
4700	1987	03	C 04	03	V	Aterro/ entulhamento	I.A.1	1B	bordo		
4816	1986	01	F 01	05	V	Aterro/ entulhamento	I.A.3	1A	bordo		
5132	1983	01	F 03	04	V	Aterro/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
5133	1983	01	F 03	04	V	Aterro/ entulhamento	Fundo ind.	1A	fundo		
5145	1986	01	E 03	05	V	Aterro/ entulhamento	II.1	1A	bordo		
5189	1983	01	F 03	04	V	Aterro/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
8075	1987	03	C 06	04	V	Aterro/ entulhamento	Fundo plano	1A	fundo	2 fragmentos	LIII
8076	1987	03	C 06	04	V	Aterro/ entulhamento	I.A.2a	1A	bordo	2 fragmentos	LIII
8550	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo		XLV
8544	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.2a	1C	bordo		XLV
8514	1987	03	D 02	06	V	Compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo		XLV
8515	1987	03	D 02	06	V	Compartimento 32	I.A.1	1A	bordo		
8516	1987	03	D 02	06	V	Compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo		XLV
8522	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo		XLV
8517	1987	03	D 02	06	V	Compartimento 32	II.3	1A	bordo/ fundo	perfil quase completo/ 2 perf	XLV
8524	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.2a	1A	bordo		XLV
8636	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.1	1A	bordo		
8637	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	ind.	1A	bordo		
8638	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.1	1A	bordo		

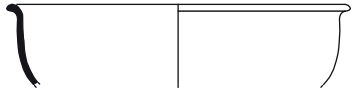
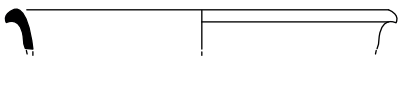
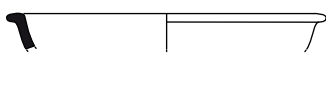
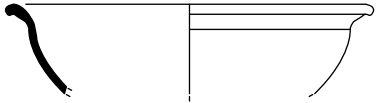
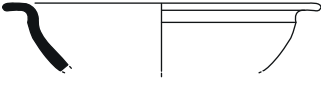
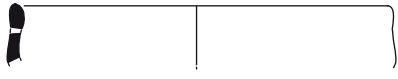
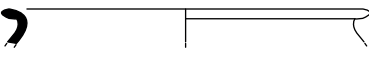





8647	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	Fundo em bolacha concavo	1A	fundo		XLV
8680	1985	01	E 01	04	V	Nível de ocupação no comp. 33	I.A.1	1B	bordo		XLVIII
8698	1985	01	E 01	06	V	derrube/ entulhamento no comp. 33	I.A.1	1A	bordo		
8718	1985	01	D 02	06	V	aterro/ entulhamento no compartimento 32	I.A.3	1A	bordo		
9217	1987	03	D 06	02	V	Nível de ocupação	I.A.1	1A	bordo		
9580	1987	03	D 05	02	V	Nível de ocupação	I.A.1 igual 12518	2	bordo		
2532	1987	02	C 06	02	VI	Nível de ocupação	IB	1B	bordo		
2537	1987	03	C 05	02	VI		II.1	1B	bordo		LV
3081	1987	03	B 06	02	VI	Derrube / entulhamento	Fundo anelar	1B	fundo		LV
3366	1983	01	E 03	03	VI	Aterro/ entulhamento	Fundo anelar	2?	fundo		
3389	1983	01	E 03	03	VI	Aterro/ entulhamento	Fundo anelar	1A	fundo		
4292	1986	01	E 02	03	VI	Aterro/ entulhamento	ind.	1A	bordo		
4297	1986	01	E 02	03	VI	Aterro/ entulhamento	V.A	1A	bordo		
4298	1986	01	E 02	03	VI	Aterro/ entulhamento	V.A	1B	bordo		LV
4477	1985	01	E 02	03	VI	Aterro/ entulhamento	ind	1A	bordo		
5010	1984	01	G 03	02	VI	Aterro/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
6966	1987	03	B 05	01	VI	Acumulação de detritos	II.1?	1B	bordo		
8451	1983	01	E 03	03	VI	Aterro/ entulhamento	Fundo plano	1A	fundo		
8945	1987	03	C 05	01	VI	Acumulação de detritos	I.A.1	1A	bordo		
9067	1987	03	D 04	03	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		LV
9076	1987	03	D 04	03	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1B	bordo	qatada	LV
9165	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.3?	1A	bordo		LV
9166	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
9167	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		LV
9169	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo	c/ perfuração	LV
9170	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
9174	1987	03	D 04	02	VI	Derrube/ entulhamento	Fundo bolacha concavo	1A	fundo		LV
469	1985	01	D 03	03	VII	Aterro/ entulhamento	II?	1A	bojo		LVII
474	1985	01	D 03	02	VII	Aterro/ entulhamento	I.A.1	1A	bordo		
9182	1987	03	D 04	01	VII	Derrube/ entulhamento	I.A.1	1B	bordo		LVII
2533	1987	01	C 04	01			I.A.1	1B	bordo		
2536	1987	01	C 05	03			I.A.2a	1B	bordo		
3293	83/89	----	----	sup.			ind.	1A	bordo		
3298	83/89	----	----	sup.			I.A.2a	1A	bordo		
3311	83/89	----	----	sup.			fundo bolacha concavo	1A	bordo		
3352	1983			sup.			fundo ind.	1A	fundo		

<div>Tigelas I</div>	<div>  <div>I.A.1</div> </div> <div>  <div>I.A.2a</div> </div> <div>  <div>I.A.2b</div> </div>
	<div>  <div>I.A.3</div> </div> <div>  <div>I.A.4</div> </div> <div>  <div>I.A.5</div> </div>
	<div>  <div>I.B</div> </div> <div>  </div>

Tipos de tigelas de cerâmica cinzenta de Castro Marim

<div>Taças Carenadas II</div>	<div>  <div>II.1</div> </div> <div>  <div>II.2</div> </div> <div>  <div>II.3</div> </div>
	<div>  <div>II.4a</div> </div> <div>  <div>II.4b</div> </div>
	<div>  <div>II.5a</div> </div> <div>  <div>II.5b</div> </div> <div>  <div>II.5c</div> </div>
<div>Pratos III</div>	<div>  <div>III</div> </div> <div>  <div>III.a</div> </div> <div>  </div>

Tipos de Taças Carenadas e Pratos de cerâmica cinzenta de Castro Marim

Grandes Recip. abertos IV	  		
	 		
	 		
Recip. fechados V	 		
Recip. fechados VI	  		

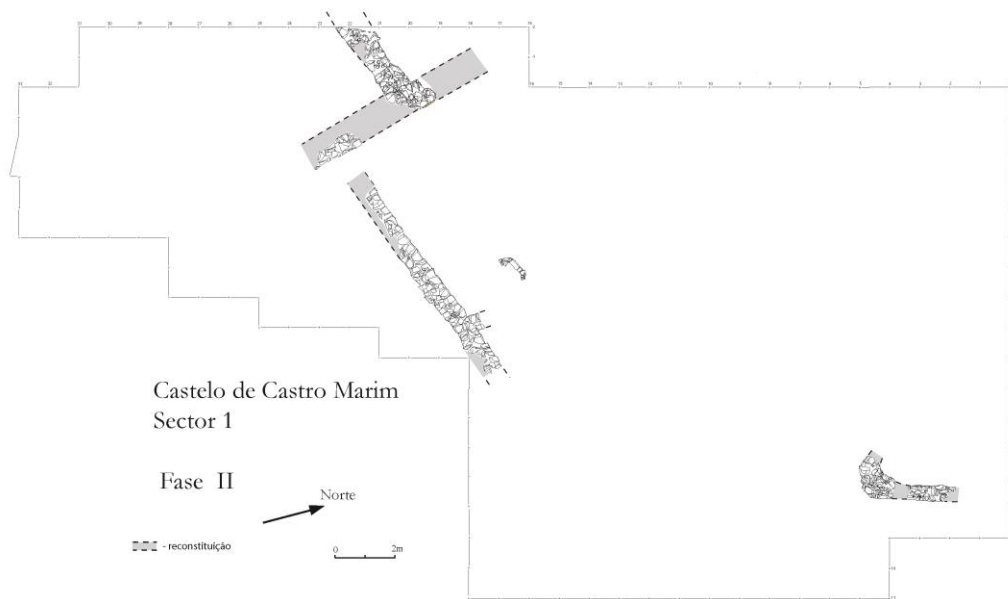
Grandes recipientes abertos e Recipientes fechados de cerâmica cinzenta de Castro Marim

		Fase II	Fase III	Fase IV	Fase V
Tigelas I	I.A.1				
	I.A.2a				
	I.A.2b				
	I.A.3				
	I.A.4				
	I.A.5				
	I.B				
Taças Carenadas II	II.1				
	II.1.a				
	II.2				
	II.3				
	II.4a				
	II.4b				
	II.5a				
	II.5b				
	II.5c				
Pratos III	III				
	III.a				
Grandes Recip. abertos IV	IV.A.1a				
	IV.A.1b				
	IV.A.1c				
	IV.A.2				
	IV.A.3				
	IV.B.1				
	IV.B.2				
Recip. fechados V	V.A				
	V.B				
Recip. fechados VI	VI.A				
	VI.B				
	VI.C				

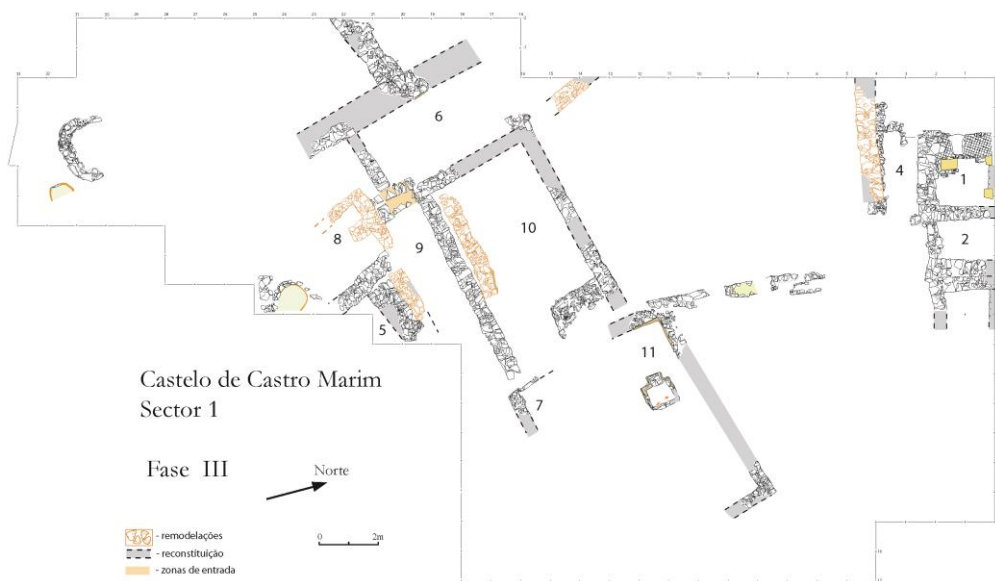
Distribuição dos tipos por fase



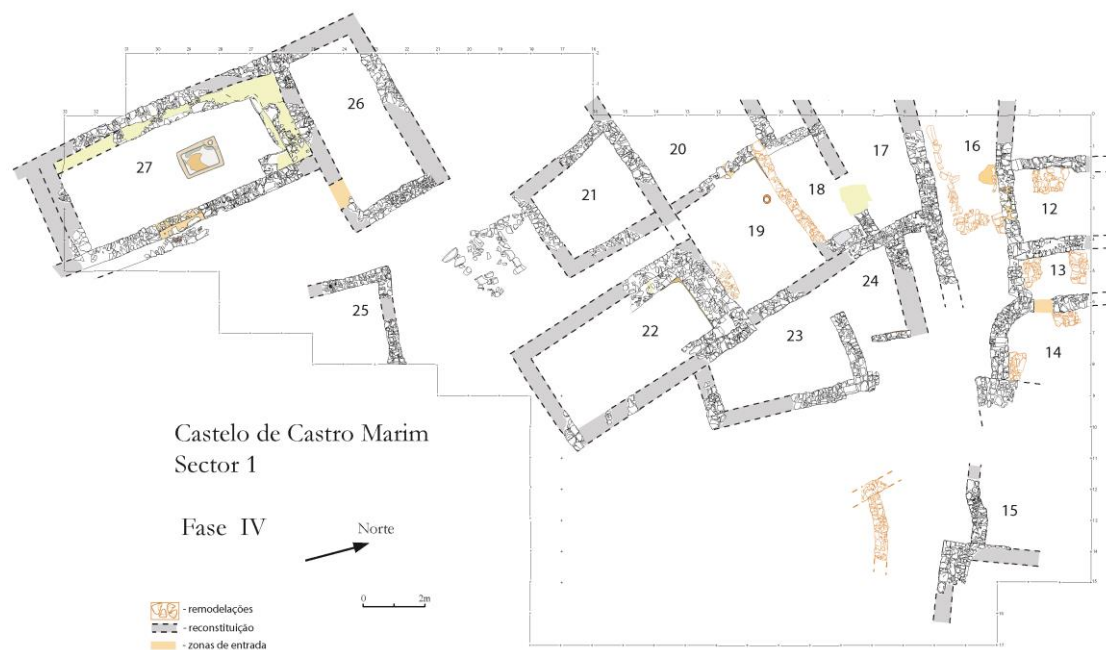
## **ANEXO II – IMAGENS E ESTAMPAS**



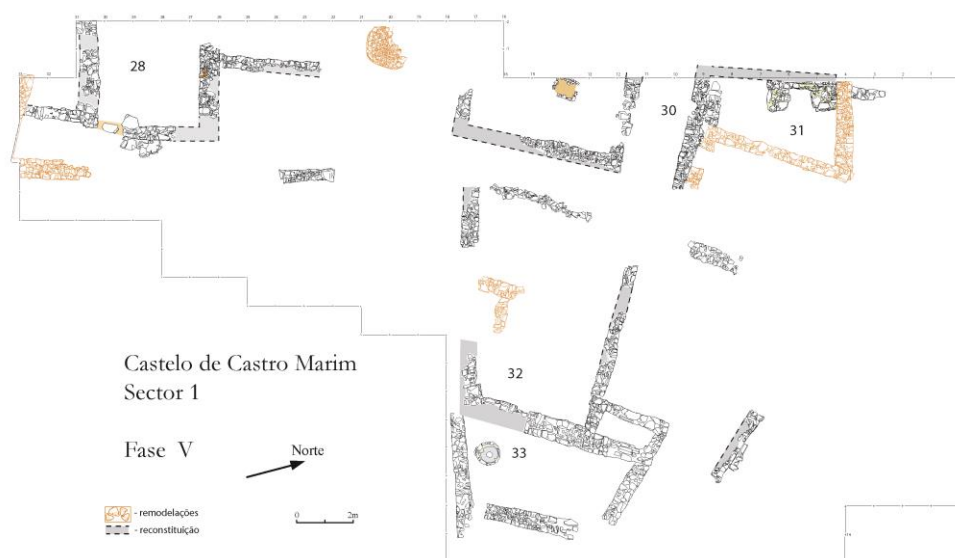
Fase II do Castelo de Castro Marim



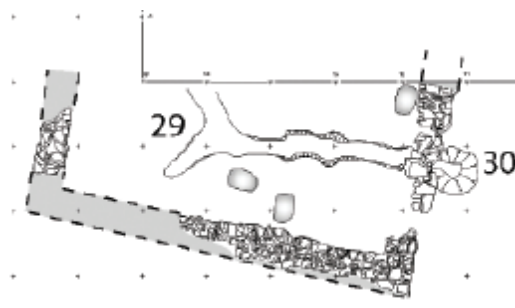
Fase III do Castelo de Castro Marim



Fase IV do Castelo de Castro Marim



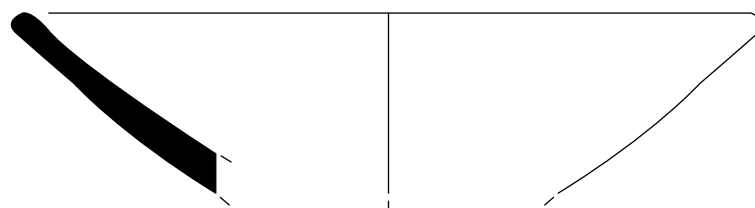
Fase V do Castelo de Castro Marim



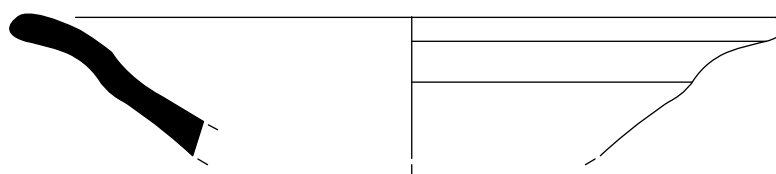
Níveis fundacionais do compartimento 29 da Fase V de Castro Marim



Depósito do compartimento 31 da Fase V de Castro Marim



C. M [218] 2546



C.M [226] 2911



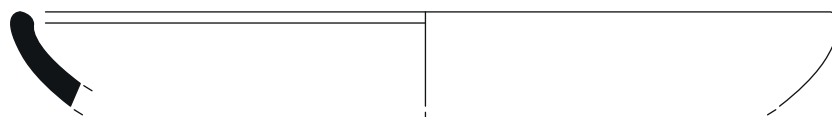
CM [226] 2927



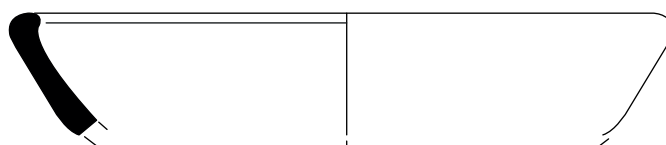
CM [226] 2927



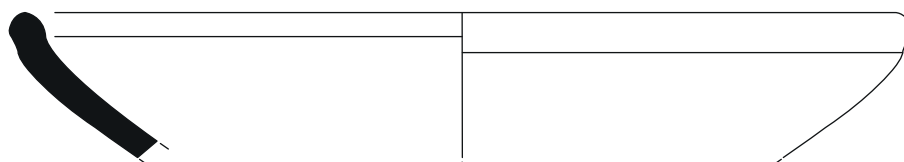
Estampa I -Cerâmica cinzenta da Fase II



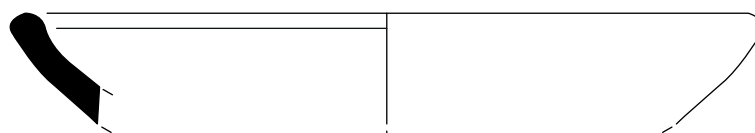
C.M [347] 11107



C.M. [132] 11114



CM [201] 4134



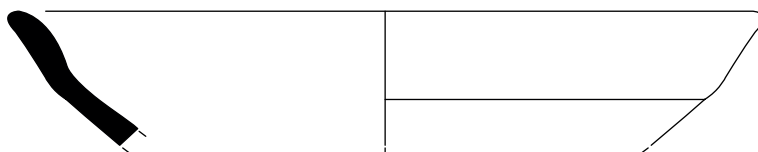
C.M [149] 4180



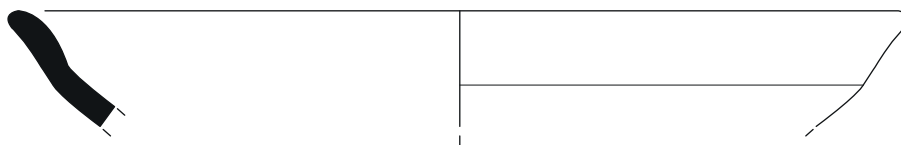
Estampa II - Compartimento 3 e Área entre comp. 3 e 11



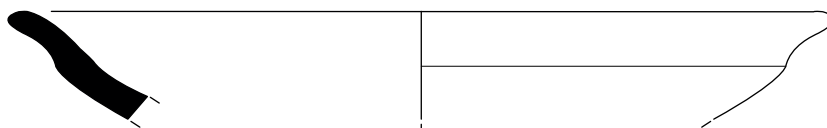
CM [1091] 11538



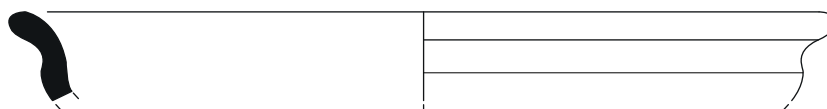
C.M [1091] 11536



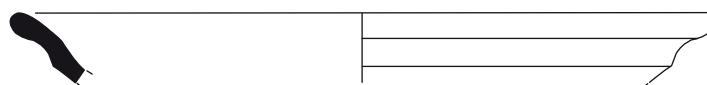
C.M [1128] 10925



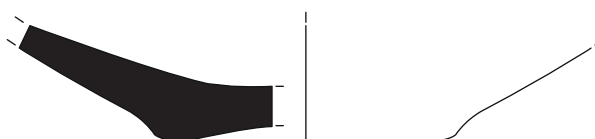
C.M [318] 3598



C.M [318] 3594

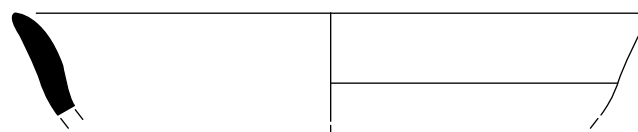


CM [1091] 11547

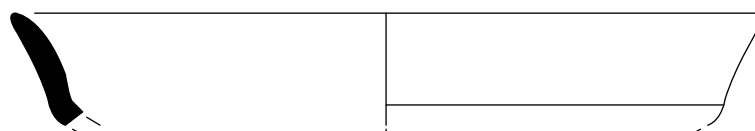


CM [337] 13356

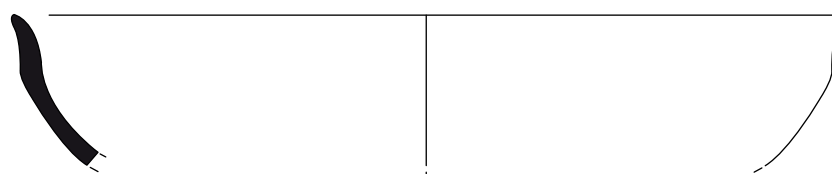




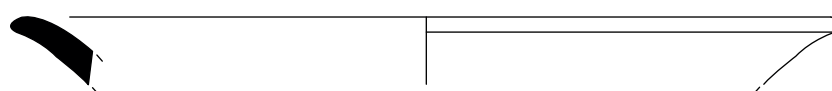
CM [290] 4766



CM [1091] 11551



CM [1264] 13809



CM03 [1091] 11555

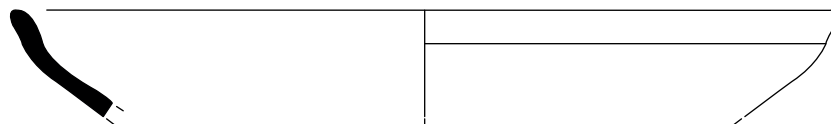


CM [337] 13356



Estampa IV - Compartimento 3 e Área entre comp. 4 e 10

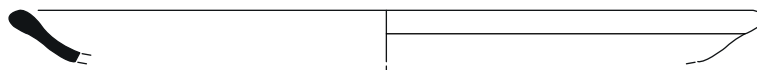




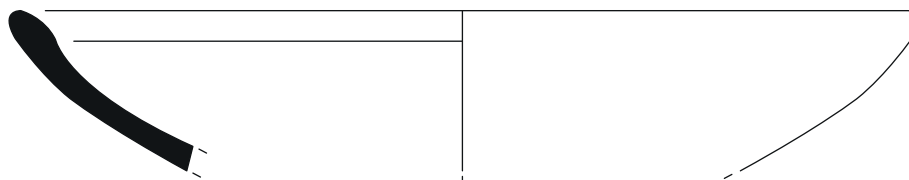
C.M.[1091]11540



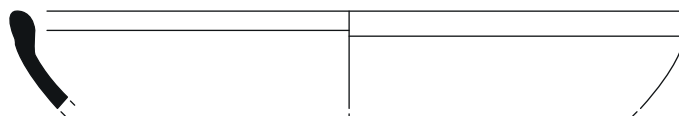
CM 03 [1264] 14586



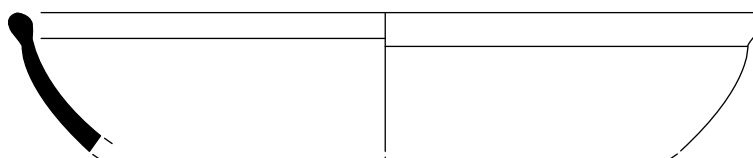
C. M. [1091] 11550



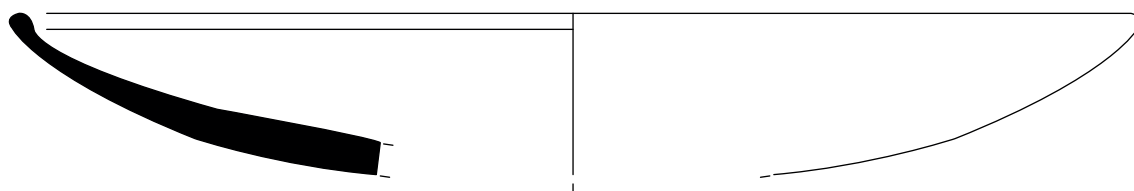
C. M [1145] 10899



C.M. [1091] 11544

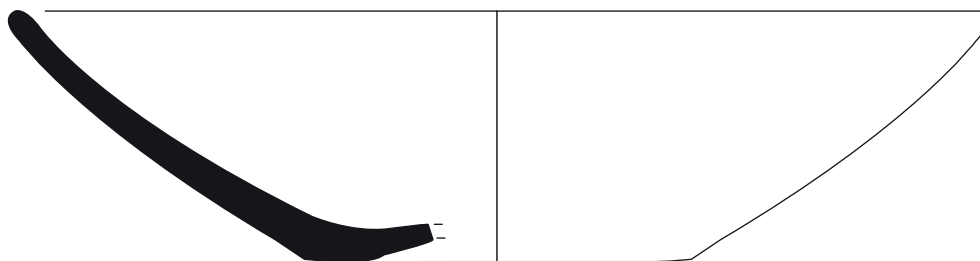


CM [1063] 12367

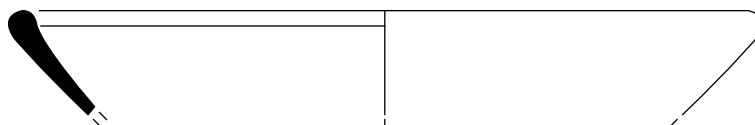


CM [1083] 14686





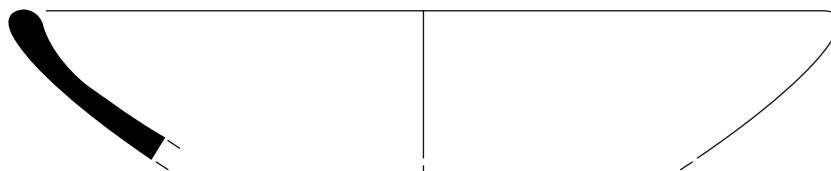
CM [926] 11045



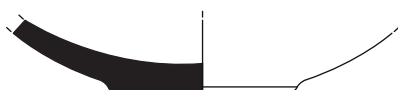
CM [998] 14406



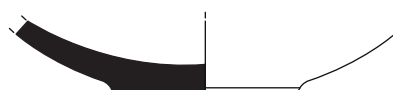
CM [998] 14410



CM [928] 11093



CM [874] 13699



CM [874] 13699



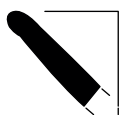
CM [998] 14970



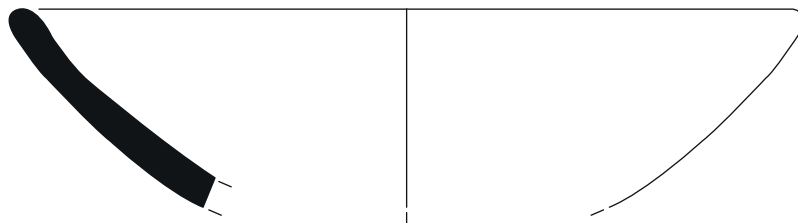
C.M. [975] 12286



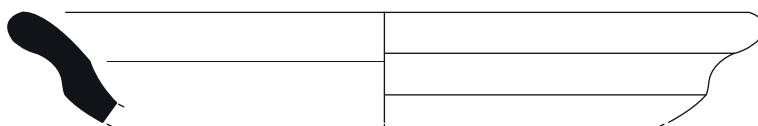
Estampa VI- Compartimentos 10 e 11  
zona Sul e SE do Sector 1



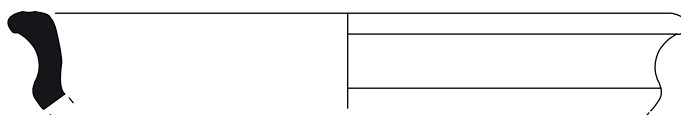
CM [909] 14482



CM [909] 14497



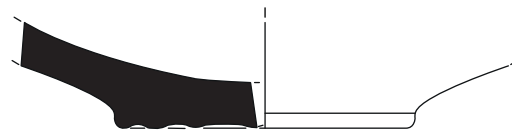
CM [851] 15547



[966] 15218



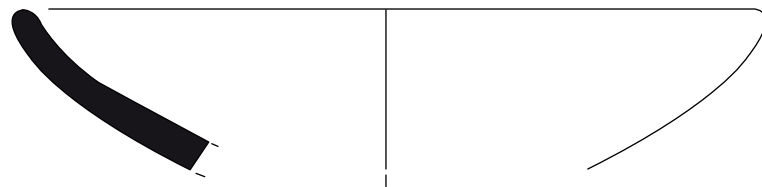
CM [909] 14496



CM [909] 14496



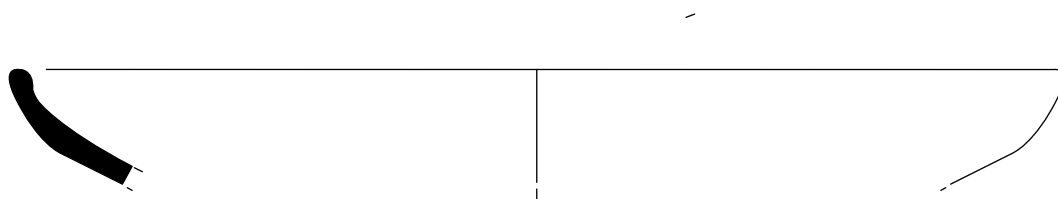
Estampa VII - Área 9 e Compartimentos 5 e 8



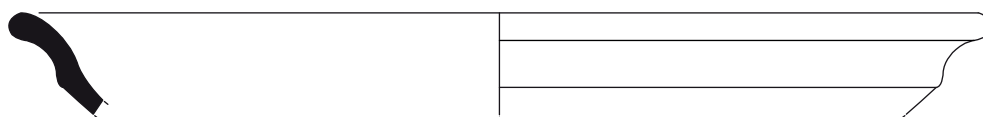
CM [895] 13466



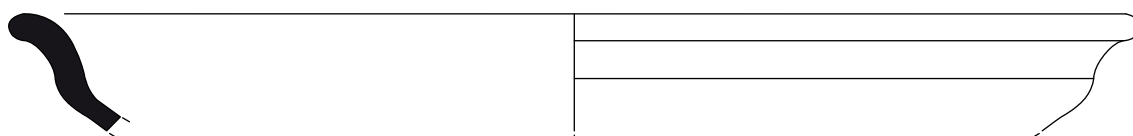
CM [919] 13889



CM [919] 14330



CM [919] 14335

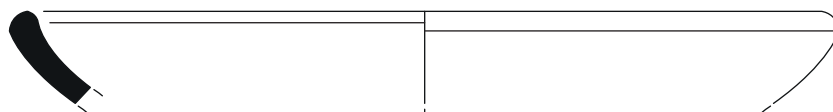


CM [1072] 13211

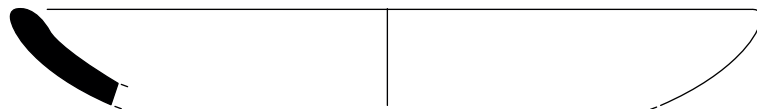




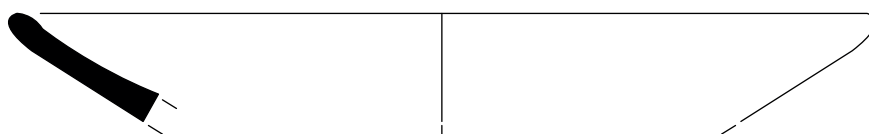
CM [445] 10270



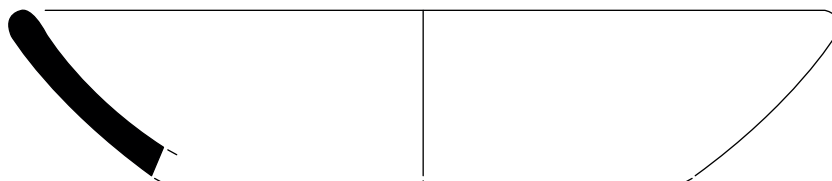
CM [1082] 15402



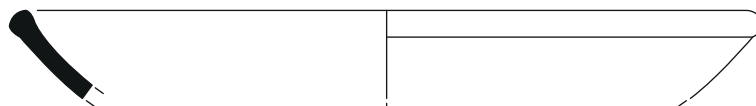
CM [895] 10248



CM[909] 14319



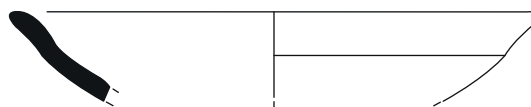
CM [895] 10260



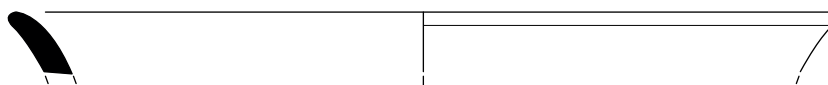
CM [919] 14326



CM [1067] 13711



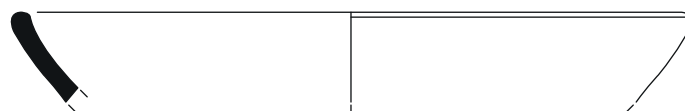
C.M. [1049] 11133



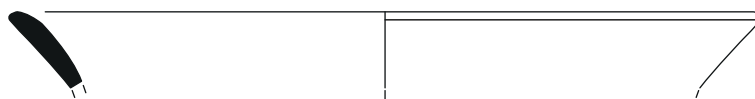
CM [1049] 11132



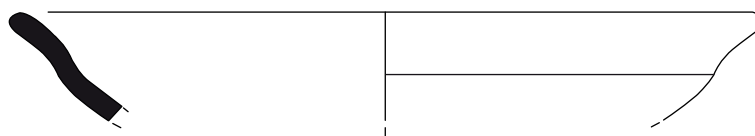
Estampa IX - Área a Sul dos compartimentos 5, 6 e 8



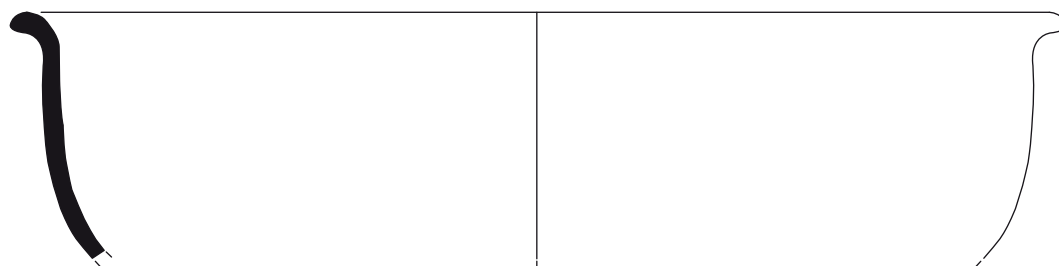
CM [787] 11736



CM [1171] 15373



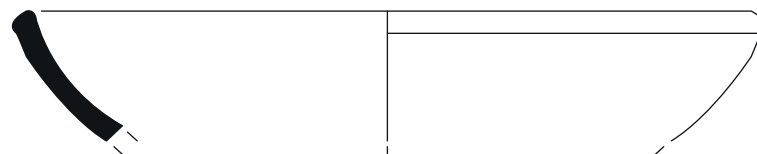
CM [787] 11739



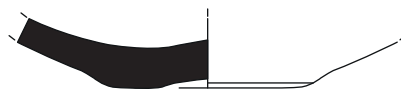
CM [888] 13737



Estampa X- Compartimentos 6 e 7



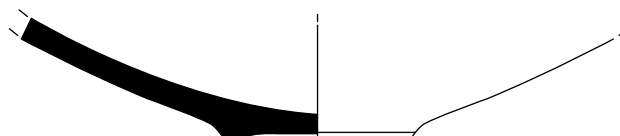
CM [144] 3410



CM [157] 2364



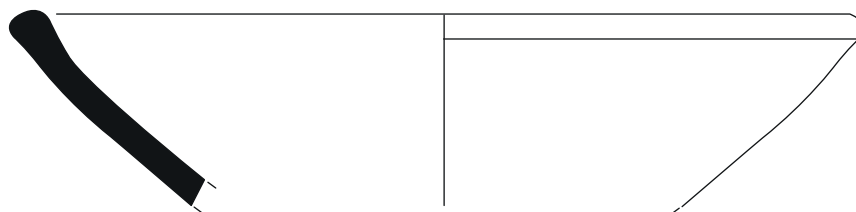
CM [251] 1643



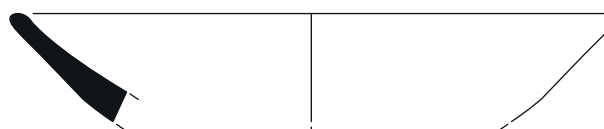
CM [222] 1768



CM [124] 3144



CM [124] 3605

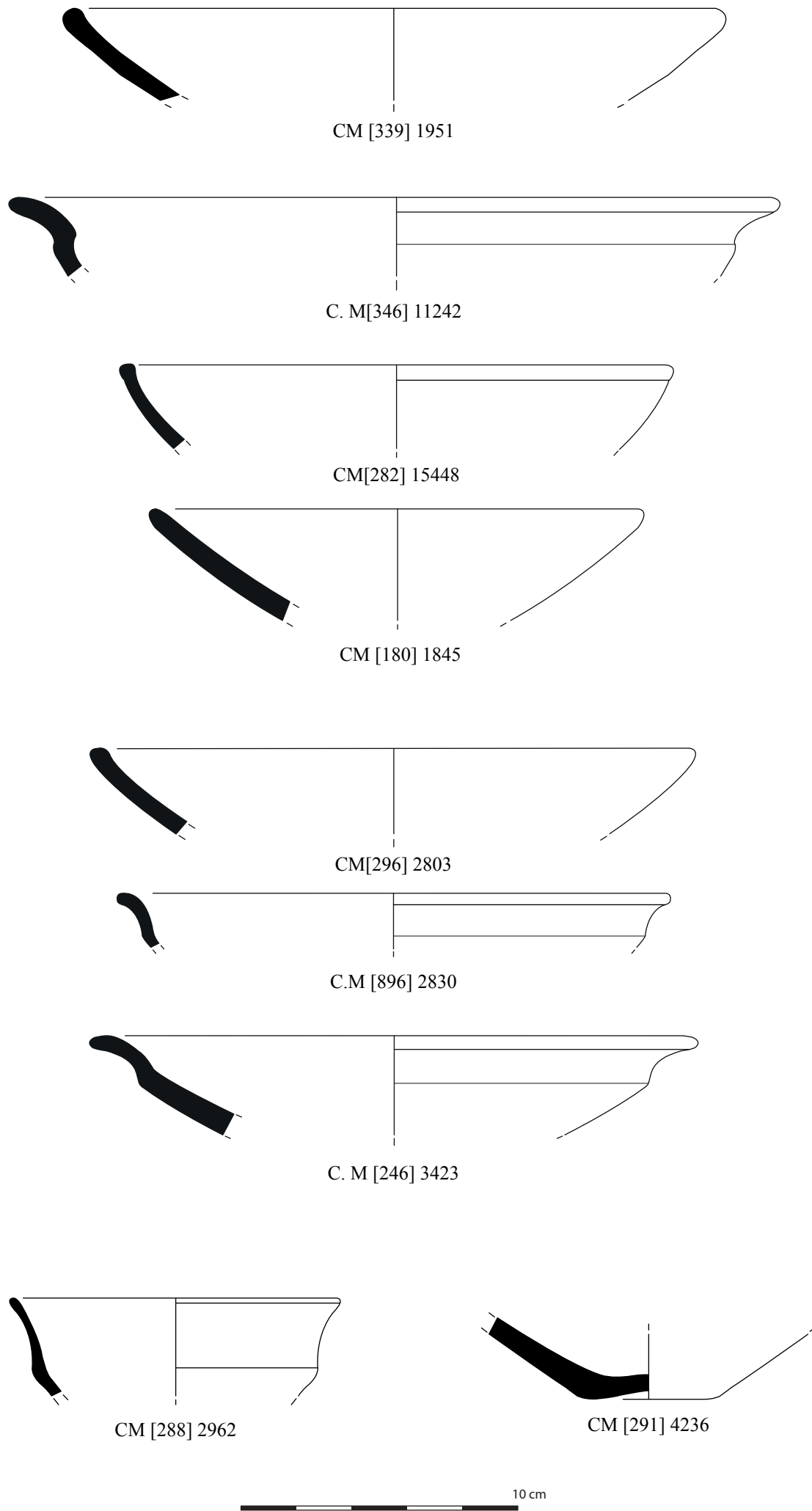


CM [124] 3606



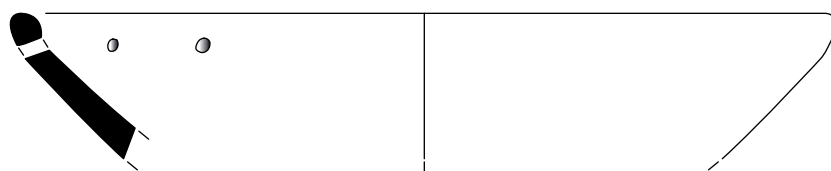
C.M [124] 3608





Estampa XII - Construção e derrubes dos compartimentos 13 e 14 e Área 16 da Fase IV

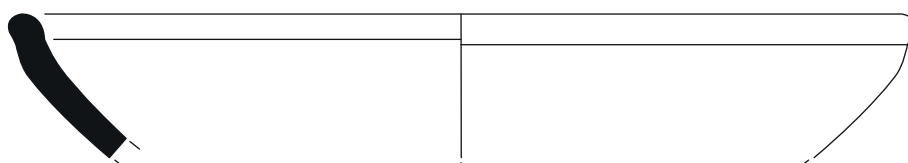




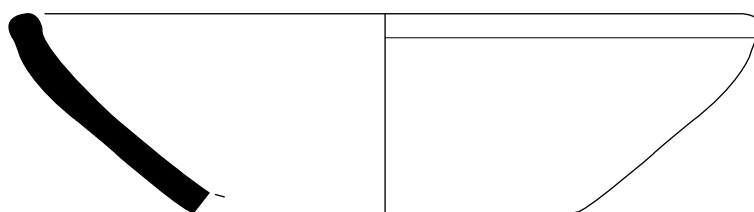
CM01 1 [132] 2274



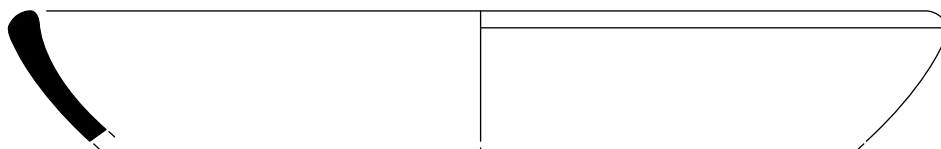
C.M [132] 3119



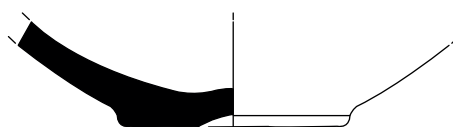
CM 01 1[132] 2237



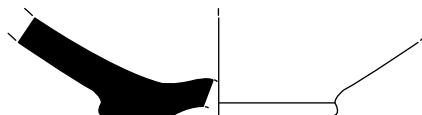
C.M [132] 4243



CM 01 1 [149] 3403



CM [132] 3110

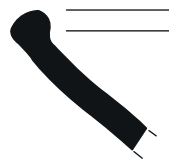


CM [149] 2334

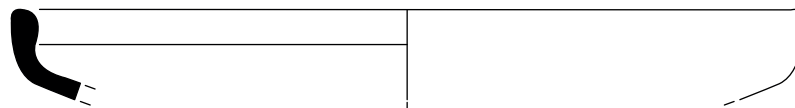


CM [149] 3406

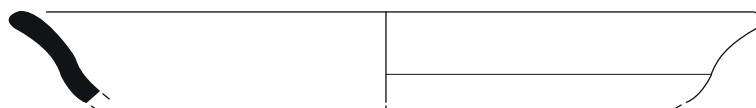




CM 01 [141] 2329



CM [141] 2330



C. M [141] 3211

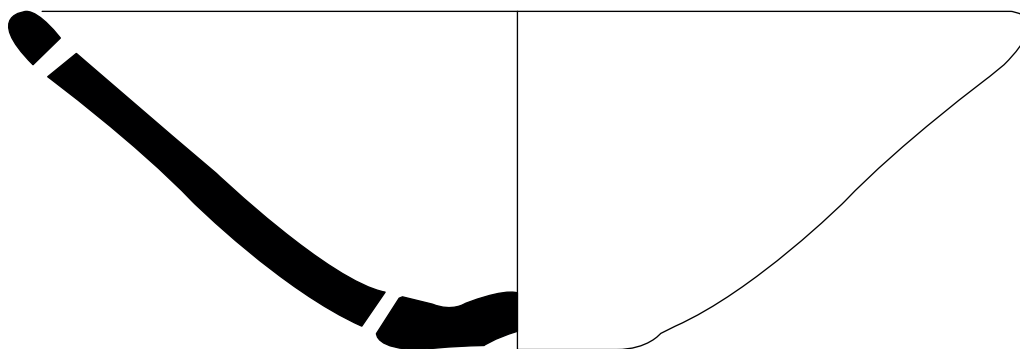


C.M [167] 2188



CM [291] 4236

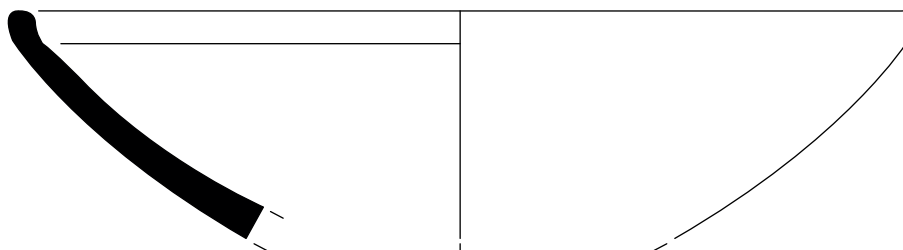




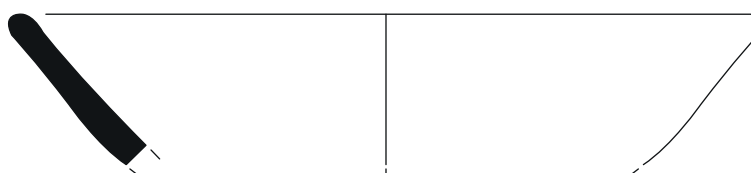
CM 03 [775] 13537



CM 03 [775] 13553



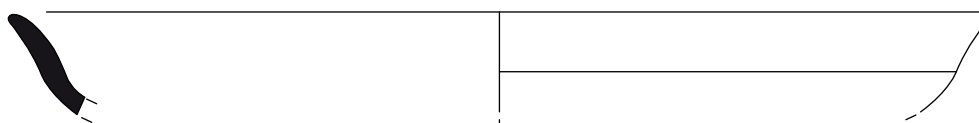
CM 03 [775] 13534

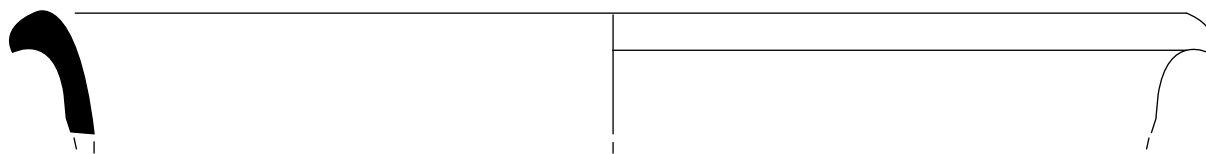


C.Marim 01  
1 [132] 4252

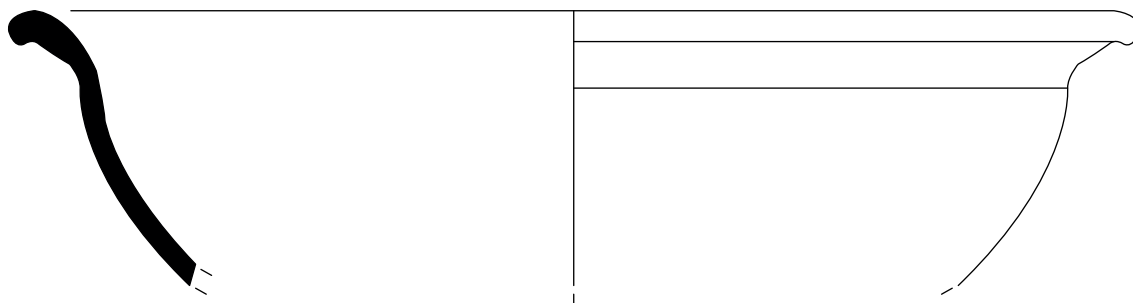


CM [775] 15392

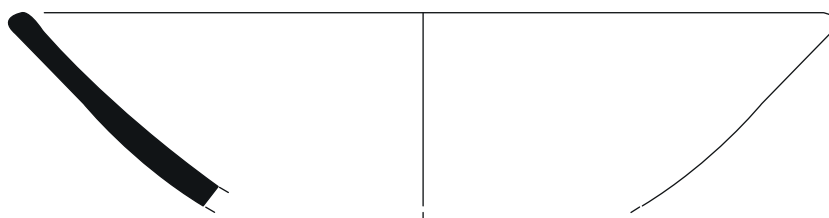




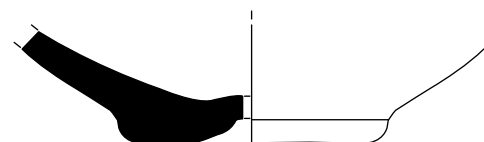
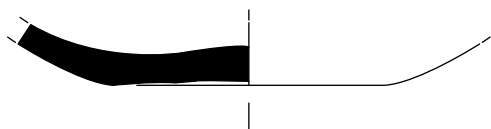
CM [775] 13566



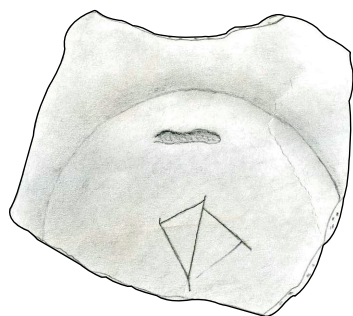
CM 03 [775] 13535



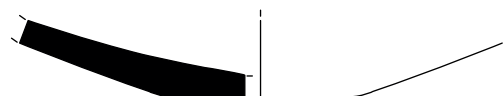
C.Marim 01  
1 [164] 2303



CM [775] 13533



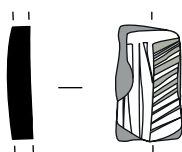
CM 01 [215] 4137



CM [775] 13529



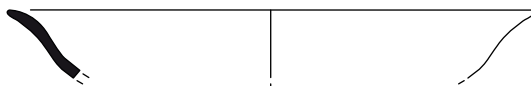
CM [215] 4148



CM 775 13583

escala 1:2, reduzo 50%

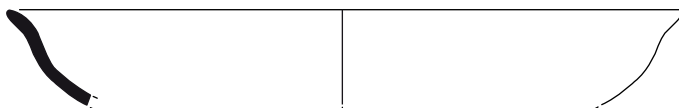




CM [1008] 14861



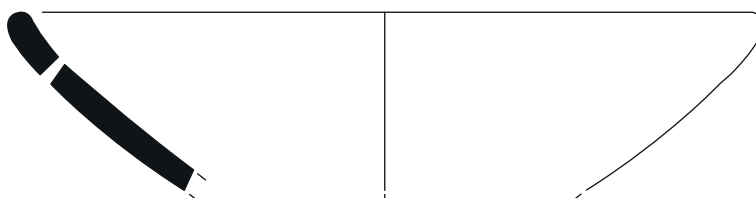
CM [1025] 14505



CM [1025] 14504



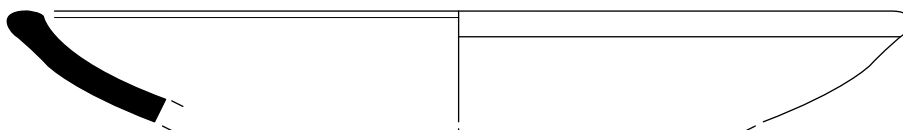
CM [986] 14578



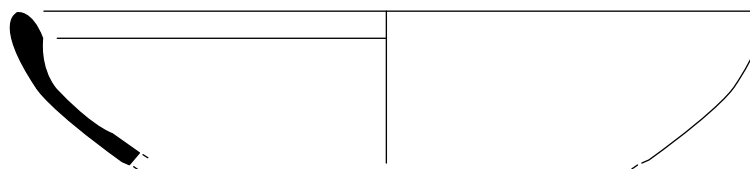
CM [942] 13672



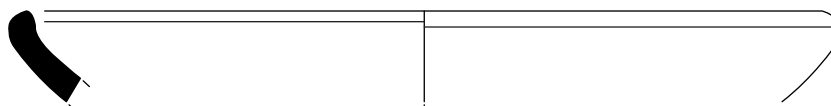
CM [942] 13674



CM [747] 15001



CM [1032] 12218

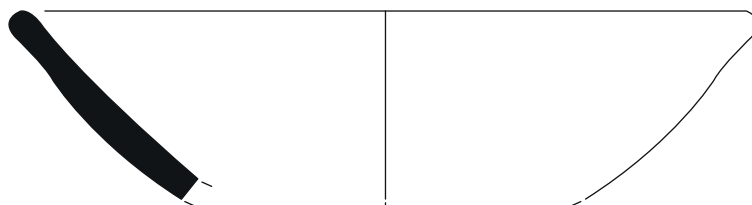


CM [1032] 12213

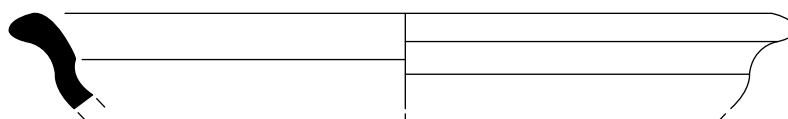




CM [904] 11195



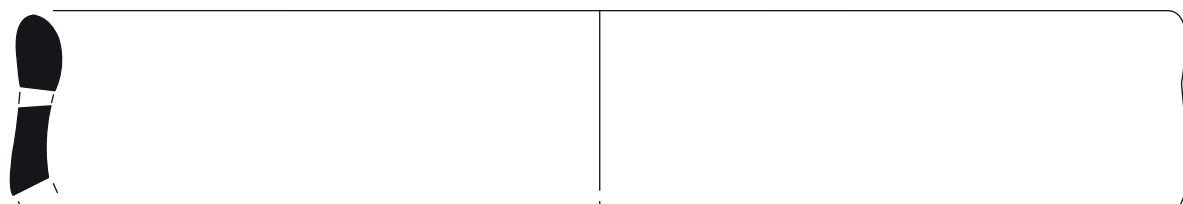
C.M [904] 11196



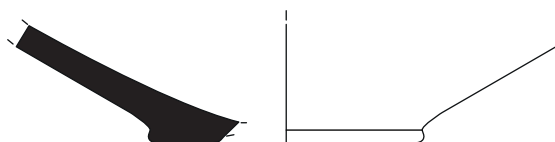
CM [904] 11198



CM[24] 11997

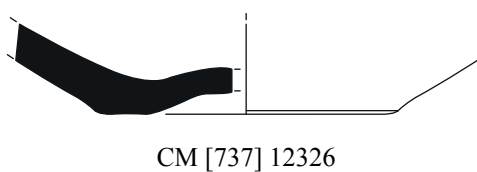
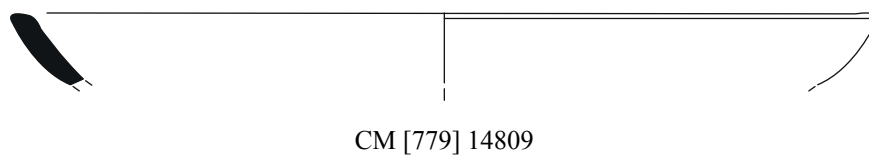
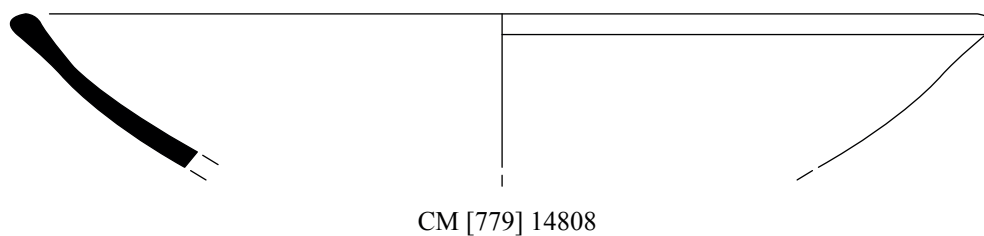
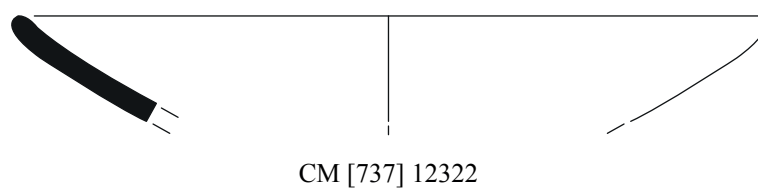
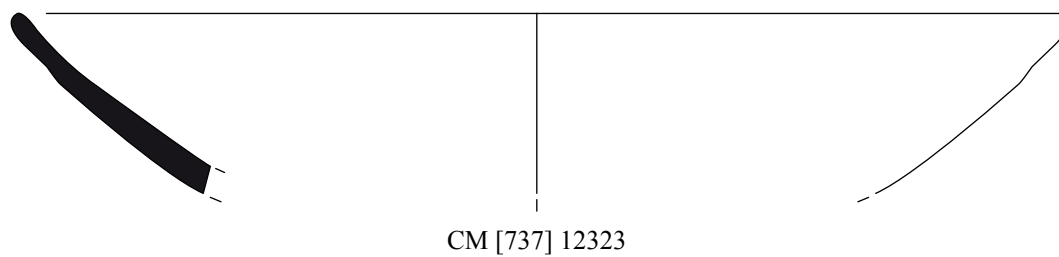


CM [747] 14998

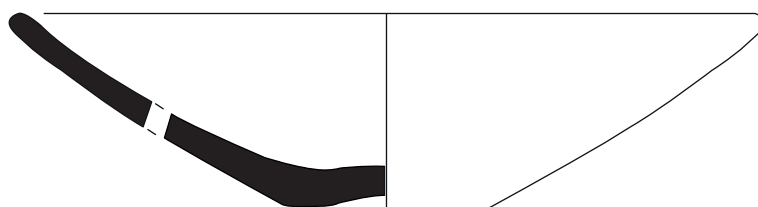


CM [1032] 12216

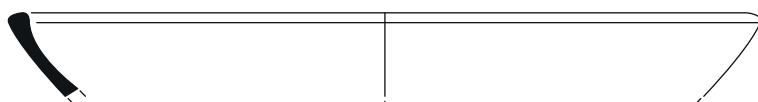




Estampa XIX - Derrubes dos Compartimentos 18 e 19



CM [970] 14359



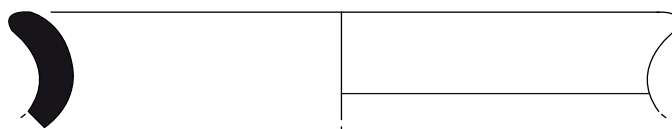
CM03 [696] 13321



CM [1013] 15153



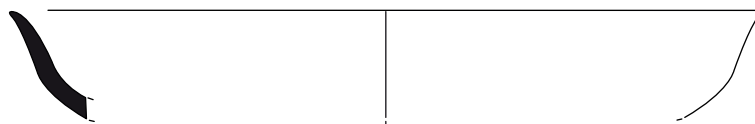
CM [947] 15376



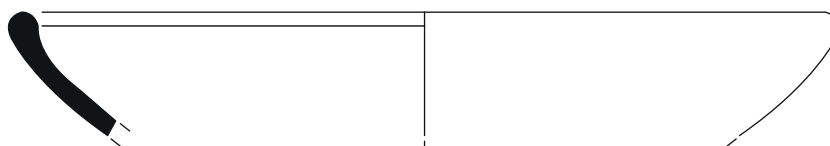
CM [788] 12368



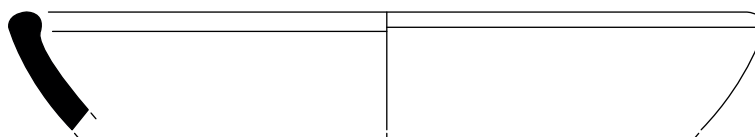




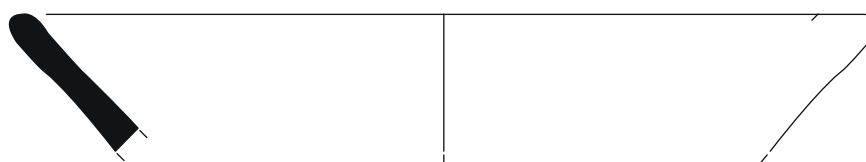
CM [1043] 12348



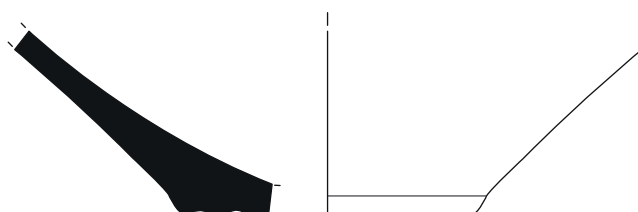
CM [219] 15103



CM [1238] 11245

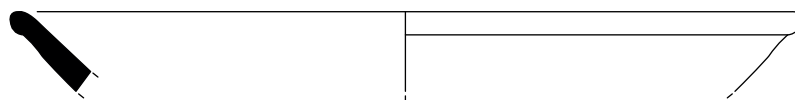


C.M [1258] 3133

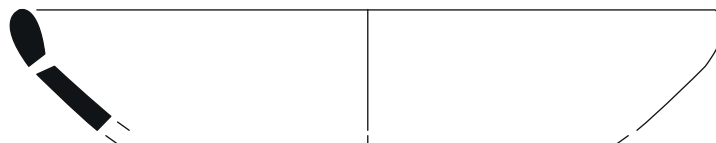


CM [969] 15243

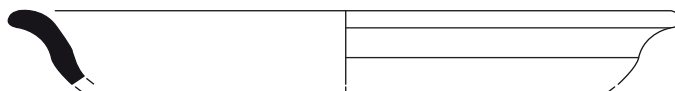




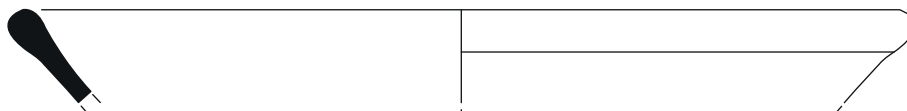
CM [994] 12264



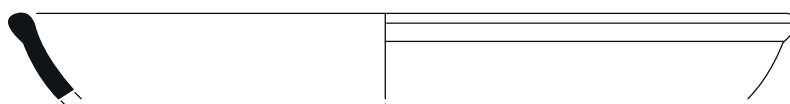
CM [981] 13173



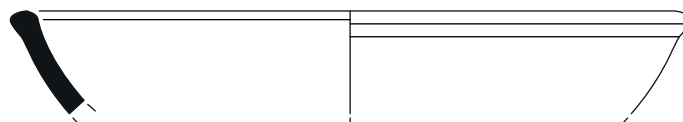
CM [293] 4633



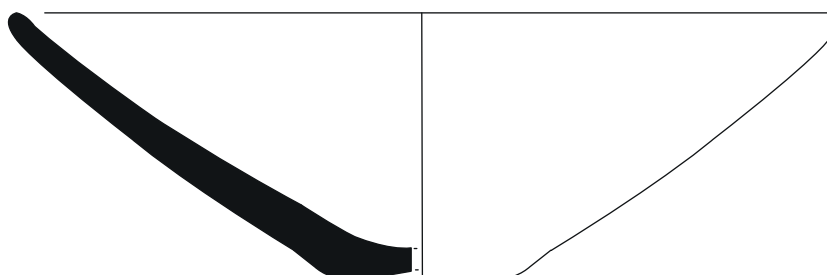
CM [1292] 15475



CM [1292] 13049



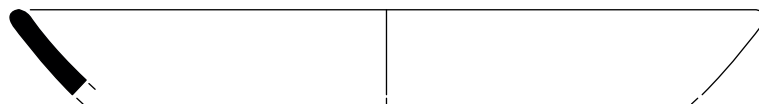
CM [1292] 13056



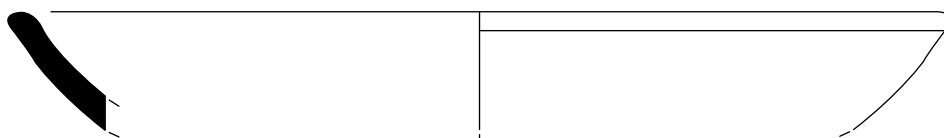
CM [299] 4461



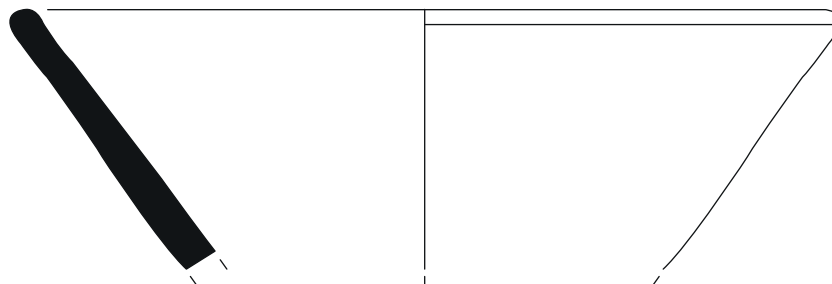
Estampa XXII - Pisos Compartimentos 23 e 24 e Área a Este do compartimento 23 e corredor entre compartimento 24 e área [4461]



CM [780] 12279



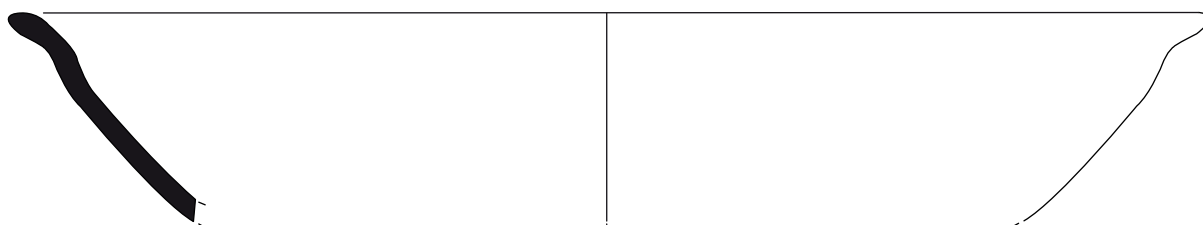
CM[780] 12277



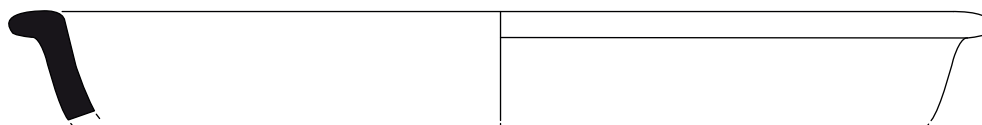
CM [781] 11893



CM [781] 11888



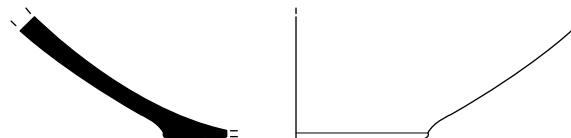
CM [781] 11890



CM [755] 13268

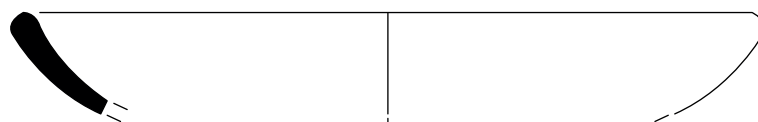


CM [780] 12280

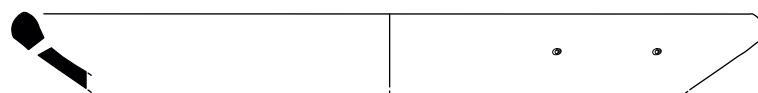


CM [742] 12682





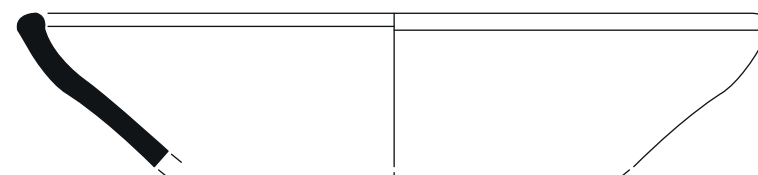
CM [635] 11280



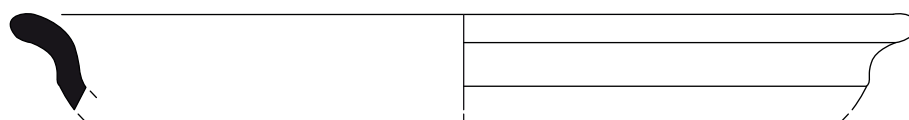
CM [758] 14623



CM [748] 14621



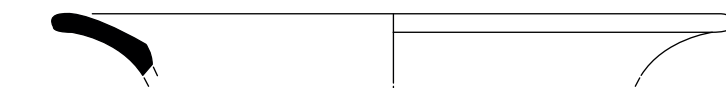
CM [886] 10801



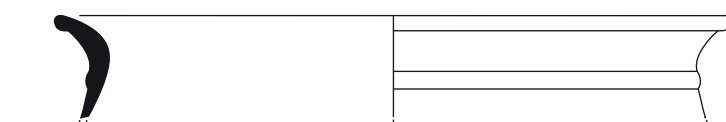
CM [876] 15540



CM [805] 10536

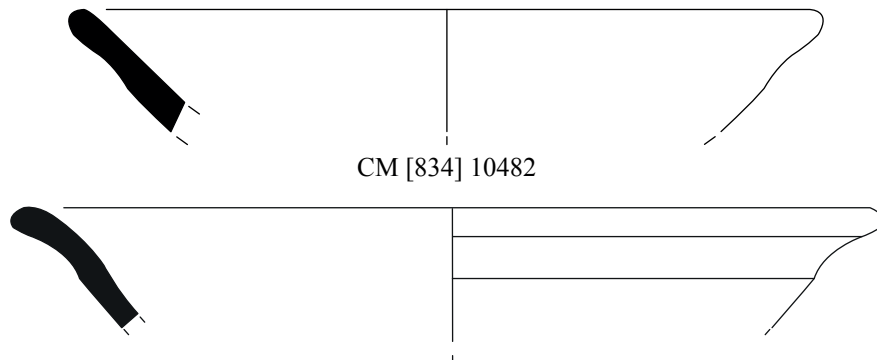


CM[886] 10802

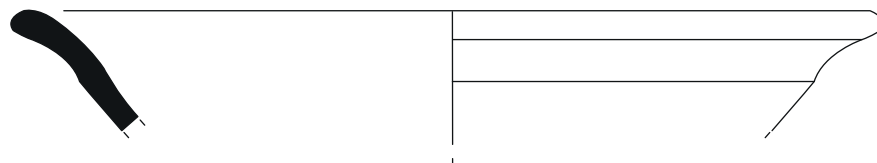


CM [757] 12372

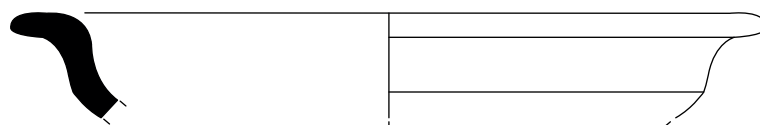




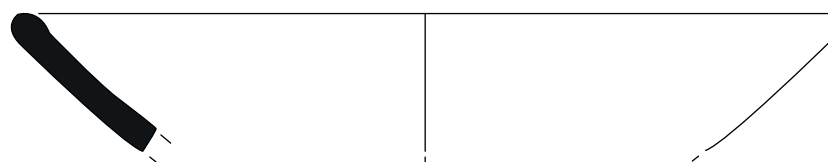
CM [834] 10482



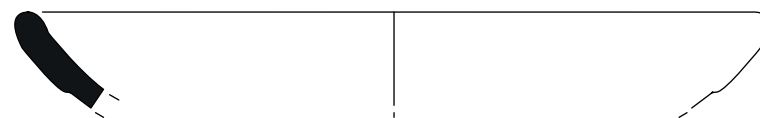
CM [834] 10466



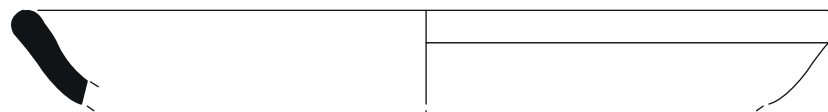
CM [834] 10471



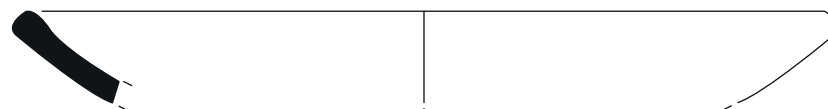
C.M. [633] 11787



C.M. [633] 11821



C.M.[633] 11822



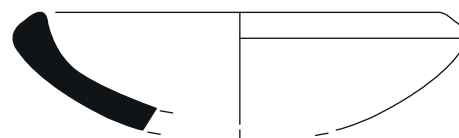
C.M. [633] 11791



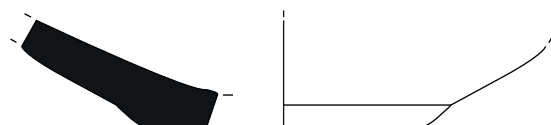
C.M. [633] 11796



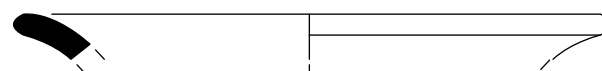
C.M.[608] 7476



C.M. [633] 11818



C.M. [633] 11795



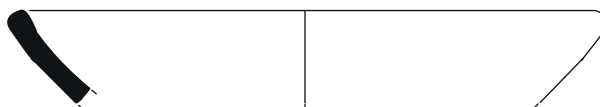
CM[633] 11808



10 cm



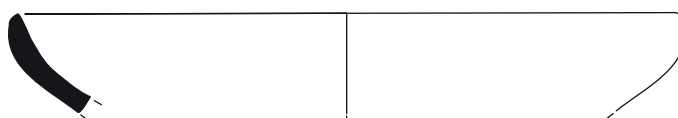
C. M. [607] 7589/8016



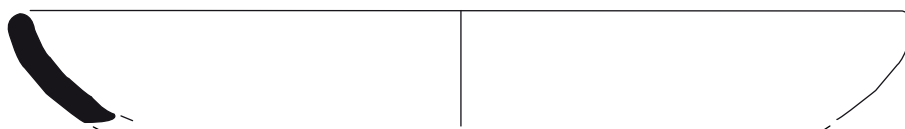
C.M. [608] 7550



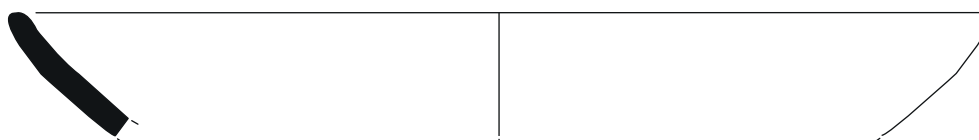
C.M. [608] 7515



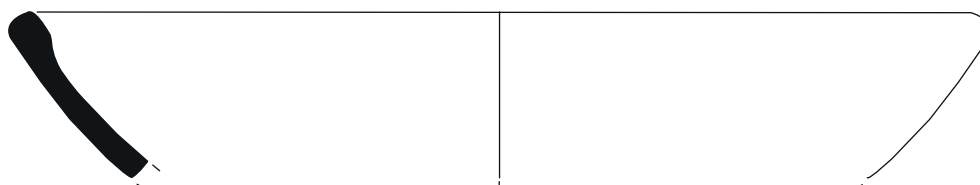
C. M. [608] 7480



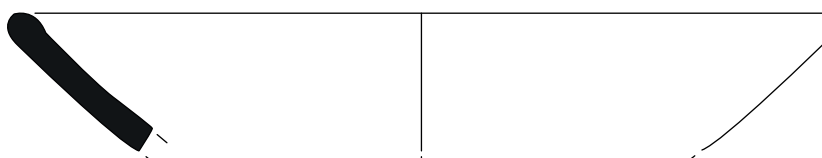
C.M. [608] 8038



C.M. [607] 8019



C.M. [643] 10735+7536

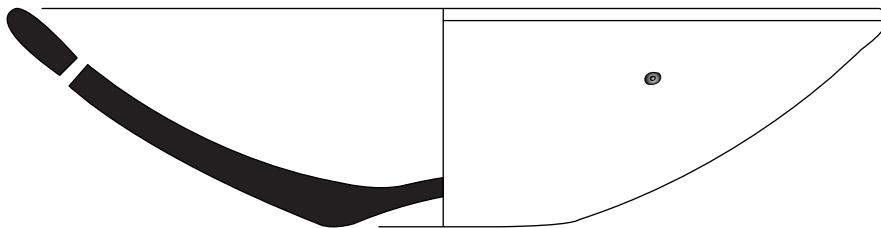


C.M. [633] 11787

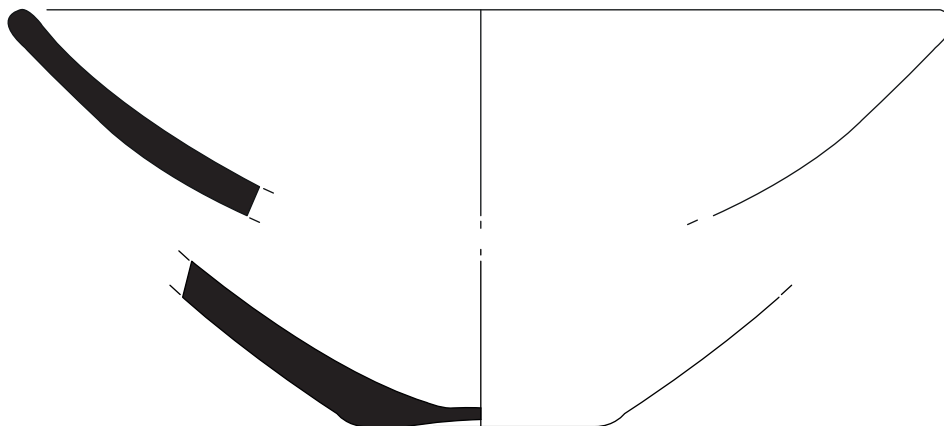


C.M. [608] 7518

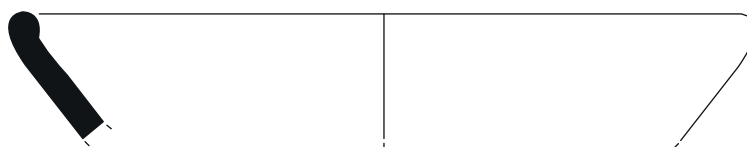




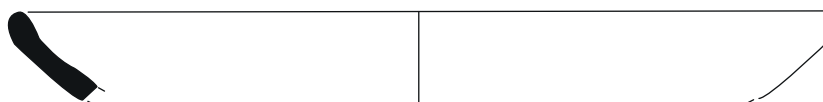
CM [643] 12759



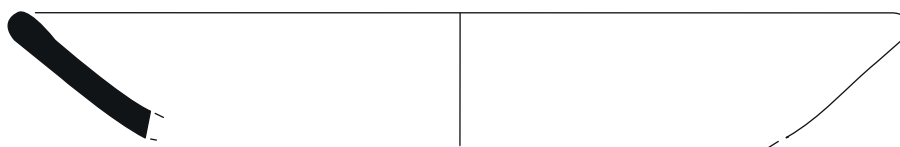
CM [643] 12862



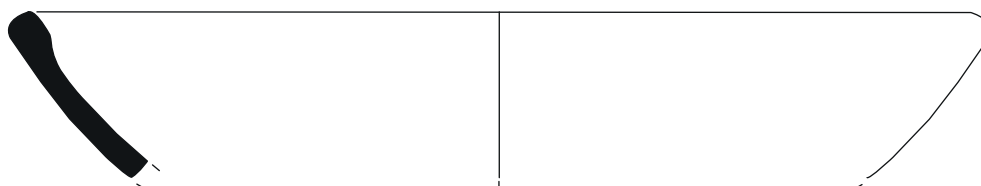
C.M. [643] 12857



C.M. [643] 12859

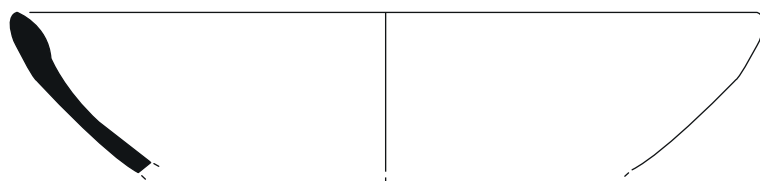


C.M. [643] 13110



C.M. [643] 10735+7536

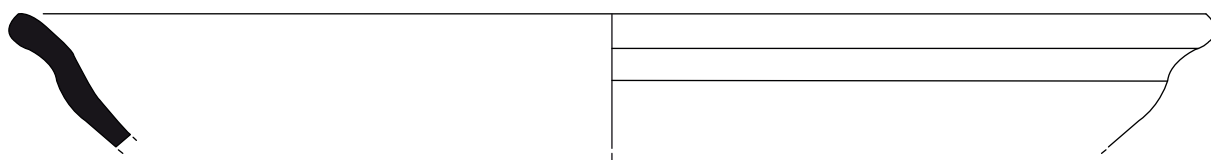




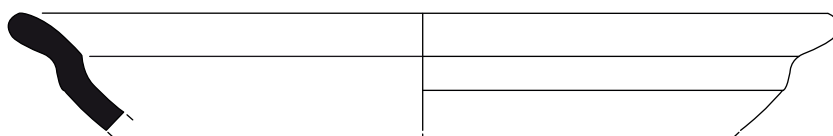
C.M. [643] 12950



C.M. [643] 13112



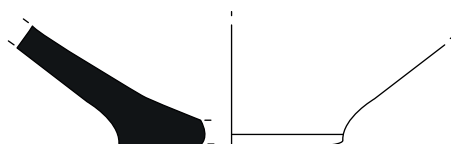
CM [ 643] 12949



CM [643] 12853



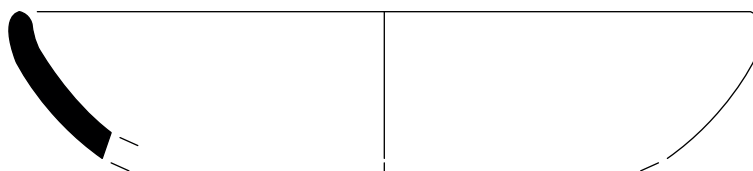
C.M. [643] 12820



C.M. [643] 12755



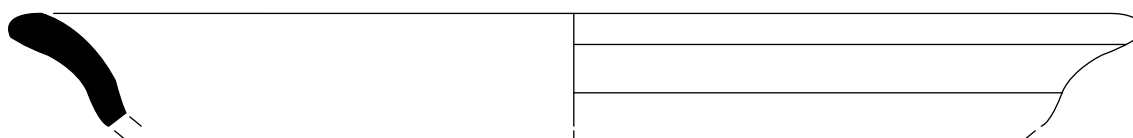




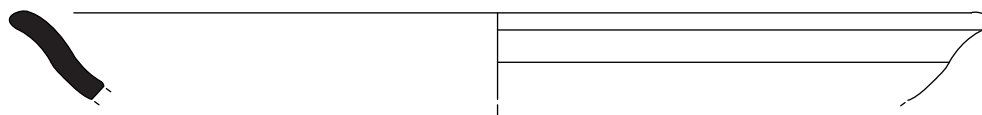
CM [721] 14675



CM [721] 14677



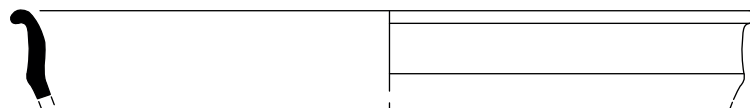
CM [721] 14684



CM [798] 14764

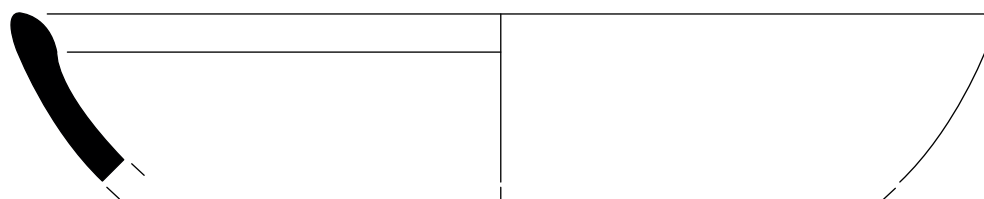


CM [1077] 11072

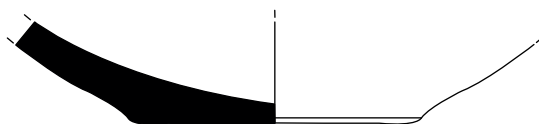


C.M [951] 10912

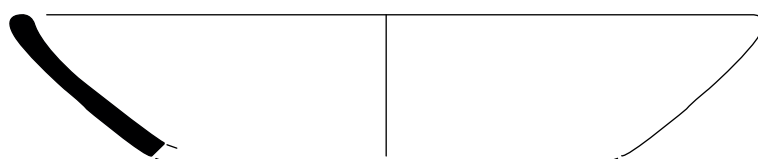




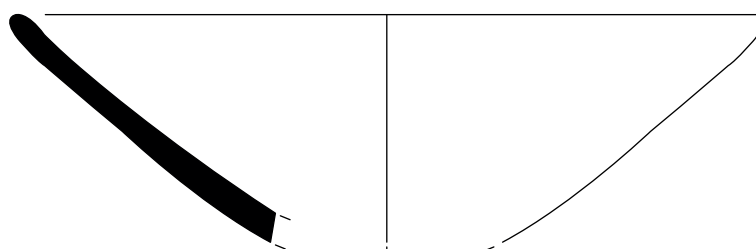
CM [707] 11940



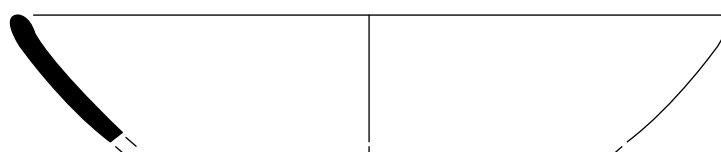
CM [504] 8316



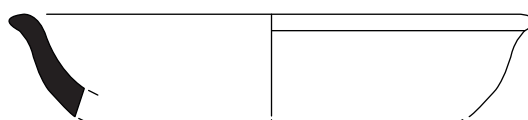
C.M[143] 2366



CM [139] 4263



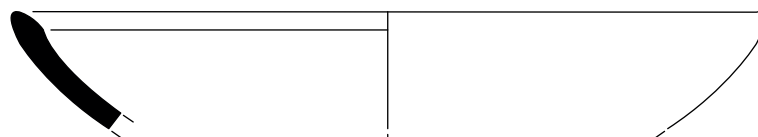
CM [691] 10341



CM [716] 12004

10 cm

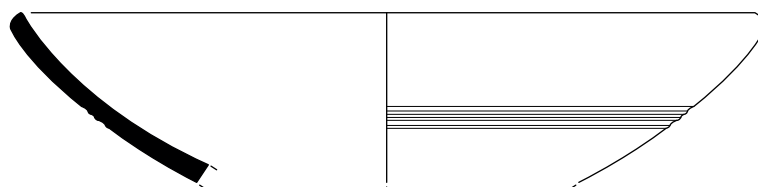




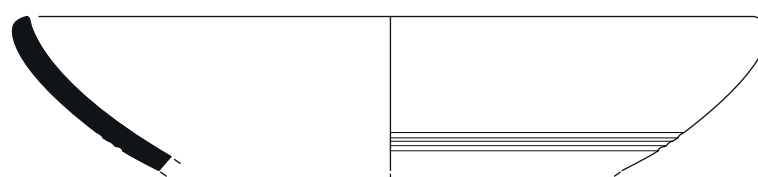
CM [98] 14867



CM [0088] 3387

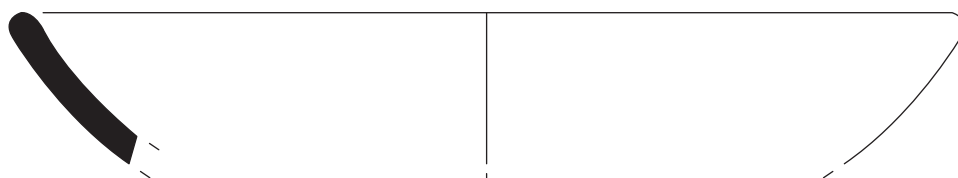


CM [555] 9062

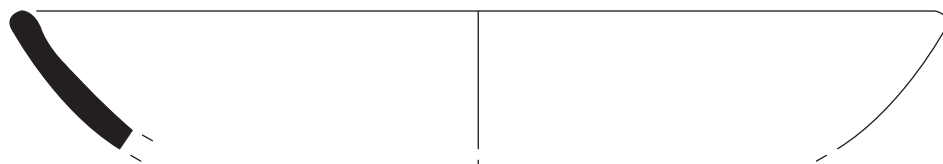


CM [555] 9063

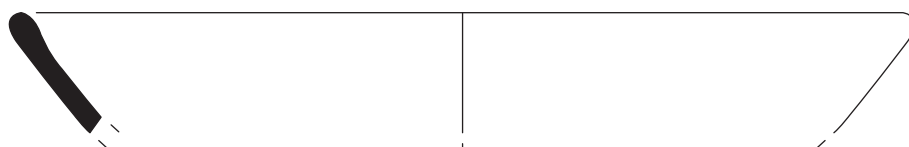




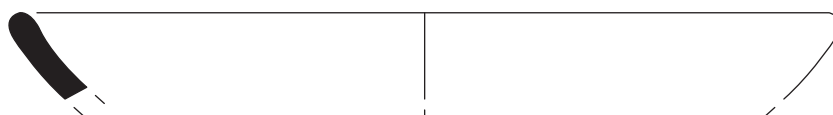
C.M. [89], 2048



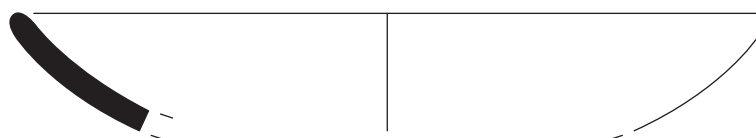
C.M. [89] 2040



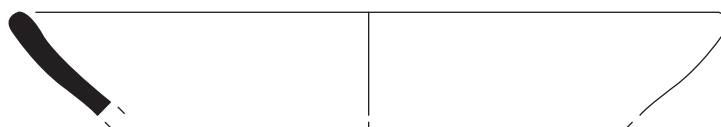
C.M. [89] 2049



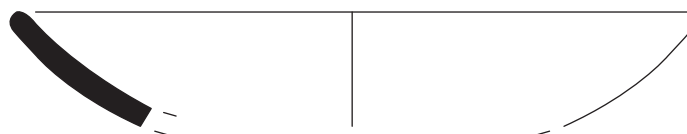
C.M. [89] 2043



C.M. [89] 2045



C.M. [89] 15617

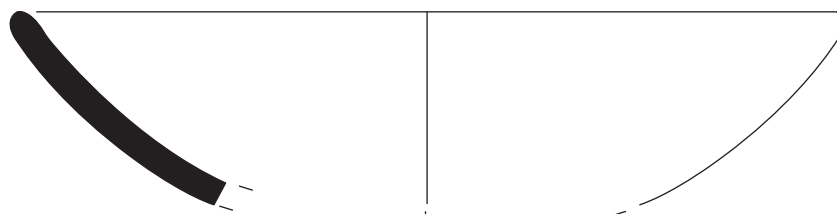


C.M. [89] 2054

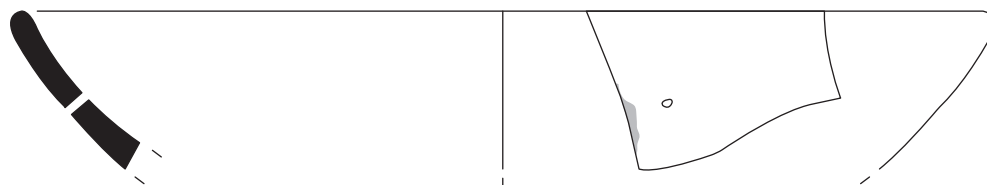


C.M. [89] 2085

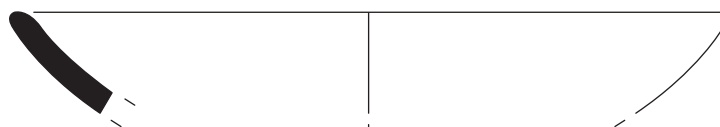




C.M. [89] 2047



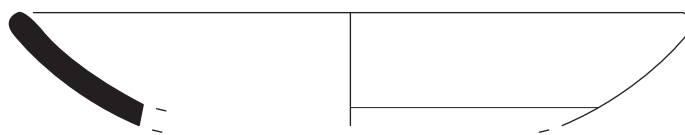
C.M. [89] 15776



C.M. [89] 7731



C.M. [89] 2056=2086

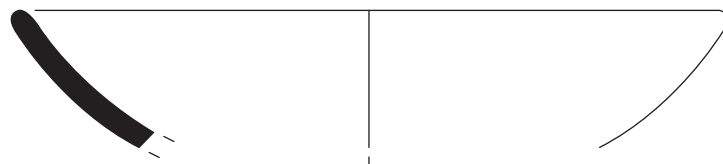


C.M. [89] 2050

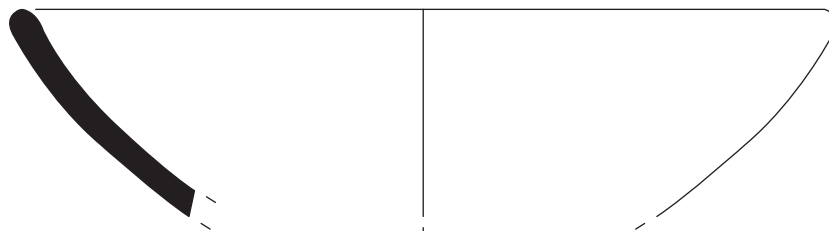


C.M. [89] 2105

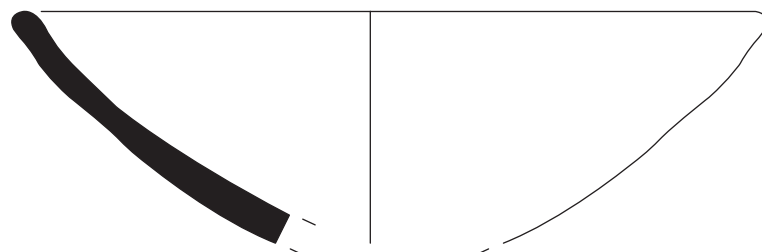




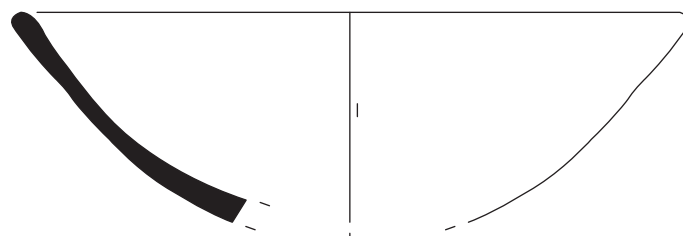
C.M. [89] 7433



C.M. [89] 2046



C.M. [89] 2034

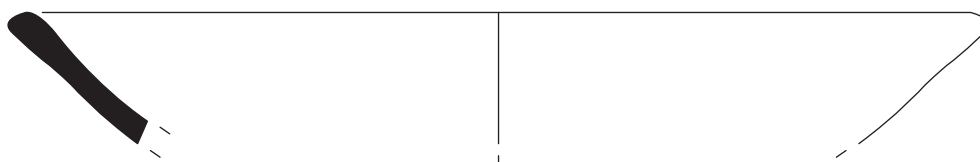


CM [89] 15661

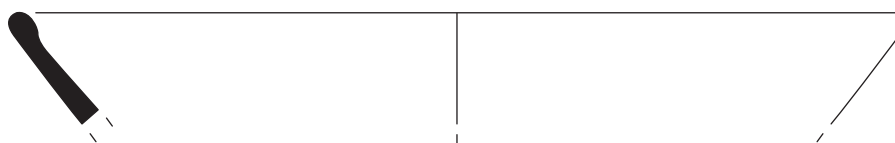


C.M. [89] 2038

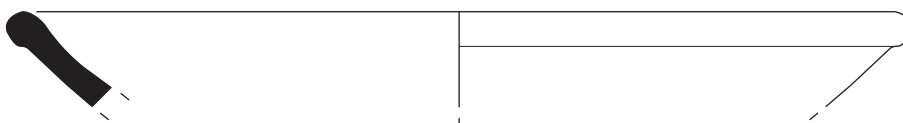




C.M. [89] 2041

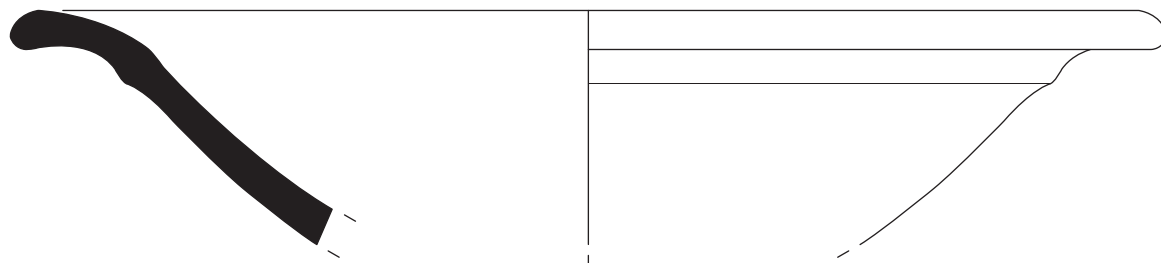


CM [89] 15755

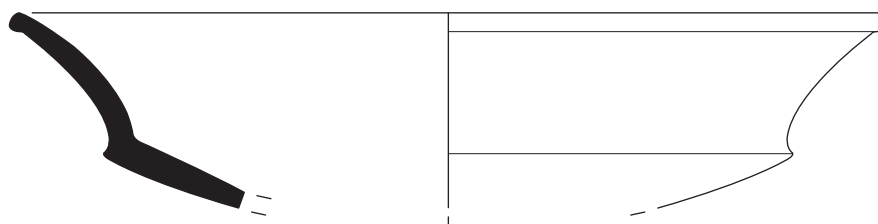


CM [89] 15788

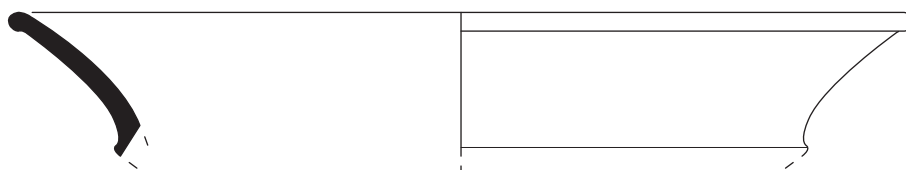




C.M. [89] 2033



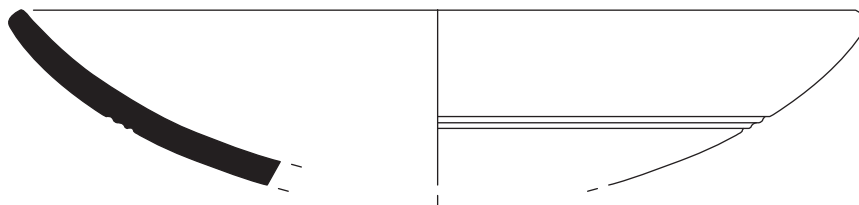
C.M. [89] 2032



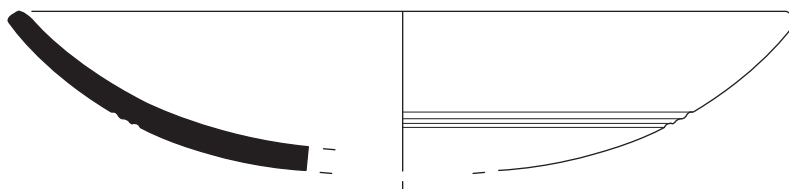
C.M. [89] 7426=7493



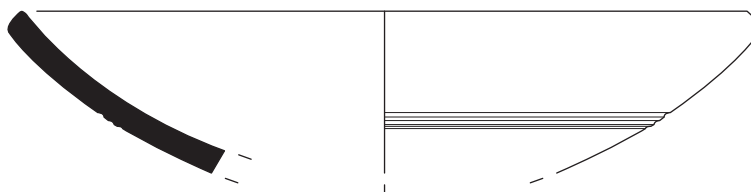




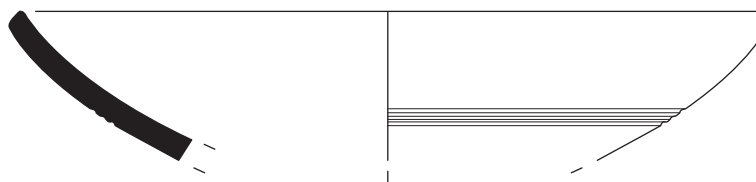
C.M. [89] 2101



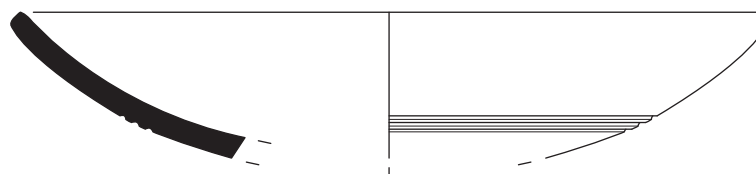
C.M. [89] 2102



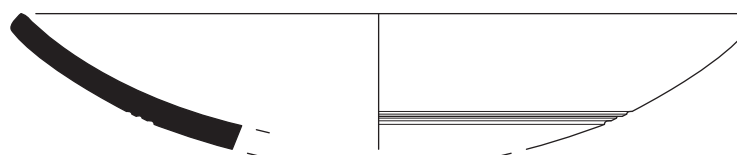
C.M. [89] 2084



C.M. [89] 7431

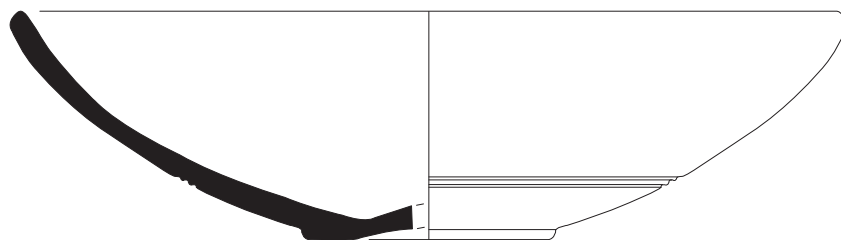


C.M. [89] 7323



C.M. [89] 7414

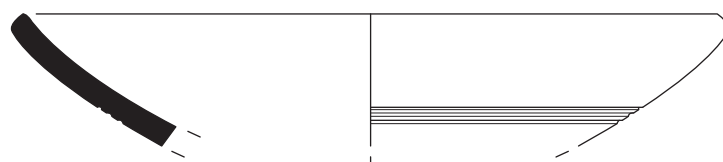




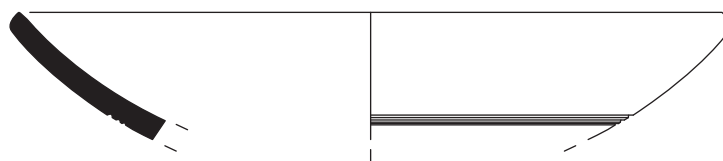
C.M. [89] 10110



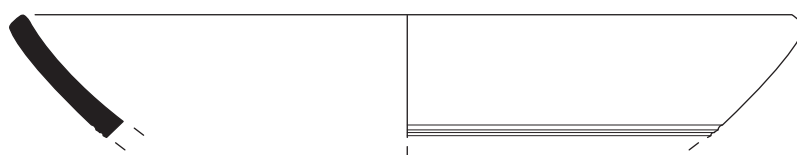
C.M. [89] 2082



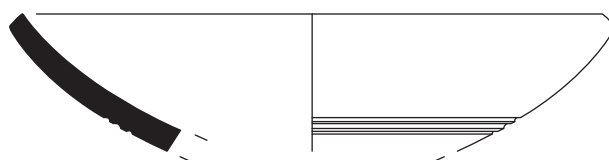
C.M. [89] 2093



C.M. [89] 2080

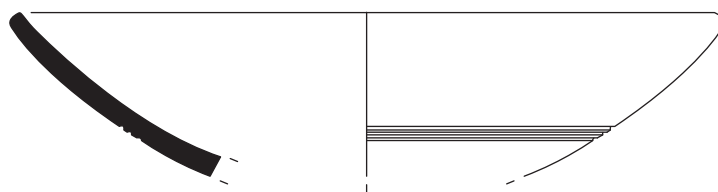


C.M. [89] 2055

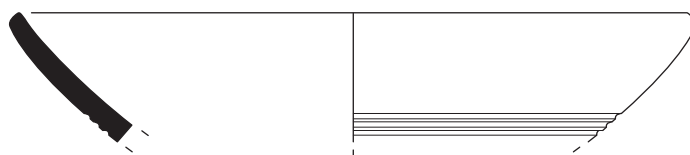


C.M. [89] 15771

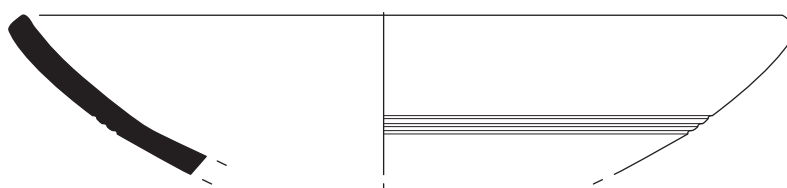




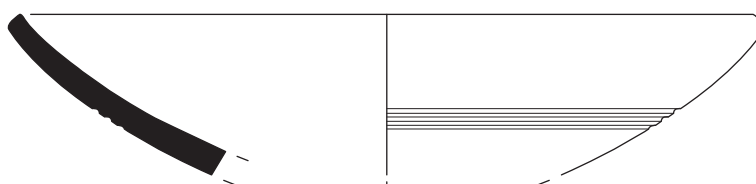
C.M. [89] 15785



C.M. [89] 15784



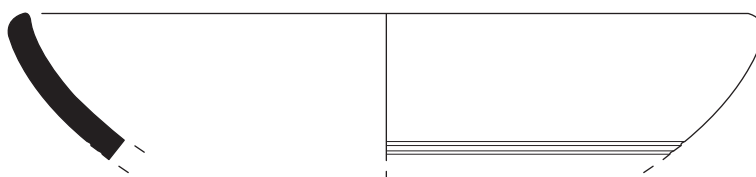
C.M.[89] 15767



C.M. [89] 15769



C.M. [89] 15768

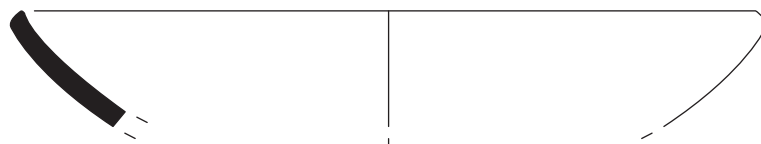


C.M. [80] 1955

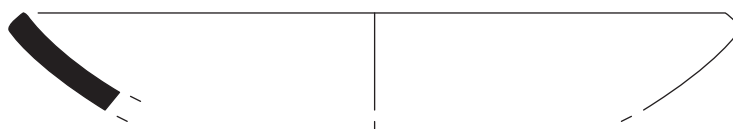




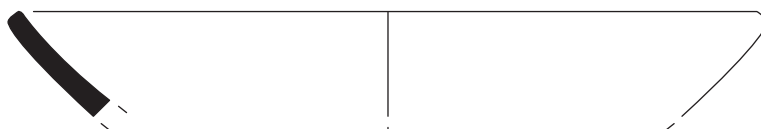
C.M. [89] 2091



C.M. [89] 2095



C.M. [89] 2083



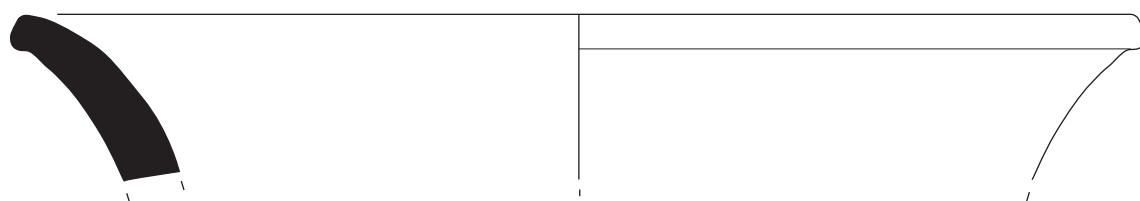
C.M. [89] 2057



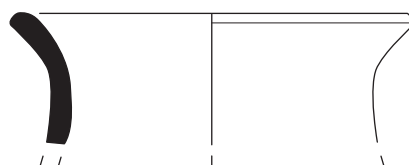
Estampa XL- Depósito do Compartimento 31 da Fase V



C.M. [89] 2031

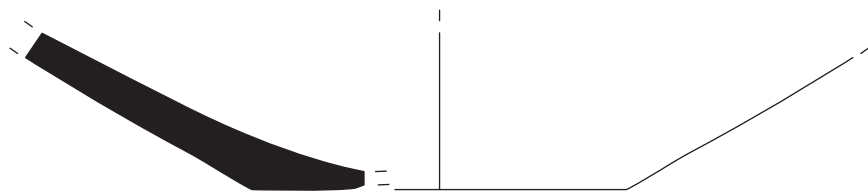


C.M. [89] 2036

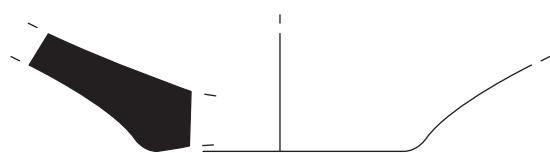


C.M. [89] 2044

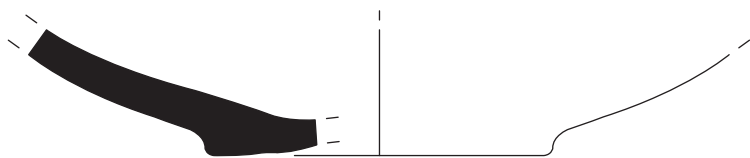




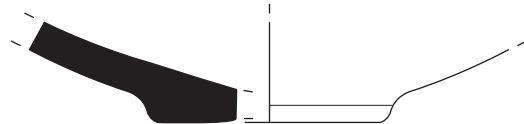
CM [89] 2052



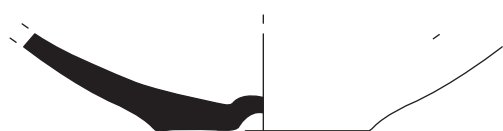
CM [89] 15774



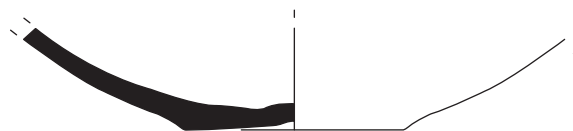
C.M. [89] 7429



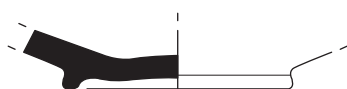
CM [89] 15770



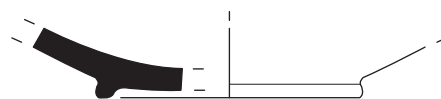
CM [89] 15732



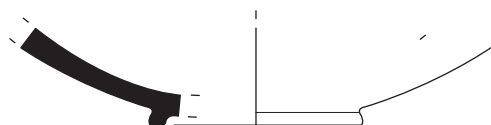
CM[89] 2064



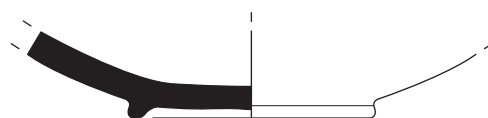
CM [89] 2066



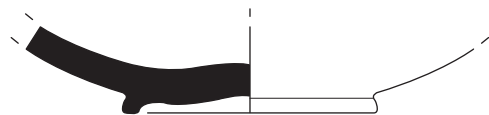
CM [89] 7416



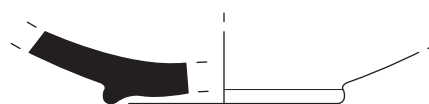
CM [89] 15654



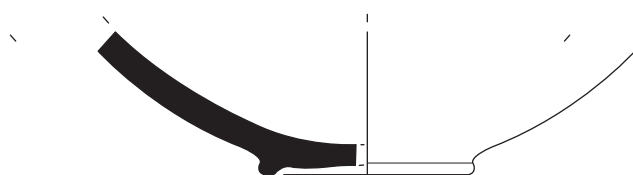
C.M. [89] 2062



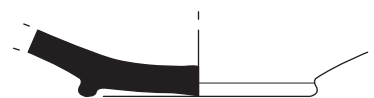
CM [89] 15743



C.M. [89] 2067

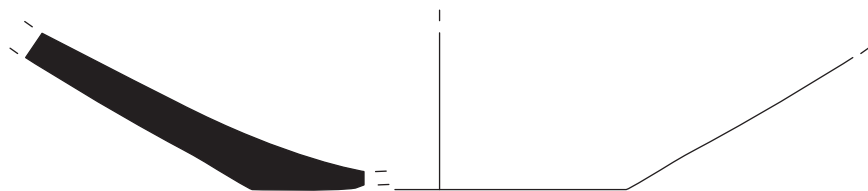


CM [89] 15783

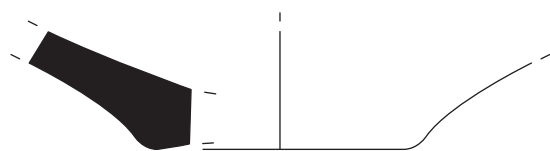


CM [89] 2065

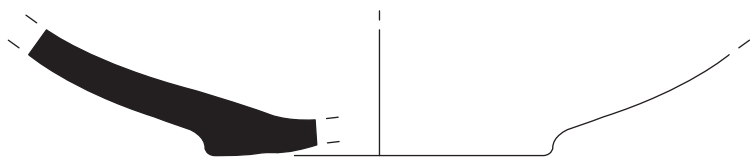




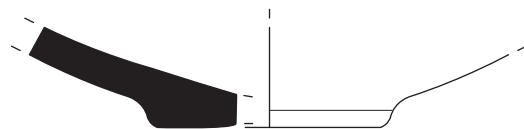
CM [89] 2052



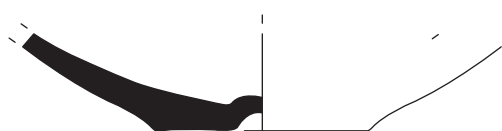
CM [89] 15774



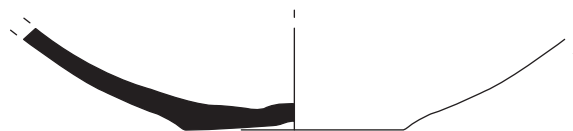
C.M. [89] 7429



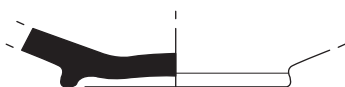
CM [89] 15770



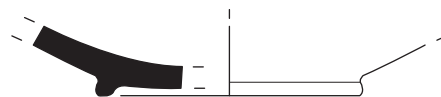
CM [89] 15732



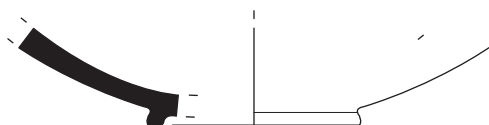
CM[89] 2064



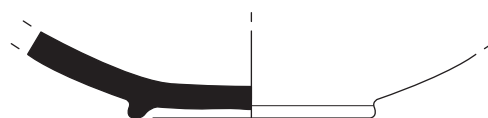
CM [89] 2066



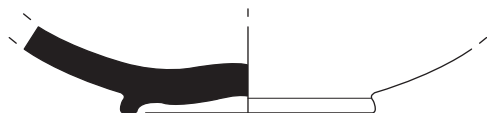
CM [89] 7416



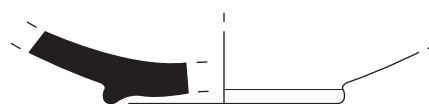
CM [89] 15654



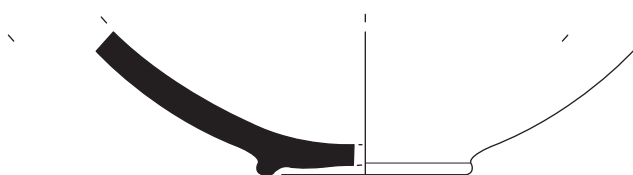
C.M. [89] 2062



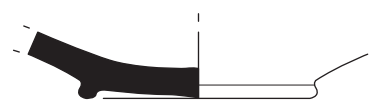
CM [89] 15743



C.M. [89] 2067

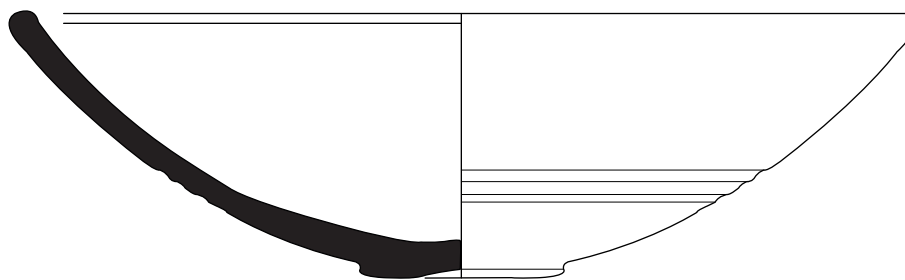


CM [89] 15783

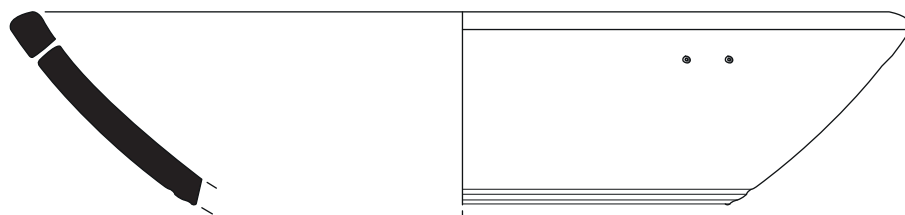


CM [89] 2065

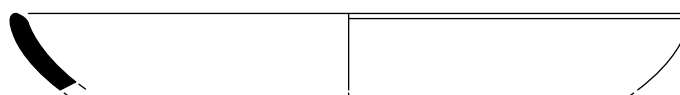




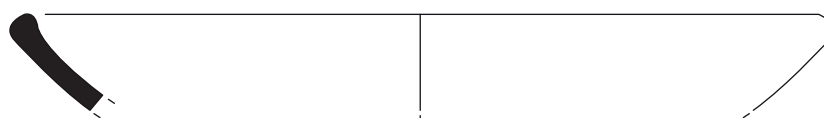
C.M [669] 13048



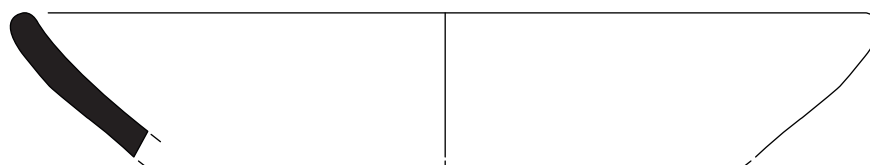
CM [669] 13095



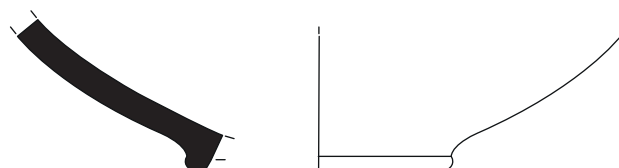
CM [679] 12546



CM [689] 11022



CM [1045] 10934



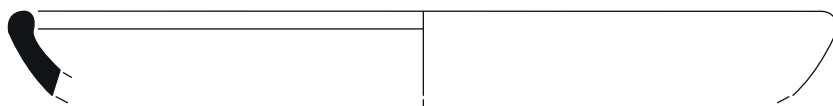
CM [679] 12536



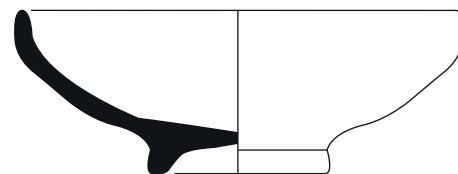




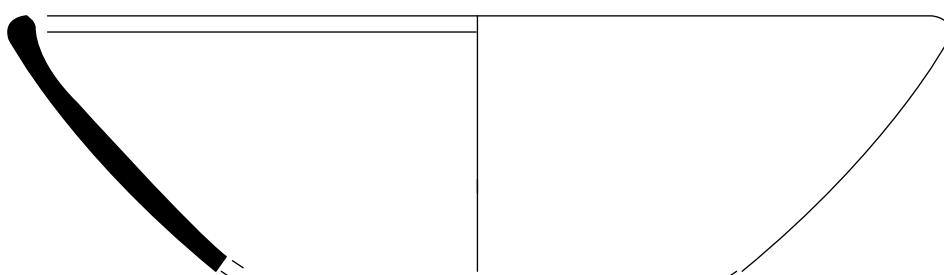
C.M [689] 11023



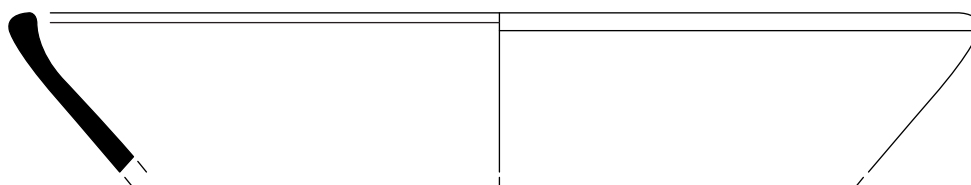
CM [677] 15283



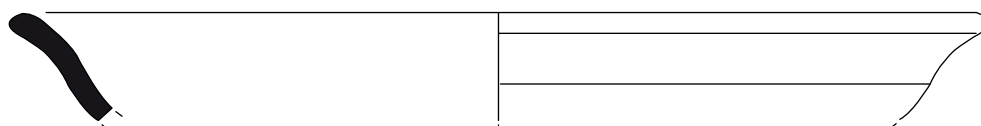
CM03 [915] 11098



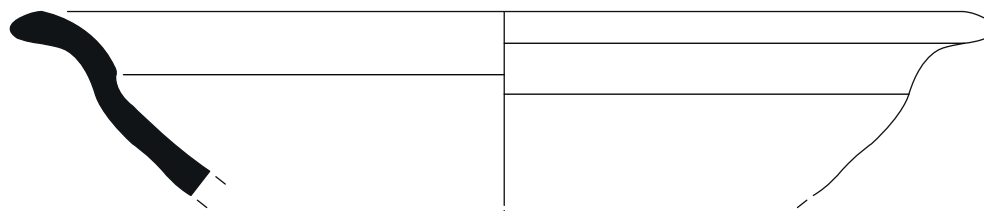
CM [733] 14635



CM [733] 14634

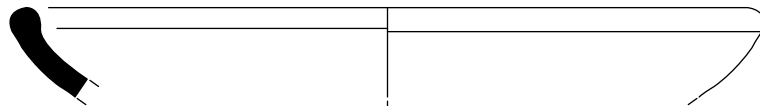


CM [733] 14633



CM [679] 10432

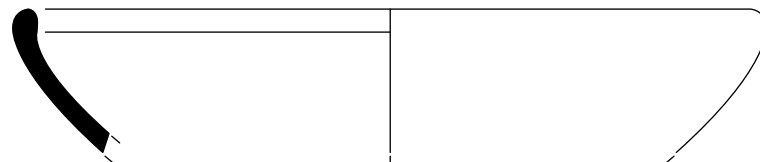




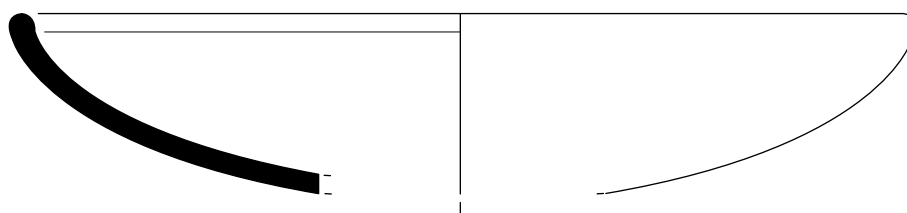
CM85 CR1 D2 [6] 8522



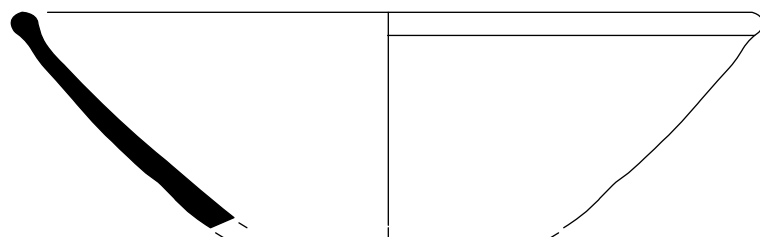
CM 87 cr3 D2 6 8516



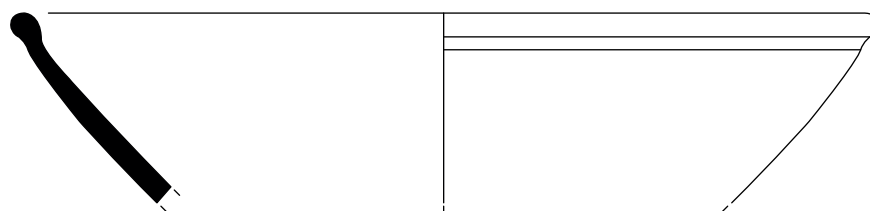
CM85 CR1 D2 [6] 8550



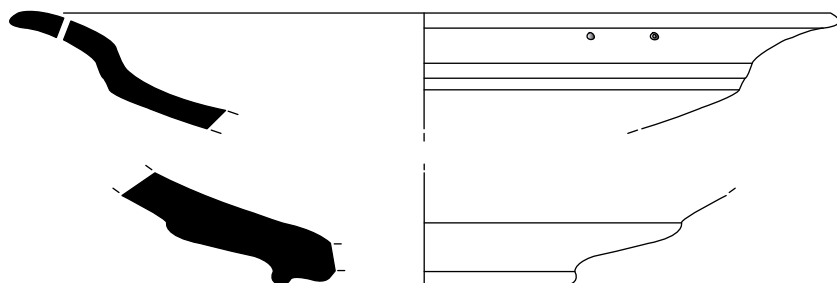
CM85 CR1 D2 [6] 8544



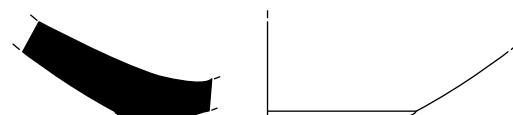
cm85 cr1 02 6 8514



CM 85 CR1 D2 [6] 8524



CM85 CR3 D2 6 8517

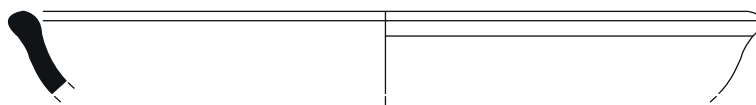


CM85 CR1 D2 [6] 8647

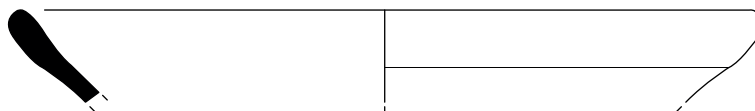




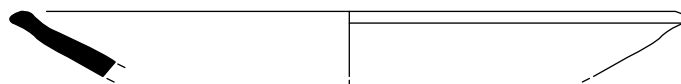
C.M [435] 5099



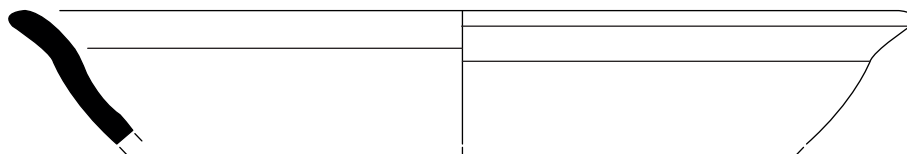
CM [641] 12752



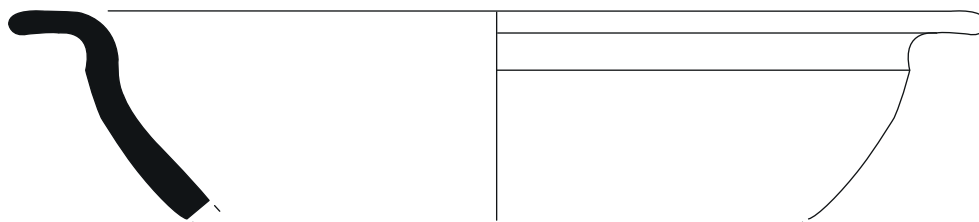
C.M[945] 7062



C.M [546] 9023



C.M[439] 8792



C.M [522] 5851

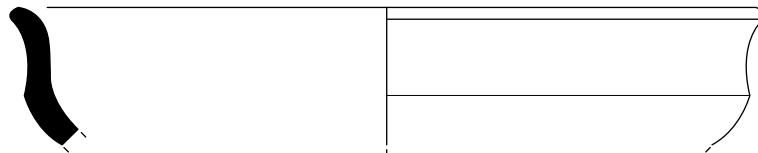


CM [545] 7096

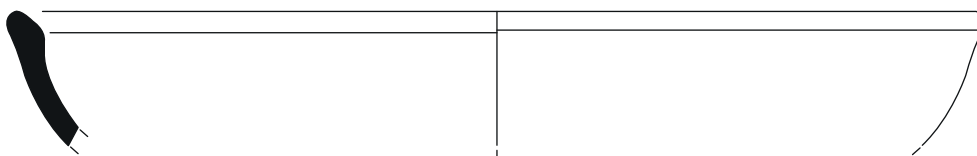


CM [472] 5348

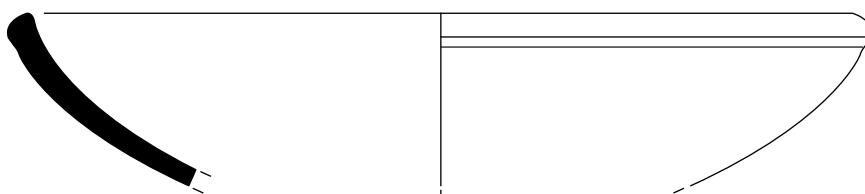




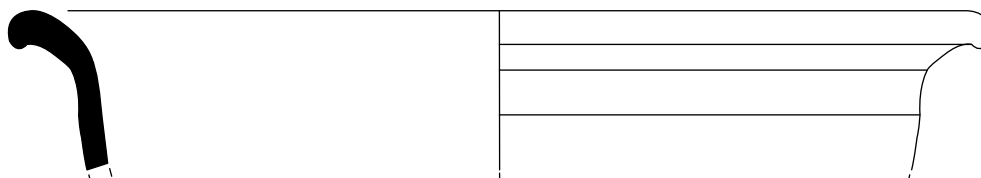
C.M [112] 3521



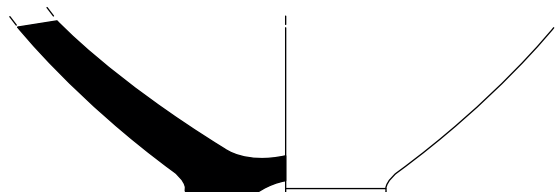
CM [126] 3034



CM [126] 4020

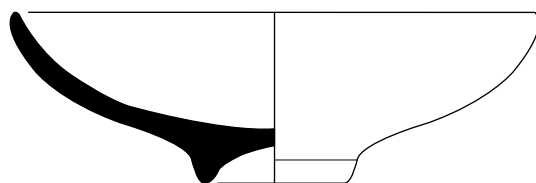


CM [126] 3013



CM [112] 3515





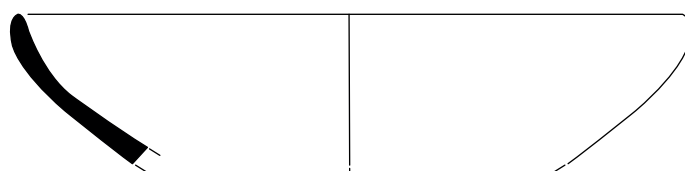
CM 86 CR1 03 [5] 490



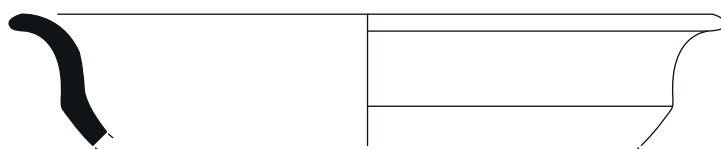
CM [35] 758



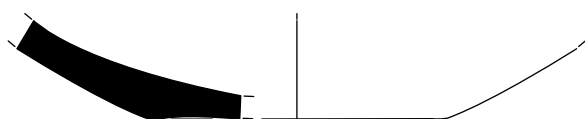
CM 85 CR1 E1 [4] 8680



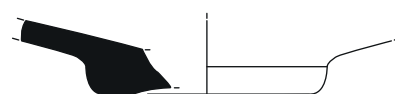
CM 85 CR1 3 [5] 476



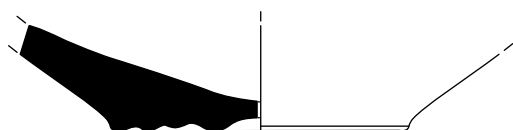
CM [72/93] 4523



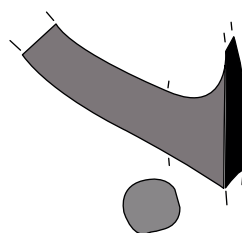
CM84 CR1 G3 [3] 3970



CM83 CR1 F3 [4] 4450



CM 85 CR1 D3 5 472

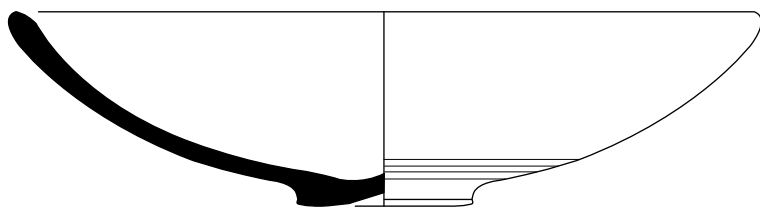


CM [75] 1215

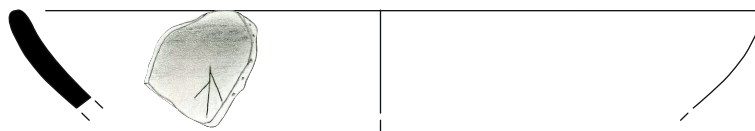




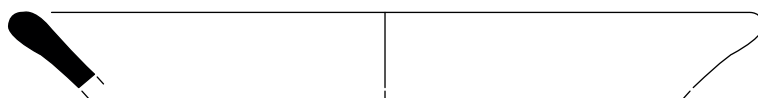
CM [119] 3344



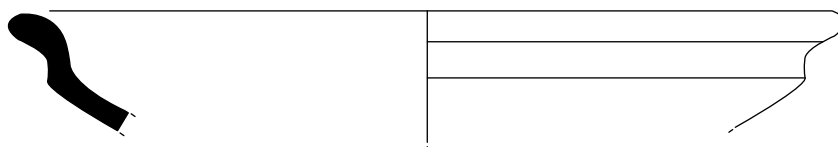
CM [401] 5002



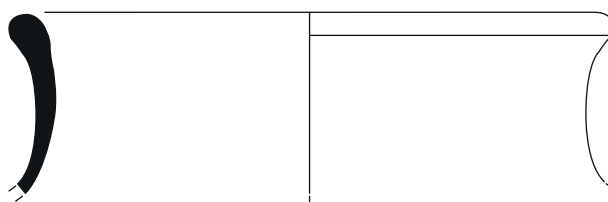
CM [109] 4716



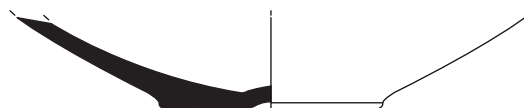
CM [68] 2872



CM [110] 2988



C.M [477] 9007



CM [110] 3073

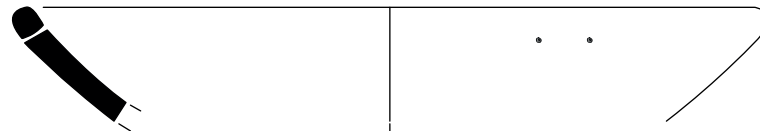




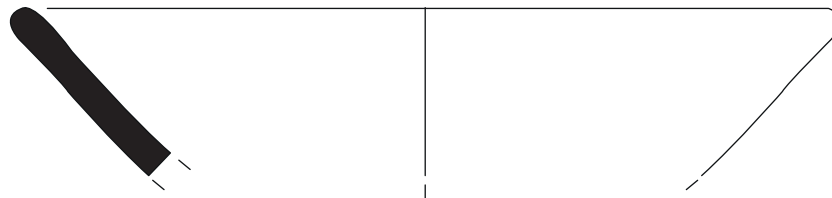
CM [616] 15206



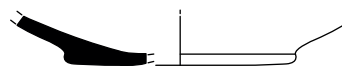
CM [616] 12518



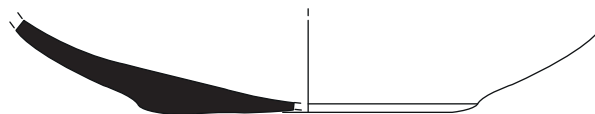
CM [616] 13137



C.M [624] 7911



CM [556] 8807

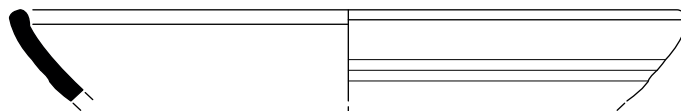


CM [682/683] 13802

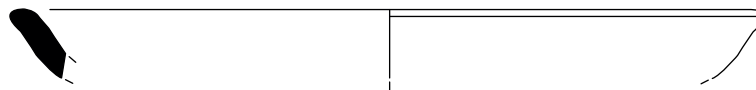


CM [605] 12140

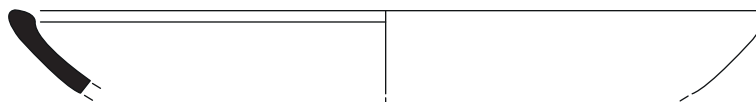




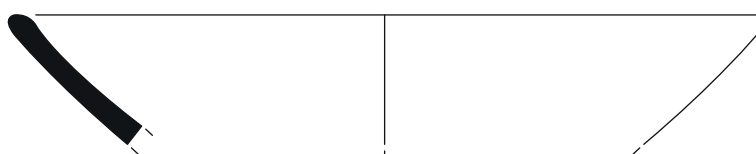
CM [766] 13498



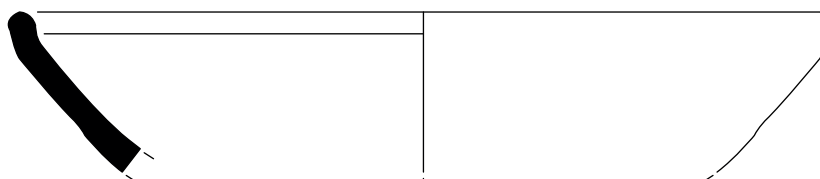
CM [766] 13758



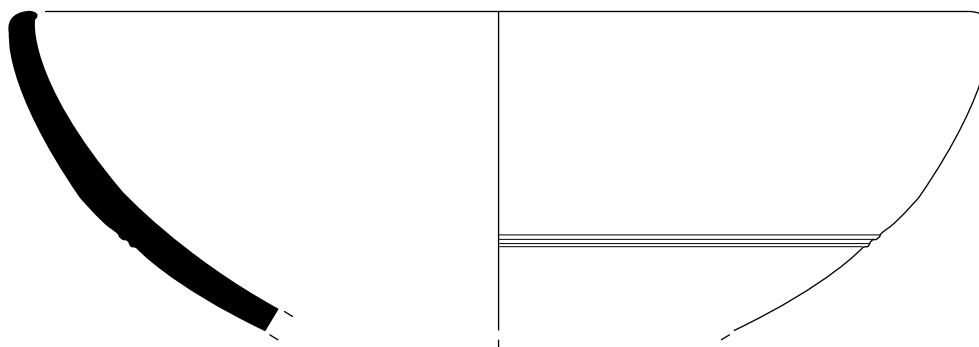
CM [766] 13500



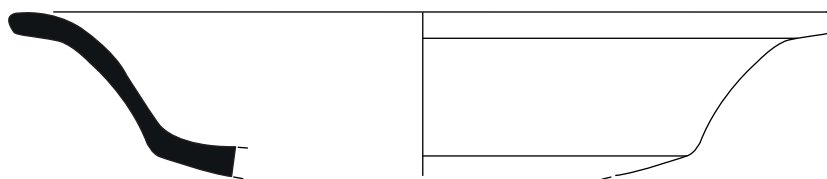
CM [766] 13492



CM [766] 13508



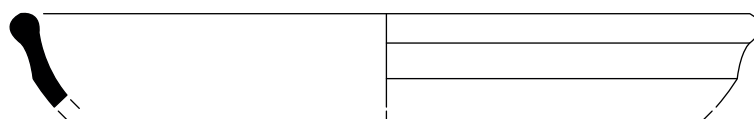
CM [766] 13520



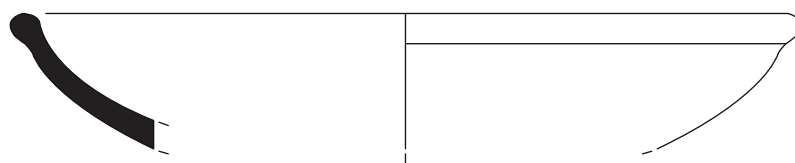
CM [647] 12607



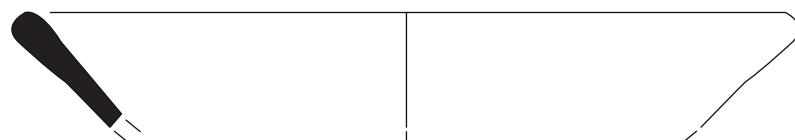




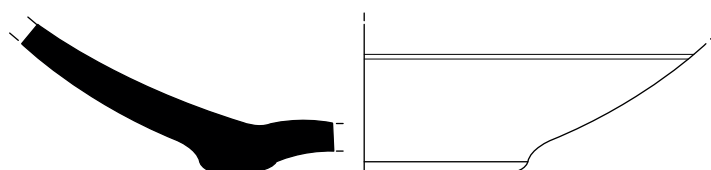
CM [766] 13491



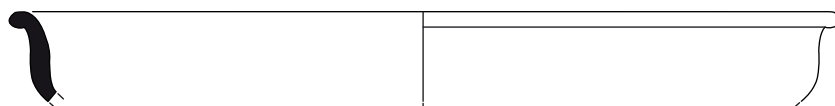
CM [766] 13494



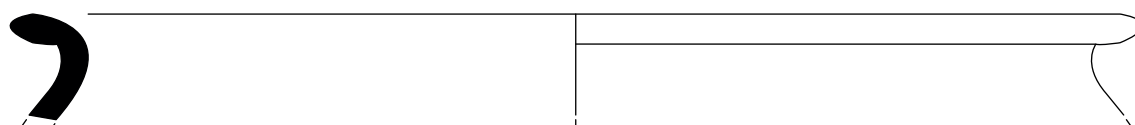
CM [766] 12912



CM [766] 13513



CM [766] 13510

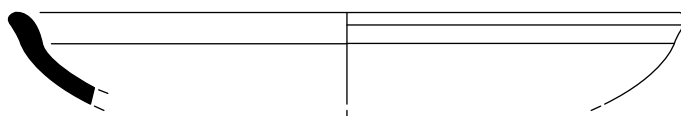


CM [766] 13511

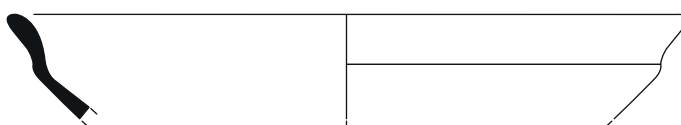




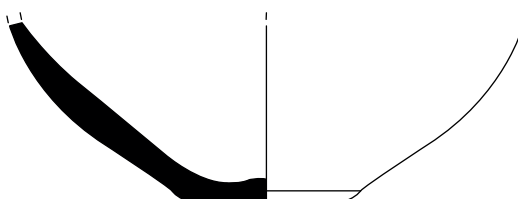
CM87 CR2 A1 2 3798



CM 87 CR3 C6 4 8076

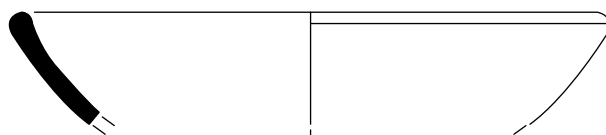


CM 87 CR3 C6 4 3610

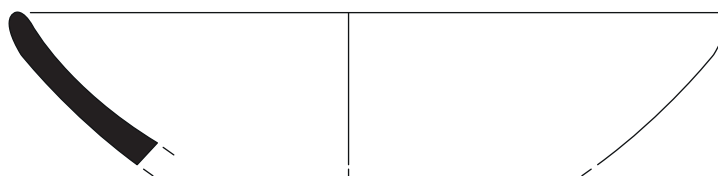


CM 87 CR3 C6 4 8075

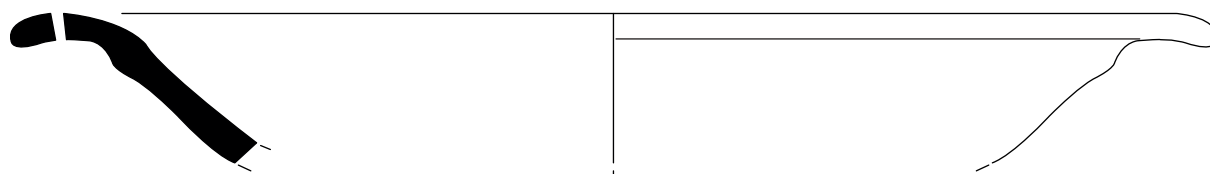




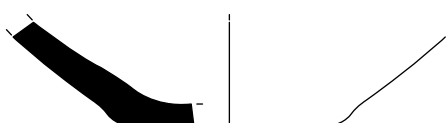
CM [0033] 727



CM 02 [402] 9006



C.M [375] 7793



CM [422] 9004

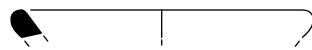


CM [510] 5464

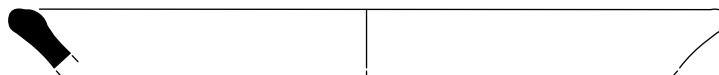


CM [24] 241

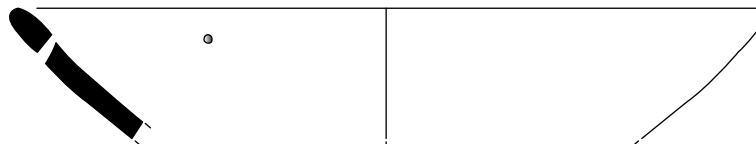




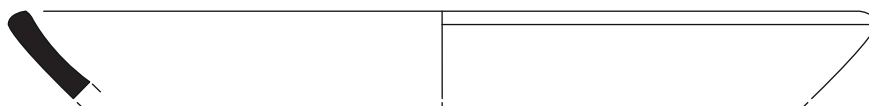
CM85 CR1 3 4298



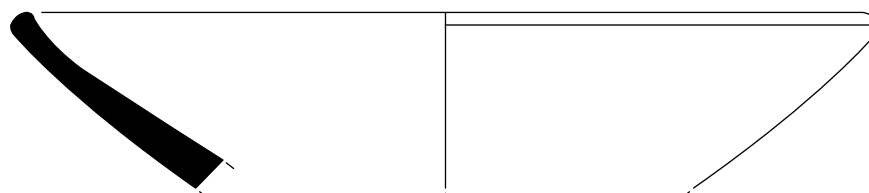
CM87 C3 D4 5 9165



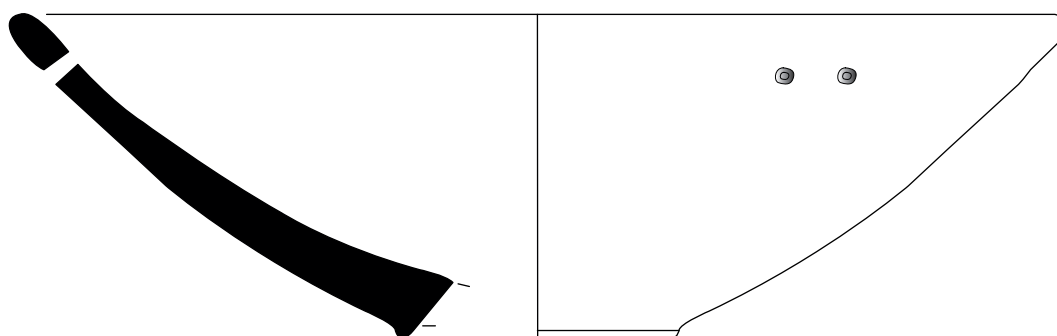
CM 87 CR3 D4 9169



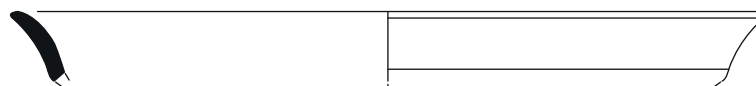
CM 87 CR3 D4 2 9167



CM 87 CR3 D4 3 9067



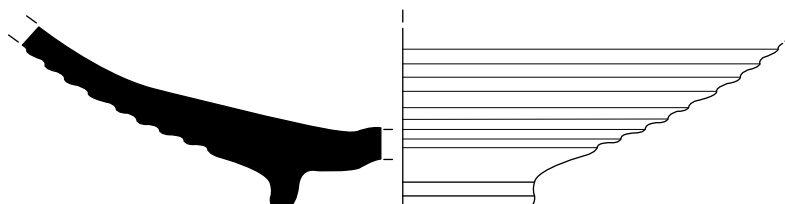
CM 87 CR3 D4 3 9076



CM87 CR3 C5 2 2537

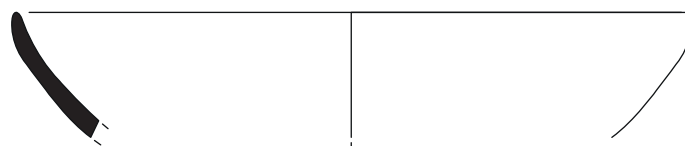


CM 87 C3 D4 2 9174

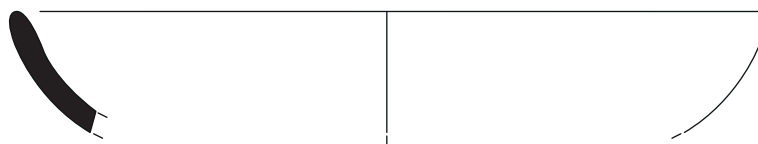


CM 87 CR3 B6 2 3081

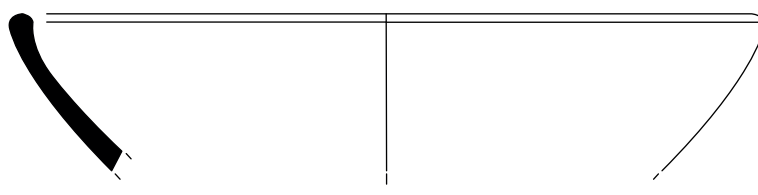




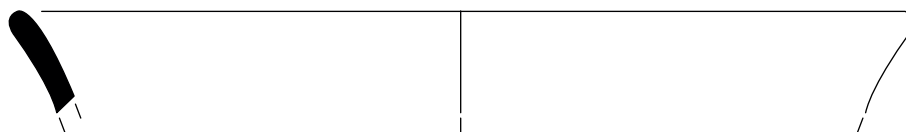
CM [360] 9262



CM [360] 9264



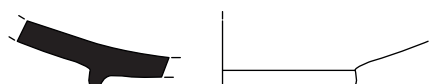
CM 01 1 [109] 3200



CM 02 [385] 9766

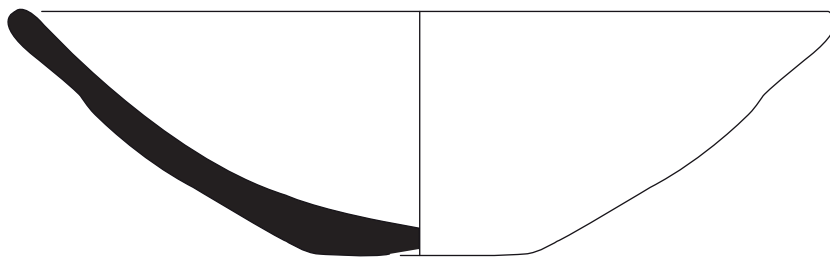


CM [385] 9749

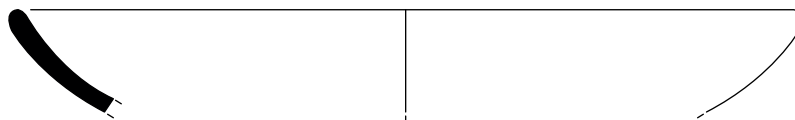


CM [48] 1175





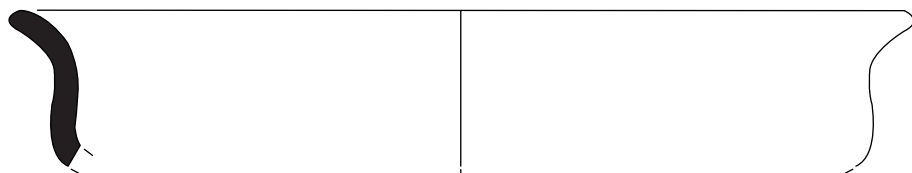
CM [sup] 14721



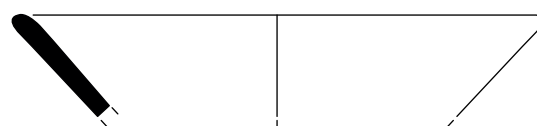
CM [526] 8165



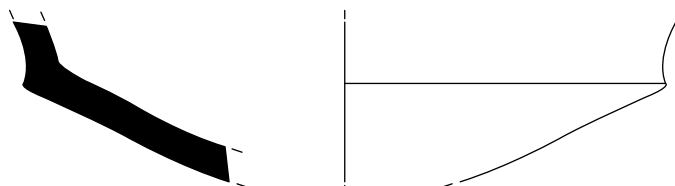
CM87 CR3 D4 1 9182



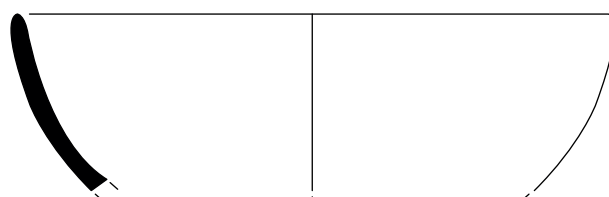
CM [sup] 11994



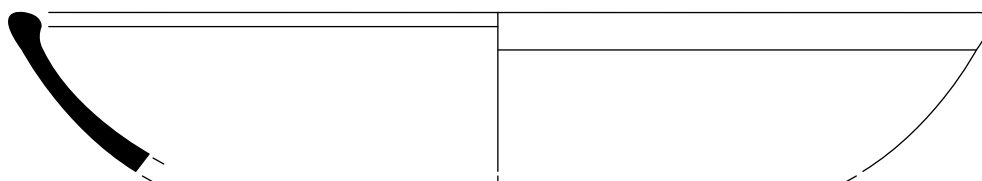
CM [385] 9770



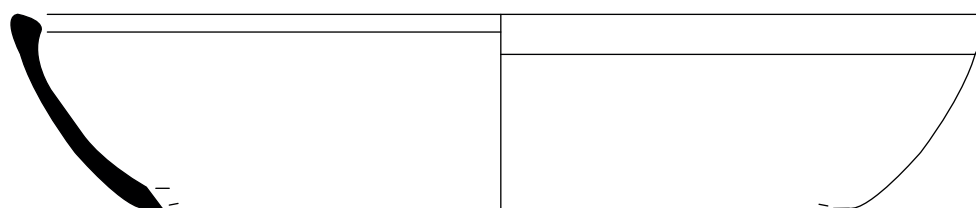
CM85 CR1 D3 3 469



CM [557] 7679



CM02 [385] 9752



CM02 [385] 9768

